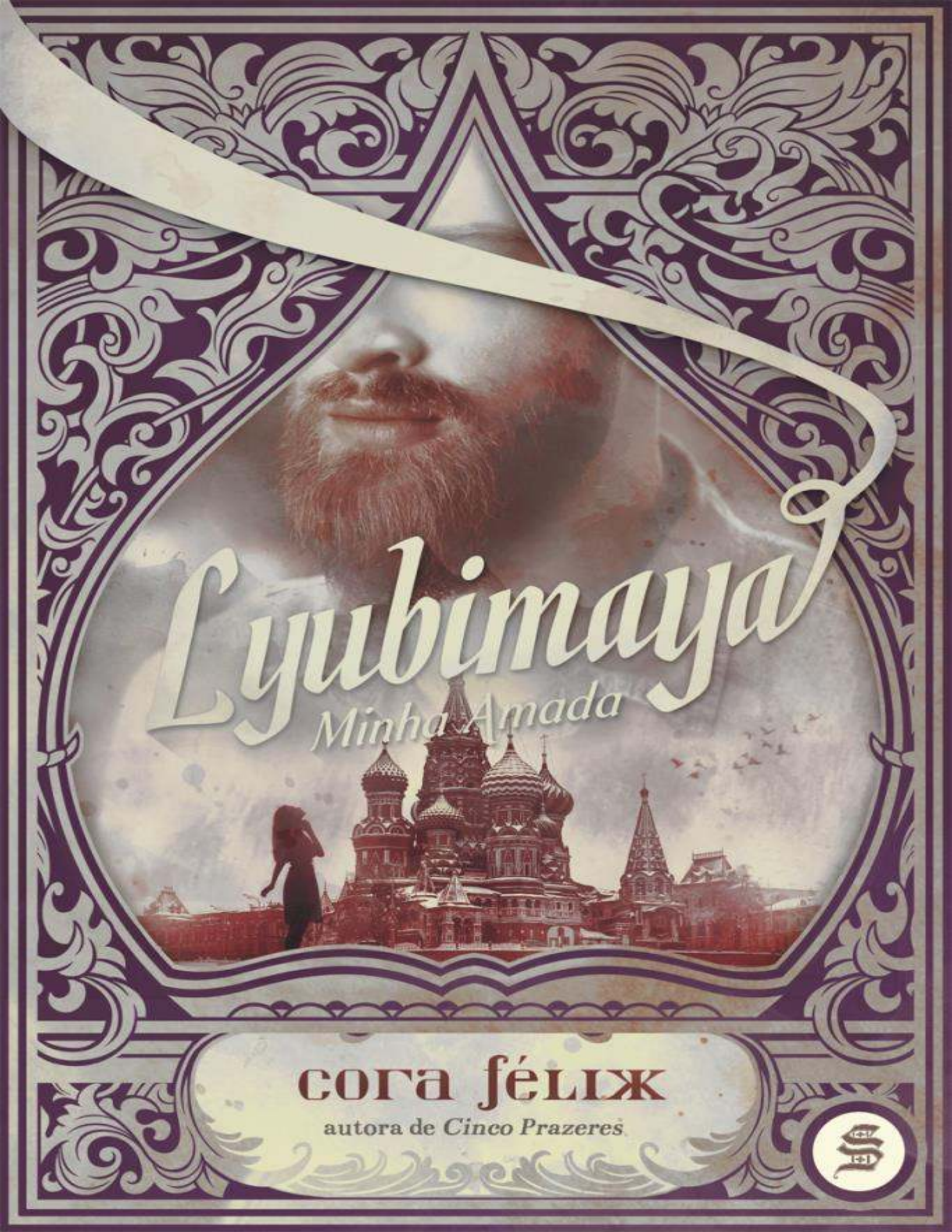




Cyubimaya

Minha Amada

cora félix

autora de Cinco Prazeres





COPYRIGHT© by Editora Skull

2019 COPYRIGHT© 2019 – Cora Felix

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da editora. Esta é uma obra de ficção.

Editor Chefe: Fernando Luiz

Produção Editorial: Editora Skull

Capa: Marcus Pallas Revisão:

Naiara Caixeta e Nadja Moreno

Diagramação: Cleson Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Ficha catalográfica feita pela Editora.)

FELIX, Cora; AMADA, minha. Lyubimaya| 1ª Ed São Paulo – SP, 2019 - Editora Skull, 260p. I

SBN: 978-85-53037-84-1

1- Literatura Brasileira. 2. Romance. 3. Título.

CDD:869.3

Editora Skull Caixa Postal: 97341 Cep: 00201-971 Jardim Brasil – São Paulo SP

Um

O tic-tac do relógio da parede era o único som que reverberava pela sala clara e organizada. Naya estava sentada em uma poltrona com estampa floral, meticulosamente distanciada do sofá, com um tecido mais claro que combinava perfeitamente com a estampa da poltrona. Algumas almofadas estavam jogadas pelo sofá de qualquer maneira, e ela se continha em não pegar uma delas e abraçá-la, enquanto esperava ser chamada. A mulher que havia saído da sala, agora de porta fechada, tinha tanta classe quanto uma modelo da Chanel, e Naya não queria parecer uma pessoa folgada e desleixada, portanto, mesmo que a poltrona fosse muito confortável e lhe desse um desejo enorme de retirar seus *scarpins* negros de salto alto para colocar os pés para cima, conteve-se.

Naya parecia um objeto estranho ali. A cor de sua pele, levemente morena, contrastava com a blusa rosa clara de mangas compridas que ela usava, porém, a saia-lápis preta combinava perfeitamente com seus *scarpins*. Mesmo que ela apreciasse muito as cores, precisou se conter naquela manhã, afinal, estava em uma entrevista de emprego, e os russos eram um povo sério, vestir-se como um arco-íris provavelmente não traria uma boa impressão. Portanto, apenas um batom rosa mais forte pintava sua boca, e as unhas estavam de uma cor mais leve. Ela estava apresentável como qualquer mulher precisaria para uma entrevista de emprego. O cabelo fora uma dúvida, Naya não sabia se deixava as madeixas longas soltas ou se as prendia em um coque sério e apertado. Optou pelo meio termo, então a trança agora deslizava pelo seu ombro, parte dela descansando sobre seu seio.

Precisava daquele emprego. Desde que chegara a Moscou, trabalhara em todas as áreas e em todos os lugares possíveis para fazer alguma economia e poder viver sem medo de passar aperto. Porém, tudo naquela cidade era caro, do aluguel de um apartamento minúsculo até as compras feitas em um supermercado.

Saíra do seu emprego antigo porque ganhava pouco e trabalhava muito, e tomara essa decisão sabendo que possuía uma certa quantidade de dinheiro guardada. Contudo, o tempo foi passando rápido e as suas economias tomaram o mesmo rumo, desaparecendo em uma velocidade anormal. Ela sabia que era questão de semanas para que desistisse da ideia de trabalhar com algo melhor e começasse a procurar um emprego mais banal e altamente disputado. Não pelo salário em si, mas porque eram empregos mais fáceis de encontrar, por assim dizer.

O anúncio no jornal era promissor, mesmo que Naya soubesse que os russos tinham a grande mania de adornar títulos de profissões ou florear em demasia anúncios em jornais e revistas. Naya estava pensando nisso quando a porta da sala finalmente se abriu, e uma senhora de aparência séria e elegante saiu por ela, olhando para a última candidata que ficara ali. Um sorriso contido passou pelo rosto da mulher, algo bem incomum para russos, que eram fechados demais para demonstrar afeto de forma calorosa a estranhos. Ela se aproximou, e Naya levantou-se, olhando-a de forma avaliadora. A mulher estava na casa dos cinquenta anos, possuía cabelos grisalhos, já caminhando para o branco, e se vestia formalmente, mas parecia estar totalmente à vontade com o pequeno colar de pérolas agarrado ao pescoço e a meia calça escura. Não era alta, e Naya agradeceu por isso, sempre se sentia baixa perto das pessoas.

A mulher estendeu a mão e apertou a da garota com delicadeza — o toque de sua pele era frio, mas o aperto foi caloroso, o que deixou Naya mais à vontade com a situação.

— Boa tarde, meu nome é Irenia. — Naya percebeu que ela não se apresentava formalmente, contrariando um costume russo. — Farei sua entrevista.

Naya sorriu de forma calorosa e aberta. Nesse ponto, não conseguia ser contida, da maneira como tentava ser com suas roupas. A mulher pareceu apreciar essa peculiaridade da garota.

— Boa tarde, meu nome é Naya. Naya Bantar.

— Entre, senhorita Bantar.

A mulher indicou a porta, e Naya entrou no cômodo, que parecia um tipo de escritório com decoração feminina. Na verdade, aquele lugar parecia um pedacinho da sala que Naya havia acabado de deixar; as poltronas agora possuíam uma estampa lisa e clara, mas eram decoradas com almofadas pequenas de tecido floral. Havia uma estante com vários enfeites em bronze, um deles formava uma bailarina, fazendo um perfeito *plié*. Do outro lado, uma escrivaninha em mogno escuro ficava em frente à janela de cortinas claras, que iam até o chão de mármore. A mulher postou-se atrás daquele móvel em específico, convidando Naya para se sentar na cadeira oposta a ela.

Ela esperou Irenia sentar-se na cadeira acolchoada, colocando os óculos de meia lua com armação de tartaruga e olhando para o papel que Naya reconheceu ser seu currículo. A garota olhava tão fascinada para as mãos elegantes da mulher à sua frente, que não percebeu que agora a mesma pessoa olhava para ela com atenção, como se procurasse algo invisível, talvez uma áurea que pudesse casar com o que ela realmente procurava durante aquelas entrevistas.

— Então, senhorita Bantar, eu sou a governanta da casa, fui designada para fazer as entrevistas. Você é a última candidata dos vários currículos que selecionamos. Poucas vieram aqui, eu espero que não me decepcione — ela falou de forma quase maternal, um sorriso tranquilizador aparecendo nos lábios pintados com um batom discreto. — O seu currículo diz que você já trabalhou como ajudante em lojas, pode me falar um pouco sobre isso?

Naya não tinha orgulho do seu currículo. Não poderia falar que já trabalhara em teatros ou em casas de dança, como era seu sonho, mas ela sempre se virou como pôde, e trabalhara em diversos lugares, com diversas tarefas. Colocara o trabalho como ajudante de loja porque sabia que tal emprego era semelhante ao que faria ali, caso conseguisse a vaga. Ela mexeu na alça de sua bolsa.

— Trabalhei por dois anos em uma loja de roupas famosa aqui em Moscou como ajudante. Fazia de tudo um pouco, mas me colocaram como organizadora, pois perceberam que eu tinha um pouco de facilidade em recolocar tudo no lugar. — Naya sorriu ante a lembrança. — As pessoas simplesmente não conseguem se lembrar de onde tiraram algo.

Irenia assentiu, voltando a olhar para o currículo, e Naya se aproveitou daquele momento de silêncio para divagar sobre a situação. Ela poderia jurar que a mulher era a dona daquela mansão. A decoração de todos os cômodos pelos quais passara até chegar ali combinava perfeitamente com ela, se é que podia tirar tais conclusões tão rapidamente. Mas ela era apenas a governanta, e achou seriamente que conheceria naquele mesmo dia a pessoa que chamaria de chefe. Depois se lembrou de que aquilo era apenas uma entrevista de emprego, e não o emprego em si.

Naquele momento, Irenia a fitou novamente e, ao ouvir Naya falando, percebeu que ela não era naturalmente russa. Falava pausadamente, e o russo dela era quase perfeito, mas conseguiu detectar um leve sotaque desconhecido.

— De onde você é, senhorita Bantar?

— Nasci na Índia, mas moro em Moscou há anos.

Irenia ficou surpresa com a nacionalidade da garota, mas depois de um tempo a observando melhor — e agora tendo conhecimento daquela informação pessoal — percebeu que os olhos dela eram redondos e castanhos escuros, e continham um brilho incomum, vivo, algo que Irenia apreciava em uma pessoa. A pele da garota era levemente morena, destacando-se ainda mais pela escolha da cor da camisa.

— Por que se interessou por esse emprego, senhorita Bantar?

A pergunta pegou Naya desprevenida. Ela realmente precisava do emprego por motivos mais financeiros do que

realmente por interesse, mas sabia que se daria muito bem naquelas funções.

— Bom... Eu realmente vou ser sincera, porque sou assim. Estou precisando de um emprego, mas creio que conseguirei trabalhar muito bem caso consiga a vaga. Sou organizada na minha vida pessoal, detesto bagunça! — Ela brincou, tentando fazer com que a primeira observação sumisse da mente da governanta. Naya era sincera até demais, em alguns momentos.

Porém, tal sinceridade provavelmente não foi vista com maus olhos pela mulher mais velha, pois logo ela abriu um sorriso caloroso, fazendo uma pequena anotação com uma caneta bico de pena de aparência cara. Naya não conseguiu ver o que ela escrevera, nem quando semicerrou os olhos, mesmo sabendo que aquilo era extremamente mal-educado.

— Uma última pergunta, senhorita Bantar. Caso consiga a vaga, pretende morar aqui?

Naya não entendeu a última pergunta, mas depois pensou melhor na situação. Ali era uma mansão, e sabia que não havia conhecido nem uma pequena parte dela quando andou até aquele escritório. Naturalmente, os empregados teriam um quarto para si para dormir por ali...

— Não me importaria de ficar aqui durante a semana, mas se puder escolher, prefiro voltar para minha casa nos dias de folga — ela respondeu sinceramente.

Irenia voltou a fazer uma anotação no currículo de Naya e, desta vez, a garota não teve tempo de tentar descobrir algo, pois logo a mulher dobrou o papel, abrindo uma gaveta ali perto e colocando-o junto a um monte de outros. Naya rezou para que aquele monte não fosse currículos, senão sua chance de conseguir a vaga seria mínima.

Irenia apoiou os cotovelos na escrivaninha e olhou com atenção para Naya.

— Agora, o mais importante. — Sorriu. — Não quero que responda a perguntas formais de entrevistas. Conte-me mais um pouco sobre você.

Enquanto a garota parecia ter levado uma injeção de empolgação, e desatara a falar, Irenia agora não precisava mais de canetas e papéis, já que as informações necessárias e que estava procurando ficariam gravadas em sua mente astuta o tempo necessário para que fizesse a escolha de quem ficaria com a vaga. De qualquer forma, percebeu que a garota tentara olhar para as anotações que ela fizera em seu currículo, e achou aquilo no mínimo cômico e espontâneo da parte da candidata.

Uma indiana... Bom, indianos tinham fama de serem amáveis e de bem com a vida. Gostavam de música, sorriam por qualquer motivo e eram fascinados por cores. Sim, talvez aquela casa precisasse mais daquilo.

[...]

Naya finalmente entrou pela porta do seu apartamento, fechando-a e respirando fundo para captar com clareza o aroma que apenas sua casa tinha. Fechou os olhos, sentindo-se exausta. Ao trancar a porta, jogou as chaves de qualquer maneira na mesa de centro e praticamente desmoronou em cima do sofá, livrando-se daqueles sapatos apertados e colocando os pés cansados para cima.

Fora um dia cheio. Naya havia passado por três entrevistas de emprego, com vagas bem distintas entre si, mas a mais promissora fora a da qual ela acabara de chegar: a da mansão russa. Gostara do local, achou-o confortável, e não frio como as mansões realmente parecem ser: cômodos gigantes apinhados de pertences caríssimos, mas que não possuíam o menor valor sentimental. Não, aquela mansão tinha algo de diferente. Irenia fora tranquila e simpática a entrevistando, contrastando terrivelmente com os dois entrevistadores anteriores, que perguntaram o básico para ela, sem lhe dar a chance de falar algo mais para conseguir a vaga, e a dispensaram com um aceno despreocupado de mãos,

anotando furiosamente em seu currículo, como se Naya fosse um cachorro sendo enxotado, ou como se realmente fosse uma pessoa desesperada por aquela vaga.

Não estava tão desesperada assim, mas sabia que precisaria achar um emprego logo. Ao pensar sobre seu dia intenso, sentiu os olhos começarem a pesar e uma vontade quase incontrolável de fechá-los e dormir ali mesmo. Porém, o som que seu estômago fazia poderia acordar até mesmo um surdo, e ela decidiu por fazer um lanche rápido, sabendo que iria cedo para a cama naquela noite. Fazia frio, e estava cansada demais para enrolar-se em um cobertor simplesmente para ver televisão.

Enquanto preparava uma sopa quente, pensava em sua vida naquele local. Moscou era um bom lugar para se viver, apesar de seus pontos negativos, algo que qualquer cidade teria. Valeria a pena deixá-la e rumar para outro lugar, a fim de tentar um futuro mais promissor? Naya não sabia responder àquela pergunta. Gostava da cultura russa, apesar de ser tão diferente da sua, e sabia que tentar morar em outro país seria um sacrifício, além de um passo longo e complicado, visto que demorara a se estabelecer ali. Seu apartamento, mesmo simples, era completamente equipado, e ela sabia que poderia se manter por algum tempo em pequenos trabalhos durante os finais de semana, enquanto não conseguia um emprego fixo. Em Moscou, havia maneiras diversas de se conseguir dinheiro, desde que você não tivesse preguiça, e não esbarrasse nos moscovitas que carregavam preconceitos étnicos.

Ela só não conseguiria cobrar das garotas. Não, aquilo nunca. Naya havia prometido a si mesma jamais aceitar dinheiro das pequenas meninas do prédio, sabia que as famílias ali viviam de forma simples igual a ela, e ensinar suas filhas a dança indiana não poderia nem ser considerado um trabalho, mas um lazer que deixava Naya mais disposta e menos estressada. Levar a dança para os lugares frios russos e deixá-la aquecê-los era um dos principais objetivos de Naya.

Porém, se conseguisse um emprego mais estável, poderia fazer desse lazer um trabalho ou um estudo. Quem sabe se conseguisse a vaga na mansão? Naya poderia fazer uma economia para pagar um curso superior de dança. Seria a realização de um sonho finalmente estar imersa no mundo que sempre almejava, um mundo perfeito onde gestos e música ditavam as regras, e não palavras e dinheiro. De repente, percebeu que estava desejando em demasia o emprego daquele lugar, que era o mais bem remunerado. Ele seria uma alavanca para que ela finalmente alcançasse seu sonho — mesmo que fosse estranho praticamente morar em um local desconhecido durante a semana e voltar para casa somente nos finais de semana. Ela amava seu apartamento. Alaric não iria gostar da ideia de não a ver todos os dias...

Naya sorriu. Alaric era seu vizinho idoso, que tinha uma bagagem enorme de histórias da vida para contar, e sentia um prazer imenso em visitá-la no meio da semana. Enquanto jantavam, as conversas fluíam de uma forma gostosa e engraçada, e ele elegera Naya como sua confidente, mesmo que tais confidências fossem apenas desejos casuais de matar a vizinha da frente pelo gato dela miar a noite inteira. Naya achava Alaric um ser fascinante, culto e viajado, conhecera diversas pessoas em sua volta, mas infelizmente tornara-se solitário quando a velhice bateu à sua porta. Os filhos de Alaric — e Naya nunca soube quantos eram realmente — nunca o visitavam. Para ela, aquilo era, no mínimo, um pecado. Não visitar o pai? Que tipo de filho tem essa conduta? Se ela tivesse pelo menos os seus vivos...

Meneou a cabeça, tentando tirar tais pensamentos sombrios da mente.

[...]

— Sim, Elissa... Falarei com ele... — Irenia abaixou a voz à medida que caminhava pelos corredores e se aproximava do escritório. — Yerik trabalhou o dia inteiro, chegou em casa tem pouco tempo... Sim, eu sei que hoje é domingo. — A governanta

sorriu com as palavras do outro lado da linha. — Mas você conhece o seu filho, não é? Tão parecido com o pai...

Enquanto Elissa reclamava da condição de saúde do filho, caso ele continuasse mergulhado em papéis e contratos durante toda a semana, Irenia se aproximava vagarosamente da porta do escritório. A luz que vinha de baixo da fresta indicava que ele estava sendo usado, mas a porta estava fechada, um sinal claro de que Yerik não gostaria de ser incomodado.

— A porta está fechada — ela comunicou a Elissa. Ao ouvir que não queria que o filho fosse incomodado, mas que ela precisava transmitir o recado da saudade, Irenia sorriu. — Pode ficar tranquila que falarei com ele...

Elissa se despediu rapidamente, desligando o telefone. Irenia fez o mesmo e abaixou o aparelho, respirando fundo e erguendo o braço para bater calmamente na porta do escritório. Uma voz masculina soou por detrás da madeira, indicando que ela poderia entrar.

Ao fechar a porta atrás de si, caminhou discretamente em direção à mesa que ficava próxima à grande janela. Yerik olhava de forma atenta os papéis espalhados pelo tampo de madeira rústica, os dedos longos e fortes digitando tão rapidamente em um notebook que Irenia sentiu-se zozza, mas não o retirou de sua situação absorta em trabalho, apenas ficou ali, esperando que ele saísse de seu torpor interno de pensamentos por conta própria e a fitasse, algo que aconteceria dentro de poucos minutos. Ela o conhecia o suficiente para saber cada mania que aquele homem tinha, e seu orgulho não foi decepcionado quando finalmente Yerik descansou as mãos na mesa e a fitou. O semblante sério que ele carregava deu espaço para um sorriso jovial e acolhedor. Ela correspondeu ao gesto, agora se aproximando mais da mesa e postando-se em frente ao móvel.

Irenia gesticulou com a mão, mostrando o telefone de forma evidente.

— Elissa acaba de ligar. Mandou dizer que está com saudade do filho.

Yerik suspirou alto e recostou-se na grande cadeira, fazendo-a se inclinar com seu peso. Ergueu os braços longos e esguios e logo depois passou as mãos grandes no rosto cansado, como se, com esse gesto, fosse conseguir afastar o sono e a fadiga, dois ingredientes que se misturavam e criavam a máscara que carregava desde o começo da semana.

— Não me esqueci dela, apenas decidi ligar amanhã. Tenho muito que fazer ainda por aqui...

Ele deixou no ar e esperou. Por mais que uma ligação materna fosse importante para ele, Yerik sabia que esse não era o motivo principal de Irenia entrar em seu escritório. A mulher permaneceu o fitando e ele decidiu saciar a curiosidade, sem esperar a boa vontade dela de iniciar a conversa.

— Você precisa de algo, Irenia?

— Sim — ela disse prontamente, aproximando-se da cadeira em frente à mesa dele e sentando-se ali. — Preciso deixá-lo a par do que acontece nessa casa, certo? — Ao ver que ele continuava calado, continuou. — Hoje fiz as entrevistas para aquela vaga de organizadora que divulguei no jornal local e na internet...

— Confio em você para escolher a melhor candidata — ele disse rapidamente.

Irenia já sabia o que era aquilo. Aquilo era uma tentativa de Yerik afastar a conversa para voltar aos muitos trabalhos que trazia para casa, enfiando o nariz novamente naquele notebook e ignorando tudo o que ele podia ignorar, porque sabia que tinha Irenia para resolver. Mas ela não estava na mesma sintonia dele. Ela fez uma pequena careta, comprimindo os lábios até formarem uma linha fina e se aprumando na cadeira, como se fosse uma mãe galinha que tivesse escutado alguém falar mal dos seus pintinhos.

— Ora, Yerik, já está na hora de você opinar sobre o que acontece aqui dentro! — Ele conteve o riso ao vê-la. Parecia Elissa

quando contrariada. — A pessoa que irá trabalhar aqui conviverá conosco mais do que você pensa, vou precisar dos serviços dela quase todo o tempo. Você não quer qualquer uma entrando em seu quarto e organizando suas gavetas, não é?

Ele conteve o gemido de impaciência. Sabia que não havia o que discutir — quando Irenia enfiava algo na cabeça, era mais fácil ele parar e ouvir ou fazer, do que tentar se esgueirar. Poupava-lhe tempo, algo que precisava muito no momento. Passou novamente a mão no rosto, coçando a barba grande e indicando com um gesto de mão para que ela continuasse.

Como se estivesse esperando a deixa, Irenia retirou de seu colo sete fichas e colocou-as em frente a Yerik, que se assustou com o barulho do conteúdo sobre a mesa. O que aquelas mulheres enviaram junto ao currículo? Uma história de vida delas? Ao ver que ela conseguira a atenção dele, finalmente se dispôs a conversar sobre o assunto.

— São sete garotas que selecionei, apesar de ter gostado apenas de uma, na verdade.

Yerik arqueou as sobrancelhas para ela em ironia, algo que Irenia ignorou facilmente. Qual era o propósito daquela pequena reunião, se dentro de toda aquela papelada ela já havia praticamente selecionado a que iria trabalhar ali?

Ele pediu para que ela contasse um pouco sobre as entrevistas, e Irenia, como uma ótima governanta, começou a falar tudo rapidamente. Yerik às vezes se surpreendia com a capacidade daquela mulher de memorizar tantos fatos e dados em apenas alguns minutos de conversa, e depois se lembrou de que fora aquela característica que havia feito seu pai contratá-la, tantos anos atrás. Passou quase dez minutos ouvindo-a falar sobre as candidatas, até que gesticulou para ela momentaneamente.

— Corte as mulheres mais velhas. — Ao ver o olhar questionador e estupefato de Irenia, explicou. — Mulheres mais velhas possuem família e filhos, às vezes faltam ao trabalho por causa disso, ou pedem para mudar o horário com frequência. —

Irenia relaxou diante daquele pensamento, por mais que soasse frio, pois ele tinha razão. — Uma pessoa mais jovem normalmente tem menos compromissos.

Ela assentiu e retirou quatro pastas da mesa, deixando apenas três. Como sabia quais pastas eram as das mulheres mais velhas, ele nunca descobriu.

— Agora temos apenas uma russa, uma americana e uma...

— Corte a americana. Não gosto delas.

Ele disse de forma impaciente e Irenia precisou conter o sorriso que insistia em nascer nos seus lábios. Yerik não gostava de americanos, e ela sabia o motivo. Além de problemas pessoais, ele possuía grandes inimigos comerciais e grandes concorrentes nos Estados Unidos, e tomara certa raiva do povo de lá por motivos que ela não queria pensar no momento.

— Bom, agora temos duas. — Ela olhou para Yerik com olhos sugestivos, esperando para ver se ele ousaria interrompê-la novamente. — Uma russa e uma indiana.

— Uma indiana? — questionou, surpreso.

Irenia assentiu, sorrindo. Ao ouvir Irenia falar sobre a possível organizadora, ele percebeu quem era a candidata favorita dela.

— O nome dela é Naya, e é uma pessoa super amável! É a mais nova das sete que selecionei. Disse-me que tem o desejo de voltar nos finais de semana para casa, descartando a possibilidade de morar aqui. Acho que em uma segunda entrevista poderemos acertar tudo...

— Você pode precisar dela sempre, então tem de levar em conta que se ela não estiver aqui nos finais de semana você pode ter problemas no andamento das atividades.

Irenia o olhou de forma repreensiva, os lábios se apertando novamente.

— Ela tem o direito de escolher, Rik.

Ele não questionou o modo como ela o chamou. Na verdade, para ele era normal ouvi-la se dirigir a ele daquela maneira. Irenia fazia o possível para não o chamar pelo apelido de infância quando estava próxima a outros empregados e empresários, mas quando estavam a sós conversando, ela sempre dizia aquele nome — saía de seus lábios de forma natural, e ele a ouvia calmamente também. Irenia o conhecia desde pequeno, o vira crescer, e agora Yerik a considerava como uma segunda mãe. Uma segunda mãe que conseguia até mesmo saber o que ele estava pensando.

— Aumente a proposta de salário para ela ficar aqui também nos finais de semana sempre que necessário. Quero alguém ajudando você sempre que possível. — Olhou-a com atenção. — Qual você acha que está mais apta ao cargo?

Irenia pestanejou, mas ele sabia que aquilo era parte teatro e parte uma mania dela. Antes mesmo de entrar naquele escritório ela já havia escolhido a candidata.

— As duas são boas candidatas... Mas senti uma áurea boa quando entrevistei a garota Naya... — Yerik revirou os olhos, não acreditava naquele tipo de espiritualidade. — Ela é muito calma...

Ele respirou fundo e esticou-se na cadeira.

— A decisão é sua, Irenia. Ajudei-a com as outras candidatas, agora precisa escolher entre as duas. Deixo isso para você.

Ele resumiu a conversa e voltou a olhar para os papéis. Irenia assentiu, pegando os dois currículos restantes de volta e levantando-se da cadeira. Ele já sabia quem seria a grande organizadora daquela casa, e quando a escutou sair do escritório e fechar a porta, seus olhos já estavam na tela do notebook, um sorriso contido nos lábios grossos.

Naya olhou para o relógio redondo e vermelho que ficava na parede da cozinha em cima da geladeira. Os ponteiros marcavam onze horas da manhã. Mexia levemente os legumes na água com uma colher de madeira quando escutou o telefone tocar. Limpou as mãos em um pano de prato xadrez e correu até o móvel, onde o aparelho fazia seu barulho habitual. Seu coração em um salto. Não costumava passar seu número residencial para as pessoas e, verdade seja dita, com o número alarmante de entrevistas que havia feito parte, esperava aquele som estridente com ansiedade.

— Alô — disse rapidamente, como se tivesse corrido uma maratona antes de atender ao telefone.

— Boa tarde, gostaria de falar com a senhorita Naya Bantar.
— Divergindo do modo afoito como Naya atendeu ao telefone, a voz do outro lado da linha estava calma.

— É ela quem está falando — respondeu, dessa vez mais tranquila.

— Senhorita Bantar, quem está falando é Irenia, fiz sua entrevista alguns dias atrás.

Ao escutar a voz falada em um elegante russo, Naya lembrou-se imediatamente da entrevista que tivera naquela mansão e em como a mulher, que agora esperava uma resposta, fora educada.

— Boa tarde, senhora Irenia, em que posso ajudá-la? — Fez a pergunta em um misto de curiosidade e expectativa.

A mulher não frustrou sua expectativa, e sem rodeios lhe disse que havia gostado muito da entrevista e do currículo, perguntando educadamente se Naya estaria disposta a voltar na mansão para que conversassem melhor. A garota respondeu afirmativamente, dizendo que estaria disposta a voltar quando Irenia achasse melhor. A mulher perguntou se Naya poderia visitar a mansão na parte da noite daquele mesmo dia e ela assentiu, questionando se às sete era um bom horário, ao que Irenia

rapidamente concordou. Combinaram então tudo por telefone, e quando Naya apertou o botão para finalizar a chamada, percebeu que sua mão estava trêmula.

Colocou uma pequena mesa e se sentou. Comeu vagarosamente, sozinha. Naya sentiu falta de seus pais, e isso sempre acontecia. O buraco que a morte deles deixou em seu peito ardeu na hora que estava menos preparada, lembrando-lhe que, por mais que os anos se passassem, nunca conseguiria superar a perda por completo.

Seus pais adoravam as horas das refeições, que sempre eram animadas com eles à mesa, mesmo que tivessem passado dificuldades por muito tempo. Naya se sentia muito só de vez em quando. Pensou sem conseguir se conter que, se estivesse na Índia, provavelmente estaria casada e esperando seu terceiro ou quarto filho, ou nada disso.

Por mais que o sistema de castas tivesse sido abolido do país, fazer parte dos *dalits* nunca seria considerado algo bom e visto com bons olhos na Índia. Seus pais haviam sentido o preconceito daquela cultura na pele, sempre conseguindo empregos ruins e acompanhados com baixa renda. Solitariamente, uma lágrima caiu de seu rosto, misturando-se à água que saía da torneira e surpreendendo até mesmo Naya, que não havia percebido sua tristeza até que seu corpo lhe mostrasse isso. Limpou o rosto com as costas da mão e fungou, tentando espantar a tristeza, pois tal sentimento não combinava com ela.

Mas não conseguiu conter seus olhos de correrem pela parede da cozinha e pararem em uma foto de aspecto antigo que estava sendo suspensa por um ímã de flor colorida, na geladeira. Seus pais, mesmo com uma aparência cansada, sorriam de forma sincera para a pessoa que um dia segurara a câmera.

Como sentia falta daqueles dois...

[...]

Conseguira o emprego, afinal. Depois de uma longa conversa com Irenia, descobriu que fora a única que voltara à mansão, e que ela realmente se surpreendera com a entrevista. A russa gostou de Naya desde o primeiro momento, e disse que colocaria fé nela para o cargo.

Andavam pela mansão, a governanta mostrando a Naya todos os cômodos e como tudo ali funcionava. A casa era composta por empregados que cuidavam das mais diversas áreas: jardineiros, faxineiras, cozinheiras, motoristas e um grupo pequeno, no qual Naya se encaixaria: as arrumadeiras.

— Você será responsável por diversos trabalhos aqui dentro, por isso preciso que fique atenta o dia inteiro. — Sorriu de forma amável. — Mas o que mais espero é que consiga deixar tudo organizado por aqui. Não a quero na parte de faxina e nem de limpeza, contratei você para que arrume tudo o que está ao seu alcance.

Irenia começou a andar pelo corredor. Sua mão apontou para uma porta, e ela suspirou em um misto de relaxamento e aceitação.

— Você será responsável pela organização e arrumação da casa, mas principalmente por isso. — Tocou a porta do escritório, como se ele fosse um calabouço com um dragão dentro. — Preciso que você organize o escritório de Yerik todos os dias.

Yerik. Naya já ouvira aquele nome algumas vezes: Yerik Petrovich Nemov, para ser mais exata. Seu novo chefe. Ela já andara por toda aquela mansão e já estava ali há pelo menos duas horas, mas ainda não havia visto o homem que seria responsável por tudo.

— Quando irei conhecê-lo? — perguntou para Irenia, sem conseguir se conter. — Digo... Ainda não o vi.

A mulher sorriu e sacudiu a mão, como se pedisse para que Naya deixasse de se preocupar com isso.

— Por isso pedi para que viesse à noite. Yerik é um homem muito ocupado, mas normalmente ele chega cedo às quintas-feiras. Provavelmente irá conhecê-lo ainda hoje.

Naya assentiu, sentindo-se repentinamente ansiosa com aquela nova informação. Não soube dizer o motivo, mas desconfiava de que era pelo simples fato de Yerik ser um homem russo. Ela conhecia os russos há um tempo, e sabia que eram taciturnos e sérios, e ter um homem com essas características como chefe não era algo que lhe apetecia. Ignorou aquela inquietude com afínco, pois não podia se dar ao luxo de colocar imposições internas para aquele emprego.

Irenia continuou a andar pelos corredores, virando em um que voltava para a sala grande. Naya correu os olhos pelo local e não pôde deixar de perceber que, por mais que a mansão fosse cheia de criados, ainda não havia visto alguém da família de Yerik andando por ali, mas nunca ousaria perguntar o motivo em voz alta, pois soaria, no mínimo, como falta de educação e invasão de privacidade.

Irenia continuou a caminhar, sempre com Naya em seus calcanhares, e rumou para uma grande porta de varanda, os dois vidros que compunham a porta estavam abertos, fazendo a brisa fria costumeira de Moscou entrar pelo cômodo e encontrá-las. Irenia saiu pela porta e parou no primeiro degrau de uma grande escada, os olhos fitando o jardim de inverno que havia ali. Naya quase perdeu o fôlego quando o viu. Nunca imaginaria que, dentro daquela mansão com piso frio de mármore e decoração em tons pastéis, ela encontraria tanta cor e beleza. Escutou a mulher respirar fundo ao seu lado.

— Sabe por que contratei você, Naya? — Percebeu que ela agora a chamava informalmente, e apreciou isso, os russos tinham o costume distante de chamá-los sempre em tom formal. — Achei-a a candidata mais amável e calorosa. — Apontou para a mansão que estava atrás das duas. — Esse lugar está precisando disso. Você deve ter notado como a mansão é vazia, além dos que trabalham

aqui. Yerik mora aqui sozinho, os empregados preenchem a mansão durante o dia, mas ela tende a silenciar durante a noite. — Naya assentiu com respeito, não fazendo nenhuma observação adicional. — Os empregados moram em uma casa aqui perto.

Irenia apontou para longe, e pela primeira vez Naya conseguiu enxergar, bem depois do jardim de inverno, uma silhueta branca recortada do que parecia ser uma grande casa de dois andares. Simples, comparada à mansão, mas ainda assim de bom gosto.

— Yerik mandou construir para que seus empregados ficassem o mais perto possível do trabalho — a mulher afirmou. — Mas os que cuidam de assuntos mais íntimos ficam dentro da casa mesmo. — Olhou para Naya. — O que entra na questão principal que quero tratar com você, e pela qual pedi para que viesse ainda hoje. — Naya assentiu, esperando com certa expectativa. — Gostaria que você ficasse aqui.

Naya realmente não sabia que resposta dar, pois não estava esperando por aquilo. Pior, não sentia muita vontade de se afastar de casa por longos períodos. Ela fez uma pequena careta, pedindo desculpas com aquela expressão meio cômica.

— Se você não se importar, senhora Irenia... Eu realmente preferiria voltar para minha casa no final de semana.

— Pelo amor de Deus, não me chame de senhora, faz com que eu me sinta vinte anos mais velha. — Ao ver Naya sorrir, apertou o braço dela com delicadeza, entrando novamente na casa. — A questão é, eu disse que a vaga era de organizadora, mas pretendo transformá-la em uma secretária com o tempo... — Ao ver a surpresa estampada nos olhos de Naya, Irenia sorriu. — Quero que Yerik tenha uma secretária aqui dentro da mansão. Mas ele não pode saber disso... — Ela sorriu de forma cúmplice, fazendo com que Naya acompanhasse o gesto sem conseguir se conter. — Vou dobrar seu salário.

Naya engasgou com algo invisível e puxou o ar de forma cômica, tentando fazer o oxigênio entrar em seus pulmões e

tossindo no processo. Dobrar o salário? Quando entrara naquela mansão para a entrevista, pensou sinceramente em como queria aquela vaga, não pelo ambiente ser lindo e até mesmo estimulante, mas pelo salário mais polpudo que havia visto na nota que soltaram no jornal.

— Preciso de alguém com competência aqui dentro. — Irenia tirou-a de seus pensamentos. — Acho que você é a pessoa certa para isso.

Naya pensou com cuidado na proposta dela, e Irenia permaneceu em silêncio, respeitosamente a esperando. A garota tomou nota de tudo antes de dizer a resposta. Perderia um pouco de sua privacidade e de seus momentos sozinha, pois dormiria ali por alguns dias. Contudo, aquele pensamento em específico contrariava boa parte da sensação que sentira quando fazia o almoço naquele mesmo dia: solidão. No final de tudo, perguntou-se: por que não?

— Eu aceito a proposta — disse com surpreendente calma, fazendo com que a mulher sorrisse e desse duas palminhas.

— Ótimo! Acompanhe-me até meu escritório que farei seu contrato e lhe darei os últimos detalhes.

[...]

Já não estava gostando daquilo. Irenia havia tirado suas medidas e anotava tudo em um caderninho de couro escuro, como se tivesse nascido para isso. Um pedaço da fita métrica para fora da mesa balançava de um lado para o outro, e Naya acompanhava o movimento, sentindo-se um pouco tonta e relativamente hipnotizada com aquilo. O tecido negro que a governanta havia lhe mostrado gritava para ela que Naya teria que se vestir com o que mais odiava: roupas pretas. Naya detestava roupas escuras. Como parte de sua cultura, cresceu e acostumou-se com tecidos coloridos lhe cobrindo o corpo, e não com aquele tipo de roupa que mais parecia mostrar um possível luto. Não ousou reclamar, e também, Irenia não deu tempo caso quisesse fazê-lo.

— Não se preocupe, sua roupa é diferente em relação à roupa das empregadas — ela disse, concluindo que o olhar que a garota estava dando ao monte de tecido era de preocupação pela vestimenta ser, de certa forma, ultrapassada. — Eu escolhi o corte pessoalmente.

Irenia parou por um momento, fazendo as últimas anotações no caderninho de couro e fechando-o. Depois de perceber que quase tudo estava em ordem, sorriu e virou-se novamente para Naya.

— O seu quarto vai ser o mais próximo das escadas que te levarão para o segundo andar, onde ficam os quartos e algumas salas de uso pessoal, bem como o escritório. Provavelmente você irá visitá-los sempre, visto que a vida de Yerik é uma bagunça e, conseqüentemente, seus aposentos também.

Ela sacudiu a mão, como se pedisse com esse gesto que Naya se esquecesse daquele desabafo momentâneo, onde soltara uma informação preciosa sobre seu patrão.

— Pode começar essa semana, se possível... — Praticamente pediu, suplicante. — Você terá os fins de semana de folga, mas caso eu ou Yerik precisemos de você, poderemos solicitar seus serviços. Contudo, a escolha é sua, você pode trocar os dias de folgas nesses imprevistos ou ganhar hora extra... Você concorda com a hora extra? Talvez tenha que trabalhar a semana inteira, sem folgas e...

— Eu concordo — Naya disse sem pestanejar. Com o dinheiro que ganharia pelas horas extras além do salário maior que nem esperava, poderia pagar contas também extras e até guardar para um possível empreendimento. Talvez uma faculdade?

O sorriso de Irenia foi tranquilo, mas ela logo ficou séria, e Naya percebeu por que aquela mulher comandava tudo ali dentro. Sua expressão, mesmo descontraída em certos momentos, não deixava transparecer nada, mas ela sabia que, por trás daquela fisionomia, havia uma mulher atenta e que não pensaria duas vezes em tomar uma atitude de comando.

— Preciso de alguém confiável nessa casa, Naya. — Chamou-a pelo primeiro nome novamente, como se já fossem íntimas. — Pode começar amanhã? Sei que seu uniforme ainda não está pronto, mas pode vir com roupas suas... Mas elas precisam ser sóbrias... — Olhou-a rapidamente, e Naya se perguntou o que ela estaria avaliando. Suas roupas? Provavelmente não, estava usando um vestido azul escuro tubo, a única cor em sua roupa era um lenço com estampa floral mais clara que o tom do vestido.

— Posso sim — respondeu, fazendo a mulher sorrir.

— Então traga suas coisas! — Deu duas palminhas, mas antes que pudesse acrescentar algo, foi cortada pelo som da campainha.

Ela revirou os olhos, como se já soubesse quem seria. Andou calmamente até a grande porta, abrindo-a sem olhar pelo olho mágico quem era o possível visitante. Um homem na casa dos trinta anos entrou, possuía os cabelos curtos e bagunçados, como se ele tivesse passado a mão pelos fios diversas vezes. Era alto e magro, e sorriu ao ver Irenia, um sorriso engraçado e contagiante. Naya teve vontade de sorrir também. Imaginara Yerik completamente diferente.

— Onde está Rik? — o homem perguntou, fazendo Naya perceber que ele não era realmente o seu chefe.

— Ainda não chegou — Irenia respondeu.

Alexandre, o melhor amigo de Yerik, suspirou em resignação, sabendo que entrar naquela casa na ausência do amigo — quando esse entrava naquelas fases de trabalho árduo e inacabável — era a situação mais comum do mundo. Tirou um celular do bolso e digitou rapidamente um número. A pessoa atendeu rápido, pois logo ele estava falando em um russo acelerado demais para Naya acompanhar, mesmo sendo fluente no idioma. Logo depois, ele desligou, virando-se para Irenia.

— Para variar, Rik está atrasado — o amigo informou. — Combinamos de sair para olhar uns produtos, mas ele disse que

chegará tarde...

Irenia assentiu, voltando sua atenção para Naya.

— Parece que o conhecerá apenas amanhã. Peço desculpas, mas o horário de Yerik é imprevisível.

— Não se preocupe — Naya respondeu.

Pela primeira vez, Alexandre percebeu a presença da garota ao lado de Irenia. Seus olhos correram por toda a extensão do corpo dela, como se fosse uma máquina analisando um produto com raio laser, e pelo brilho que passou rapidamente nos olhos dele, o homem gostou do que analisara.

— Quem é você? — ele perguntou, deixando visível que era íntimo naquele lugar.

— O nome dela é Naya, e foi contratada hoje para deixar a vida de Yerik menos bagunçada! — Irenia respondeu por ela. — Como não posso proibi-lo de vê-lo, preciso contratar organizadores.

A risada de Alexandre ecoou pela sala, aquela risada era contagiante como seu sorriso. Naya sentiu vontade de rir também, mas não sabia o que Irenia achava dessa situação, embora a governanta não parecesse irritada.

— Relaxe, vamos apenas sair para jogar conversa fora. Amanhã que você deverá se preocupar... — Ele piscou para Irenia apenas para deixá-la mais irritada. — Será sexta-feira e vamos sair para beber algo.

Irenia jogou uma almofada em Alexandre, tentando esconder o sorriso contido que nascia em seu rosto aristocrático. O homem se desviou com habilidade.

— Yerik precisa descansar! — falou sibilante.

— Ora, Irenia! Sair com o amigo para beber é um tipo de descanso. *Principalmente* porque Natasha não estará por aqui para importuná-lo.

Poderia ser algo da cabeça de Naya, mas ao ouvir o nome da mulher e sobre sua possível ausência, percebeu o rosto de Irenia

se desanuviar rapidamente. Perguntou-se quem seria Natasha. Provavelmente a esposa de Yerik?

Alexandre se despediu das duas, dando mais uma olhada em Naya. Antes de sair, pegou a almofada do chão e equilibrou-a comicamente no abajur de cúpula rendada, fazendo Irenia crisar os lábios, mas Naya sabia que ela estava evitando o sorriso. Ao ver a porta se fechar, respirou fundo e arqueou as sobrancelhas.

— Esse é Alexandre Ivanov, melhor amigo de Yerik. — Retirou a almofada do abajur, colocando-a no sofá novamente. — Sabe quando dois homens feitos se encontram e parecem ter dez anos novamente? Então... — Deu de ombros. — Parte dos meus cabelos brancos existe devido aos dois e o que já aprontaram... — Naya sorriu, sabia que ela estava brincando. Mas não deixou de notar que Yerik deveria ser novo, julgando o amigo dele. — Vejo você amanhã, às oito, certo?

[...]

Sua mala estava pronta. Dentro dela havia tudo o que necessitaria na primeira semana de seu trabalho, a qual ia passar dentro da mansão sem poder voltar para casa, caso precisasse de algo.

Respirou fundo, a caneta planando na folha de papel de um caderno qualquer. O motorista passaria em seu prédio às sete, pois Naya pegaria serviço às oito. Ainda eram seis e meia da manhã, e ela não sabia se Alaric já estava acordado naquele horário, então não se arriscaria a bater em sua porta. Optou por escrever uma pequena e informal carta, onde contava sobre seu novo emprego — uma notícia que ainda não tivera a oportunidade de dar pessoalmente — sua nova rotina e ausência durante a semana em consequência disso.

De qualquer maneira, ela estaria ali nos fins de semana, e poderia repassar os jantares para o domingo, mas nunca os abandonaria. Jantar com Alaric era uma alegria à parte em seus dias, na qual podiam jogar conversa fora e esquecer um pouco os problemas que enfrentavam. Sorriu, lembrando que também teria

que passar as aulas de dança para o sábado. Normalmente, ensinava as crianças do prédio durante a semana, contudo, estaria ausente. De qualquer forma, encaixaria tudo novamente para que desse certo, ela só precisaria se acostumar com sua nova rotina.

Olhou para o relógio enquanto descansava a caneta na mesa e dobrava o papel de qualquer maneira. Já eram quase sete horas da manhã, então Naya pegou sua pequena mala e se dirigiu à porta, olhando para o espelho que ficava em cima de um aparador no processo. Seu rosto estava descansado e sua fisionomia animada o suficiente para o primeiro dia de trabalho.

Ao sair do apartamento, enfiou a pequena carta embaixo da porta de Alaric e desceu as escadas, saindo para uma manhã de sexta-feira. Passaria o primeiro fim de semana na mansão para pegar um pouco de informação sobre o trabalho e no que ele consistia, e voltaria para casa apenas na sexta-feira da semana seguinte. Olhou para o relógio e, no momento em que o ponteiro maior chegou ao número doze, um carro virou a esquina, parando em frente ao seu prédio. Algumas transeuntes olharam para o veículo com curiosidade, e ela conseguiu observar seu rosto espantado por causa do brilho excessivo que os vidros possuíam — quem cuidava daquele carro era asseado demais com aquela máquina, talvez limpasse aquele vidro sempre que saísse à rua?

No momento em que se segurava para não arrumar o cabelo, usando aquele vidro de espelho como improvisado, a porta do motorista se abriu e um homem na casa dos cinquenta anos e de aparência nobre saiu. Trajava um terno escuro e simples, seu cabelo era grisalho e ele parecia ter acabado de sair do banho. Aproximou-se de Naya com um sorriso cordial, contrariando a maneira como russos eram fechados, e estendeu a mão para a garota, que a apertou em um cumprimento informal.

— Você deve ser a Naya Bantar. Irenia pediu para que eu a pegasse e a levasse. — Pegou delicadamente a mala da garota, abrindo a porta para colocá-la no banco de trás. — Sou Abel, o motorista da mansão, e é um prazer conhecê-la. Podemos ir? —

Gesticulou para que Naya entrasse, mas ela apenas sorriu, abrindo a porta da frente.

— O prazer é todo meu, Abel. Mas, se não se importa, prefiro ir no banco da frente.

Abel sorriu diante da escolha dela e fechou a porta de trás, dando a volta pelo carro e entrando no veículo. Ao dar a partida, deixaram para trás a rua onde Naya vivia em apenas alguns segundos, o carro deslizando pelas avenidas de Moscou como se já conhecesse o caminho.

— É o seu primeiro dia, não é? Está nervosa? — Abel perguntou, visivelmente curioso. Aquela garota não havia dado uma palavra desde que entrara no carro.

— Um pouco... Eu realmente nunca fiz algo parecido. — Naya respondeu, sempre sincera.

— Bobagem, se a senhora Irenia te contratou, confia em seu talento. Ela é muito exigente quanto às pessoas que trabalham na mansão. — Ele deu de ombros. — Trabalho lá há quase vinte anos. — Ao ver o rosto surpreso dela, acrescentou: — Espero que seja feliz nesse novo emprego.

Naya sorriu docemente.

— Eu acho que serei.

[...]

Olhava para os papéis jogados de qualquer maneira na escrivaninha, perguntando-se como ele conseguira ocupá-la por inteiro com apenas contratos e ações. Respirou fundo, não acreditava que finalmente era sexta-feira, seu corpo já começava a ansiar pela quietude da mansão e de uma boa noite de sono, sem telefones importunos e secretárias entrando a todo o momento em sua sala. Apesar do dia, Yerik ainda teria que resolver alguns pequenos problemas, ou pelo menos colocá-los em curso para resolução; um deles — o que mais o inquietava — era a próxima reunião que teria, e o que mostraria nela.

Não que sua preocupação fosse o conteúdo da reunião em si, mas sim o pós-reunião, porque sempre consistia em uma saída mais informal de empresários. Alguns que participariam eram brasileiros e outros argentinos, mas tinham sempre algo em comum: apreciavam em demasia uma diversão. Yerik não rejeitava a ideia, pelo contrário, apesar de fazer a linha mais séria, estimava o contato informal, pois aquilo o ajudava a fechar negócios com mais facilidade.

Porém, aquela peculiaridade estava lhe dando trabalho. O que poderia mostrar a brasileiros e argentinos que já viajaram o mundo inteiro? Pessoas que conseguiam se divertir de qualquer maneira? O que de *novo* ele poderia proporcionar àquele grupo? Yerik estava perdido, mas respirou fundo, passando os dedos pela testa a fim de tentar tirar aquele pensamento da cabeça. Seus olhos voltaram a pousar nos diversos papéis, e ele decidiu pensar naquele assunto pelo fim de semana. Às vezes, uma boa noite de sono lhe traria ideias.

Subitamente, a porta se abriu. Yerik levantou os olhos e observou Alexandre fechá-la.

— Você realmente precisa aprender a bater na porta — avisou, fazendo o outro rir.

— Ora, Rik, eu nunca bati na sua porta. Não é porque você é um ricoço importante que agora vou fazer isso.

De repente, a porta abriu-se novamente, e sua secretária entrou, os olhos desesperados e a boca já aberta para pedir desculpas pela intrusão, mas Yerik apenas a dispensou com um gesto de mãos, dizendo por meio disso que estava tudo bem. A mulher fechou a porta, mas ele sabia que Alexandre nunca bateria para entrar e, principalmente, nunca pararia na sala de espera e avisaria a secretária de que estava ali, preferindo passar direto por essa etapa.

Ao perceber que estava a sós com seu melhor amigo, Yerik voltou a se recostar na cadeira reclinável — extremamente

confortável às suas costas — e respirou fundo. Alexandre olhou para a porta.

— Você costumava ter secretárias mais bonitas. Não acha que essa está há muito tempo aqui? — perguntou, fazendo piada.

Yerik sabia que Alexandre não gostava dela, e isso não se devia ao fato da mulher ser velha, mas sim por ser particularmente ranzinza com ele, o colega mal-educado de Yerik que não respeitava as normas da empresa.

— Ela é organizada e uma pessoa de confiança.

Alexandre ergueu as sobrancelhas.

— Você tem muita sorte com empregados... A que estava em sua casa ontem é uma das mulheres mais belas que já coloquei os olhos.

Yerik franziu o cenho.

— Que mulher?

— O nome dela é Naya.

— Ah, a nova organizadora?

— Isso! — Alexandre olhou para o teto. — Que mulher bonita... — Pareceu pensar em voz alta. — Preciso de uma organizadora dessas na minha casa também.

— Sasha, respeite meus empregados. — Yerik o repreendeu seriamente, mas depois fez um gesto com as mãos para que o amigo esquecesse o assunto.

— Não foi por isso que vim. Vim para perguntar se nosso programa está de pé hoje à noite.

— Você poderia ligar para confirmar isso. — Yerik comentou de forma jocosa.

— Como se você atendesse celular... Liguei para seu escritório também, mas aquela velha...

— Está de pé — o outro confirmou antes que Alexandre recomeçasse a xingar sua secretária. — Natasha está viajando,

preciso aproveitar para me divertir.

— Precisa se divertir em outras camas? — Alexandre perguntou curioso e irônico.

— Sabe que não faço isso, mas tenho necessidade de beber algo bem forte. Para relaxar, claro.

O sorriso de Alexandre foi de triunfo.

— Claro.

[...]

Como todo primeiro dia de trabalho, Naya se sentiu um pouco perdida dentro do ambiente que agora estava. A mansão era enorme, havia corredores e mais corredores que terminavam em cômodos de portas abertas ou fechadas, e por mais que cada cômodo tivesse um quadro, aparador ou planta diferente, não conseguia decorar tudo antes de Irenia voar para outro local, sempre gesticulando com as mãos e respondendo a perguntas enquanto explicava sucintamente o que deveria ser feito em cada lugar.

Se Irenia não estivesse por perto, provavelmente estaria completamente perdida naquele lugar e morreria de fome antes de achar a saída para a sala principal. Tudo bem, exagero. Mas estaria perdida, de qualquer forma.

Naya fora muito bem recebida em seu primeiro dia. Além de Abel, que trocara diversas palavras com ela ao longo do caminho, contando um pouco sobre si e sobre seu trabalho, teve contato direto com as mulheres que trabalhavam na cozinha. A mansão estava fria, e ela se perguntava a todo o momento quando ia conhecer o seu chefe; aquilo estava deixando-a um pouco inquieta, pois era o tipo de pessoa que apreciava saber para quem trabalhava. Sentia-se como em um filme de máfia.

— Quando conhecerei o senhor Petrovich? — perguntou sem conseguir se conter.

— Oh, sim, Yerik! — Irenia exclamou. — Ele sai cedo para trabalhar, todos os dias, e provavelmente chegará tarde essa noite... Hoje é sexta-feira e normalmente ele sai com Alexandre... — ditou, ainda andando pelos corredores energeticamente e sendo seguida por Naya. — O melhor amigo de Yerik, você o conheceu ontem... — Irenia bufou, lembrando-se de Alexandre. — Não vai sair coisa boa nessa saída, escreva o que estou lhe dizendo...

Deixou aquela frase no ar, como se estivesse pensando alto e deixado escapar uma opinião pessoal. Parou em frente a uma porta e colocou a mão elegante na maçaneta, olhando para Naya com irritação e diversão, se é que aquilo era possível.

— Vou lhe apresentar o meu pesadelo — confessou, girando a maçaneta. — Entre, esse é o escritório de Yerik.

Ao entrar, Naya quase soltou uma risada histérica. Sim, estava bagunçado. *Muito*. Irenia fechou a porta logo quando se postou ao lado dela, olhando para tudo e Naya percebeu seus lábios se comprimirem e formarem uma linha fina, dando à sua expressão algo muito parecido como uma mãe repreendendo o filho.

— Isso é o que acontece quando se deixa um homem trancado em uma sala por horas. — Gesticulou para a bagunça.

Naya sorriu, correndo os olhos pelo local novamente. Havia papéis jogados em cada mesa, ou o que parecia ter sido um espaço vazio, e diversas folhas formavam uma pilha ao lado do computador. Perdeu a conta de quantas canetas estavam espalhadas pela escrivaninha, bem como pastas abertas e jogadas, como se ele tivesse saído correndo do escritório em uma emergência e se esquecido do seu material de trabalho; sem contar os objetos pessoais, como relógios, um par de óculos de grau e um paletó deixado informalmente em cima de uma poltrona.

Os dedos de Naya coçaram para começar a arrumar, mas ela aquietou seu instinto e esperou ordens, que não demoraram a vir.

— Bom, precisamos começar por algo, certo? — Irenia disse. — Eu realmente não sei se sairá algo vivo daqui de dentro... — Gesticulou para a escrivaninha. — Mas precisamos tentar arrumar. — Sorriu, convidando Naya a fazê-lo.

Ela começou pelas canetas, aquilo estava lhe dando agonia. Por mais que fosse sua primeira vez ali, canetas eram canetas, e sempre possuíam um suporte específico, que ela não demorou a achar: um pequeno balde de alumínio esmaltado. As canetas que pareciam mais pessoais ela enfileirou e deixou que Irenia cuidasse delas, sabia que eram canetas caras, bico de pena e nanquim, daquelas utilizadas para assinar contratos importantes.

Contratos que estavam a sua frente. Naya não era enxerida, mas as letras dos papéis praticamente pularam a sua frente, e ela soube no mesmo momento que estava com documentos importantes em mãos, então os pousou delicadamente de volta na mesa e olhou para Irenia.

— Sou apenas uma organizadora — disse sem pensar. — Como posso mexer nos papéis pessoais dele?

Irenia, que estava guardando as canetas em uma gaveta, olhou para Naya com um sorriso satisfeito.

— Lembra-se da nossa conversa? Meu objetivo aqui é você um dia virar uma secretária particular. — Naya assentiu. — Depois, com o tempo, Yerik a ajudará com os papéis. Sei que são muitos, mas precisam estar separados e guardados em lugares específicos. Por ora, vamos empilhá-los junto às pastas e deixá-los em cima da escrivaninha... Pegue o paletó dele, vamos para o quarto.

Naya fez o que foi mandado, observando Irenia sair do escritório e rumar para aqueles malditos corredores intermináveis. Sua mão pegou facilmente o tecido, e ela ergueu o paletó da poltrona, sentindo com o movimento um perfume masculino chegar ao seu nariz, fazendo-a se arrepiar. Era um perfume bom, daqueles caros e raros, que fazia com que as mulheres salivassem diante o aroma. Ela sacudiu a cabeça, tentando tirar aquele pensamento precipitado e fora de hora da mente, fechando o escritório e

alcançando Irenia pela sorte de ter visto sua saia-lápis virando um dos corredores.

Ela a esperava em frente a uma porta, essa de aspecto escuro, possuía uma maçaneta prateada e elegante, que ela girou facilmente, entrando no quarto e esperando Naya fazer o mesmo. Ao escutar a porta se fechar atrás de si e correr os olhos pelo cômodo, não conseguiu conter uma exclamação de surpresa. Temeu que a reação fosse interpretada como falta de educação, mas Irenia apenas riu.

— Sim, Yerik costuma deixar o quarto assim quando está com pressa.

Naya nunca vira tanta roupa jogada. Parecia que uma adolescente havia saído dali depois de revirar o guarda-roupa, a fim de achar o vestido perfeito para um encontro memorável, mas ela não colocou essa comparação cômica em voz alta, visto que Irenia já apontava para um armário de portas escuras.

— Coloque o paletó na última porta da direita, à esquerda de todos os outros paletós. É onde costumamos colocar os já usados, visto que Yerik não costuma abrir a porta inteira para escolher o que vestir.

Naya sorriu diante daquela informação, correndo a porta para a esquerda e puxando os diversos paletós para a direita, a fim de achar um espaço para o já usado. O cheiro do perfume dele estava mais forte ali, evidentemente e, naquele momento, a reação não foi um mero arrepiar de pele. Naya salivou, como premeditado no escritório. Aquele perfume... Era muito bom, concluiu.

Tentou se concentrar, colocando o paletó no local desejado e ouvindo Irenia atrás de si guardando os objetos que estavam em suas mãos e conversando consigo mesma, fazendo uma pequena prece que graças a Deus Aika já tinha passado ali arrumando a casa. Porque, por Deus! Como Yerik era bagunceiro. Coitada de todas nós termos que aguentar esse absurdo. Naya sorriu, colocando a mão na boca para que a pequena risada não fosse ouvida. Irenia se virou para ela, colocando as duas mãos na cintura.

— Bom, amanhã explico melhor onde ficam os objetos pessoais. Você terá um grande trabalho pela frente, Naya. — Ela fez uma pequena careta de piedade. — Yerik ainda não está desorganizado.

— N-não? — Naya perguntou sem conseguir se conter, fazendo a governanta sorrir.

— Você precisa vê-lo em épocas de fechar negócios.

[...]

Estavam no bar há horas. As paredes de vidro bloqueavam o frio costumeiro de uma noite em Moscou, porém, quando alguém entrava no recinto, Yerik sentia o vento gelado bater em seu rosto, mesmo que estivessem sentados em uma mesa no fundo do bar. Conversavam trivialidades, como quaisquer dois melhores amigos conversariam. Na verdade, Alexandre falava de Natasha e, para ele, aquilo não era de forma alguma uma trivialidade. Porque a odiava.

Para Alexandre, Natasha poderia ser a mulher ideal para qualquer homem, menos para Yerik. Não conseguia achar uma compatibilidade entre os dois, por mais que o amigo dissesse o contrário. Achava-a linda, sim, não podia negar. Mas o que lhe incomodava não era nem de longe a diferença colossal de personalidade que ela tinha com seu amigo, mas Natasha não possuir carisma nenhum, e Alexandre desconfiava de que até mesmo seu caráter era dúbio.

— Natasha consegue ser mais fria que um *iceberg* — opinou em voz alta, fazendo Yerik sorrir.

— Natasha consegue ser quente quando quer, Sasha — respondeu, ignorando a implicância que o amigo tinha com a mulher e brincando com a opinião dele. Tentou sair daquele assunto com a piada, mas Alexandre parecia ter outra vontade.

— Eu não entendo... Ela tem classe, sim... Ninguém pode negar isso — o amigo afirmou. — É uma mulher que você guia pela cintura para expô-la para todos os pobres mortais do lugar onde está. Mas como mulher e pessoa, consegue ser mais fria que uma

noite de inverno em Moscou. — Terminou, passando o dedo indicador no copo de vidro que continha vodka, parecendo pensativo. Yerik suspirou, coçando a barba e inclinando-se para a mesa.

— Ela não é minha namorada, Sasha... — explicou. — Natasha é uma companhia. Pode-se dizer que é boa na cama também... Mas gosto de estar ao lado dela quando preciso ir às reuniões repletas de empresários, e consigo manter uma conversa culta com ela...

— Há muitas mulheres assim em Moscou. — O amigo o cortou.

— Pare de implicar com Natasha, Sasha. — Levantou o copo de vodka. — Vamos esquecê-la.

Com isso, conseguiu mudar o rumo da conversa, afinal, estava naquele bar para rir de bobagens e esquecer um pouco os assuntos que o acompanhavam durante a semana. Natasha era um deles. Precisava aproveitar a ausência da mulher de Moscou para conseguir ter um pouco de tempo para si sem tê-la lhe perguntando a todo o momento se estava trabalhando ou se estava em casa. Não que ela tivesse direito de fazer isso, mas controlar tudo era parte da personalidade de Natasha. E isso o irritava, e Alexandre sabia que isso o irritava.

Bebeu toda a vodka de um só gole, terminando a grande dose que fora servida minutos atrás. Alexandre o acompanhou na aventura, e juntos bateram os copos na mesa de madeira escura, fechando os olhos e sentindo os corpos se aquecerem levemente pela bebida forte.

— Terei que ligar para Abel — Yerik confessou. — Não estou em condições de dirigir. — Falava aquilo no momento em que pegava o celular do bolso e digitava o número do motorista. Respirou fundo quando o aparelho chamou, e se surpreendeu quando Abel atendeu no primeiro chamado, parecendo relativamente alerta para aquela hora da madrugada. Pediu para que ele viesse de táxi, pois estava de carro e teria que levá-lo.

Ao desligar o celular, percebeu Sasha o fitando com atenção.

— Ele estará aqui em dois minutos. É surpreendente a facilidade como Abel atende ligações em uma madrugada de sexta-feira — brincou. — Posso até dizer quem está por trás do plantão. Irenia deve ter pedido a ele para ficar de sobreaviso.

— Irenia irá entrar no seu quarto amanhã igual a um dragão prestes a atacar uma presa encurralada. — Levantou o dedo e mirou no rosto de Yerik, ou pelo menos tentou o seu máximo, um bêbado nunca conseguia apontar para a direção que queria. — Sabe o que fazer. Finja que está ótimo e não aparente ressaca — disse de forma embolada, fazendo o amigo sorrir e recostar-se na cadeira.

Conseguiram tomar mais uma pequena dose antes de Abel chegar, de fato, em dois minutos. O motorista ligou para Yerik, que saiu junto ao amigo e enfiaram-se no carro, jogando a chave para Abel. Ele deixou Alexandre em casa e minutos depois contornava o jardim frontal da mansão, não fazendo nenhum comentário adicional sobre como seu patrão estava com dificuldade de abrir a porta e reclamava incoerentemente que não conseguia sair do carro, não percebendo que ainda estava preso pelo cinto. Abel apertou o botão, liberando seu patrão, desejando-lhe boa noite, vendo-o caminhar para a porta e procurar as chaves no bolso, deixando-o à própria sorte.

Ao entrar, Yerik percebeu que a mansão estava escura e silenciosa. Depois, lembrou-se de que eram quase três da madrugada e retirou o paletó, atravessando pé ante pé a sala principal, temeroso por encontrar Irenia o esperando no sofá da sala com uma faca. Caso isso ocorresse, o dragão não esperaria pela manhã e cuspiria fogo naquele momento.

Ao atravessar a sala, observou uma luz opaca vindo da cozinha e, curioso, esticou o pescoço para ver quem era, temendo que Irenia estivesse ali bebendo um copo de água e planejando seu assassinato. Mas não era Irenia. Na verdade, Yerik não conseguiu

distinguir de primeira quem era, aquela silhueta lhe parecia estranha. Aquela silhueta pertencia à nova organizadora, então tentou observar melhor. Ela não estava de uniforme, óbvio, era de madrugada, mas usava um roupão de tecido grosso ao corpo e estava de costas, impedindo-o de ver seu rosto. Seus cabelos estavam levemente trançados, algumas mechas saindo da trança e caindo pelas costas.

Por que estava ali? Estaria bebendo água? Ou seria sonâmbula? Meneou a cabeça, sabendo que seus pensamentos estavam incoerentes. Decidiu por deixá-la ali, estava bêbado demais para se apresentar. Na verdade, estava bêbado demais até para andar, e surpreendeu-se quando saiu, pé ante pé, de perto da cozinha e rumou para o segundo andar sem ser visto ou escutado.

Amanhã seria um longo dia, acordaria com o gosto amargo da ressaca na boca e a dor infernal na cabeça. Entrou no quarto e jogou o paletó em algum canto, pensando que, mesmo de ressaca, teria que trabalhar, pois precisava decidir o que apresentar na recepção dos brasileiros e argentinos. Jogou-se na cama e dormiu, com a roupa do corpo e os sapatos que andaram pelas ruas de Moscou nos pés.

Três

Era uma manhã de sábado na mansão. Naya tomava o seu café animadamente, mas a origem do seu ânimo não era pelo fato de ter começado um emprego novo e tudo ter sido perfeito naqueles primeiros dias, e sim porque Irenia entrara dez minutos antes na cozinha avisando que ela poderia voltar para casa naquele fim de semana e retornar apenas na segunda, finalizando o combinado e modificando-o no processo.

“Quero ter crédito com você quando as coisas realmente ficarem mais trabalhosas”, ela explicou. Naya havia trabalhado arduamente no dia anterior, tendo até mesmo um tipo de insônia estranha devido ao cansaço e ao nervosismo. Ficara por horas deitada na cama e remexendo-se sem conseguir achar uma posição confortável. A tensão e a expectativa do seu primeiro dia haviam

evaporado no momento em que tomara um banho quente, mas ao contrário do que ela esperava, seu corpo não clamara por descanso, pelo contrário, só conseguira realmente dormir depois das quatro da madrugada.

Então o aviso de Irenia veio como um bálsamo. Poderia voltar para casa e descansar de verdade, em sua cama, dormindo ao som das crianças brincando no pátio e das vizinhas trocando receitas.

De fato, entendera o que Irenia falara. Sabia que haviam arrumado praticamente tudo na mansão, na empolgação da governanta em relação à rapidez com a qual a garota arrumava tudo e conseguia memorizar as ordens com facilidade. Naquela manhã, os corredores estavam tranquilos, apenas alguns empregados costumeiros andavam de um lado para o outro carregando as pilhas de roupas, outras passando um pequeno pano nos móveis de madeira rústica.

Naya decidira por pegar o metrô para ir embora, mas Abel foi categórico em dizer que daria uma carona a ela, que era um absurdo, pois a mansão possuía vários carros à disposição de todos ali. A garota sabia que os carros eram para possíveis compras ou viagens pequenas, mas nada disse e aceitou a carona de bom grado. Estava terminando seu café da manhã quando Abel finalmente entrou na cozinha, apoiando-se no balcão de mármore claro e remexendo no que parecia um molho de chaves.

Desejou bom dia a todos que estavam ali e bocejou. Só depois Naya percebeu como o rosto dele estava cansado, mas não fez perguntas acerca disso. Provavelmente trabalhara até tarde ou tivera uma noite mal dormida. Uma mulher da limpeza se aproximou, colocando um pouco de chá em sua caneca rústica e bebendo parte do líquido em um gole. O chá era uma bebida comum na Rússia, sendo tomado diariamente, sobretudo no inverno. Ainda não estavam na estação mais fria do ano, mas a garrafa estava sempre cheia de chá recém-feito.

— Senhorita Bantar... — ela chamou Naya formalmente.

— Oh! Por favor, me chame de Naya — pediu, interrompendo-a. Não gostava muito da seriedade dos russos, mas quando se tinha o primeiro contato, eles se abriam cada dia mais, possibilitando novas amizades e uma conversa mais calorosa.

— Naya. — A mulher sorriu dessa vez. — Se me permite perguntar, de onde você vem? Seu nome é bem peculiar... Não é russo, é? — perguntou, parecendo aliviada por finalmente fazer a pergunta em voz alta. — E sua pele...

Não quis dizer mais nada por ter medo de ser considerada preconceituosa, o que de fato não era. Era comum, na Rússia, as mulheres terem a pele clara como a neve — no entanto, Naya fugia desse padrão. Aquela garota tinha olhos castanhos escuros e redondos, e sua pele possuía uma cor amadeirada, não tão escura e nem tão clara. Naya sorriu diante à expectativa da resposta.

— De fato não sou russa de nascença, apesar de já morar aqui há alguns anos. Nasci na Índia — respondeu.

O primeiro a ter alguma reação foi Abel, que até se aproximou na empolgação e sentou-se em um banco alto ali perto do balcão.

— Índia? — perguntou encantado. — Eu acho aquele país tão... Exótico.

E aí começou a série de perguntas que sempre iniciava as conversas quando Naya falava sobre sua origem. Ela respondeu diversas delas: o que se comia lá? Que tipo de transporte usavam? Como eram os relacionamentos? Naya respondia tudo com delicadeza e atenção, mas evitava a todo custo falar sobre casamentos, culturas muito enraizadas e assuntos semelhantes, porque esses sempre envolviam religião. E não gostava de conversar sobre religião, sobretudo de seu país. Já não seguia a religião indiana há tempos, e isso sempre causava estranheza em estrangeiros, pois acreditavam que o povo indiano era feito de religiosos fervorosos.

— Você gosta de Bollywood? — a mulher perguntou, fazendo Naya sorrir. Sempre perguntavam sobre isso também.

— Pode parecer brega, mas eu adoro — respondeu.

— Sabe dançar igual àquelas mulheres? — A mulher mexeu o quadril em uma tentativa cômica de imitar a dança árabe.

— Sei sim. Na verdade, dançar é uma das minhas paixões. Ensino a dança informalmente para as crianças do meu prédio.

Todos ficaram fascinados com aquela nova informação. Ter uma dançarina na mansão parecia algo peculiar demais para se deixar passar. Conversaram muito sobre isso, e só pararam quando Abel olhou para o relógio, assustando-se e dizendo a hora em voz alta. Os que estavam ali junto do trio principal terminaram o chá rapidamente antes de voltar aos seus afazeres, e Naya saiu junto do motorista, despedindo-se dos empregados.

Voltaria na mansão só na segunda-feira.

[...]

— E aí? Como está o novo emprego?

Alaric perguntou, servindo-se de um pequeno sanduíche que Naya fizera em minutos. A garota sempre gostava de cozinhar para ele e recebê-lo em casa, mas Alaric não fora no apartamento dela por aquilo daquela vez. Queria saber como ela estava lidando com seu novo emprego. Pegara Naya desprevenida, que murmurou a falta de almoço por causa do horário que chegara. Antes mesmo de Alaric levantar as mãos e dizer que ela não precisava se incomodar, a garota estava cortando pequenos pães e os recheando com uma pasta que ele não fazia ideia do que era feita, mas que estava deliciosa, de qualquer maneira.

— Estou achando tranquilo... — ela respondeu, colocando dois copos de suco na mesa de centro e servindo-se do seu próprio sanduíche. — Achei que trabalharia mais, pelo salário que vou ganhar...

— E o que você faz, exatamente? — ele perguntou, colocando o guardanapo em frente à boca para Naya não perceber como ele comia vorazmente o sanduíche, mesmo tendo dito que estava sem fome. A garota teve vontade de rir.

— Sou organizadora. O foco do meu trabalho é na organização dos pertences do meu chefe... Mas a governanta pretende me transformar, com o tempo, em uma secretária particular... Isso é loucura?

Alaric engoliu mais um pedaço de sanduíche e franziu o cenho, não entendendo.

— Por que seria loucura? Pelo que me conta, está empolgada e todos ali dentro parecem ser boas pessoas... Inclusive seu chefe. — Percebeu-a ficar perturbada com aquele acréscimo. — O que foi?

— É isso que está me incomodando. Eu ainda não vi meu chefe. Nem sei como é o rosto dele.

Alaric tomou um longo gole do seu suco e encheu a boca novamente com mais um pedaço de sanduíche, sorrindo no processo.

— Não me leve a mal, Naya... Mas empresários ricos não possuem tempo nem para eles, quanto mais para conhecer novos empregados.

— Eu não sei... — Ela parecia pensativa. — Estou intrigada. Irenia, a governanta, parece me querer *muito* ali... — Franziu o cenho. — Parece aqueles filmes de terror, quando algo acontece na casa e ninguém quer trabalhar ali... Sabe?

A risada de Alaric preencheu toda a sala e algumas migalhas de pão voaram de sua boca. Ele tratou de fechá-la antes que cuspsse o resto do sanduíche. Seus olhos lacrimejavam quando ele empurrou o alimento com mais um gole de suco, finalizando-o.

— Não seja supersticiosa, Naya! — Ainda estava rindo dela. — O que poderia ter acontecido ali? Um assassinato? — Ao ver o

rosto dela ficar pálido, parou de brincar. — Não... Veja isso como uma oportunidade... Uma boa oportunidade. — Aproximou-se dela, olhando-a dessa vez com calma. — Boas oportunidades costumavam aparecer para boas pessoas... Talvez a sua hora tenha chegado.

[...]

Abriu os olhos. Fechou-os. Abriu-os novamente. Tentou se situar onde estava na pouca visão que tinha quando o fazia. Sim, reconhecia a parede do seu quarto e o móvel que ficava perto da porta. Piscou algumas vezes, e a cada piscada parecia que um sino badalava dentro de sua cabeça. Respirou com receio, depois tomou uma grande tragada de oxigênio.

Duas coisas eram facilmente percebidas. A primeira era que havia dormido com a roupa do corpo, o que contrariava toda a noção de higiene que recebera desde pequeno, pois aquela roupa passara em diversos lugares públicos, inclusive o banheiro do bar onde havia bebido. A segunda era que estava, incontestavelmente, de ressaca.

Yerik tomou a coragem necessária para erguer o braço e olhar no relógio de pulso que, vejam só, também ainda estava em seu corpo. Quase meio dia. Xingou algo e se arrependeu no mesmo momento, até mesmo o sussurro de sua voz fazia doer a cabeça. Perdera a manhã inteira, como pudera dormir tanto?

Respirou fundo, sentindo sua boca seca, como se tivesse bebido um balde de areia e engolido às pressas todo o conteúdo. Virou-se na cama e escorregou para o chão, sentindo-se melhor quando conseguiu tirar os sapatos e jogá-los para um canto do quarto. Retirou também o relógio e fechou os olhos, sentado com as pernas meio dobradas. Sentir o chão de mármore frio era cômodo naquele momento, pois o frio conseguia fazê-lo acordar. Yerik coçou a barba densa e olhou para a porta, com receio de Irenia entrar ali para lhe jogar um balde de água fria e reclamar de sua ressaca, mas nada veio, felizmente.

Engatinhou como um bebê até o banheiro e fechou a porta com um chute, esticando-se o suficiente para alcançar as torneiras, abrindo a ducha com a que continha água gelada. Aquilo seria difícil... Mas era necessário. Amaldiçoou Alexandre quando a água encontrou seu corpo, bem como amaldiçoou a vodka, e o garçom que o servira, e Abel que não o jogara em um rio em vez de levá-lo para casa, seria melhor afogar-se do que passar por aquilo.

Quando finalmente se acalmou, pensou seriamente em terminar com aquelas saídas com Alexandre. Sempre bebia muito quando se encontrava com o amigo, e aquilo variava de acordo com seu humor. Como estava tenso com a vinda dos empresários brasileiros e argentinos e como era uma noite de sexta-feira, exagerou nas doses. E, infelizmente, a vodka o deixava lento no dia seguinte. Sempre. Yerik precisava estar atento a tudo naquela manhã de sábado, ou melhor, tarde de sábado, pois não iria ao escritório, mas trabalharia em casa, lendo papéis e tomando decisões.

Afinal, faltava cerca de uma semana para o grupo de empresários estrangeiros chegar a Moscou e ele precisava procurar e, se possível, achar, um meio de entretê-los. Fez uma pequena careta com esse pensamento, retirando a espuma do cabelo e da barba densa, sentindo a ressaca sair aos poucos de seu corpo conforme a água gelada corria por sua pele.

Ao sair do banheiro, vestiu-se apenas com sua boxer e uma calça de pijama larga, apreciando o contato do algodão macio em seu corpo. Yerik gostava de ficar à vontade nos finais de semana em sua casa, visto que não podia se dar ao luxo disso nos dias de semana, pois usava sempre ternos e sapatos. Caminhou até o criado mudo e pegou dois comprimidos para dor de cabeça, fechando as mãos nas cápsulas antes de sair do quarto.

Desceu as escadas calmamente, sentindo cada músculo do corpo doer, mas nada disse. Entrou na cozinha sorrateiramente e, enfiando os dois comprimidos dentro da boca, pegou uma garrafa de água e começou a beber longos goles. Ah! Aquele líquido, sim,

era divino. Infelizmente quando fechou a porta da geladeira deu de cara com Irenia, que o olhava de forma doce, mas ele a conhecia o suficiente para saber que aquele olhar era o seu pior.

— Bom dia, Yerik, querido... — Ela sorriu ao ver o rosto pálido dele. — Vejo que acordou otimamente bem!

A voz dela estava baixa, porém, soava como uma britadeira dentro da cabeça dele. Mas Yerik nunca admitiria isso em voz alta. Olhou-a com certo tédio.

— Às vezes você me lembra minha mãe.

— Tenho ordens expressas para cuidar de você como se fosse.

Aquilo fez Yerik sorrir pela primeira vez no dia. Ele apertou a bochecha flácida da senhora e bateu a outra mão na barriga.

— Estou faminto, o que tem para comer? — perguntou, já enfiando o rosto novamente dentro da geladeira e pegando um copo de suco.

Irenia, mesmo sabendo que já era hora de almoçar, nunca empurraria comida pesada para dentro de Yerik em dias como aquele. Sabia que ele gostava de lanches mais leves antes de enfiar-se naquele escritório e começar a ler aqueles incontáveis papéis e documentos.

— Vai trabalhar hoje? — ela perguntou, colocando sanduíches naturais em frente a ele, que começou a comer vorazmente.

— Sim... — disse de boca cheia. — Preciso rever alguns contratos e decidir de vez o que contratar para a reunião dos estrangeiros... — Ao ver o olhar questionador de Irenia, acrescentou. — Devem chegar em uma semana...

— A reunião será aqui, como de costume? — ela perguntou.

— Sim...

— Então terei que providenciar tudo — disse de forma prática, como se fossem comuns reuniões com estrangeiros na

mansão, como de fato eram, e ela sempre cuidava dos detalhes.

— Confio em você para que faça — Yerik disse sinceramente.

Engoliu um pedaço do sanduíche e começou a beber longos goles de água. Bastante água. Irenia semicerrou os olhos, e Yerik a fitou com certa vergonha, como se fosse uma criança pega fazendo arte.

— Vodka? — a governanta questionou e ele assentiu com a cabeça. — Alexandre sempre te leva para o mau caminho.

— Não me importo com a ressaca... Só com a lentidão que ela me dá no dia seguinte. Mas você sabe que minhas saídas com Sasha são essenciais... Senão enlouqueço.

Irenia sabia. Yerik era um homem de negócios, e bastante sério em seu trabalho e em como comandava tudo em sua vida. Não podia exigir nada dele, mas também não gostava quando ele se afogava em vodka. Porém, sabia que ele era responsável quando queria, então nada disse sobre isso.

— Quem não vai gostar disso é Natasha — ela comentou, fazendo a atenção de Yerik se voltar para ela. — Ela ligou para cá duas vezes e tive que dar desculpas de sua ausência enquanto você continuava dormindo igual a um morto.

Yerik soltou o segundo palavrão no dia.

— Sim... Agora me lembro. Eu combinei de acompanhá-la a um jantar que seu pai vai dar essa noite. — Passou as mãos no rosto, de repente parecendo cansado.

Um sorriso irônico percorreu o rosto de Irenia, como se ela estivesse adorando que ele passasse por aquela prova. Irenia não gostava de Natasha — na verdade, ninguém gostava de Natasha.

— Ora, pare de rir... Me ajude com a recepção dos estrangeiros... O que posso trazer para eles no momento de entretenimento?

Irenia deu de ombros, modesta.

— Não se preocupe, pensarei em algo.

Yerik levantou-se, sorrindo. Beijou o topo da cabeça dela em um gesto de carinho.

— Não sei o que faria sem você.

Começou a se afastar a fim de sair da cozinha.

— Ligue para sua mãe hoje! — Irenia gritou ao se lembrar disso, mas ele já estava longe.

— Depois! — respondeu em um tom alto de voz.

Ela fez uma careta. Sabia que o depois dele, se deixasse, seria daqui a alguns anos.

[...]

Os braços longos se moviam com graciosidade dentro d'água, o curso que seu corpo fazia o levava para a margem cada vez mais rápido. Yerik movia a cabeça apenas o suficiente para respirar e voltar a nadar, mas depois de algum tempo, conseguiu discernir uma sombra o esperando na beira da piscina aquecida, no final da raia onde ele praticava.

Não precisou de muito para chegar até a pessoa, e também não se surpreendeu quando Irenia apenas esticou o braço e lhe entregou o telefone e uma pequena toalha apenas para ele enxugar aquela barba espessa antes de colocar o aparelho no ouvido. Ele assentiu para ela e, esperando-a se afastar, respirou fundo e colocou o telefone no ouvido. Não fora necessário Irenia dizer quem era, Yerik já sabia antes mesmo de pegar o aparelho.

— Oi, mãe — saudou-a, escutando a voz feminina do outro lado.

— Yerik, meu filho, achei que tivesse morrido. — Ela brincou, mas ele sabia que por trás daquelas palavras estava magoada. — Não consigo falar com você! Por onde andou?

Yerik sabia que o discurso era o mesmo. Sabia perfeitamente que estava em falta com sua mãe, bem como tinha certeza que ela sabia todo canto que ele andara. Irenia se

encarregava disso. Mas, por falta de desculpas, apenas disse a verdade: que estava trabalhando muito e que infelizmente tinha pouco tempo para outra coisa, quando chegava em casa apenas tomava um banho e caía na cama.

Ele sabia que aquilo era jogo sujo, pois trabalho era algo sério aos olhos da mãe, e ela nunca reclamaria disso, porém, sabia que também estava passando dos limites.

— Não é possível que não tenha tempo para um almoço com sua mãe — ela ralhcou.

— Sempre consigo tempo para a mulher mais importante da minha vida. — Yerik sabia que ela estava corada de vergonha do outro lado da linha, isso deixou o tom da conversa mais leve. — Que tal amanhã?

— Que tal hoje? — Sua mãe era conhecida pela ansiedade.

— Hoje preciso acompanhar Natasha a um jantar... Mas podemos almoçar juntos amanhã.

Ele disse sem rodeios. A linha ficou muda de repente, mas ele sabia que ela ainda estava lá, tentando assimilar aquela informação. Como qualquer outro ser humano do planeta, tudo bem, exagero, mas qualquer ser humano que pertencia à sua vida, sua mãe não gostava muito de Natasha, e qualquer menção à loira era o suficiente para ela franzir o nariz como se estivesse sentindo um cheiro ruim. Yerik sabia que ela estava assim do outro lado da linha, ao ver que Irenia havia voltado, mudou de assunto e disse que estava com saudade, marcando o almoço para o dia seguinte.

Quase cronometrado, assim que desligou o telefone, Irenia estendeu a mão para pegar o aparelho. Ele fechou os olhos e, com um movimento rápido, saiu da piscina, respingando água por todo lado, inclusive na governanta, que arqueou a sobrancelha em um gesto de irritação falsa.

— Tive uma ideia para a recepção dos estrangeiros — ela disse, ignorando o homem resmungar que não achava o roupão sendo que esse já estava nas mãos dela estendido para que ele

pegasse. — Pode ouvir antes de ir se arrumar para sair com a cobra?

Yerik ignorou a provocação e assentiu, achando finalmente o roupão na mão dela e colocando-o. Andaram juntos pelo pequeno ginásio onde havia a piscina e uma sauna.

— Pensei em algo meio óbvio, mas mesmo assim perfeito. Que tal uma apresentação de balé? Digo... Claro que levá-los ao balé russo seria perfeito, mas o ideal seria contratar uma pequena apresentação particular. Apenas um ato...

— É uma ótima ideia, Irenia... — Já estavam dentro da mansão e agora subiam as escadas. — Mas são pessoas que gostam de se divertir... Principalmente brasileiros. Não acha que o balé vai entediá-los?

Ele entrou no quarto, esperando a resposta dela. Irenia parou no meio do cômodo e arqueou as sobrancelhas em um gesto característico de desafio.

— Brasileiros possuem senso de cultura refinado também... E são curiosos — disse de forma prática. — Vão querer conhecer tudo que Moscou tem a oferecer, inclusive o balé.

Yerik pensou um pouco e finalmente concordou. Sim... Uma apresentação particular de balé seria o ideal... Ele retirou o roupão e jogou-o em cima da cama.

— Não faça isso, Yerik — Irenia ralhou.

— Você não contratou alguém para sair atrás de mim catando minhas bagunças? — ele brincou.

— Naya trabalha apenas nos dias de semana.

— Estranho... — Ele sacudiu a cabeça, respingando água pelo quarto, por sorte dessa vez Irenia estava longe o suficiente. — Eu a vi na cozinha na noite passada.

Ela colocou a mão no colo, como se estivesse surpresa com a declaração.

— Por Deus, conseguiu discernir um poste de uma pessoa ontem? — Ao ver a expressão de Yerik, mudou de assunto. — Eu a dispensei hoje de manhã. Você tem que conhecê-la, Rik, é quase falta de educação não se apresentar.

— Meu Deus, você é igual à minha mãe — ele debochou.

Irenia fez uma careta e pegou o roupão da cama, jogando na cara dele.

— Pendure isso atrás da porta do banheiro para alguém pegá-lo depois. Boa sorte com seu jantar ao lado da víbora.

Saiu, deixando-o só. Yerik respirou fundo e esperou a porta ser fechada, para voltar a jogar o roupão na cama e caminhar até a suíte.

[...]

Yerik chegou na grande casa de Natasha cerca de duas horas depois, às oito, como combinado. Um manobrista o esperava na porta assim que ele estacionou o carro. Não gostava de deixar a chave do seu carro com ninguém, e achava aquele tipo de serviço o mais inútil possível. Qualquer pessoa que conseguia dirigir até aquela casa também conseguiria estacionar o carro e andar até a porta. Mas nada disse, sabia que, quando o pai de Natasha e ela mesma queriam impressionar, não mediam esforços.

E ele teve certeza disso quando entrou na casa. Não havia tantas pessoas ali, mas o número não era, nem de perto, pequeno. Yerik reconheceu alguns da família de Natasha, mas as pessoas presentes eram mais empresários do que amigos. Um vulto se aproximava e ele observou Natasha andando até ele. Vestia-se de forma impecável, como se estivesse em um jantar de gala. De certa forma estava, mas ninguém ali parecia mais bem vestido que ela, alguns poderiam dizer que ela exagerava de vez em quando.

Usava um vestido que ia até a altura de seus joelhos, levemente colado ao corpo e com um decote generoso nas costas, deixando à mostra a pele extremamente pálida. O vermelho do tecido combinava com a cor das unhas e contrastava vivamente

com o tom dourado claro de seus cabelos, cortados rente aos ombros. Os fios lisos balançavam enquanto ela andava, os saltos altos de sua sandália fazendo o barulho costumeiro enquanto encontravam o tapete persa que ficava no corredor.

Ela aproximou-se de Yerik e, mesmo sendo alta e usando saltos, precisou esticar-se um pouco para alcançar a boca dele, que tocou com um leve beijo. Seus olhos de falcão correram pelo rosto do companheiro.

— Você parece cansado... — Jogou aquela informação no ar, esperando uma resposta, que não veio. — Saiu ontem?

Yerik desistiu, sabendo que era inútil tentar esconder algo dela.

— Saí com Alexandre ontem à noite.

Ela apertou os lábios que estavam pintados de um batom discreto.

— Provavelmente essa cara de cansado é vodka.

— Natasha, aqui não, por favor.

Dessa vez ela não insistiu, ele deu o braço a ela, que colocou o seu para se apoiar. Juntos se aproximaram da grande sala de jantar, onde empresários russos e alguns estrangeiros conversavam trivialidades, vez ou outra salpicando alguns assuntos de negócios e bebericando nesse meio tempo vinho ou champanhe. O pai de Natasha não era adepto à vodka, achava a bebida forte e imprópria para ocasiões formais.

Yerik discordava. Normalmente quando recepcionava pessoas em sua casa, gostava de deixá-las à vontade para beber o que preferissem. No caso dele, serviu-se de uma pequena taça de água, evitando o álcool a todo custo. Natasha o olhou de canto de olho diante daquela escolha, mas nada disse. Ele esforçou-se para não revirar os olhos. Do modo como o tratava, parecia que Yerik era um dependente da vodka ou alcoólatra, o que estava longe de acontecer. Bebia socialmente em ocasiões raras, ou quando saía com Alexandre, o que estava também se tornando raro, visto que

Yerik se afundava cada vez mais no trabalho. Em um mês, poderia contar em uma mão as ocasiões que ingerira bebidas alcoólicas.

Não quis pensar muito nisso, sabia que onde estava não era apenas um jantar de família. Natasha nunca o chamaria para isso. Ali havia comerciantes de diversos tipos com quem ele provavelmente gostaria de trocar algumas palavras. Ao cumprimentar todos os conhecidos, viu de relance uma bola de pelo correr em sua direção e pular em suas pernas. Ele não se incomodou em abaixar para acariciar o cachorrinho da companheira. Realmente não sabia por que o animal gostava tanto dele, visto que Yerik achava o suficiente apenas um afagar atrás da orelha do cachorro e depois, com custo, ignorava-o.

Respirou fundo. Aquela seria uma longa noite.

Quatro

A sopa estava uma delícia. Na Rússia, servir *borsch* nos almoços é algo comum, mas as receitas variam sempre de família para família. No caso da família Nemov, a receita vinha das mãos habilidosas da cozinheira Katiya, que trabalhara na mansão desde nova, fora cozinheira de Elissa quando ela se casou com Petr, e vivia ali agora para servir ao filho, Yerik. Katiya tinha habilidades na cozinha como ninguém, e Elissa era sempre grata com o carinho com o qual ela tratava seu filho. Se dependesse de Yerik, ele se alimentaria apenas de contratos e planejamentos.

— Um espetáculo, como sempre! — Elissa ressaltou quando estendeu a mão para beber uma taça de vinho. Dispensava a vodka, não apreciava aquele aperitivo. — Ninguém prepara um *borsch* como Katiya.

Yerik apenas concordou, engolindo a comida vorazmente. Tinha dias que não comia comida caseira, apenas fazendo refeições rápidas de sanduíches ou comprando algum *shaurma* quando saía do escritório. Não era seu preferido, e fazia milagres quando queria

se saciar rapidamente. Elissa o mataria se soubesse que ele andava consumindo *shaurma* em demasia pelas ruas de Moscou, aquilo era um veneno para qualquer estômago.

— Então, Rik... — Sua mãe lhe tirou dos pensamentos gastronômicos. — O que andou aprontando com Sasha esses dias?

Naquele momento, Yerik deu um grande gole em sua taça de vinho, olhando para Irenia de canto de olho, que estava parada próxima à cortina.

— Vejo que andaram conversando — disse de forma irônica.

Irenia saiu da sala de jantar no mesmo segundo, como se aquela afronta não fosse direcionada a ela. Elissa ignorou aquilo, sabendo que Rik o fazia apenas para provocá-la, um dos passatempos do filho. Ele deu de ombros.

— Bebi além da conta com Sasha na sexta-feira... Abel me trouxe em casa, fique tranquila. — Ao ver o olhar questionador da mãe, acrescentou. — Não toquei no vinho ontem na casa da Natasha.

— Rik, sabe que não gosto quando sai assim e volta bêbado — repreendeu-o — Sei que já tem idade para se cuidar, mas a vodka já se tornou um problema social na Rússia! — Elissa crispou os lábios. — Só de sentir o cheiro daquilo fico enjoada. Como conseguem beber tanto?

— Não se preocupe... — Yerik retomou as desculpas. — Sempre passo da conta com Sasha, mas nunca peguei no volante nem fiz nada imprudente. De qualquer maneira, ando trabalhando tanto que não ficaria surpreso em preferir uma cama confortável com um livro e uma caneca de chá a sair para beber com Sasha.

Ele sabia que a mãe não tinha acreditado muito no que havia falado, mas preferia manter a conversa em terreno neutro. Elissa ignorou as desculpas e assentiu quando ele tentou acalmá-la, mas nada disse, perguntou sobre o trabalho dele, aproveitando o gancho da conversa anterior.

Yerik contou a Elissa como andava a empresa, visto que a opinião dela era de suma importância. Tudo que um dia tocara e manejara ali dentro pertencera antigamente a seu pai e, conseqüentemente, a ela. Era praticamente um insulto mantê-la fora de algumas questões. Ao citar os estrangeiros e sua possível visita, viu a empolgação tomar o rosto da mãe.

— Adoro os brasileiros! — ela disse, sorrindo. — Um povo encantador. Um tanto quanto abertos demais, não é? E eles falam que somos sérios... Por Deus, quem troca beijos na bochecha sem realmente conhecer a pessoa? — Ao ver o sorriso de Yerik, acrescentou. — De qualquer forma, você se acostuma com a liberdade que eles tomam em certas situações. Tenho vários amigos no Brasil... É um país que tenho vontade de voltar a visitar, a última vez foi com Petr...

Ela parecia pensativa. Yerik pigarreou.

— Eu gosto de brasileiros. E argentinos também têm seu carisma. — Notou facilmente. — Meu problema são os americanos.

Elissa segurou um riso que surgiu de repente em seu rosto. Seu filho odiava os americanos, herdara isso do pai. A cara azeda de Yerik quando falava neles era evidente e até mesmo cômica. Mas, por respeito, nada disse.

— Ora, Rik... São ossos do ofício. — Tentou acalmá-lo com essas palavras. — De qualquer forma, há muito tempo você não pisa nos Estados Unidos, certo?

— Sim, mas pretendo ir até o final do ano — disse categórico.

Elissa percebeu naquele momento uma tensão superficial em Yerik, como se ele quisesse escondê-la a todo custo. Mas ela, como mãe, conseguia detectá-la facilmente. Tensão, cansaço e até mesmo desânimo. Sabia que o filho estava trabalhando muito, e uma possível viagem ao país que mais odiava apenas piorava seu ânimo. Decidiu mudar de assunto.

— Como foi o jantar com Natasha ontem?

Pegou a taça de vinho, bebericando um gole no momento em que finalizou o *borsch*. Yerik demorou a processar a pergunta.

— Ah... foi comum — respondeu.

Naquele momento, a careta azeda foi de Elissa, que crispou os lábios e arqueou a sobrancelha levemente, demonstrando uma reação comum quando ela não gostava de algo. Elissa não era a favor daquele relacionamento. Achava um namoro supérfluo, que não tinha química nem paixão necessária. Na verdade, não possuía sentimento o bastante para uma troca de olhares, muito menos de contato físico. Ao ouvir aquela resposta de Yerik e a falta de emoção entre as palavras, a certeza de que Natasha não era a mulher para seu filho fincou-se em sua opinião com ainda mais força.

Yerik percebeu isso.

— Sei me cuidar, mãe. — Tentou brincar com a situação. — Não sou mais o menino de treze anos que levou o primeiro fora.

A reação de Elissa foi positiva. Ela recostou na cadeira e sorriu.

— Você chorou tanto... Felizmente Petr estava viajando, senão te daria uma aula de horas sobre como conquistar uma mulher. — Ela brincou, fazendo o filho lembrar com carinho do pai.

— Sim... Ele me alugaria por horas... — Yerik sorriu.

— Ele tinha um bom discurso.

— Claro que tinha, senão eu não estaria aqui. — Provocou, terminando o vinho em um só gole e vendo com satisfação maldosa a mãe ficar vermelha.

— O que eu estou dizendo, Yerik. — Yerik, o nome completo, não o apelido: ela estava falando sério agora. — É que você precisa achar uma mulher que seja boa para você, que faça você transpirar de nervoso quando conversa com ela e...

Yerik apoiou-se na cadeira igual à mãe fizera segundos antes, respirando fundo. Aquela conversa iria longe.

[...]

Acordou na manhã do dia seguinte sentindo-se revigorado. No dia anterior, domingo, Elissa havia lhe dito que precisava passar em alguns lugares antes do anoitecer e deixara a mansão no começo da tarde. Yerik não objetou — não por não gostar da companhia da mãe, mas porque sabia que o motivo da visita dela era apenas para se certificar de que o filho estava bem, e não realmente passar o dia inteiro com ele.

Ele saiu da ducha rapidamente, entrando no quarto e abrindo o armário, escolhendo sempre o primeiro terno da direita. Realmente não sabia o motivo: nunca repetia de terno durante a semana, porém, sempre pegava a roupa do mesmo lugar. Em parte porque tinha preguiça de abrir o armário e pensar com cuidado sobre qual roupa usaria para trabalhar. Que diferença fazia se o terno tinha risca de giz e o outro era em um tom mais claro? Perguntou-se se Irenia teria algo a ver com aquela organização proposital, mas não achou resposta.

De qualquer maneira, estavam no meio de julho, e o calor predominava em Moscou. Por mais que seu escritório tivesse ar condicionado, não gostava de se enfiar em roupas escuras no auge do verão. Saindo um pouco do seu conforto, abriu inteiramente o armário e procurou seu terno cinza, o preferido para os dias quentes, mas não o achou de imediato, então começou a jogar os paletós na cama até conseguir achar o que queria. Vestiu-se rapidamente, terminando de se arrumar e olhando para o relógio de pulso. Teria tempo de tomar um café da manhã?

Agradeceu a esperteza de ter organizado a pasta com os documentos necessários para a segunda-feira, assim poderia apenas passar no pequeno escritório do primeiro andar e gastar o restante do tempo enfiando o café da manhã na boca e o empurrando com chá quente.

Desceu as escadas e entrou no escritório. O cômodo estava levemente frio, uma brisa suave entrava pela janela aberta. A persiana também fora aberta, e o sol da manhã encontrava a poltrona do local, deixando o escritório com uma iluminação cálida.

Por mais que Yerik estivesse sem sono, sua vontade foi de retirar os sapatos e se jogar na poltrona para tirar um cochilo de seis horas — mas não tinha tempo para isso. Procurou rapidamente a pasta e percebeu, com certa surpresa, como o escritório estava organizado. Os papéis que havia jogado pela escrivaninha estavam meticulosamente arrumados em um canto de uma mesa. Os que ele fizera uma pequena bola e jogara perto da gaveta agora se encontravam no lixo, e sua pasta, que sempre sumia pela parte da manhã pelo fato de Yerik nunca lembrar onde a colocara, estava cuidadosamente pousada ao lado dos papéis empilhados.

Ele ficou impressionado com aquele fato.

Pegou a pasta e desceu o mais rápido possível, entrando na cozinha e chamando por Irenia para perguntar algo sobre os últimos preparativos para a recepção dos estrangeiros. Assim que pisou no local, percebeu alguém peculiar ali, uma pessoa que ele nunca vira e provavelmente era nova na mansão.

Aquela era Naya Bantar.

A mulher estava atenta a algo dentro de uma gaveta, mas assim que viu que não estava mais só, levantou o rosto e, por um instinto normal de alguém que não era russo, sorriu, como uma forma de desejar bom dia sem precisar dizer palavras.

— Ah... Bom dia — ele desejou da forma russa, sem sorrir muito. — Você é a nova organizadora?

Ela parou de mexer dentro da gaveta e assentiu.

— Sim, senhorita Bantar. Mas pode me chamar de Naya. É um prazer finalmente conhecê-lo.

Em poucos segundos e com uma habilidade que apenas um homem tinha, os olhos de Yerik praticamente correram por todo o corpo dela, fazendo uma análise metódica e rápida demais para ser percebida. Ela era pequena, mas isso não era diferente para ele: Yerik tinha pouco mais de um metro e noventa, quase todas as pessoas eram baixas ao lado dele. Possuía uma pele de cor amadeirada, o cabelo era escuro e estava preso em uma trança

longa, os olhos eram castanhos escuros também, e astutos. Para Yerik, a boca dela era o que mais chamava a atenção, lábios carnudos. Contudo, mesmo que ela fosse uma mulher bonita e atraente, achou que sua beleza era comum. Aos olhos de russos acostumados a Moscou, poderia ser peculiar, mas ele estava acostumado a correr o mundo.

Naya, no entanto, estava fascinada. Nos dias em que trabalhara ali sem vê-lo, sabia que seu chefe seria alguém jovem, mas não estava preparada para um homem tão bonito. Ele era alto, mais alto do que os padrões normais. Vestia um terno cinza impecável que ela conhecia bem, pois o colocara em seu armário, e por isso sabia que ele gostava de cores claras nos tempos mais quentes. Seu cabelo era castanho, liso e levemente ondulado nas pontas, os olhos a fitavam com uma intensidade peculiar, como se ele estivesse a analisando, o que Naya não duvidava, ela era a nova empregada daquela mansão. A mansão dele. Contudo, o que mais chamou a atenção dela não foi a pose confiante que ele sustentava ou um dos rostos mais bonitos que ela já havia posto os olhos, mas a barba que ele possuía. Era grande para os padrões masculinos, mas bem cuidada e aparada de forma impecável. E combinava perfeitamente com ele.

— Bom dia, é um prazer conhecê-la, senhorita Bantar. — Ele ignorou o pedido dela para que a chamasse pelo primeiro nome.

Naya percebeu que estava olhando demais quando se assustou com a resposta. Engoliu em seco e abaixou os olhos, um pouco envergonhada. Imaginava-o completamente diferente. Ele era jovem: aquele homem era dono daquilo tudo?

O que quer que ela fosse responder, foi interrompida pela chegada repentina de Irenia, que entrou na cozinha rapidamente e olhou para o que estava acontecendo ali. Percebeu com certa satisfação que agora tinha os dois juntos e que não poderiam fugir.

— Ora, finalmente! — ela disse. — Já se apresentaram? — Ao ver a confirmação por partes dos dois, virou-se para Yerik. — Ela

que é a responsável por seu quarto e escritório não estarem mais parecendo como um almoxarifado!

Naya teve vontade de rir daquilo, mas de alguma forma, a presença dele estava a deixando um pouco tímida. Desviou os olhos da cena e voltou a mexer na gaveta. Yerik não, olhou-a com intensidade e seu rosto foi percorrido por um meio sorriso que o deixou ainda mais jovial e bonito. Russos deveriam sorrir mais.

— E por isso eu vou agradecer sempre. — Continuou a olhar para Naya, sorrindo ao ver que ela demorou a fitá-lo novamente. — Mas estou atrasado e preciso praticamente engolir algo antes de ir trabalhar.

— Atrasado... Como sempre — Irenia balbuciou, revirando os olhos.

Logo depois chamou alguém, que fez um pequeno café da manhã para Yerik em tempo recorde. Naya esperava que ele fosse sair com aquilo para a sala de jantar e tomar seu desjejum longe de todos, mas ele a surpreendeu quando começou a enfiar o que fora preparado na boca e mastigar tudo rapidamente.

— Por Deus, Yerik! — Irenia o repreendeu. — Irá engasgar!

Ele a ignorou, tomando um longo gole do seu suco. Naya percebeu que seu chefe, apesar de ser dono de tudo aquilo e praticamente um fantasma onde vivia por trabalhar demais, não possuía tanta pompa como ela imaginara. Irenia observou a garota fitando Yerik com certo fascínio, mas de forma discreta, e nada disse. Ele desejou bom dia a todos e saiu rapidamente da cozinha, lembrando no último minuto de pegar a pasta esquecida perto da porta.

Quando finalmente estavam a sós, Irenia respirou fundo.

— Vamos, Naya — pediu gentilmente. — Pelo que eu conheço de Yerik, todos os paletós devem estar no chão.

[...]

Yerik chamou a sua secretária rapidamente. A mulher entrou na sala, olhando para ele de forma afoita como toda secretária que trabalha muito e é viciada em café faz. Ele quase sorriu diante disso, mas nada disse.

— Ligue para o balé russo, por favor? — Ao ver que ela assentia, continuou. — Diga meu nome e peça para marcarem uma pequena reunião para mim no máximo até amanhã. Diga que são assuntos pessoais que pretendo tratar. Conheço o dono, ele irá reconhecer o telefone e o meu nome.

Ela assentiu novamente, não fazendo perguntas adicionais. Estava acostumada demais com os pedidos peculiares do chefe, e sabia que uma boa secretária sempre fazia o que era mandado sem realmente perguntar demais sobre tudo. Assim que ela saiu da sala, Yerik respirou fundo e se recostou na poltrona de couro, passando as mãos no rosto.

Aquela temporada seria realmente bem cansativa. Vários hotéis que mandara construir finalmente estavam em suas etapas finais, precisando apenas dos documentos que mostravam que o prédio era seguro, contratos preliminares e, o mais chato, a burocracia que era abrir um negócio no exterior. Porém, com aquele tipo de chatice e papelada, ele estava acostumado — o que o deixava inteiramente nervoso era pensar que precisaria estar em todas as cidades em que os hotéis seriam abertos para a inauguração do prédio. Não conseguia burlar a burocracia de documentos e, infelizmente, não conseguia se desviar daquele tipo de confraternização.

Pegou o telefone e discou o ramal desejado. Sua equipe trabalhava incansavelmente naquela época, e assim que perguntou para uma das assistentes sobre os documentos e a papelada do hotel em Nova Iorque, recebeu a notícia que tanto temia. *Os americanos ainda não nos mandaram os documentos, senhor Petrovich.* Desligou o telefone e apertou a mandíbula com tanta força que seus dentes doeram.

Americanos... Para ele, a raça mais maldita do planeta. Pensou seriamente em pressionar a equipe para que eles pressionassem os americanos a mandar os relatórios finais, pois precisava deles até o final de agosto.

Já estava estressado antes mesmo do dia começar.

[...]

Chegou à mansão quando estava anoitecendo, contrariando seu costume de chegar em casa quase de madrugada nos dias de segunda-feira. Estava cansado. Logo após fechar a grande porta, caminhou diretamente para o pequeno escritório, entrando no cômodo e jogando a pasta no chão, retirando o paletó, que teve o mesmo destino que a pasta. Sentou-se de qualquer maneira na poltrona, agradecendo imensamente o local silencioso, sem o som dos telefones tocando ou dos saltos altos das secretárias encontrando o chão. Sem a perturbação das portas se abrindo e diversas cabeças, cada hora uma diferente, enfiando-se pela fresta da porta para fazer perguntas tolas que, de alguma maneira, tinham respostas ainda mais tolas. Por que pagava àquela gente sendo que não conseguiam fazer nada direito?

Cortou esse tipo de pensamento, sabendo que estava estressado. Yerik agradecia pela equipe competente que tinha, mas alguns dias eram diferentes — era como se tudo conspirasse para tirá-lo do sério e fazer com que sua agenda mental fosse toda modificada em apenas alguns minutos dentro do escritório. Aquela segunda-feira foi irritantemente dessa maneira.

Alguém bateu à porta, contrariando seus pensamentos anteriores. Não, não estava livre das cabeças enfiando-se pelas frestas. Mas ao contrário das batidas insistentes do escritório, aquela batida era calma e paciente, e ele reconheceu rapidamente quem desejava entrar no cômodo. Pediu para que entrasse, e Irenia invadiu o local de forma determinada, mas contida. Por mais que tivesse livre arbítrio ali dentro, sabia que Yerik, de alguma maneira, era seu chefe, e que não gostava muito de ser incomodado quando

trabalhava naquele escritório particular. Porém, ele não estava trabalhando, e sim, jogado na poltrona.

Naya entrou logo em seguida, permanecendo um pouco afastada de Irenia e calada, esperando ordens.

— Naya, querida... Pode organizar o que já está um caos — disse para a garota, que rapidamente tomou a dianteira e pegou a pasta no chão, junto ao paletó.

Ao erguer a peça de roupa, sentiu aquele cheiro delicioso de perfume masculino que tanto a fascinava desde a primeira vez em que o sentira nas roupas dele. Mas tentou de toda forma não se importar com aquilo, o modo como o aroma a deixava era ignorado insistentemente por ela, que achava tolice aquele tipo de coisa.

— Francamente, Yerik, Naya acabou de arrumar seu escritório — Irenia disse de modo rápido.

Os olhos de Yerik correram pelo cômodo e pousaram em Naya carregados de culpa, mas a garota, atenta à pequena arrumação, não viu aquilo. Quando Irenia falava, ele se sentia uma criança de dez anos, mas achava aquilo até mesmo cômico, ela andava atrás dele o repreendendo igual a sua mãe fazia anos atrás.

— Desculpe... — ele pediu gentilmente. — Eu realmente estou exausto até mesmo para me levantar dessa poltrona.

A feição de Irenia desanuviou no mesmo momento, e ela se aproximou dele.

— Cansado, sim. Mas estressado também, posso ver isso em seu rosto — disse de forma prática.

Yerik ficou perturbado. O modo como Irenia conseguia ler o que sentia de acordo com suas expressões era impressionante. Respirou fundo.

— Estou preocupado com a vinda dos estrangeiros — confessou, respirando fundo. — Eles ficarão no meu hotel aqui em Moscou, mas quero o balé para o dia seguinte à chegada deles. Ainda não acertei isso...

— Acalme-se, Rik. — Irenia deixou escapar o apelido de infância, e Naya, que escutava tudo mesmo não gostando de ser intrometida, anotou aquele nome mentalmente. — Sei que anda estressado com essa reunião, mas não acho que seja uma vinda de estrangeiros que esteja tirando seu sono.

O rosto dele foi percorrido por um sorriso contido. Aquela mulher o conhecia melhor do que ele mesmo. Passou as mãos pelo rosto, tentando retirar o sono que pesava seus olhos com esse gesto.

— Não, de fato... — disse sem rodeios, ignorando que estava conversando de negócios com uma organizadora dentro de seu escritório particular. — O hotel dos Estados Unidos está quase pronto... Provavelmente terei que viajar para Nova Iorque até o final do ano.

— Entendo. — Irenia concordou sem nada mais adicionar.

— Peço licença e boa noite a vocês, por mais que eu quisesse trabalhar ainda essa noite, tudo que preciso é de um banho e horas de sono.

Com isso, saiu do escritório, deixando ambas a sós. Ao ver que ele havia se afastado, Irenia fitou Naya de forma significativa. Ela colocava os diversos papéis ao lado da pasta dele, como de costume. Sabia que ele precisaria daquilo na parte da manhã no dia seguinte.

— Sabe por que Yerik está estressado dessa maneira? — Quando viu a garota negar com a cabeça, acrescentou. — Ele odeia americanos.

Cinco

Era uma noite de sexta-feira. Yerik estava atendendo o último telefonema do dia antes de finalmente sair do escritório e ir para casa. Na verdade, precisava passar em um local antes, mas só de pensar que teria dois dias de descanso, mesmo que moderado, sentia-se mais tranquilo. Dispensara Alexandre naquela noite,

dizendo que infelizmente precisaria esticar o trabalho e rever alguns documentos. Também o fizera com Natasha, diversas vezes, pois ela insistira em acompanhá-lo no compromisso pós-escritório, mas ele teve que manter a decisão e dizer que era um compromisso de negócio.

Agora, duas horas depois do último telefonema, esperava em uma das várias salas de reuniões que compunham o Teatro Bolshoi. A sala era elegante, igual ao prédio inteiro. Ao ser guiado até ali, Yerik conseguiu ver diversas salas com diferentes funções, e até mesmo garotas pequenas e magras, que ele concluiu serem bailarinas da companhia.

Um homem franzino e elegante entrou na sala, fechando a porta atrás de si. Sentou-se em frente a Yerik e apertou vagamente sua mão.

— Yerik Petrovich, é um prazer recebê-lo. Sou o representante de Sergei Yurevitch, atual diretor do balé. Creio que trocaram telefonemas durante a semana. Ele já me colocou a par de tudo.

Yerik assentiu e recostou-se na cadeira. O homem era direto, e não podia ser diferente, representar Yurevitch era uma tarefa árdua, visto que o balé era sempre requisitado em diversos países. Yerik sabia que não encontraria o diretor pessoalmente, era praticamente impossível encontrá-lo na Rússia, quanto mais em Moscou. De qualquer maneira, Yurevitch estava mais cauteloso depois do incidente alguns anos atrás, fruto de intrigas internas dentro do balé.

Yerik não gostava daquele tipo de coisa. Por ele, se tivesse um prazo maior para organizar algo, dispensaria o Bolshoi e investiria no Mariinsky. Mas isso significava uma ida a São Petersburgo, pois gostava de tratar desses assuntos pessoalmente e, infelizmente, não dispunha de tempo.

Ele também foi direto ao ponto com o homem. Disse que gostaria de uma apresentação particular para estrangeiros que viriam até Moscou e se hospedariam em seu hotel, mas acrescentou

que a apresentação seria em sua residência. Não queria algo grande, apenas um ato ou dois com duas bailarinas ou um casal de bailarinos, apenas para apresentar aos brasileiros e argentinos o balé em sua forma mais perfeita: o balé russo. Yerik percebeu certa satisfação no homem quando escutou aquilo, sabia que aquele tipo de pessoa adorava ouvir elogios da companhia que ajudava a reger - aquilo inflava os egos já enormes deles. Porém, a resposta do homem a seu pedido foi negativa.

Isso não deixou Yerik abalado, pois já esperava tal circunstância. Uma apresentação particular para duas dúzias de empresários era um absurdo! Ainda mais vindo de um balé tão solicitado quanto o Bolshoi.

Ao escutar a resposta negativa, olhou firmemente para o homem e disse de forma convicta que estava disposto a oferecer um cheque com um valor altíssimo para a companhia, caso ele se abdicasse de algumas bailarinas por algumas horas.

A conversa mudou de rumo no mesmo instante.

[...]

Yerik entrou na mansão, caminhando, como de costume, diretamente para o escritório. Ao fechar a porta atrás de si, deixou, como sempre, a pasta e o paletó jogados em qualquer canto, sentando-se na poltrona e finalmente relaxando os músculos tensos de seu corpo. Era noite de sexta-feira. Felizmente aquela maldita semana havia terminado.

Na sala, Irenia pedia gentilmente para que Naya passasse no escritório de Yerik mais tarde para recolher seu paletó e guardar a pasta e o que mais ele provavelmente deixaria jogado pelos quatro cantos. Naya assentiu, terminando de arrumar uma gaveta. Irenia se retirou da sala para ir até a cozinha falar com os empregados e as cozinheiras. Pelo que Naya entendera, a governanta estava muito atarefada com uma possível reunião que seria dada ali na mansão, e passara a semana inteira organizando os mínimos detalhes. Agora, com a semana já no fim, decidira

mudar algumas coisas do cardápio, e precisava avisar isso aos responsáveis.

Naya terminou de arrumar a gaveta cerca de vinte minutos depois e foi até o escritório de Yerik, entrando no cômodo. Ao fechar a porta, percebeu, de forma surpresa e até mesmo sem jeito, que o lugar não estava vazio. Ele continuava ali, sua cabeça estava apoiada no encosto macio da poltrona e ele estava de olhos fechados, mas os abriu assim que escutou a porta se fechando.

— Desculpe-me — ela pediu, virando-se para se retirar do local.

— Fique à vontade. — Yerik fez um gesto tranquilo com as mãos.

Naya fez o que lhe foi dito. Tornou a virar-se e começou a arrumação pegando a pasta dele e colocando-a no local de sempre, em cima do móvel, ao lado dos papéis. Não era o lugar que ele sempre deixava a pasta, na verdade, Yerik nunca *deixava* aquela pasta em local algum, apenas a *jogava* assim que entrava no escritório. Mas, de alguma maneira, acostumou-se com ela ali, em cima do móvel, e percebeu que era sempre Naya que a deixava no local.

— Desculpe-me se estou dando trabalho a você, senhorita Bantar — ele pediu gentilmente. — Eu ando atarefado nesses últimos dias.

Ainda não se acostumara com ela, andando atrás dele e organizando toda a bagunça que ele fazia como um menino de dez anos. Quando Irenia dissera que iria contratar alguém para isso, Yerik achou a ideia no mínimo excelente, pois não precisaria mais se preocupar em guardar seus pertences. Contudo, Naya fazia com que ele se sentisse envergonhado ao fazer bagunça.

— Me chame de Naya. — A garota o retirou dos seus pensamentos. Era a segunda vez que ela pedia isso a ele. — Você está ansioso? — perguntou. Ele franziu o cenho, não entendendo a

pergunta de imediato. — Sua ansiedade pode ser vista de longe — explicou.

— Não, não pode — ele disse. — Como sabe que estou ansioso apenas olhando para mim? — perguntou, curioso.

Naya deu de ombros, encerrando a questão e o deixando ainda mais desconfortável. Ela pegou o relógio que ele deixara em uma mesinha, mas logo quando abriu uma gaveta para guardar, ele a chamou.

— Não precisa guardá-lo aí — disse. — Gosto dos meus relógios no meu quarto, sabe? Apesar de deixá-los todos aqui. — Sorriu minimamente, como se soubesse que era errado. Naya achou que ele devia sorrir mais. — Quanto aos meus pertences pessoais, vou explicar a você onde guardá-los... — Respirou fundo. — Irenia quer que eu te explique onde guardar os papéis do escritório depois, vou fazer isso assim que conseguir mais tempo, tudo bem?

Naya assentiu, tornando a colocar o relógio onde ele o deixara. Decidiu que o guardaria pela manhã. Quando viu que seu trabalho havia terminado, saiu do escritório, deixando-o só, mas ele não ficou assim por muito tempo. Logo a presença da organizadora foi substituída pela presença de Irenia, que entrou no local e fechou a porta atrás de si. Ao vê-la, Yerik atualizou-a dos fatos.

— Encontrei-me com um representante do balé Bolshoi — disse. — Ofereci um cheque polpudo quando ele negou o favor. Aquele homem vai me extorquir! — sibilou. — Mas acho que valerá a pena. Contudo, só vou assinar o cheque depois da apresentação.

— Acho que bailarinas do Bolshoi em uma apresentação particular valem qualquer cheque — Irenia afirmou, tentando acalmá-lo.

— Ele mandará as dançarinas na segunda-feira para a mansão, para terem uma ideia de espaço e de qual composição vão representar... Os estrangeiros chegam na quarta, acha que dará tempo?

Irenia revirou os olhos.

— Acalme-se, Rik. Claro que dará tempo. — Virou-se para a porta. — Tente descansar agora, tudo bem?

Ele assentiu, mas ela sabia que ele ficaria ali ainda por algumas horas.

[...]

— Rik anda muito ansioso com essa vinda dos estrangeiros — Irenia disse, batucando com os dedos na bancada de granito da cozinha.

Ela estava preocupada, Naya conseguia ver isso pela expressão do seu rosto. Não tirava a sua razão, aquele homem era ansioso demais, Naya não sabia como era realmente deter aquele poder e ter que se preocupar com aquilo tudo, ser alguém importante e dirigir uma empresa tão grande, mas se ela tivesse tamanha responsabilidade em mãos, procuraria ajuda profissional, algum remédio para ansiedade ou para dormir melhor. Yerik não parecia dormir.

— Sim — concordou. — Dá para ver na expressão do rosto dele. Será que ele já foi dormir?

Irenia deu uma risadinha de descrença.

— Com certeza não, mas *eu* estou indo agora — disse de forma cômica. — Não espere por Rik, ele fica acordado até de madrugada enfurnado naquele escritório. Deixe para organizar ali amanhã na parte da manhã.

Irenia deu boa noite a Naya, e saiu da cozinha. A garota conseguiu escutar a mulher subindo as escadas. Irenia tinha um quarto para si nas acomodações principais da mansão, vivia ali há tempo demais para dormir no quarto simples dos empregados. Simples era apenas a maneira de dizer — o quarto em que Naya dormia era melhor do que seu apartamento completo.

Ao terminar o suco, lavou o copo e andou calmamente até o escritório, mas percebeu, como Irenia havia dito, que a luz estava

acesa, e que só conseguiria realmente arrumar ali na parte da manhã. Virou para se afastar, mas assim que o fez, a porta se abriu, e a luz lá dentro desligou-se. Ele saiu do cômodo, olhando-a com surpresa.

— Senhorita Bantar — disse formalmente. Naya já havia desistido dele chamá-la pelo primeiro nome. — O que está fazendo aqui uma hora dessas? Não era para estar em casa já?

— Irenia quer que eu passe o fim de semana aqui, para ajudar nos últimos preparativos até a vinda dos estrangeiros.

Yerik revirou os olhos.

— Irenia se preocupa até demais com tudo.

Naya sorriu diante daquela afirmação, a mesma que Irenia havia feito dele minutos atrás. Yerik pegou-se olhando-a de forma mais intensa naquele momento. O sorriso dela era bonito, aquela garota devia sorrir mais. Os olhos dela eram escuros, mas pareciam brilhar mais quando ela sorria.

Pigarreou, retirando aqueles pensamentos da mente.

— Bom... Boa noite, senhorita Bantar — desejou, afastando-se e indo para o quarto.

[...]

No dia seguinte, Naya acordou cedo. Não esperava que todos fizessem o mesmo, já que era uma manhã de sábado. Porém, assim que colocou seu uniforme e tomou o seu chá para despertar, foi chamada. “Yerik Petrovich pediu para você ir até o escritório”, uma moça que trabalhava na limpeza falou gentilmente, “assim que tiver um tempo”, acrescentou. Naya assentiu, comendo algumas torradas e terminando o chá, lavando a xícara na pia da cozinha e enxugando as mãos em um pano que havia ali.

Aproximou-se da porta, batendo vagarosamente. Uma voz alta pediu para que ela entrasse, e Naya o fez, fechando a porta atrás de si. Ele estava lá, em pé de frente para sua escrivaninha. Usava uma roupa casual, calça de sarja com uma blusa escura de

malha com mangas longas. Mesmo que ainda estivessem no verão, as manhãs em Moscou eram mais frias. Olhou para Naya no instante em que ela entrou, mas seus olhos voltaram para os papéis a sua frente logo depois. A pasta dele estava aberta, e pelo estado da escrivaninha, ele devia ter jogado o conteúdo inteiro em cima dela.

— Bom dia, senhorita Bantar. — Ele desejou, e Naya replicou o cumprimento.

Yerik gesticulou para que ela se aproximasse e indicou os papéis jogados em cima da escrivaninha. Ela olhou aquilo tudo. Com uma rápida avaliação, percebeu documentos com assinaturas, bem como inúmeras listas. Alguns possuíam apenas números, e outros alguns desenhos que pareciam mapas e plantas.

— Irenia pediu para que eu a ajudasse na arrumação dos papéis e lhe explicasse onde guardá-los — ele disse. — Ela explicou o básico a você, não? — Ao ver Naya assentir, continuou. — Para conseguir arrumar isso aqui, você primeiro precisa entender o tipo de trabalho que faço, e como trabalho.

Yerik começou a explicar o que ele realmente fazia que o deixava mais no escritório do que na própria casa. Herdeiro de uma empresa que é responsável por uma rede de hotéis, trabalhava com linhas exclusivas de hotéis importantes em todo o mundo. Apesar da empresa ser sediada em Moscou, estava sempre viajando pelo mundo para assinar contratos e ver com os próprios olhos onde seu dinheiro estava sendo investido e como estava sendo. Gostava de saber quais hotéis precisavam de melhorias, onde poderia fundar algum, pontos turísticos e tudo o que englobava essa rede tão peculiar aos olhos de Naya.

— Tenho uma equipe enorme que cuida dos assuntos menores, como reclamações e possíveis melhorias. Está espalhada por escritórios do mundo inteiro — ele explicou. — Porém, as pessoas que trabalham diretamente comigo são responsáveis pelos assuntos mais importantes, como mapas de hotéis que serão construídos, contratos para serem assinados e quanto teríamos que

investir para firmar um hotel cinco estrelas em algum lugar onde a rede de hotelaria já é grande. Somos conhecidos por nossa excelência.

Naya percebeu, depois de um tempo, que ela estava na equipe que trabalharia com ele, logo cuidaria dos assuntos importantes, pois, de acordo com seus trabalhos, teria acesso aos documentos que sempre passavam diretamente pelas mãos dele.

Yerik espalmou a mão em uma pilha de papéis que havia ali perto. A mão dele era grande, os dedos longos. Era uma mão elegante, que combinava perfeitamente com ele e com a altura que possuía.

— Aqui você vai encontrar documentos referentes aos hotéis que ainda estão em construção. Cada hotel possui uma pasta, há cópias desses documentos no escritório para uma eventual consulta, mas os documentos registrados e finalizados ficam aqui, comigo.

Naya assentiu, olhando para as outras pilhas e tentando memorizar tudo o que ele falava. Ao perceber a direção do olhar da garota, ele voltou a explicar, pousando a mão em uma pasta mais grossa.

— Essa pilha é de documentos de hotéis já abertos. Como são inúmeros, a maioria desses documentos está digitalizada. Com o tempo, darei acesso a você para esses documentos. Porém, sempre há algo a acrescentar, e quando finalmente passamos para o digital, a cópia fica comigo.

Depois, pousou a mão em uma pasta escura e olhou rapidamente para ela.

— Essa daqui eu considero a pasta mais importante. É onde coloco meus futuros projetos, como lugares onde tenho vontade de expandir negócios ou hotéis que pretendo construir em um futuro próximo. Eu não mostro isso para minha equipe até ter certeza de um contrato concreto. — Fitou-a de forma atenta. — Você terá acesso a todos os documentos, até mesmo a essa pasta. Aqui, no

meu escritório, há diversos contratos e papéis importantes — disse de forma simples. — Inclusive os mais secretos — acrescentou em tom brincalhão.

Ao terminar, deu um meio sorriso. Naya estava vermelha, não por causa daquele sorriso, que ele custava a mostrar a alguém menos próximo, mas por causa da pequena brincadeira. Engoliu em seco.

— Prefiro não mexer com documentos tão importantes... — disse de forma tão contida que Yerik teve dificuldade para ouvir.

Ele riu, fazendo-a levantar os olhos para fitá-lo.

— Não pense assim. Se Irenia a contratou, deve ter confiança em você. E se ela tem, eu também compartilho da opinião dela. — Tranquilizou-a. — Aqui na mansão só há pessoas de confiança. Irenia é uma águia para achar pessoas assim. Ela sabe que não tolero desonestidade. Além da empresa, também herdei isso do meu pai.

Era a primeira vez que ele mencionava o pai. Naya já ouvira falar de Elissa, a mãe de Yerik, mas informações do pai eram mais difíceis. Ficou calada, esperando que ele soltasse algo mais.

— Meu pai me ensinou a lidar com isso. Felizmente, consigo distinguir mentiras de longe. — Fitou-a de forma peculiar. — Preciso disso para sobreviver no meio em que trabalho, entende?

Fez uma pequena careta. Abriu a pasta preta, que continha os projetos dele.

— Vou te explicar como guardar isso... E darei a cópia da chave a você.

Ele estendeu um pouco o braço, entregando um dos papéis a Naya para que ela lesse, e impedindo-a, com isso, de retrucar sobre a chave. Sabia que ela havia começado agora, mas de alguma forma, confiava nela. Irenia não deixaria alguém suspeito mexer em suas coisas como aquela garota estava mexendo nos últimos dias.

Quando ela aproximou a mão para pegar o papel, os dedos delicados tocaram levemente os de Yerik, e ele de alguma forma sentiu um leve estremecimento em seu corpo ao contato.

Mas ignorou aquilo de forma convicta.

[...]

Alexandre perambulava pela mansão, olhando o que havia mudado ali desde que entrara em certos corredores. Apesar do local manter a maioria das coleções da época em que os pais de Rik moravam ali, o amigo modificara certos objetos e quadros que ficavam pendurados nas inúmeras paredes. Não achou nada de interessante para fazer, parecia que todos estavam estressados com uma reunião que iria ocorrer, e ele não queria incomodar os empregados, mesmo que adorasse fazer brincadeiras com Irenia nos momentos calmos daquela mansão.

Por não se sentir confortável em retirar a rotina das pessoas, entrou no escritório para esperar por Yerik, achando que estaria sozinho, mas ficou surpreso ao se deparar com a nova organizadora. Alexandre fechou a porta cuidadosamente atrás de si sem fazer barulho adicional, aproveitando o pouco tempo que tinha antes de ela se virar para observá-la melhor.

Ela parecia remexer nas gavetas de Yerik e cuidadosamente retirar tudo do local para colocar todos os objetos novamente. Alexandre conhecia o amigo para saber o que ela realmente estava fazendo, provavelmente arrumando a bagunça pessoal do homem, o que era um tanto quanto cômico. Ele respirou fundo e sorriu maliciosamente, dessa vez fazendo barulho ao cortar o cômodo e se sentar em uma poltrona que havia ali. Naya percebeu que não estava mais sozinha, e calmamente levantou o rosto, ciente da presença de Alexandre naquele momento. Ele parecia estar se divertindo com a situação.

— Boa tarde, Naya. — Ela percebeu que, ao contrário do seu chefe, o amigo dele não parecia se incomodar em chamá-la pelo primeiro nome. — Vejo que deram a você as tarefas mais complicadas da casa — brincou.

Ela sorriu minimamente, meneando a mão.

— Depois que nos acostumamos com os lugares certos de tudo, o trabalho fica mais fácil — respondeu simplesmente, não queria dar a entender que reclamava do emprego.

Naya era tímida, e Alexandre percebeu isso rapidamente. Achou aquilo encantador. Quase todos os empregados daquela mansão trabalhavam ali por anos, e se sentiam em casa. Irenia era praticamente da família, e Yerik era dono de tudo, sendo sempre visto por todos como alguém bem-sucedido demais para ter inseguranças. Naya destoava desse contexto, parecendo um pouco um peixe fora d'água no corpo de empregados, como se precisasse de mais tempo para enturmar com aquele monte de gente que corria de um lado para o outro da mansão, cada um com afazeres diferentes e diversos.

Alexandre percebeu também que ela não parecia russa. Apesar de falar russo perfeitamente, havia um sotaque quase imperceptível em sua fala, como se ela tivesse ainda a dificuldade de carregar em algumas sílabas, algo comum para qualquer russo. Ela também não tinha os traços comuns de um russo de nascença. Normalmente as mulheres de Moscou eram brancas como a neve, com cabelos lisos e claros. Naya não, sua pele era amadeirada, e possuía lábios carnudos. Os cabelos eram ondulados nas pontas. Mas não era exatamente o físico dela que denunciava sua origem. Ela, no meio daquele monte de gente, parecia uma espécie exótica feminina. Na verdade, Sasha desconfiava de que ela seria exótica até mesmo no local de onde viera.

— Você não parece ser daqui... — ele disse, tentando rumar a conversa para o que o estava deixando curioso.

— E não sou — ela respondeu, sorrindo, mas não tirando os olhos dos objetos que estava arrumando.

— De onde veio? — Sasha perguntou, finalmente.

— Nasci em uma pequena cidade da Índia — respondeu.

Uma indiana... Sim, agora estava tudo claro. Alexandre ficou surpreso com a nacionalidade de Naya, mas agora, observando-a e tendo as novas informações em mente, percebeu que fazia sentido. Ela possuía uma beleza incomum.

— Indiana... — ele repetiu, e então algo lhe veio à mente. — Você dança?

Dessa vez Naya desviou os olhos do objeto, fitando o rosto de Alexandre. Estava acostumada com aquele tipo de pergunta, mas algo no tom da voz dele fez com que ela percebesse a maldade da pergunta. Também estava acostumada a isso, e antigamente aquilo a incomodava, porém, algum tempo atrás, decidiu por ignorar tais malícias. Sorriu, como se não tivesse percebido a brincadeira na pergunta.

— Sim, danço.

Os olhos de Alexandre brilharam e ele abriu a boca para dizer algo, mas Naya nunca soube o que seria, pois no momento em que ele ia falar, a porta do escritório foi aberta, e Yerik entrou. Estava vestido casualmente, pois era uma tarde de domingo e, finalmente e por algum milagre, decidira não se preocupar com trabalho naquele dia. Ao ver que ele entrara, Naya deu um último e discreto sorriso para Alexandre e saiu do escritório quando Yerik a cumprimentou levemente com um aceno no rosto.

Ao fechar a porta, Alexandre franziu o cenho.

— Cruzes, Rik! O que houve com você? Está pálido até mesmo para os padrões russos. — Pontuou realmente preocupado com o amigo.

— Estou um pouco ansioso com a vinda dos estrangeiros e com essa reunião que teremos na semana que vem — Yerik explicou. — Mas nada que um bom contrato assinado não me faça melhorar — brincou.

— Acho que está se preocupando demais, Rik. — Sasha o confortou. — Sabe que sempre faz o seu melhor. Se não conseguir

o que realmente quer, tenho certeza de que fez de tudo, certo? — Yerik assentiu, resignado. — Natasha estará na reunião?

— Não... — respondeu. — É uma reunião de negócios. Apenas empresários e minha equipe. Não quero conhecidos por perto, e isso inclui você.

Alexandre fez uma careta falsa, imitando alguém extremamente ofendido, depois meneou as duas mãos.

— Não se preocupe, estarei longe daqui. Tenho outros planos para essa semana... — Ele fitou a porta automaticamente. — Naya estará presente? — perguntou de forma maliciosa, Yerik detectou o tom na voz de Sasha com a mesma facilidade com que Naya o fez.

— Você quer parar de falar assim dos meus empregados? — disse, quase não acreditando no que estava ouvindo.

— Me desculpe. — Sasha brincou. — Mas Naya é bela demais para que eu finja ser um santo. — Ao ver a careta do amigo, acrescentou. — Só um cego que não vê isso.

Ele se levantou, caminhando até a porta, Yerik o seguiu. Juntos, foram almoçar.

[...]

Era uma manhã de segunda. Contrariando tudo o que Naya esperava, o clima da mansão estava tranquilo. Provavelmente era por causa do som que cortava todo o ambiente, invadindo em cada cômodo daquele lugar e deixando as pessoas levemente calmas de forma inconsciente: o som inconfundível da música clássica. Naquela manhã, Yerik dispensara a pequena orquestra, que queria vir junto com os bailarinos para fazer uma singela apresentação, mesmo que o maestro tivesse dito que era uma cortesia. Pelo visto, o assunto do cheque de Yerik havia chegado até os funcionários do balé Bolshoi.

Apesar da música sair de um aparelho de som, a composição não perdera tanto a harmonia, e as pequenas bailarinas selecionadas estavam alongando os pés já acostumados a serem

judiados naquelas sapatilhas com pontas endurecidas, os rostos concentrados em pequenos movimentos e piruetas discretas. Os móveis dos cômodos haviam sido temporariamente retirados para que elas tivessem espaço o suficiente para ensaiar e fazer a pequena apresentação prometida a Yerik. Apesar da sala em que estavam ser grande e espaçosa, a sala ao lado que seria o palco improvisado na quarta-feira. De lá, pequenos grupos de empregados saíam, carregando móveis de todos os tamanhos, enquanto faxineiras entravam para deixar brilhando o chão de madeira clara.

A composição escolhida fora Lago dos Cisnes, de Tchaikovsky, uma forma singela de homenagear e mostrar tudo o que a Rússia tinha de melhor, como o balé e a harmonia musical vinda do compositor, também russo. No caso, como a apresentação teria que ser breve, e a composição completa possuía mais de duas horas, as bailarinas encenariam apenas o terceiro ato, um dos mais conhecidos e apreciados de todos, onde o príncipe Siegfried dança com Odile, o cisne negro, achando que está de fato dançando com sua amada Odette.

Um corpo de seis bailarinos fora escolhido pelo representante do diretor do Balé Bolshoi, e para uma apresentação particular, Yerik achou que seis dançarinos eram mais que o suficiente. Dentre eles, uma representando os dois cisnes; um representando o príncipe; um que encarnaria o mago Rothbart; e outras três bailarinas que fariam uma pequena introdução antes da dança principal.

Depois de tudo preparado, o ensaio começou. Yerik estava sentado em uma das poltronas. Irenia permanecia atrás do sofá, olhando tudo com atenção, como tamanho exato do local e como as bailarinas se moviam graciosamente pelo chão de madeira clara. Aquele cômodo seria o necessário para receber tantos bailarinos e ao mesmo tempo tantos estrangeiros? Ela teria que rever isso, mas não queria dizer nada a Yerik, por enquanto. Ele estava tranquilo no momento, algo extremamente raro na semana. Tudo estava dando certo, enfim.

Por mais que tivesse diversos afazeres, Naya não conseguiu se controlar quando os bailarinos finalmente começaram a representar o ato. Todos eram tão lindos e graciosos... Principalmente a que representava os cisnes. Como conseguia ter uma presença tão forte e ao mesmo tempo delicada? O corpo do bailarino que representava o príncipe era no mínimo perfeito, Naya correu os olhos atentos por cada nuance de curva, as coxas eram firmes quando ele precisava carregar o peso do seu próprio corpo e o da bailarina em seus pés.

Quando Irenia observou que Naya estava por perto, chamou-a com um gesto discreto de mãos. Os olhos da organizadora estavam cravados na apresentação, e ela parecia fascinada com tudo. Irenia sorriu.

— Gosta? — perguntou.

Naya assentiu, inclinando a cabeça em direção à governanta para que ninguém escutasse os cochichos durante a dança.

— Acho lindo... E fascinante. Mas elas parecem tão tristes...

Irenia concordou, mas sabia que era por causa do que estavam representando. Disse isso em voz alta, explicando um pouco da história contada na composição.

— Sim, eu sei — Naya disse. — Mas eu acho o quarto ato mais emocionante do que o terceiro — opinou.

Irenia ficou surpresa. Sabia que tinha sido uma reação preconceituosa, mas jamais imaginou que Naya saberia assim de balé clássico. Por ser uma pessoa mais simples, achou que a garota teria pouca cultura, mas ficou satisfeita ao constatar que estava errada. Naya era uma caixa de surpresas. Essa, no entanto, não percebeu o modo como a governanta a olhou, observava agora Yerik, seu rosto finalmente transparecia calma, e ela conseguia até mesmo ver um sorriso que queria nascer em seus lábios.

Quando a apresentação terminou, os empregados que haviam ficado ali por uma força maior, saíram de fininho, retornando aos seus afazeres. Yerik levantou-se da poltrona, aplaudindo com entusiasmo e indo em direção ao representante do corpo de bailarinos, que estivera quieto até então em um canto do cômodo.

Naya sabia que era a hora de se retirar. Dali para frente tratariam de negócios, e ela não gostava muito de estar presente quando o faziam, mesmo sabendo que, de certa forma, saberia tudo depois, visto que agora acompanhava a papelada de Yerik de perto.

Deu meia volta e saiu do cômodo, no momento em que Irenia ia ao encontro do seu chefe.

[...]

No fim da tarde, Naya foi chamada até a cozinha. Largou o que estava fazendo e desceu as escadas, entrando no local logo. Irenia estava ali, olhava uma planilha que parecia conter tudo o que seria servido durante a reunião com os estrangeiros. Em frente a ela, havia um copo com um líquido denso e alaranjado.

— Naya, querida. — Irenia percebeu a aproximação da garota. — Pode levar essa vitamina para Yerik na sala de ginástica? Estou deixando as cozinheiras loucas de tanta tarefa por causa dessa reunião...

Ela fez uma pequena careta, como se estivesse pedindo desculpas pelo ocorrido.

— Achei que Yerik estava na empresa — Naya disse.

— Oh, não... Por um milagre, decidi que tiraria o resto da segunda de folga... Acho que ficou satisfeito com a apresentação e finalmente percebeu que está tudo encaminhado.

Naya conteve um sorriso. Yerik era perfeccionista ao extremo em relação ao trabalho. Mesmo bagunceiro, de alguma forma sabia tudo o que acontecia na empresa. Como conseguia ser tão diferente com sua organização pessoal? Ela percebeu que Irenia esperava uma resposta. Pegou o copo e assentiu rapidamente, dando meia volta e saindo da cozinha.

Na verdade, não estava muito confortável com aquilo. Quando aceitara o emprego, Irenia deixara claro que ela lidaria apenas com a organização de Yerik e, quando pudesse, da casa. Não era sua função levar vitaminas para Yerik, ele poderia muito bem caminhar até a cozinha e pegá-la ele mesmo quando terminasse seu treino, certo? Respirou fundo. *Calma, Naya, é apenas um favor.* Pensou. A tensão dos últimos dias finalmente parecia estar fazendo efeito na mente dela também.

Ela saiu da mansão pela grande porta dos fundos, que dava para o quintal que no seu primeiro dia a fascinara tanto. Cortou-o rapidamente, percebendo que o sol estava tentando sair por detrás das nuvens, mas parecia estar tendo dificuldades. O tempo estava começando a esfriar. Agosto estava no final, logo o inverno chegaria a Moscou e aquele belo jardim estaria debaixo de centímetros de neve. Estremeceu, não gostava muito do inverno, preferia o calor em sua pele ao frio intenso que aquela cidade mergulhava nos últimos dias do ano.

Ela se aproximou da pequena casa que abrigava uma academia particular. Entrou sem bater e depois percebeu o que fizera. Ao contrário do que esperava, não havia música no local, apenas um barulho estranho de um aparelho reverberava pelo local todo fechado. Ela seguiu o som, contornando os diversos aparelhos de musculação, e chegou no fundo da academia, que estava mais iluminado por haver uma grande janela na parede. Uma luz alaranjada batia ali, indicando que o dia estava dando espaço para a noite.

Ali, Yerik corria na esteira. Sem conseguir se conter, Naya correu os olhos astutos pelo físico dele. Estava acostumada a vê-lo vestido com ternos escuros e, de vez em quando, com roupas mais casuais, mas realmente não estava preparada para vê-lo apenas com um short de tãtel e tênis. A pele dele era pãlida, mas não nos nãveis russos, e brilhava por causa da camada de suor que a encobria, algumas gotas desciam livremente pelo abdômen, morrendo no cós do short curto. As pernas fortes e longas ficavam ainda mais visãveis à medida que ele corria.

Estava tão concentrada naquela visão privilegiada que não percebeu que Yerik já havia notado sua presença e agora diminuía a velocidade da esteira. Naya não sabia o que fazer. Deixar o copo na mesa que estava ali perto e sair? Sair correndo de vergonha por ter ficado reparando naquele homem de forma tão aberta?

Quando ele finalmente parou, saiu de forma surpreendentemente rápida para alguém com aspecto tão... Cansado.

— Senhorita Bantar — ele disse, mostrando o primeiro sorriso aberto e jovial para ela. — Irenia a fez vir até aqui para entregar isso? — Pegou o copo da mão de Naya, bebendo longos goles e fechando os olhos. A garganta dele mexia-se levemente quando ele engolia, fazendo-a fitar aquele local. — Peço desculpas, eu mesmo iria. Não precisava...

Ele estalou a língua, apreciando o líquido. Suor escorria pelo seu rosto, morrendo na barba densa e impecavelmente feita, sempre. O cabelo estava encharcado. Mas ele parecia ainda mais belo assim. Yerik respirou fundo, olhando-a.

— O que você tem, senhorita Bantar? — ele perguntou.

— E-eu? Nada...

— Parece pensativa. — Ele observou.

— Não... Não é nada. Só queria saber se ainda vai precisar de mim hoje.

— Pergunte a Irenia. Por mim, já pode ir descansar. — Ele levantou o copo, indo com ele até a esteira e mostrando com isso que ele mesmo o levaria para a cozinha.

Naya sorriu e assentiu, afastando-se da esteira e escutando-a fazer o barulho habitual quando ele voltou a correr. Yerik observou-a se afastar, e um sorriso jocoso nasceu em seu rosto.

Naquela manhã de terça-feira, Yerik decidiu que seria tolice ir para a empresa, então resolveu deixar todos os papéis menos importantes por conta de sua equipe e permanecer na mansão. Porém, estava longe de descansar. Ele era presença constante no escritório que havia na casa e, a cada minuto, chamava Irenia para perguntar algo, mais como costume do que por necessidade. Como não havia nenhuma secretária ou alguém da equipe ali para entrar em sua sala, dizer tudo o que estava acontecendo na empresa no momento, e deixá-lo tranquilo sabendo que ele tinha o real controle das situações, ele descontava aquela falta de dinâmica na governanta, que já estava começando a perder a paciência e a querer jogar um jarro em sua cabeça.

— Se me chamar mais uma vez, juro que pego minhas malas e vou morar com Elissa — Irenia disse, com um misto de desaprovação por Yerik estar achando graça. — Gostaria de saber como você ia viver sem mim.

Cruzou os braços e arqueou as sobrancelhas, parecendo uma adolescente boba querendo um elogio. Yerik sorriu.

— Desculpe, Irenia. Sabe como ando estressado. Prometo deixar você em paz — brincou.

— Acho que você devia deixar todos em paz, até mesmo sua mente. Por que está tão ansioso? Deveria aproveitar o dia de hoje para descansar para a reunião de amanhã — ela comentou, aproximando-se para tentar ver o que tanto Yerik escrevia em uma folha parda. — Vai dar tudo certo. Brasileiros e argentinos são pessoas interessantes e festivas... Melhores que os americanos.

Ela sorriu com a brincadeira sarcástica. Yerik a fitou de forma séria, mas nada disse, apenas respirou fundo e continuou a escrever freneticamente no papel, ignorando o uso do computador. Irenia revirou os olhos.

— Vamos, Naya. Depois você arruma essa bagunça.

A garota acompanhou Irenia até a saída, observando os inúmeros papéis que Yerik já havia espalhado pela escrivaninha e

contendo a vontade de retirar as mãos dele dali e começar a arrumar.

— Yerik detesta quando menciono os americanos — Irenia disse, quebrando o raciocínio de Naya. — Acho que é por isso que está tão estressado. — Ao ver o olhar questionador da garota, acrescentou. — É possível que ele tenha que visitar os Estados Unidos mais cedo que previra, algo que tenta evitar a todo custo...

Deixou no ar, andando pela casa. Naya pensou na reunião que Yerik teria no dia seguinte.

— Mas ele está ansioso também por causa da reunião de amanhã, não? — perguntou.

— E como... — Irenia a fitou de forma significativa. — Esses empresários que virão aqui, Naya, são pessoas tranquilas, mas são grandes empresários que procuraram os negócios de Yerik há algum tempo... — explicou. — São pessoas sérias, que estão verdadeiramente interessadas na rede de hotéis que Yerik tem pelo mundo. Na última reunião que tiveram, deixaram no ar que queriam um hotel no Brasil, mas Yerik ainda tem algumas ressalvas quanto a isso e dúvidas que o cercam, o que não é comum... Isso tudo será decidido nessa vinda deles.

Irenia contava abertamente dos negócios de Yerik, e Naya sabia o motivo. O objetivo principal da governanta era deixá-la como uma secretária particular, e como já havia dito algumas vezes, ela precisaria ter contato com toda a papelada e entender um pouco do trabalho que Yerik exercia dentro da empresa e como ele o fazia. Naya estava grata pela confiança, mas saber que ela teria que tomar nota de tudo aquilo a deixava um pouco zozza. Para ela, sua função seria facilmente substituída por um computador. Porém, computadores não tinham mãos para separar papéis, nem para organizá-los em gavetas. Nem mesmo para guardar objetos particulares e arrumar ternos dentro de armários. Ela conteve um sorriso e se sentiu mais confortável para fazer mais perguntas.

— Por que Yerik está com dúvidas?

Irenia demorou um pouco a responder, não por não querer fazê-lo, mas por tentar achar uma resposta adequada.

— Eu realmente não sei tudo o que houve, esse tipo de assunto é mais com a equipe de trabalho dele... — ela disse. — Mas acho que Yerik bateu de frente com a burocracia brasileira. Investir em algo dentro do país é difícil... E ele não sabe se vale a pena injetar tanto dinheiro em um projeto grande se os próprios empresários brasileiros não querem fazer o mesmo.

[...]

Já era fim de tarde. Como de costume, Yerik havia saído do escritório apenas para comer algo rapidamente na cozinha, fingindo almoçar quando o fazia, mesmo que o lanche que escolhera não tivesse nem conseguido forrar seu estômago. Já conseguia senti-lo protestar a falta de comida. Estava faminto.

Mesmo que estivesse no escritório, estava descansando — apesar de alguns papéis com contratos e atualizações mandados de última hora pela sua equipe estarem na escrivaninha, jogados de qualquer maneira. Ele lia alguns, mas aquilo era apenas um relatório do que havia ocorrido na empresa em sua ausência. Yerik sabia que um dia era crucial, mas precisava de um tempo para deixar tudo certo para a reunião do dia seguinte. Um dia sem ele na empresa não mataria ninguém.

Conteve um sorriso. Teria que pegar as filmagens das câmeras para ver se ninguém iria colocar fogo nos documentos devido ao nervosismo.

Alguém bateu à porta e ele pediu gentilmente para entrar. Era Irenia, carregava um telefone nas mãos, seu rosto estava neutro, mas algo no modo como ela o olhava lhe dizia que não eram notícias boas. Seria um telefonema urgente da empresa? Pior, algo havia acontecido com sua mãe?

— Rik — ela o chamou, colocando o aparelho na mão de Yerik, que já estava com o braço estendido. — É do Bolshoi.

Ele pegou o telefone e colocou-o no ouvido.

— Yerik Petrovich.

Irenia observava com certo receio o rosto dele. Yerik não falou muito durante a ligação, parecia até mesmo calmo, porém, depois de certo tempo, seu rosto empalideceu, mas havia um brilho de raiva em seus olhos que apenas as pessoas que o conheciam bem poderiam detectar. Ela respirou fundo, esperando o surto que ele daria. Ele trancou o maxilar e engoliu em seco.

— Certo, obrigado por avisar — disse de forma seca, desligando o telefone.

Irenia esperou o ataque, que não veio. Pelo contrário, Rik parecia cansado demais para gastar energia em um acesso de raiva. A forma brusca como deixou o telefone na escrivaninha foi o único indício de como estava. Ele apoiou os cotovelos no tampo da mesa e colocou as mãos longas no rosto, tampando-o com esse gesto. Irenia permaneceu onde estava, dando tempo a ele.

— O balé cancelou — Yerik finalmente disse depois de algum tempo. — Precisaram cancelar, de qualquer forma, pelas palavras do representante do diretor. — Olhou para Irenia. — Metade dos bailarinos que viriam aqui amanhã precisou viajar com o corpo principal para uma apresentação... Uma *grande* apresentação, como ele mesmo disse.

Ele se levantou, incapaz de ficar sentado tamanha a ansiedade, andando de um lado para o outro do escritório e passando a mão na barba espessa. Sua mente já acostumada a sair de problemas realmente não conseguia achar a solução para aquele em específico. Irenia limpou a garganta para ganhar a atenção dele.

— E o que você vai fazer agora, Rik? — chamou-o pelo apelido, um modo discreto de tentar acalmá-lo.

Yerik parou de andar e olhou para Irenia de forma decidida.

— Pegar meu cheque, é claro — disse de forma prática.

[...]

Havia uma tensão estranha pairando no ambiente da mansão naquele dia. Naya não conseguia descobrir de onde aquela tensão estava vindo, mas conseguia senti-la facilmente. Poderia até colocar a culpa na reunião que seria dada ali no dia seguinte, mas aquela tensão era diferente... Os empregados, que antes falavam animadamente enquanto adiantavam parte dos pratos que seriam servidos na reunião, agora estavam calados e pareciam esperar por algo. Naya franziu o cenho, observando aquilo tudo com real curiosidade.

Deu de ombros, decidindo esquecer aquela peculiaridade, por hora. Caminhou até o escritório e ficou surpresa ao se deparar com ele vazio. Porém, a passagem de Yerik por ali era facilmente percebida. Havia diversos objetos fora do lugar, bem como papéis jogados de qualquer maneira na escrivaninha. Naya se surpreendeu até mesmo com a luz ínfima que vinha da lateral do notebook, indicando que ele estava ligado, apenas em modo de espera. Não mexeu naquilo, sabia que o objeto continha muito conteúdo pessoal do chefe.

Assustou-se quando a porta se abriu, quebrando o silêncio reconfortante que estava ali dentro. Irenia entrou no escritório, de certa maneira pareceu aliviada ao ver Naya.

— É bom ver que alguém não está com olhos vidrados nessa casa — disse de forma simpática. — As pessoas parecem que vão enlouquecer. Você consegue passar calma até mesmo em horas estressantes.

Naya franziu o cenho, não entendendo o que Irenia queria dizer com aquilo. Ao perceber que a organizadora estava desinformada, a governanta explicou o que havia ocorrido horas atrás e como o balé havia cancelado a apresentação do dia seguinte, apenas com um telefonema. Naya escutou tudo e ficou um pouco irritada com aquilo. Como conseguiram ter tanta falta de profissionalismo em uma questão tão importante? Na certa, aquela apresentação não era tão importante para um balé sempre

requisitado por algo maior, mas para Yerik, todo o planejamento de uma reunião crucial havia sido derrubado.

— O que Yerik pretende fazer? — Naya perguntou depois de ouvir o relato completo.

Mas Irenia não teve tempo de responder, logo a porta do escritório foi novamente aberta, e ele entrou, andando para a poltrona e desabando o corpo ali, respirando fundo. Parecia cansado, os olhos estavam focados no teto quando ele resolveu dizer algo.

— Preciso urgentemente de uma dose de vodka — pediu, olhando para Irenia no processo.

— Acho que não é uma boa ideia, Rik — ela disse. — Está no meio de uma semana.

— Por favor, apenas uma — Yerik pediu com gentileza novamente, mas Naya conseguiu distinguir certa firmeza no pedido.

Irenia deu de ombros e caminhou para um móvel que havia ali perto. Em cima dele, uma bandeja repousava, junto com algumas garrafas de bebida como uísque e vodka. Ela derramou um pouco do líquido transparente em um copo e o entregou a Yerik, que bebeu tudo em um só gole. Mas não pediu mais uma dose, apenas deixou o copo na mesa de centro e voltou a se inclinar para o encosto da poltrona, parecendo pensativo. Irenia aproveitou o silêncio dele para pedir a Naya que fosse à cozinha buscar água e um comprimido para dor de cabeça. A garota saiu silenciosamente do escritório.

Quando Yerik acalmou-se, olhou para Irenia novamente.

— Devolveram meu cheque. O Bolshoi não terá meu dinheiro facilmente.

A governanta assentiu, apoiando o homem.

— Bom... Só nos resta conduzir a reunião como planejamos, ignorando a apresentação que aconteceria antes de tudo — ela disse de forma prática. — Acha que é o caso de terminar a reunião mais cedo?

— Não precisa, a apresentação duraria no máximo meia hora. Podemos utilizar esse tempo para conversarmos mais sobre os negócios e tentar adiantar os planejamentos. — Yerik respirou fundo. — Eu realmente queria que tivesse algo antes da reunião. Isso deixa todos mais confortáveis e relaxados para lidar com assuntos delicados.

Irenia permaneceu calada, pensando em tudo. Depois de algum tempo, lembrou-se de uma conversa que tivera com Abel algumas semanas atrás e seu rosto se iluminou. Yerik percebeu isso, mas ficou calado esperando a governanta sair de seus devaneios.

— Acho que tive uma ideia — ela finalmente disse.

Naquele momento, a porta do escritório foi aberta, e Naya entrou com uma pequena bandeja de prata. Não gostava quando Irenia lhe pedia certos favores, havia dúzias de empregados na mansão, e como a própria governanta sempre lhe dizia, ela era apenas a organizadora, e não uma pessoa para fazer aquele tipo de serviço. Sabia que podia ser exagero seu também, mas gostava das coisas claras. No entanto, o estado de Yerik estava preocupando Irenia, e Naya compartilhava dessa preocupação.

Ela colocou a bandeja na mesa de centro, parte desse gesto se recusando a se aproximar dele. Ele não percebeu isso, apenas capturou o remédio e o engoliu com grandes goles de água, colocando o copo na mesa de centro, fora da bandeja. Naya conteve-se para não revirar os olhos, a madeira ia manchar.

— Você pretende me contar a ideia ou vai me deixar explodir de curiosidade? — ele perguntou para Irenia.

— Claro que conto. — Ela sorriu. — Estive conversando com Abel algumas semanas atrás, e ele me disse que nossa Naya aqui. — Apontou para a garota que estava ao lado dela, como se Naya não estivesse escutando claramente a conversa. — Dança.

Irenia abriu um sorriso ainda maior quando Naya virou-se para fitá-la. Yerik permaneceu calado, sem entender muito.

— A senhorita Bantar dança? — ele perguntou.

— Dança! Não dança, querida? — Irenia perguntou a Naya.

— Bom... dança — ela respondeu calmamente.

— Que tipo de dança? — Yerik estava curioso.

— Ora, Yerik. Dança árabe! E indiana! — Irenia respondeu, como se fosse óbvio.

Aquilo finalmente fez Yerik abrir um pequeno sorriso, como se a informação tivesse tirado um peso enorme de seu corpo, uma pedra gigante sendo arremessada para fora.

— Finalmente uma excelente notícia! — ele disse, fitando Naya naquele momento. — Senhorita Bantar, pode nos fazer a gentileza e o enorme favor de mostrar uma pequena apresentação de dança árabe na reunião amanhã?

O convite pegou Naya desprevenida, mas ela estava acostumada com pedidos assim. Muitos ficavam curiosos ao saber que ela praticava a dança e pediam pequenas demonstrações. Mas aquilo era diferente, era mais profissional. Contudo, Naya estava dentro de sua área confortável. Ela assentiu.

— Posso sim, claro. — Ela observou o sorriso dele aumentar. — Mas preciso saber qual tipo de dança você quer.

Yerik franziu o cenho, não entendendo absolutamente nada.

— Como assim? Você não pratica a dança árabe?

Naya sorriu, aquele tipo de pergunta também era frequente.

— Sim. Mas há diversos tipos de dança. Há a dança clássica indiana, dividida entre nove estilos... É uma dança menos conhecida por estrangeiros. Dançamos para agradar os deuses. É uma dança mais religiosa. — Ela percebeu que Yerik estava atento. — E há a dança indiana, que passa em filmes estilo Bollywood... É uma dança mais festiva...

Yerik estava atento, e Naya aproveitou para deixar tudo explicado.

— Há a dança árabe, ou dança do ventre. É a dança mais conhecida mundialmente, pois é representada em vários países. Por isso, é sempre a mais pedida também.

Ela não quis acrescentar que era uma dança mais sensual também, por achar que Yerik não acreditaria nela. Ele meneou a mão, decidindo rapidamente.

— Quero a dança que é a mais pedida e conhecida — disse de forma convicta. — Os outros tipos de dança irão entediar os estrangeiros.

— Yerik! Que falta de respeito! — Irenia interveio.

O rosto dele ficou levemente vermelho, como se fosse um menino tomando bronca da mãe. E de certa forma era. Às vezes Yerik falava sem pensar, acostumado a poder fazer isso em sua empresa, com isso, em certas ocasiões, passava dos limites. Mas era algo dele, e não fazia por mal. Pelo contrário, reconhecia sempre quando isso acontecia. Olhou para Naya, de certa forma envergonhado.

— Me desculpe, senhorita Bantar — pediu gentilmente.

Naya conteve a vontade de rir, aquilo era muito diferente do Yerik poderoso que ela havia visto desde então, mas meneou a mão como se dispensasse sinceramente as desculpas. Não se importava de fato com aquilo, sabia da preferência de praticamente todos quando se tratava da dança árabe, e apenas falava de outros estilos mais como fim de deixá-los informados que poderiam ter outras possibilidades, caso quisessem.

Ela disse isso tudo a ele, que pareceu aliviado com a resposta.

— Então vejo você aqui amanhã. Vou dispensá-la agora para que descanse e vá para casa. Também pedirei a Abel que a busque amanhã para você trazer tudo o que for necessário para a apresentação, tudo bem? — ele disse.

Naya assentiu, sorrindo. Quando ela sorria, de certa forma, ele se esquecia do que ia falar. Por achar que ele não acrescentaria

mais nada, ela deu meia volta para sair do escritório, mas quando se aproximou da porta, ouviu novamente a voz dele.

— E ah, senhorita Bantar. — Quando ela se virou, Yerik meneou a cabeça. — Muito obrigado.

Sete

Abel chegou por volta das sete e meia na residência de Naya. Ela pediu gentilmente para que ele entrasse e lhe serviu uma xícara de chá enquanto voltava ao quarto e olhava tudo o que estava em cima da cama. Naya sabia que não daria tempo de voltar caso se esquecesse de algo, então tinha que ter certeza de que estava tudo ali. A roupa estava pronta, todas as peças completamente lustradas e os tecidos lavados. Ela colocou a vestimenta dentro de uma proteção e fechou o zíper, olhando o restante. A maquiagem também havia sido colocada com cuidado dentro de uma bolsa grande. Naya a fechou e colocou o restante dos objetos dentro de uma pequena mochila, como acessórios para o rosto, mãos, braços e tornozelos.

Respirou fundo e sorriu, indo finalmente para a sala e chamando Abel, que tomou os últimos goles do seu chá e entrou no quarto. O motorista olhou as bolsas em cima da cama de Naya, parecia curioso demais para saber o que havia ali dentro.

— Minhas roupas de dança e tudo o que preciso para a apresentação de hoje — Naya explicou, de alguma forma, já sabia que sua apresentação já havia sido alertada a todos os empregados da mansão. Aquele tipo de notícia era difícil de esconder, principalmente dos que adoravam trocar conversas na cozinha durante o intervalo dos afazeres.

— A mansão está em polvorosa hoje — Abel disse, sorrindo. — Acho que todos estão curiosos com sua apresentação. Os russos conhecem bem o balé clássico, mas acho que nunca vimos realmente uma apresentação profissional de dança árabe.

Naya queria dizer que não era profissional. Dançava porque amava e o fazia desde pequena, mas controlou sua língua. Se Yerik soubesse que ela não era profissional, ela temia que, de alguma maneira, ele cismasse que ela não conseguiria se apresentar naquela reunião tão esperada. Naya discordava disso, sabia exatamente o que fazer, e com certeza daria conta do entretenimento de um punhado de estrangeiros.

Abel pegou as duas bolsas e ela delicadamente içou a proteção que continha sua roupa, levando-a consigo. Juntos colocaram com cuidado tudo dentro do carro. Naya sentou-se ao lado de Abel e, assim, partiram para a mansão.

[...]

Yerik acordou logo quando o sol nasceu, mas permaneceu no quarto, dando-se umas horas de descanso antes de descer para tomar o seu café da manhã. Sabia que o dia seria longo e um tanto quanto estressante, e precisava limpar a mente e prepará-la para que a tranquilidade a invadissem antes de encarar o restante dos preparativos para a reunião.

Ligara para sua mãe na noite anterior, dizendo que teria uma reunião com os estrangeiros que mencionara no último almoço deles juntos. Explicou a confusão com o balé Bolshoi e mencionou com um pouco de insegurança a proposta que fizera para a organizadora, uma indiana que trabalhava na mansão há pouco tempo. Yerik também fez o convite para que a mãe fosse à reunião. Sentia-se mais tranquilo com a presença dela na mansão, mesmo que ela não participasse diretamente dos negócios.

Elissa achou encantadora a ideia da apresentação de dança, mas teve que recusar educadamente o convite, pois teria outro compromisso importante naquele dia. Yerik não insistiu, sabia que às vezes a mãe o liberava de sua presença para que ele não tivesse dois focos de atenção.

Yerik também ligara para Natasha e Sasha, comunicando que teria uma reunião importante e que não poderia atender telefonemas durante o dia e a noite, comunicou também que não estaria na

empresa porque a reunião seria em sua mansão, deixando claro com aquelas informações que não seria interessante se os dois aparecessem por ali de surpresa. Por mais que Alexandre brincasse com assuntos sérios, ele entendeu prontamente. Natasha foi mais curiosa, queria saber que tipo de reunião era, e Yerik sabia que ela estava se perguntando do outro lado da linha porque não fora convidada como acompanhante, mas não se incomodou em explicar a essência daquela reunião.

Ele respirou fundo, olhando para o relógio no criado mudo. Eram oito da manhã, a claridade demorara a sair, indicando que o inverno estava próximo. Havia quase uma hora que estava ali, deitado e jogado em pensamentos, mas não se importou muito, sabia que no primeiro andar, Irenia estava cuidando de tudo, e sabia que Abel já havia saído para buscar a senhorita Bantar.

Resolveu levantar-se para tomar um banho. Desceria depois para tomar um café e ver como tudo estava indo.

[...]

Naya chegara na mansão por volta das oito da manhã. Irenia a recebeu com um sorriso no rosto e uma expressão surpresa nos traços aristocráticos assim que os olhos pousaram na quantidade de bagagem.

— Fico feliz que esteja aqui. Para variar todos estão correndo com os últimos preparativos e você parece ser a única tranquila nessa casa, apesar de fazer parte direta da reunião agora — ela disse amavelmente. — Venha, vou te mostrar como organizamos o espaço.

Ela levou Naya até a sala de reunião. A apresentação do balé exigia mais espaço entre as poltronas, mas Naya sabia que precisaria de muito menos para fazer sua própria dança, e ficou satisfeita ao ver que Irenia já havia pensado nisso. As poltronas, que antes estavam bem distantes para uma reunião, agora permaneciam mais próximas, com pequenas mesas entre elas para que fossem servidos petiscos, mas com espaço o suficiente para que Naya circulasse entre elas. Naya olhou tudo com atenção.

— Acha que é um bom espaço para a dança? — Irenia perguntou, estava visivelmente confusa, não era acostumada a não ter controle de tudo, e por mais que fosse astuta, a dança árabe fugia do conhecimento dela.

— Está perfeito.

Naquele momento, a porta foi aberta, e Yerik entrou. Parecia finalmente descansado e, por algum milagre, tranquilo. Vestia-se com uma roupa casual e até mesmo simples naquela manhã. Ele olhou para Naya com atenção, como se buscasse algo de anormal. A garota teve vontade de rir, ele esperava que já estivesse vestida para a dança? Na certa não sabia como isso era demorado e como os apetrechos pesavam de certa forma ao longo do tempo.

Yerik estava justamente a analisando. Ficou surpreso em vê-la em seu uniforme costumeiro. Uma saia simples negra com uma blusa social elegante de botões também preta. Mas nada disse.

— Rik, bom dia. — Irenia desejou, retirando-o de seus devaneios. — Estava mostrando o espaço para Naya. Ela disse que está perfeito. — Sorriu de forma triunfante. — Acha que devemos modificar algo?

Yerik parecia pensativo, de alguma forma, no banho, tivera uma ideia, mas não sabia como abordá-la com Naya, nem mesmo se teria coragem de pedir a Irenia para transmiti-la. Contudo, teria que fazer, caso desse certo, seria até mesmo interessante, mas ele não sabia como seria a reação da garota. Pigarreou, e naquele momento Irenia foi chamada, saindo do local e deixando-o a sós com a organizadora.

Naya olhou-o com atenção.

— Que horas exatamente será minha apresentação? — perguntou.

— Acho que por volta das dezoito, por quê?

— Preciso ter uma noção de horário para ver quando terei que parar meu trabalho para me arrumar para a dança — ela explicou.

— Oh, não... — Yerik queria deixar claro. — Não a quero trabalhando hoje... Você pode focar apenas na dança... Descanse durante o dia e apronte-se quando achar necessário...

Naya se conteve para não revirar os olhos. Por que a queria ali tão cedo, então? Ela poderia muito bem aprontar-se em casa e ficar lá para descansar. Mas depois se lembrou de que Yerik era um homem um pouco sistemático, e tal tipo de homem normalmente gostava de ter o controle de tudo. Ele não suportaria vê-la longe sem saber se ela realmente chegaria a tempo.

— Tudo bem. Estarei no meu quarto se precisar de algo — disse, aguardando ser dispensada, mas ele não o fez, parecia querer falar algo, mas de alguma forma Naya sentia sua relutância.

— Senhorita Bantar... Gostaria de conversar algo com você — ele disse.

Naya não gostou daquilo. Era uma maneira estranha de iniciar uma conversa, e de alguma forma ele parecia constrangido. Imaginava que elealaria sobre uma possível incapacidade dela de substituir um balé tão importante, ou uma possível demissão, mas ele a surpreendeu quando pediu gentilmente para que ela se sentasse em uma poltrona, sentando-se em outra ao lado.

— Você me disse ontem que havia dois tipos de dança... A dança indiana, que eu dispensei de forma brusca, desculpe-me por isso novamente — ele pediu, e ela apenas meneou a mão para que se esquecesse disso, não se importava com aquele tipo de reação, sabendo que era normal. — E havia a apresentação da dança árabe... Mas eu estive pensando... — Novamente relutante, ela observou. — Qual realmente é o propósito dessa dança?

Naya quase soltou o ar rápido demais. Então era essa a pergunta tão misteriosa? Achou-a no mínimo simples, julgando que ele nunca havia tido contato direto com aquele tipo de cultura.

— Bom... A dança árabe tem origem mais folclórica... é mais para entretenimento, que é justamente o que você procura. — Ela fez questão de deixar aquilo claro, como se quisesse tranquilizá-lo.

— É uma dança mais animada. Muitas mulheres a usam para isso, outras, para seduzir.

Quando completou a frase, Naya percebeu que chegara exatamente onde ele queria, e descobriu o real motivo por ele parecer constrangido.

— Não quero que se sinta desrespeitada. — Naya já sorria quando ele começou a frase, deixando-o confuso. — Mas acha que seria interessante, bom... você fazer a dança para seduzir? Digo... Não é obrigada a isso, mas acho que seria interessante, para os estrangeiros, digo... Eles gostariam mais.

O sorriso dela aumentou, a vontade que teve foi de dar duas palminhas no braço dele e pedir para Yerik parar com aquelas bobagens de formalidades, mas sabia que ele ficaria completamente tenso caso ela o fizesse.

— Sr. Petrovich... — ela começou.

— Me chame de Yerik, por favor — ele pediu.

Ela assentiu, um pouco surpresa. Os russos demoravam a se abrir com desconhecidos, e um pedido mais informal como aquele era uma abertura para uma relação mais tranquila.

— Yerik... Acho normal você me pedir isso — ela respondeu com sinceridade. Na verdade, se perguntava por que ele ainda não fizera aquele pedido. — As pessoas veem um erotismo na dança árabe e não conseguem desvinculá-la disso. Você quer que eu dance como se estivesse seduzindo os estrangeiros, não é isso?

Naya observou um leve rubor no rosto dele. Yerik estava quase horrorizado com a forma simples como ela lidava com tudo. Aquela garota era direta.

— Sim, mas...

— Eu faço — ela disse simplesmente, como se estivesse concordando em levar um café a ele no escritório.

— Não quero que faça por obrigação. Como disse, está me salvando nessa situação, fique à vontade para decidir o que for

melhor para você — ele sugeriu.

— Eu faço, Yerik — ela disse o primeiro nome com simplicidade, e ele de alguma forma gostou de ouvir seu nome saindo dos lábios carnudos dela. Meneou a cabeça, aquele assunto estava o deixando divagador. — Quer que eu seduza todos? — perguntou brincando.

Yerik finalmente relaxou e entrou na brincadeira.

— Seduza todos, senhorita Bantar.

[...]

Ela dava os últimos retoques em sua maquiagem. Para Naya, aquela parte da preparação era a mais importante. O delineador puxado era essencial para que os olhos ficassem sedutores, e a maquiagem bem marcada modificava qualquer olhar de uma dançarina. Pintou os lábios com um batom vermelho e respirou fundo, olhando-se no espelho.

Quase tudo pronto. Conseguia escutar as cozinheiras trabalhando na cozinha e os passos decididos de Irenia andando de um lado para o outro, sempre entrando na ala onde os empregados ficavam para fazer pedidos. Os estrangeiros haviam chegado há cerca de quarenta minutos, e Irenia havia feito uma pequena bandeja para ser servida durante a primeira conversa. Como ela previra, a primeira hora da reunião seria uma conversa mais morna e tranquila, e eles trocariam apenas trivialidades. Depois da apresentação de Naya que tratariam de negócios.

Uma batida na porta fez com que se sobressaltasse. Ela a abriu, e Irenia a fitou com espanto.

— Meu Deus! Você está... Linda — disse da forma mais espontânea possível, entrando no quarto.

Naya soltou uma pequena risada.

— Obrigada, Irenia.

— Não, digo isso com sinceridade. Essa maquiagem é... deslumbrante. Mas e o resto? — ela perguntou, preocupada e

olhando ao redor do quarto de Naya. — Quando irá se vestir?

— Nesse momento. — Naya a tranquilizou. — Sempre faço a maquiagem primeiro, e depois me visto.

Irenia assentiu, Naya estava apenas com um roupão simples cobrindo o corpo.

— Precisaré de ajuda para se vestir? — a governanta perguntou.

A garota negou com a cabeça.

— Estou acostumada a me vestir sozinha — disse. — Quando terei que ir até a sala de reunião?

— Assim que estiver vestida, me avise, suba e fique na antessala. Colocarei a música quando Yerik anunciar a apresentação — ela comunicou, Naya escolhera uma faixa que apreciava para fazer a dança. — Acha que serei mais útil na cozinha? Entrarei com você, mas preciso resolver algumas coisas...

— Pode ir, Irenia. — Naya voltou a tranquilizá-la. — Me visto em poucos minutos.

A mulher assentiu e saiu do quarto, dando-lhe privacidade. Naya trancou a porta e retirou o roupão, olhando para a roupa que estava delicadamente pousada na cama. Como era uma pessoa simples e roupas de dança eram caras na Índia, Naya havia comprado apenas uma vestimenta completa, pois as que usava quando criança naturalmente não a serviam mais, e ela doara para crianças indianas assim que se mudou de lá. Tinha alguns lenços diversos, herança de sua mãe, mas eram lenços de tecidos caros, e os usava apenas ocasionalmente quando apresentava a dança indiana, de todo modo, não conseguira comprar o restante da roupa para fazer uma combinação harmoniosa.

Então sua roupa completa era a de dança do ventre, a que ela mais praticava, apesar de ser indiana. Era feita com uma trama leve que tinha uma transparência suave logo abaixo dos quadris e fendas nas pernas. O tecido era da cor verde clara, e Naya sentiu-se bem no mesmo momento em que o vestiu, finalmente retirando

aquelas roupas pretas do corpo. Não conseguia gostar daquela cor em suas vestimentas, achava-a no mínimo lúgubre e séria. Como uma boa indiana, apreciava cores chamativas e vivas. Apesar de clara, a roupa combinava perfeitamente com seu tom amadeirado de pele.

Os apetrechos eram em um tom dourado vivo, e ela colocou cada tornozeleira com cuidado. Havia colares também, mas ela optou por não os usar, deixando o busto mais exposto, porém, abusou das pulseiras, cobrindo boa parte dos antebraços. Os brincos foram os últimos, pois eram pesados.

Olhou-se no espelho. Quase pronta, faltava apenas um detalhe. Naya retirou a presilha e soltou os longos cabelos, que caíram como cascatas nos ombros e costas. Eram negros como a noite e contrastavam perfeitamente com a roupa verde clara e os acessórios em dourado.

Estava pronta. Decidiu sair do quarto e avisar Irenia, sabia que o nervosismo da governanta levaria a mulher para a antessala, então Naya seguiu diretamente para lá.

Ao abrir a porta, percebeu que estava certa. Irenia estava sentada bebericando chá, mas logo percebeu que não estava mais sozinha. Ela se levantou da poltrona e caminhou até Naya, olhando-a de forma até mesmo assustada.

Nunca havia visto uma mulher tão bela na vida.

— Acha que poderemos começar quando? — Naya perguntou, mas não obteve resposta. — Irenia? — chamou a mulher.

Irenia meneou a cabeça e sorriu.

— Me desculpe... Fiquei um pouco desnorteada ao te ver assim. Como está bela, Naya! — A garota ruborizou. — É até mesmo um pecado deixá-la naquelas roupas insonsas escuras e fazê-la prender esses cabelos... — Parecia sinceramente pensativa.

— Bom, eu não posso mexer nas gavetas de Yerik vestida dessa forma, não é? — Naya brincou.

— Não mesmo — Irenia respondeu, mas Naya não percebeu a resposta dúbia. — Entrarei na sala discretamente para perguntar a Yerik se ele falou sobre a apresentação. Não se preocupe, as meninas entraram várias vezes para servir petiscos... Volto em um instante.

Ela desapareceu pela porta que ligava a antessala e a sala onde estava ocorrendo a reunião. Naya respirou fundo, esperando. Dois minutos depois, Irenia voltou com um sorriso no rosto.

— Rik pediu apenas dez minutos para encerrar uma conversa e anunciar a apresentação — ela comunicou. — Vamos esperar.

Exatamente dez minutos depois, a música começou. E Naya percebeu que era hora de entrar na sala.

[...]

Yerik esperava ansiosamente a entrada de Naya. Não era religioso, mas rezava para uma força superior qualquer para que tudo desse certo. Os estrangeiros ficaram extremamente animados com o comunicado da dança. Irenia entrou calmamente na sala, dando um pequeno aviso com um gesto de cabeça e postou-se perto da porta. Cinco segundos depois, ela entrou.

A luz estava baixa porque Irenia as deixou assim, controlando a intensidade das lâmpadas para deixá-las em um tom perfeito e místico. Yerik estava preparado para a aceitação dos estrangeiros àquilo, estava preparado para algum desvio das meninas em relação aos petiscos, para uma falta de educação de algum argentino, estava preparado até mesmo para uma negação dos estrangeiros.

Só não estava realmente preparado para o que viu.

Aquela não era sua organizadora. A mulher que agora fitava era completamente diferente da que ele estava acostumado a ver entrando em seu quarto e escritório, sempre organizando suas gavetas. Essa tinha cabelos longos, que iam quase até a cintura, eram lisos, mas faziam ondulações perfeitas nas pontas, os olhos eram de um castanho intenso, e ela direcionava aquela intensidade

para cada homem que estava sentado nas poltronas, mesclando-a com feições de seriedade e de vez em quando um sorriso discreto que beirava ao perverso. Yerik finalmente reconheceu Naya por trás daquela personagem, reconheceu-a pelos lábios carnudos e pelo sorriso cativante.

Olhou em volta, um pouco desconcertado com sua própria reação com a entrada dela. Parecia realmente um dos estrangeiros surpresos com aquela espécie feminina exótica dançando na sala, mas não era o único fascinado. Os homens que estavam naquela sala pareciam em transe quando Naya passava entre as poltronas, movimentando os braços e fazendo um perfume adocicado chegar aos sentidos deles. Ela dançava com desenvoltura, mexendo os quadris de forma sensual.

Onde estavam aquelas curvas? Na certa por debaixo das roupas escuras que ela usava todos os dias. Naya dançava próxima a um grupo de argentinos, mas logo se aproximou dos brasileiros, sempre mantendo contato visual e dividindo o tempo entre um sorriso com uma essência maliciosa e feições mais sérias.

E, depois de algum tempo, ela virou-se em direção a Yerik, que permanecia em uma poltrona afastada de todos, com apenas um brasileiro próximo a si. Aproximou-se deles, mexendo os quadris. O tecido leve da roupa acompanhava os movimentos da garota, e Yerik agora conseguia ver a transparência que ele possuía, deixando à mostra as pernas bem torneadas. Os cabelos seguiam os passos dela, e ele engoliu em seco quando ela dedicou um pouco do seu tempo em dançar em frente a ele, direcionando um olhar lascivo, o mesmo que dedicava aos outros. Os olhos dela estavam mais escuros, e a boca sorria de forma perturbadora.

Seduza todos.

Era justamente isso que ela estava fazendo. *Merda*, pensou Yerik. Onde estava com a cabeça em fazer um pedido daqueles? Não conseguia desgrudar os olhos daquela dançarina e tinha uma leve impressão de que ela sabia daquilo. Por mais que todos os homens fossem bem-sucedidos e completamente seguros de si ali

dentro, era Naya a dona do momento, era ela que conduzia cada olhar e cada gesto, cada reação em cada homem. Yerik percebeu até mesmo um brasileiro fechar os punhos, como se quisesse fazer o desejo de tocá-la parar. Não tirou a razão dele, ele mesmo queria fazer aquilo no momento.

Estava tão absorto naquela dança que não percebeu que ela agora se afastava dele, dedicando a dança para o homem que estava ao lado de Yerik. Não percebeu também o olhar de Irenia sobre si. A governanta continha um sorriso, conseguia observar facilmente a reação dos homens ali dentro, mas a de Yerik a deixou surpresa, ele ainda não havia percebido, mas não fechara a boca desde que Naya entrara naquela sala, e não conseguira desgrudar os olhos dela.

Naya finalizou a apresentação se afastando dos estrangeiros e postando-se com delicadeza próxima às portas, suavizando o ritmo dos passos. Os quadris foram diminuindo a velocidade e agora se mexiam levemente, deixando-a ainda mais sensual, na opinião de Yerik. Os braços fizeram um gesto delicado e logo a música terminou, fazendo todos saírem daquele estado de torpor que caíram assim que a garota começara a apresentação.

— Excelente! — O brasileiro perto de Yerik foi o primeiro a se pronunciar. — Que apresentação incrível!

Yerik demorou a perceber que as luzes haviam voltado à intensidade normal e todos pareciam esperar algo dele. Meneou a cabeça para retirar alguns pensamentos da mente e apresentou Naya, que fez uma pequena reverência em agradecimento aos elogios, e logo depois saiu da sala, deixando os homens a sós.

Depois daquela apresentação, Yerik fecharia qualquer negócio com aqueles estrangeiros anestesiados.

[...]

Naya estava em seu quarto aguardando ansiosa pelo fim da reunião, a fim de saber o que realmente tinham decidido. Cerca de duas horas haviam se passado, ela já tinha retirado a maquiagem e

agora vestia apenas uma roupa simples para caso fosse chamada. Mas ela não fora, logo alguém bateu na porta.

Era Irenia, que entrou calmamente no quarto, tinha um sorriso triunfante no rosto e parecia extremamente aliviada.

— Yerik acaba de fechar um contrato importantíssimo! — comunicou, Naya percebeu que ela tinha uma bandeja em mãos, que continha, ao que parecia, seu jantar. — E tudo isso graças a você, minha querida.

Naya ficou surpresa com aquilo. Não havia feito nada, apenas substituíra uma apresentação de balé que iria entreter os estrangeiros.

— Não fiz nada de demais, Irenia — ela disse. — Apenas um favor.

Irenia não quis discutir, na certa Naya não percebera o fascínio que havia injetado naqueles homens quando se apresentara. Sabia que a garota estava cansada, pois o dia fora tenso, mas finalmente tudo acabara bem.

— Coma um pouco, Naya. E não precisa nem mesmo fazer sua cama. Descansará em sua casa agora. — Ao ver o rosto surpreso de Naya, acrescentou. — Yerik a liberou até a semana que vem com os sinceros agradecimentos — Irenia disse. — Ele queria muito falar isso pessoalmente com você, mas um dos brasileiros sugeriu um jantar em um restaurante aqui perto e eles já se foram, carregando Yerik com eles. — Irenia fez uma careta, parecendo extremamente contrariada. — Ou seja, teremos comida o suficiente para um mês. E pensar que deixei as cozinheiras loucas hoje! Quero todas descansando até o final da semana, é o mínimo que posso fazer por vocês.

Naya sorriu, Irenia parecia conversar consigo mesma naqueles momentos, e ela não ousou interromper. Depois de um tempo resmungando, voltou a olhar para Naya e sorriu.

— Então coma seu jantar. Abel a levará para casa assim que terminar. — Respirou fundo. — Eu vou subir e dormir dois dias

seguidos, porque eu mereço, depois de tudo.

Oito

Naya sentia-se revigorada depois de passar o resto da semana em casa. Felizmente conseguira tirar boa parte do seu tempo para dar as aulas de dança que estavam atrasadas às meninas do prédio e fazer um almoço caprichado para Alaric. Colocaram a conversa em dia, ela sempre contando tudo o que passava dentro daquela mansão e suas inseguranças, mas Alaric parecia estar mais interessado na apresentação que ela fizera para os estrangeiros.

— Eles gostaram de sua dança? — Ao ver Naya assentir, acrescentou maliciosamente: — Como seu chefe se sentiu ao descobrir que a mulher que passa boa parte do tempo no quarto dele é deslumbrante?

Naya deu uma colherada de leve na mão dele antes que essa chegasse ao molho pronto que seria servido junto ao almoço, no mesmo momento em que ruborizava e olhava de forma exageradamente determinada para o conteúdo da panela.

— Pare com isso, Alaric — disse. — Yerik é um homem sério. E eu estava interpretando uma personagem, ele sabe disso.

— Sabe? — Alaric provocou. — Homens normalmente não sabem separar isso. E de qualquer maneira, a personagem que você interpreta é você mesma. — Naya o olhou furiosa. — Digo isso porque sei que por trás dessa garota tímida, há uma mulher segura de si.

— Oh, pare com essas bobagens, vamos almoçar!

Comeram sem voltar a mencionar Yerik, mas Alaric gostava muito de saber sobre a dança, e Naya tinha que admitir, adorava falar daquilo, pois era sua paixão, tanto a dança do ventre que apresentara aos estrangeiros quanto a dança indiana clássica, que era destinada aos deuses. Naya sentia falta das tardes com Alaric. O amigo, apesar de uma idade mais avançada, era sempre sincero. Brincava que Naya era tímida e quieta demais para uma moscovita,

e que ela deveria sair mais para conhecer pessoas novas. Naya sabia que tal conselho era sincero e dito com respeito.

[...]

Respirou fundo e passou pela grande grade da mansão, sempre dando bom dia a todos os empregados que havia ali, desde porteiros a jardineiros. Ao pisar na mansão, percebeu algo peculiar. Normalmente a casa estava mergulhada em quietude, visto que Yerik sempre trabalhava até tarde, e o local era permeado apenas por empregados fazendo suas obrigações com calma e tranquilidade. Naquele dia tudo estava diferente, e Naya precisou de apenas alguns minutos para perceber isso.

Caminhou para a cozinha e, no percurso, precisou desviar de duas moças, que carregavam pilhas de roupas e conversavam animadamente. Franziu o cenho e entrou na cozinha. Katiya, a cozinheira de mãos habilidosas, preparava com empolgação e extrema desenvoltura algo que parecia com Kotlety, que possuía ingredientes simples, mas como a mulher gostava de trabalhar sozinha e achava no mínimo ofensivo alguém pilotando seu fogão em seu lugar, começava a preparar o almoço cedo, principalmente quando esse envolvia várias etapas de uma fritura feita de migalhas de pão, ovo ou farinha.

— Bom dia, Naya, querida — ela saudou a garota, tirando-a do fascínio de vê-la mexer os dedos com rapidez em uma mistura que estava em um pote pequeno. — Descansou?

Naya assentiu, perguntando o mesmo para Katiya, que contou como ela achara no mínimo magnífico ficar o resto da semana curtindo absolutamente nada depois que Irenia lhe dera o descanso.

— Na sexta-feira já estava louca — confessou. — Se não fosse para a cozinha preparar algo, jogaria a televisão do meu quarto pela janela.

Naya conteve uma risada. Katiya lembrava sua mãe. A cozinheira era estrangeira igual a ela, e uma vida de imigrante poderia ser no mínimo complicada em Moscou. Por sorte, Katiya

havia migrado para a Rússia bem pequena, e crescera acostumada aos costumes do país. Inclusive ao preconceito, que era ainda mais voltado para pessoas de origem africana. Naya estremeceu, não gostava de pensar nisso.

— Yerik irá almoçar em casa. Já está aqui, acredita? — Katiya explicou, visivelmente animada em fazer um almoço verdadeiro.

— Por que estão todos animados e andando de um lado para o outro? — Naya perguntou.

Katiya demorou a lembrar que Naya havia passado o resto da semana anterior na própria casa e explicou à garota que Yerik estava se preparando para uma viagem de negócios, e que todos estavam ajudando a arrumar os preparativos.

— Terá que se acostumar com essa agitação — disse de forma simples. — Quando Yerik viaja fica dias fora, mas a preparação é bem tumultuada. — Naya assentiu. — Dizem que ele sempre viaja para se certificar pessoalmente de como seus hotéis estão andando e não perder contato com os empresários responsáveis e poderosos.

Naquele momento, uma das garotas que levavam a pilha de roupa voltou para a cozinha, Naya se desviando dela no caminho. Ela parecia ter escutado o fim da conversa.

— Isso nos deixa loucas — disse, intrometendo-se naturalmente. — Porque precisamos deixar tudo separado de acordo com a época em que ele viaja. No caso, teremos que arrumar várias malas. Será inverno em Nova Iorque.

Ela sorriu, sonhadora, como se o inverno fosse a estação mais bonita do ano. Naya discordava dela. Não gostava muito do inverno, achava-o triste e sem cor. Mas ela sabia que o inverno de Nova Iorque poderia ser menos rigoroso do que o de Moscou, e era famoso por ser belo por causa dos parques e pequenas praças. Ela se despediu das duas, indo até o quarto a fim de se arrumar.

Depois de algum tempo, lembrou-se do dia em que Irenia lhe dissera que Yerik odiava os Estados Unidos.

[...]

Yerik estava com as pastas que continham os documentos abertas. Teria que levar alguns durante a viagem, pois eram preenchidos com informações valiosas, principalmente valores que ele já esquecera, há muito havia fechado os contratos dos hotéis em Nova Iorque. Por sorte, tinha tudo documentado, e graças a Naya, agora organizado. Passava os olhos por uma tabela de valores, tentando memorizar alguns dados quando se lembrou de algo.

— Irenia? — A governanta, que estava remexendo em uma gaveta do escritório, olhou-o rapidamente antes de voltar aos seus afazeres. — Preciso que escolha a menor equipe possível. Contudo, preciso de funcionários competentes... — Ele deixou no ar, mas como a mulher não disse nada, acrescentou. — Isso inclui Naya.

Naquele momento, ele conseguiu a atenção dela. Irenia parou de remexer na gaveta e retirou as mãos de lá, carregando consigo alguns papéis que provavelmente continham anotações necessárias para a viagem.

— Você nunca pediu uma organizadora em suas viagens... — Irenia semicerrou os olhos. — Há empregados te esperando em Nova Iorque, em seu apartamento lá. — Um sorriso percorreu o rosto dela. — Por que essa preferência por Naya, ahn?

Ela brincou, mas Yerik nada disse, apenas franziu o cenho e deu de ombros, tentando modificar as feições do rosto, que mostravam um pouco de surpresa e vergonha. Irenia conseguiu captar tais feições antes que sumissem.

— Gosto da organização dela, nada mais — disse convicto. — Além disso, ela que organizou essa papelada toda. — Mostrou os papéis que estavam em suas mãos, como se não fosse óbvio. — Eu realmente nem sei encontrar o que preciso aqui.

Coçou a testa, sem jeito. Nisso Irenia tinha que concordar, Yerik estava olhando aqueles papéis há boa meia hora, mas quem o conhecia o suficiente sabia que ele não achara absolutamente nada

do que queria, apenas passava os olhos por tabelas avulsas, tentando buscar ali algumas informações.

— Tudo bem. Falarei com ela e farei contato com sua equipe — ela disse.

— Obrigado, Irenia. — Yerik sentia vontade de dar um prêmio àquela mulher toda vez que ela arrancava obrigações de sua agenda.

Quando se viu só, desistiu de procurar por algo em específico em meio àquele monte de documentos e recostou-se na poltrona de couro, fazendo-a se inclinar ligeiramente. Respirou fundo, pensando na semana tensa que tivera e no começo daquela, que já era sua preparação para a viagem tão odiada por ele. Em meio aos pensamentos, a pauta da reunião surgiu, mas Yerik não pensou no que conversara com os estrangeiros e os contratos que havia fechado naquela noite, conseguia pensar apenas em Naya, e na maldita apresentação que ela havia feito.

Imagens avulsas dos quadris femininos se remexendo em meio àquela música exótica, os olhos lindamente pintados de preto, fazendo-os ficar ainda mais atrevidos, o olhar tornando-se mais intenso. E a boca... Yerik, sempre que podia, observava discretamente os lábios de Naya, e agora estava ainda mais fascinado. Aqueles lábios conseguiam ser bonitos tanto pintados de vermelho quanto sem pintura nenhuma, conseguiam ser convidativos esticados em um belo sorriso ou apenas imóveis, quando ela normalmente se aquietava para arrumar algo dentro daquele escritório.

O celular tocou estridente, fazendo o silêncio ser cortado e Yerik pular da poltrona como se tivesse sido flagrado fazendo algo errado. Ele praguejou algo incoerente e pegou o aparelho, olhando o visor. Natasha. Relutou em atender, mas sabia que, caso não fizesse, teria dor de cabeça depois. Natasha era o tipo de mulher que odiava ser ignorada ou, como ela sempre pensava, ser jogada para segundo plano.

Ao atender, cumprimentou-o com um toque manhoso que Yerik reconhecia de longe. Queria algo, mas ele ainda teria que descobrir o quê. No decorrer da conversa, dissera de forma triste que não poderia acompanhá-lo naquela viagem, como sempre fazia quando ele ia para Nova Iorque, pois precisava pensar nas festas do fim de ano, e teria que resolver tudo sozinha, os pais estariam uma temporada fora, o pai, a negócios, e a mãe o acompanhando e aproveitando a oportunidade para fazer compras. Yerik ouviu tudo com atenção, e logo depois veio o pedido: queria um perfume encontrado apenas lá. Ele anotou o nome do presente em um papel pequeno, colocando-o para o lado logo em seguida.

Alguns minutos depois, desligou.

Recostou-se novamente na poltrona. Fechou os olhos, mas as imagens de Naya já haviam sumido, dando espaço para pensamentos também inquietantes. Ao receber a notícia da ausência de Natasha, foi pego desprevenido com o alívio brando que passou por si, como se ela tivesse lhe fazendo um favor. Não entendeu aquela reação, mas tinha ideia do motivo. Natasha era uma boa companheira, estava com ela há quase cinco anos, mas não se sentia apaixonado de fato. Seu relacionamento era mais de negócios, e provavelmente envolvia mais toques do que sentimentos. Natasha era fogo, carne e sexo, e ele adorava tudo aquilo nela. Porém, de vez em quando se pegava perguntando o motivo de ainda manter aquele relacionamento, pois poderia achar em outras moscovitas tudo o que Natasha representava, ou até em suas viagens pelos países, e conseguiria manter contato com todas, sem realmente ter um relacionamento.

Meneou a cabeça, retirando tais pensamentos machistas da mente. Desistiu de mexer naquela papelada, enfiaria tudo numa pasta e levaria consigo, nem que para isso tivesse que carregar uma mala a mais.

[...]

Naya entrou no quarto de Yerik, e tarde demais lembrou que, ao contrário dos dias costumeiros daquela mansão, naquele dia em

particular, ele estava em casa. E foi com a sorte que lhe fora dada que o encontrou no quarto, deitado na cama e recostado em uma pilha do que pareciam travesseiros e almofadas, lendo um livro com uma capa colorida. Aquilo era no mínimo incomum, e Naya quase se mordeu de raiva por ter se esquecido de bater. Quando ele percebeu que alguém havia entrado, ela abaixou o rosto, visivelmente desconfortável com a situação.

— Desculpe-me, Yerik. — Chamou-o pelo primeiro nome, como ele havia lhe pedido. — Volto mais tarde.

Ela estava recuando quando ele se remexeu na cama.

— Não se preocupe com isso, senhorita Bantar. — Ao contrário dela, ele ainda a chamava pelo nome formal. — Por favor, sinta-se à vontade para fazer seu trabalho.

Pedi gentilmente, vendo-a fechar a porta. Na verdade, Yerik sentiu uma necessidade estranha da presença dela ali. Queria vê-la, não havia posto os olhos novamente em Naya desde que ela saíra da sala de reunião, vestida daquela forma exótica e sorrindo de forma aberta e atrevida. Ao contrário daquela noite, ela agora estava calada, voltara a ser a Naya mais recatada que ele conhecia, mas não menos bela. Ela parou em frente a uma mala aberta, e ele aproveitou aquela chance para tentar trocar algumas palavras.

— Como está vendo, estamos nos aprontando para ir ao lugar que mais odeio — disse, pensando depois que aquela não era uma boa maneira de iniciar uma conversa.

Naya parou de fazer o que estava fazendo e o fitou com atenção.

— Por que odeia tanto os Estados Unidos? — perguntou, visivelmente curiosa. Ele respirou fundo antes de responder, fechando o livro e endireitando a postura na cama.

— Empresários americanos são cheios de si. Ambiciosos em demasia, acham que são donos do mundo, alguns têm certeza — brincou. — Infelizmente alguns também não me querem bem, e seu objetivo de vida é me ver, de certo modo, no chão — confessou. —

Eram inimigos do meu pai quando ele era vivo. Herdei isso também, além da empresa.

Naya ficou um pouco tonta com a quantidade de informação pessoal em uma simples frase. Apenas assentiu, não querendo que ele se abrisse muito. Sabia sua posição, e achava no mínimo estranho ele conversar com ela daquele modo, como se estivesse conversando com Irenia, sua governanta e braço direito, a mulher que o conhecia melhor do que ele mesmo. Naya voltou a pendurar os ternos dele.

— Já arrumou sua mala? — ele perguntou de súbito e ela o fitou, não entendendo de fato a pergunta.

— Como?

— Irenia não a avisou de que você está incluída na equipe? — Yerik voltou a pergunta. — Eu pedi para que ela a avisasse! — disse, passando a culpa da desinformação para a governanta.

— Não... Digo, ainda não consegui conversar com Irenia hoje. Fiquei a semana fora, tenho muito trabalho e... — Ela parou de falar, franzindo o cenho. — Não posso ir, Yerik.

— Por quê? — ele perguntou.

— Não sei. Não posso.

— Você sabe que receberá praticamente o dobro se vier comigo, certo? Não deixarei que trabalhe muito pelo salário que recebe aqui, digo. Uma viagem é mais pesada em termos de organização.

— Não é questão de dinheiro... — Até mesmo Naya não sabia um motivo concreto para não ir àquela viagem. — Eu só não posso.

Ele ficou calado, não entendendo a recusa dela sem realmente lhe dar uma desculpa satisfatória. Naya também não entendia, mas algo lhe dizia que uma viagem era um trabalho mais sério e comprometido do que o que ela realizava ali. Levava aquele trabalho a sério, mas sabia que, ao dar — se desse — aquele passo grande, seria enfiada naquele emprego de forma completa, e

quando desse por si estaria morando naquela mansão igual aos outros empregados, como se não houvesse vida fora daquela casa enorme. Apenas aquele pensamento a fez estremecer, mas foi o rosto consternado de Yerik que chamou sua atenção.

— Preciso de você, Naya. — Naquele momento dissera o nome dela, de forma informal, e soou simples e espontâneo, como se Yerik o tivesse dito a vida inteira. — Não consigo achar nem minhas blusas quando você não está aqui.

Dizer que aquilo soou no mínimo cômico seria eufemismo. Naya não conseguiu segurar a risada, que saiu de forma natural, logo colocou a mão na boca, mas continuou sorrindo, e ele lembrou-se, agora vivamente, daquele sorriso no dia da reunião. O sorriso dela era lindo. Sentiu um arrepio estranho percorrer seu corpo, e logo desviou os olhos para os dela, ignorando veemente aqueles lábios sedutores.

De alguma maneira, percebeu que sentira falta dela naquela casa, andando de um lado para o outro, enfiando coisas em gavetas e roupas em portas, organizando a vida dele, deixando-a mais confortável.

— Farei a minha mala, então — ela disse. Pensara rapidamente no assunto, e algo lhe dizia que aquela viagem mudaria de alguma forma sua vida. Ou ela entraria de cabeça naquele assunto de ser organizadora e futuramente secretária, ou sairia daquela vida correndo. A viagem lhe diria o que fazer.

— Excelente! — Ele abriu um sorriso genuíno. — Providenciarei para que alguém te leve em casa para você arrumar suas malas.

Naya assentiu, retribuindo o sorriso.

[...]

No final do dia, a mansão se encontrava mais calma. Com quase todos os preparativos arrumados, os empregados tinham ido descansar na pequena casa que era anexada à mansão, onde os quartos ficavam. Alguns haviam ficado por ali, na cozinha. Naya era

uma delas. Bebericava chá e forrava o estômago com torradas finas. O céu estava em sua cor habitual alaranjada, indicando que o crepúsculo se aproximava e cobrindo a cozinha e os outros cômodos com uma sensação cálida. Naya ouvia a conversa trivial de algumas mulheres que estavam ali, quando escutou alguém entrar na cozinha.

Achava que poderia ser Irenia, que normalmente passava por ali para lanchar com todos ou verificar se tudo estava em ordem, mas se surpreendeu quando se deparou com Yerik. Algumas mulheres olharam para ele, outras pararam de conversar, mas continuaram comendo e bebericando chá. Naya permaneceu calada, apenas observando tudo. Levou sua segunda surpresa quando ele caminhou diretamente em sua direção.

— Já arrumou as malas? — perguntou, visivelmente afoito.

Naya negou com a cabeça. Como poderia ter arrumado se estivera na mansão o dia inteiro? Yerik olhou em volta, xingando algo de forma baixa e até mesmo discreta. As empregadas reprimiram um riso. Naya não entendeu.

— Pedi a Abel para levar as malas já feitas para o jato... — avisou. — Devemos sair daqui a dois dias no máximo, se tudo der certo e não ocorrer imprevistos. — Ao ver que ela estava prestando atenção, mas ainda assim apreciava seu lanche, acrescentou. — Eu a levo até sua casa.

Naya quase cuspiu o chá. Katiya olhou-a de canto de olho, um sorriso mal disfarçado nascendo em seus lábios grossos. Algumas empregadas que estavam ali também pareciam surpresas, e aquilo fez com que Naya ficasse ainda mais envergonhada com o convite.

— Eu... Ora, não precisa. Farei as malas assim que chegar em casa. Já estou de saída, Irenia me liberou mais cedo e...

— Não seja boba — ele retrucou. — Quero sair de Moscou o mais rápido possível. Quanto mais cedo chegarmos aos Estados Unidos, mais cedo iremos embora daquele inferno. — Deu meia

volta, saindo da cozinha. — Espero você no carro dentro de dez minutos.

— Mas... — Naya ia retrucar, mas ele já tinha saído.

Olhou para Katiya e as outras, que deram de ombros, como se estivessem aliviadas em não fazerem parte da trama. Ir aos Estados Unidos parecia ser estressante para Yerik, e todas ali sabiam daquilo, pois trabalhavam na casa há mais tempo que ela. Além do mais, nenhuma queria estar na pele de Naya. Entrar em um carro luxuoso com o chefe não era muito agradável aos olhos delas.

Para Naya também não.

[...]

O carro já estava com o motor ligado. Ela entrou rapidamente e sentou-se ao lado dele. Yerik estava batucando algo no volante, como se estivesse acompanhando uma música que passava apenas em sua mente, mas quando viu que não estava mais sozinho, parou, olhando-a de forma calma e sorrindo.

— Me desculpe por aquilo... — pediu de forma sincera. — Sou ansioso quando se trata de viagens.

Você é ansioso com tudo, Naya pensou, mas nada disse, apenas assentiu. Ele virou o volante, e logo saíram do jardim da mansão e estavam nas ruas. Naya permanecia quieta, o carro luxuoso dele era silencioso demais, e isso deixava tudo mais difícil, ela conseguia escutar até mesmo quando ele respirava mais profundamente, soltando o ar sem pressa e fazendo uma careta com o trânsito de Moscou. O cheiro dele estava impregnado no interior do carro, e Naya esforçou-se para ela mesma não respirar profundamente e aspirar aquele aroma que tanto a fascinava desde o primeiro dia em que o sentira.

— Onde mora? — ele perguntou.

— Em Birulyovo — respondeu, esperando uma reação.

Yerik apenas assentiu, mas nada disse sobre o bairro. Birulyovo era um bairro praticamente de moradores imigrantes e,

muitas vezes, alvo de ofensas de moscovitas preconceituosos. As notícias sobre ataques a imigrantes pulavam em jornais e meios de comunicação e alcançavam o mundo inteiro. O governo russo estava tendo dificuldade com a integração de estrangeiros e russos de nascença.

Para Yerik, aquilo não era um problema, os imigrantes representavam boa parte da mão de obra de Moscou, mas alguns tinham um pensamento tolo que tais estavam roubando empregos de moscovitas. Achava aquilo absurdo. Naya morava em um lugar violento, mas o que o preocupou de fato não foi a possível violência verbal, sabia que a garota era firme em seus objetivos e ideias, mas a violência física era realmente um ponto a ter cuidado.

Ela o guiou até um prédio grande que continha inúmeros apartamentos. Ele parou o carro em frente a uma das várias portarias e o desligou. Aquele automóvel praticamente gritava que ele não pertencia ao mundo dela, e contrastava drasticamente com os carros simples e de lataria descascada que havia ali. Algumas crianças corajosas e que não sentiam de fato a friagem da noite se aproximando olharam com curiosidade. Naya saiu do carro e sorriu para elas.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou. — Vão ficar gripados!

— Já estamos, Na — uma garota de cabelos claros e olhos castanhos respondeu, fungando. — Acho que Levucha está de cama... — Ao ver o belo homem que estava ao lado de Naya, a criança pareceu assustadoramente tímida. Colocou o pequeno dedo na boca e permaneceu calada. Naya percebeu o motivo.

— Vá para casa, Liôlia, querida — pediu gentilmente. — Sua mãe deve estar preocupada. Não quer ficar igual Levucha, não é?

A menina assentiu e largou os gravetos, entrando em uma das portarias. As outras crianças logo se dispersaram. Yerik conteve a vontade de perguntar como Naya conseguia exercer autoridade em um bando de criança inquietas que só queriam brincar.

— Por aqui.

Eles entraram em uma das portarias e Naya fechou a grande porta de vidro, cortando de forma abrupta o vento. Yerik correu os olhos pelo local. O prédio tinha vários andares, algumas paredes descascadas, mas o interior era quente e felizmente Naya morava no segundo andar, então eles tiveram poucos degraus para subir. Ela abriu a porta e entrou, esperando-o fazer o mesmo.

No momento em que a fechou, ele sentiu que estava entrando em outro mundo. Ao contrário da paisagem seca e sem graça que o prédio tinha, ali era permeado de cores. Um apartamento simples e meticulosamente arrumado. As almofadas coloridas estavam enfileiras no sofá e as cortinas abertas deixavam a já pouca claridade entrar. Yerik observou tudo com atenção. Aquilo parecia um pedaço diferente de Moscou, onde o frio e o branco predominavam. Por Deus, até o cheiro daquele lugar era diferente e... Bom. Ele aspirou de forma discreta, sentindo um cheiro que parecia um misto de perfume feminino e incenso. Adorou-o.

Naya fitava Yerik com atenção, sentindo-se um pouco envergonhada. Ele destoava de tudo aquilo. Vestia uma calça escura e uma blusa de malha também escura. Ele retirou o paletó pesado do corpo e colocou-o pendurado no braço. Observava tudo com atenção. Naya pigarreou, e quando ele finalmente a fitou, ela sorriu.

— Você aceita chá? — perguntou.

Yerik apenas sorriu.

— Não, obrigado — disse. — Vou esperar você fazer as malas. Leve o tempo que precisar. — Caminhou para uma prateleira. — Há muito aqui para ver e me entreter mais do que um chá — falou, observando as estátuas que continham ali. — O que são?

Naya se aproximou, observando o fascínio que ele se encontrava. Explicou o que cada estátua representava, ou melhor, o deus ou a deusa que ela representava. Precisou falar um pouco da

religião da Índia para que Yerik entendesse tudo o que estava dizendo sobre aquelas peças.

— Você segue a religião do seu país? — ele perguntou, curioso.

— Não... — Naya deu de ombros. — As mantenho mais pelos meus pais, que eram religiosos. Claro que não dá para abandonar a crença completamente... Mas eu tenho minha própria fé... Infelizmente um pouco dela se foi quando os perdi.

— Sinto muito — Yerik disse, consternado.

Ela deu de ombros, um pouco pensativa. Quando percebeu como estavam próximos, ela respirou fundo, olhando para o lado.

— Preciso arrumar as malas. Fique à vontade!

Ele assentiu e ela deixou-o só. Yerik ainda se demorou um pouco nas estátuas, fascinado com aquelas criaturas peculiares. Nunca havia ido à Índia, e agora se perguntava a todo o momento o motivo. Parecia ser um país rico em cultura, e ele apreciava aquele tipo de lugar. Daria um jeito de ir quando pudesse. Poderia levar Naya consigo? Ela daria uma boa guia, afinal, nascera no lugar e conhecia toda a cultura. E seria uma boa companhia...

Vários minutos depois, ela voltou, retirando-o de seus pensamentos. Carregava consigo uma mala surpreendentemente pequena.

— Por Deus, Naya. — Ele a chamou novamente pelo primeiro nome, ignorando formalidades, e não parecia perceber isso. — Que mala minúscula! — Ela fez uma pequena careta. — Está levando roupas de frio dentro dessa pochete?

— Ora, Yerik, o suficiente para passar a temporada — ela respondeu. — Moro na Rússia, se não tivesse roupas de frio, congelaria, certo?

Ele fez uma pequena careta, como se não acreditasse que uma mulher conseguiria viajar para outro continente apenas com

aquela mala. Pegou-a da mão da garota e arfou com o peso, fazendo Naya sorrir como se tivesse sido vingada.

— Está levando sua roupa de dançarina? — ele perguntou.

— Não, por quê?

— Bom... Os brasileiros e argentinos adoraram sua apresentação. — Yerik confessou, um pouco envergonhado de estar tocando naquele assunto pela primeira vez. — Seria legal os americanos também conhecerem sua dança... Talvez isso os deixe menos azedos.

Naya quase gargalhou. Um russo falando do azedume de um americano.

— Yerik! Está me usando para deixar empresários mansos e fechar negócios, ahn? — ela brincou.

A resposta que veio a pegou completamente desprevenida.

— Talvez. — Ele sorriu. — Qualquer homem perderia os sentidos depois de vê-la dançar.

Naya era o tipo de mulher segura de si que não ficava envergonhada por pouca coisa, e sempre conseguia lidar com cantadas e indiretas masculinas de todos os tipos de homens. Mas para aquilo, ela não estava preparada. Abaixou o rosto, sentindo-o arder e ficando extremamente envergonhada com isso.

— Bom, não precisa levá-la — Yerik disse por fim. — Compraremos uma em Nova Iorque.

Isso fez com que ela levantasse o rosto. O rubor havia passado, ele percebeu, e os olhos dela pareciam conter um brilho sonhador. Mas logo ela negou com a cabeça.

— Não posso arcar com uma roupa profissional comprada em Nova Iorque, Yerik — disse, mesmo que a sua tivesse sido confeccionada na Índia, e tecnicamente mais cara por causa disso, fora um presente de sua mãe, quando viva.

Ele respirou fundo, olhando-a com intensidade.

— Não precisa se preocupar com isso, Naya. — Ele agora parecia mais próximo. Como se fosse algo simples, estendeu o braço e correu dois dedos nos braços desnudos dela. O toque a pegou de surpresa, pela segunda vez em pouco tempo, ele nunca a tocara, de forma alguma. A pele de Naya se arrepiou com o contato, e Yerik se regozijou em sentir a tez sedosa que tanto o tentara naquela memorável noite da reunião. — É um presente.

Com isso, deu meia volta e saiu do apartamento levando a mala consigo e obrigando-a a segui-lo, como se nada tivesse acontecido.

Nove

Apenas alguns dias depois, já haviam partido. Os olhos de Naya estavam focados na janela do jato particular, observava tudo com atenção, mesmo que o tudo fosse apenas a imensidão azul do céu, sendo salpicado por algumas nuvens. Sentia também o avião estremecer quando passava por várias delas, turbulência sempre era desagradável, mas Naya já havia visto piores.

Não que tivesse o costume de andar de avião. Na verdade, era sua terceira vez dentro de um, e permanecia em uma poltrona no canto esquerdo, um pouco encolhida pelo frio intenso devido ao ar condicionado, e porque estava realmente se sentindo um peixe fora d'água naquela situação.

Pelo tanto de malas que Naya vira Abel levar até onde o jato estava, achou que uma equipe enorme estaria acompanhando Yerik na viagem. Mas além dela, Irenia e Yerik, apenas uma pequena equipe de cerca de seis pessoas estava ali. Naya não se sentia à vontade com aquelas pessoas, não porque não as conhecia, mas porque conseguia até mesmo sentir os olhares perfurando sua nuca quando passara pelo corredor do avião a fim de colocar sua pequena bolsa de mão e escolher um local com mais privacidade para passar a viagem.

Irenia apresentou-a, sempre muito bem educada. Alguns apenas menearam a cabeça, outros sorriram de forma discreta, mas Naya conseguiu captar certos olhares até mesmo irônicos ou hostis. Ela sabia o motivo: não era russa. Sabia que muitos russos possuíam preconceito étnico, e mesmo que não tivesse esbarrado com isso em seu emprego e durante a estadia na mansão de Yerik, tinha ciência de que nem todos os moscovitas eram iguais, e muitos achavam sua presença no mínimo inoportuna e ofensiva.

Deixou aquele assunto de lado, sabendo que se pensasse muito começaria aquela viagem com o pé esquerdo e estressada por algo que ela não conseguia controlar. Aprendera a ignorar aquele tipo de preconceito atrasado e estava decidida a usar aquele aprendizado durante a viagem.

Irenia estava dormindo na poltrona ao lado. Usava aquelas máscaras cômicas que tampavam os olhos e barravam a luz, e parecia exausta, finalmente descansava depois de longos dias planejando aquela viagem e cuidando de tudo o que Yerik pedia a ela. Irenia era um anjo, Naya pensou, se focasse os olhos com mais intensidade na mulher, poderia ver uma auréola circular seus cabelos grisalhos.

Sorriu, voltando a atenção para a janela. Não havia muito o que fazer durante as longas horas que ficariam dentro daquele avião. Enquanto a equipe de Yerik preenchia o local com o barulho irritante de teclas de notebooks sendo pressionadas, alguns conversando baixo sobre as reuniões que enfrentariam ao chegar. Uma aeromoça passou pelo corredor, olhando todos e perguntando se desejavam algo. Como dispensaram seus serviços, ela andou até Naya, o que parecia ser seu real objetivo, e parou em frente à poltrona onde a garota estava sentada. Naya a fitou.

— Senhorita Bantar? — a aeromoça chamou. — Yerik Petrovich solicita sua presença na cabine particular.

Naya assentiu, levantando-se da sua poltrona e seguindo a aeromoça. Passou pela equipe de Yerik, alguns olharam com certa curiosidade, outros continuaram com seus narizes enfiados no

trabalho. A mulher parou em frente a uma porta e a abriu, gesticulando para que Naya entrasse. Ao escutar a porta fechando atrás de si, Naya percebeu que ali era a área particular do avião, e Yerik a estava esperando, completamente afastado de sua equipe, como se estivesse evitando todos. Ela não conseguiu entender o motivo daquela atitude, seus olhos correram pelo local, surpreendeu-se com tudo.

Aproximou-se dele, que estava sentado em uma mesa redonda e parecia ler com atenção alguns papéis, mas aquela fachada fora facilmente derrubada quando Naya parou em frente à mesa, logo os olhos dele esqueceram-se dos papéis e pousaram com atenção na garota.

— Por que sua equipe não está aqui? — ela perguntou, não conseguindo esconder a curiosidade.

— Gosto de tirar a viagem para descansar... — ele respondeu. — Aqueles ali... — Apontou para a porta, como se a equipe estivesse atrás dela tentando escutar tudo. — Só pensam em trabalho. Às vezes enlouqueço e tudo o que mais quero é relaxar antes de pousar em Nova Iorque.

— Sinto sua tensão daqui. — Ela apontou.

Yerik sorriu e gesticulou para que ela se sentasse e a garota escolheu uma poltrona, sentando-se em frente a ele. Ao ver que ela havia se acomodado, passou uma agenda de couro para ela, observando-a ler todo o conteúdo. Quando percebeu a testa dela franzir levemente, esclareceu.

— Essa agenda é uma cópia da que Irenia tem — ele explicou. — Quero que você a use para me guiar durante nossa passagem a Nova Iorque. — Ela parecia amedrontada. — Tudo está anotado minuciosamente, mas há espaço para anotações pessoais suas, se desejar.

— Não acha melhor deixar essa tarefa para Irenia? — Naya perguntou. — Sou apenas sua organizadora.

Yerik sorriu sem conseguir se conter e ela apreciou aquele sorriso. Ele sorria pouco. O russo apenas meneou as mãos e olhou-a com atenção.

— Naya, Irenia a contratou para isso, não foi? — Naya percebeu que ele a chamava pelo primeiro nome novamente. — Ela deve ter dito sobre a possibilidade de você virar uma secretária particular a longo prazo, certo? — Ao ver que ela assentira, acrescentou. — Pegue a agenda, e veja essa viagem como um teste, que tal?

Ela pensou por apenas alguns segundos antes de assentir. Que mal faria?

[...]

Ao pousar finalmente no aeroporto internacional John F. Kennedy, Naya percebeu que a equipe de Yerik já estava acostumada àquele tipo de viagem. Antes de ela enfiar seu livro na bolsa, os notebooks e toda a papelada que haviam espalhado pela mesa estavam em seus devidos lugares, e as pastas, fechadas. Alguns já se levantavam para pegar bolsas menores nos bagageiros superiores às poltronas quando o piloto anunciou o local de pouso e o horário de Nova Iorque no momento, fazendo com que Naya se sobressaltasse com o fuso-horário.

Achou que chegariam à noite, mas ali ainda era tarde, era como se tivesse voltado no tempo. E pior, sentia-se cansada, sabia que seu corpo estava programado para entrar no quarto e cair em uma cama confortável para enfim apagar em relação ao resto do mundo. Mas não, Nova Iorque estava agitada como toda cidade grande estaria depois do horário de almoço, onde vários empresários como Yerik corriam pelos aeroportos para pegar seus voos diversos, e os turistas olhavam pequenas lojas, alguns fascinados com a quantidade absurda de informações que cada local tinha.

Ela seguiu Irenia e entrou em um dos dois carros que os esperavam no aeroporto. Irenia e Naya ocupavam um ao lado de mais duas mulheres, enquanto o restante da equipe entrou no outro.

Yerik não estava em nenhum dos dois, o que a fez se perguntar se ele havia dormido no avião e perdido a hora do pouso, o que era praticamente absurdo. Yerik dormia pouco, e atrasos não eram de seu feitio.

Não se sentiu à vontade para perguntar sobre isso a Irenia, pois não conhecia direito as duas mulheres que estavam com elas, e por mais que elas sorrissem para Naya, a garota conseguia distinguir certa curiosidade maldosa por trás dos olhos claros. Por que uma estrangeira trabalhava tão próxima de Yerik Petrovich? Melhor, o que uma estrangeira estava fazendo em um cargo tão estimado aos olhos de todos que trabalhavam para aquele homem?

Ela abaixou a cabeça e assim ficou, até perceber o carro estacionar em frente a um hotel que parecia de luxo. Todos saltaram e entraram no hotel. Naya contemplou o saguão de entrada. O chão era de mármore, e as poltronas que ficavam ali tinham um tom neutro, o que deixava o ambiente claro e fazia com que os arranjos perfeitos de plantas saltassem aos olhos de modo elegante e até mesmo discreto. Ela percebeu um homem da equipe cumprimentar o que parecia o responsável por aquele prédio. Ele desejou uma ótima tarde a todos e gesticulou para que eles se aproximassem da recepção para pegar os cartões-chaves.

— Quartos para todos deve ter custado uma fortuna... — Naya sibilou para si mesma, mas Irenia, com sua audição de mulher atenta, escutou.

— Yerik possui um terço do hotel. De qualquer maneira, não vem muito aqui para que os outros sócios reclamem dos diversos quartos reservados. Não é corriqueiro...

É claro, Yerik trabalhava com isso. Devia ser dono de muitos hotéis pelo mundo.

— Qual será meu quarto? — ela perguntou.

— Não seja boba. Os quartos aqui são reservados para a equipe, nós duas ficaremos com Yerik em um apartamento particular que ele mantém aqui por perto — ela esclareceu. — Só estou

acompanhando para me certificar de que tudo deu certo e pegar um relatório que um dos sócios deixou na recepção.

Naya assentiu, ficando para trás quando Irenia se aproximou da bancada e disse algo em um inglês fluente, mas com forte sotaque russo. A equipe já estava a postos em frente ao elevador, e Naya conseguiu observar os olhares direcionados a ela. Não conseguia realmente escutar o que estavam dizendo, mas captou com facilidade as palavras *estrangeira* e *não-russa* entre a conversa. Decidiu por ignorar isso e dessa vez não abaixou a cabeça, esperando Irenia pegar uma pasta parda que parecia ter um conteúdo enorme e pesado, ignorando completamente a equipe de Yerik. As portas do elevador se fecharam, e eles sumiram, fazendo-a ficar mais leve.

Logo Irenia se aproximou de Naya e gesticulou para que saíssem do hotel.

Entraram no mesmo carro que haviam saído. O motorista fechou a porta, e Naya sentiu-se mais à vontade com apenas Irenia como companhia. Observou atentamente a cidade através do vidro escuro do carro de luxo. Tudo ali cheirava a capitalismo, Nova Iorque tinha tudo o que uma cidade cosmopolita deveria ter para estar no topo dos desvios turísticos obrigatórios para pessoas que queriam fazer compras — lojas das mais diversas marcas conhecidas, boutiques de moda feminina e alta costura, carros elegantes transportando seus clientes ricos, mulheres andando como se estivessem em um desfile. Contrastando com isso, mesmo que ínfimo, provavelmente por causa do bairro onde estavam, Naya conseguia observar pessoas mais simples, sempre correndo contra o tempo, provavelmente fazendo suas obrigações ou tentando alcançar o próximo metrô e se espremer entre várias pessoas a fim de chegar no trabalho no horário certo.

Naya gostava daquela dinâmica, mas achava que as pessoas que conviviam com aquilo diariamente seriam mais estressadas do que o normal. Contudo, mesmo que mais calmo, seu trabalho na mansão não se diferenciava em matéria de pressa e agilidade. Ela

sabia que teria que sugar um pouco daquela dinâmica para conseguir dar conta da agenda abarrotada de Yerik.

O carro parou e ambas saltaram. O motorista manobrou e saiu de frente do prédio, indo embora para um lugar que Naya nunca descobrira. Ela respirou fundo e olhou para frente, quase se engasgando ao ver onde estava.

A torre esguia, toda revestida de aço e vidro, destacava-se entre os prédios do quarteirão mais luxuoso de Manhattan. Tanto por imponência quanto por altura. Irenia observou Naya levantar o rosto para tentar alcançar o topo do prédio com os olhos, algo impossível.

— Possui noventa e seis andares — ela disse e Naya virou-se para ela, espantada. — Espero que não tenha medo de altura. — Sorriu de forma cômica, mas a garota nada disse.

Não estava acostumada com alturas, mas achava que sobreviveria àquilo. O 432 Park Avenue parecia sólido demais com seu revestimento impecável. Ela seguiu Irenia, que estava à vontade ali, provavelmente já estivera naquele local antes, mesmo que Yerik evitasse os Estados Unidos a todo custo.

Dirigiu-se à recepção e logo uma mulher loira sorriu para as duas, dizendo que as malas das moradoras já estavam no apartamento. Naya achou aquilo cômico, por mais que Yerik fosse o dono do apartamento, aquilo parecia um hotel. Provavelmente ele deveria deixar o imóvel sob os cuidados de uma pessoa de confiança.

Elas entraram no elevador, e Irenia apertou o botão de número quarenta e cinco, fazendo Naya arregalar os olhos.

— Os apartamentos residenciais começam a partir do trigésimo andar — explicou. — Espero que a gente não mofe no elevador. — Brincou.

Não mofaram, pelo contrário, chegaram surpreendentemente rápido. Irenia abriu a porta, e por mais que Naya estivesse

acostumada com o alto poder aquisitivo do seu então chefe, apreciou em demasia aquele apartamento.

O piso era carvalho maciço, o pé direito era o mais alto que Naya já vira, chegando a quase quatro metros. A decoração deveria ter sido obra de Irenia em conjunto com alguma designer de interiores conhecida. Tudo era impecável e arrumado.

Era evidente que Yerik ainda não havia passado por ali.

— Onde está Yerik? — Naya perguntou, dando falta do homem pela primeira vez desde que saíra do hotel onde sua equipe ficara.

— Foi visitar uma pessoa que sempre visita assim que pousa em Nova Iorque. É a primeira coisa que faz quando vem aos Estados Unidos — Irenia respondeu.

A resposta foi vaga, mas Naya sabia que seria indiscrição perguntar algo mais. Uma pessoa? Na certa muito importante. Seria uma mulher? Mas Yerik tinha uma companheira em Moscou, até onde Naya sabia. Meneou a cabeça para tirar tais perguntas da mente, não podia se distrair com aquilo. Irenia virou-se para ela.

— Bom, eu vim a Nova Iorque para acompanhar Yerik, mas tenho obrigações muito diferentes das dele. No caso, você que ficará com ele o tempo inteiro dessa vez — a governanta explicou. — Não estarei por perto. Você precisa estar sempre atenta à equipe e ao apartamento, sendo uma ponte de comunicação caso ocorra algo. Provavelmente terá que lidar basicamente com as reuniões.

Naya assentiu, um pouco assustada, sabia que era uma responsabilidade grande, mas também tinha aceitado o desafio quando Yerik a chamara no avião. Ela pegou a bolsa de mão e retirou uma agenda de couro, abrindo-a. Irenia olhou-a com curiosidade e certa expectativa.

— Yerik tem uma reunião hoje de noite — Naya comunicou.

— Certo, eu provavelmente não estarei aqui — Irenia disse. — Mas fique tranquila, há empregados durante a manhã no apartamento, e eles devem ter deixado as roupas de Yerik já prontas.

Irenia gesticulou para que Naya a seguisse e apontou para uma porta.

— Aquele é o quarto dele. Lembre-se, você não é organizadora nessa viagem, e sim uma secretária. — Irenia se divertia diante da ideia de Yerik ficar sem babá. — Mas caso ele se perca dentro do apartamento, pode jogar uma corda.

Naya riu, não conseguindo se conter.

— Vou mostrar seu quarto — Irenia disse. — Deve estar exausta.

[...]

Yerik chegou ao apartamento cerca de duas horas depois. O local estava silencioso, e ele achou aquilo incomum, estava acostumado com a dinâmica da mansão, mesmo que ele fosse tecnicamente o único dono da propriedade, havia empregados morando lá de forma definitiva, e isso deixava-a cheia, e não aquele táfelo que estava seu apartamento frio em Nova Iorque.

Bufou, caminhando diretamente para o quarto e entrando no banheiro para tomar um banho. Se não estivesse enganado, tinha uma reunião em duas horas e conhecia o trânsito de Nova Iorque para saber que precisaria sair dali um pouco mais cedo do que o normal.

Ao sair da ducha, vestiu sua roupa íntima e jogou um roupão negro de algodão por cima do corpo. Decidiu por procurar uma alma viva naquele apartamento. E encontrou.

Naya estava na bancada preparando o que parecia um sanduíche natural com os ingredientes que havia achado na geladeira. Yerik se aproximou, fazendo-a perceber que não estava mais só.

— Onde está Irenia? — ele perguntou.

A resposta demorou a vir. Naya pegou-se observando Yerik. Ele não parecia ter noção de que estava praticamente seminu, visto que ele havia fechado o roupão com o cuidado de um babuíno. Ela

conseguia ver perfeitamente o peito largo dele, ainda úmido. Os cabelos estavam encharcados e a barba parecia também molhada. Ela engoliu em seco, dando de ombros para disfarçar a falta de jeito momentâneo.

— Ela disse que precisava resolver algo e saiu. Eu fui até o quarto para descansar... Quando acordei percebi que ela não havia voltado.

Ao contrário do que ela pensara, ele não reclamou, apenas assentiu e saiu afoito da cozinha, caminhando pelo corredor. Naya pensou se seria prudente segui-lo e perguntar se ele precisava de algo, mas depois decidiu que Yerik era adulto o suficiente para pedir ajuda caso precisasse.

E demorou apenas cinco minutos para isso acontecer.

— Naya! — chamou do que parecia ser o quarto, fazendo-a pousar o sanduíche no prato e abandonar o lanche.

Pelo modo como a chamou, algo sério havia acontecido. Talvez algum documento tivesse sumido durante a viagem? Provavelmente a equipe esquecera-se de entregar papéis para ele, ou alguma mala fora esquecida no bagageiro do avião.

Não. Yerik estava parado no meio do quarto, e ao vê-la apontou para um rasgo imenso que havia em sua camisa social, na região da costela. Naya respirou fundo para não o empurrar pela janela. Ele morreria facilmente ao cair do quadragésimo quinto andar, certo?

— Por acaso um tigre estava dentro da minha mala? — ele perguntou.

— É apenas um rasgo — Naya falou de forma tediosa.

— É um rasgo do tamanho do Meridiano de Greenwich.

Naya não conseguiu conter a risada, e Yerik, por mais que estivesse ansioso para mudar de roupa e pegar um táxi para o local onde seria a reunião, apreciou muito aquela garota rindo em seu quarto. Talvez pudesse mantê-la ali entretida por mais algum

tempo? Retirou esse pensamento da mente. Chegaria atrasado por causa disso. *Não só por isso, seu burro*, acrescentou aos seus pensamentos.

— É só pegar outra camisa.

— Eu gosto dessa... é confortável — ele disse.

— Camisas sociais são iguais.

— Claro que não. Essa é mais antiga, o algodão parece conhecer meu corpo. — Ele parecia estar se divertindo com a irritação dela. — Você não tem aquele pijama velhinho que parece que foi feito para você? Então... Eu tenho minhas camisas sociais.

— Yerik...

— Tudo bem — ele respondeu. — Não tem da mesma cor. Não quero mudar o terno inteiro e a gravata.

Naya revirou os olhos e abriu o armário, familiarizada a enfiar o nariz nos armários dele e mexer como se estivesse mexendo em suas próprias coisas. Escolheu uma camisa de cor semelhante e jogou-a para ele, abrindo uma gaveta e escolhendo a gravata que combinaria. Não precisaria mudar o terno.

— Pronto. Vista-se e boa reunião — ela disse, colocando a roupa na cama.

Ele retirou a camisa rasgada, olhando-a entristecido. Naya segurou o riso, ele parecia fitar a camisa como se estivesse contabilizando quanto tempo levaria para que a outra ficasse maleável igual aquela. Logo depois foi até a cama e pegou a camisa, fazendo uma careta. Naya não queria acreditar que ele havia se despido tão facilmente em frente a ela, como se ela fosse uma mãe velha demais para ele se sentir envergonhado. Aquilo podia ser considerado ruim. *Com um corpo daquele, ninguém sentiria vergonha*, pensou Naya. Ele colocou a gravata com a rapidez que apenas um empresário acostumado a isso faria, virando-se para ela, que assentiu para confirmar que ele estava impecável.

Yerik saiu do quarto e olhou-se uma única vez no espelho que havia em cima do aparador elegante, ajeitando minimamente a gravata e pegando uma pasta em cima do balcão que Naya já havia separado.

— Se quiser ir dormir, fique à vontade. Peça para Irenia ir descansar também. Devo demorar nessa reunião — comunicou e saiu.

Naya respirou fundo. Claro que ia dormir. Estava exausta, seu corpo ainda estava no fuso horário de Moscou, o que indicava que já havia passado oito horas do seu horário de sono habitual.

Ao passar em frente à porta do quarto dele, sua atenção foi captada primeiro pelo aroma delicioso do perfume único que ele usava, mas logo seus olhos pousaram no número incontável de camisas que estavam jogadas na poltrona ao lado da porta da suíte.

Provavelmente ele havia demorado mais que o usual para chamá-la em socorro.

[...]

Era quase uma da madrugada quando Yerik entrou sem fazer barulho no apartamento. Sabia que Irenia e Naya já estavam dormindo, ele mesmo estava exausto. Infelizmente, não podia ter faltado àquela reunião, e tal mostrou-se ser bem útil depois que ele conversara diretamente com os investidores. Contudo, toda reunião se esticava para uma saída, e apesar do cansaço, Yerik não recusou um drinque em um dos inúmeros restaurantes que havia em Manhattan.

Colocou a pasta na grande mesa de mogno e andou até o quarto. Antes de entrar, olhou rapidamente pelo corredor, as duas portas estavam fechadas, indicando o sono das mulheres. Sorriu.

Entrou no quarto e retirou sua roupa, indo até o banheiro apenas para escovar os dentes e jogar água no rosto. Queria tomar uma ducha antes de dormir, mas estava tão cansado que desistiu e caiu na cama.

O dia seguinte seria tranquilo, pelo que lembrava, sua agenda estava fechada para um dia de folga antes que começasse a maratona. Ele pretendia ter uma noite excelente e no mínimo nula em quesito devaneios, para que sua mente descansasse o máximo possível.

Infelizmente, para lhe atormentar, uma garota indiana estava em cada canto dos sonhos que tivera.

Dez

Yerik acordou na parte da manhã, como de costume. Mesmo sabendo que naquele dia era sua folga, seu corpo estava habituado demais a despertar cedo. Olhou para o relógio que ficava no móvel ao lado. Dez horas da manhã. Pelo visto seu cansaço vencera o hábito. O fuso horário ajudava nisso também. Espreguiçou-se e, contrariando sua reação automática, permaneceu na cama, sentindo o colchão macio sob si e o cobertor quente sobre seu corpo.

Antes que pudesse perceber, imagens vívidas do sonho que tivera invadiram sua mente, como se tivessem acontecido na noite anterior. O corpo dela parecia uma paisagem cheia de relevos, e a vontade de Yerik era percorrer cada lugar daquele corpo, sentindo a textura das curvas e o cheiro que possuía. Os quadris dela mexiam-se levemente de acordo com a música que um dia tocara, os cabelos longos acompanhando os movimentos. O sorriso... Yerik nunca conseguiria decifrar aquele sorriso. Era sincero, como se ela estivesse fazendo o que mais amava na vida, mas ele conseguira detectar certa malícia naquele sorriso. Naquela noite, ele vira malícia no olhar de Naya. Ou seria apenas algo da sua mente criativa?

Respirou fundo. De repente as palavras de Alexandre vieram à sua mente. *Naya é uma das mulheres mais belas que eu já coloquei os olhos*, Sasha dissera, *você não enxerga isso porque trabalha demais*, completara. Bom, Yerik estava trabalhando demais, como o usual, mas tudo estava diferente. Ao contrário de semanas atrás, cada movimento de Naya chamava a atenção dele, como se ela

estivesse fazendo de propósito, até mesmo o modo como ela abria seu armário e retirava informalmente as roupas faziam-no imaginar se ela seria tão rápida em retirar a roupa do corpo dele. Perguntou-se desde quando se sentia assim, ou qual era a linha que separava a indiferença para com ela da avidez em tocá-la.

Engoliu em seco, tentando tirar aqueles pensamentos da mente. Olhou novamente para o relógio: onze horas. Estava dedicando tempo demais pensando em Naya. Decidiu por levantar-se, sabendo que se continuasse ali ficaria louco.

Saiu do quarto sentindo o ar frio percorrer o corredor do apartamento. O lugar estava silencioso, e ele se perguntou se estava só, mas logo quando entrou na sala, viu Naya parada em frente à janela. Ela segurava uma caneca com um líquido que fumegava e olhava com atenção para a paisagem lá fora: branca e fria. Quando percebeu que não estava mais sozinha, virou-se para a porta e viu Yerik parado fitando-a. Sorriu como um convite para ele se aproximar.

— Bom dia, Yerik. — chamou-o informalmente.

— Por que está olhando com tanta atenção lá fora? — ele perguntou curioso.

— Nada, apenas observando a vista... É bonita. Mas... Nova Iorque de algum modo consegue ser mais cinzenta que Moscou.

Yerik olhou para fora. Mesmo que fosse quase o meio do dia, o sol estava tendo dificuldade em penetrar pela neblina que tomava conta do local. Até mesmos os prédios altos de Manhattan haviam desaparecido. Era um ponto de vista, o dela. Mas ele discordava em alguns aspectos.

— Acho que é questão de costume. Moscou é nosso lar. — Fitou-a como se ela fosse discordar, afinal, nascera na Índia, mas Naya nada disse. — Mas Nova Iorque tem muitos lugares bonitos...

— Sim. — Ela finalmente concordou. — Talvez. — Tomou um gole do chocolate quente e voltou a fitá-lo. — Hoje é seu dia de

folga, deve aproveitar. Nos próximos, sua agenda estará lotada. — Sorriu. — Acho que consegui decorar tudo para não ficar louca.

O sorriso de Yerik foi genuíno.

— Não precisava decorar. A agenda é justamente para isso. — Brincou, andando até a cozinha. Naya o seguiu e sentou-se na bancada, observando-o pegar mantimentos e preparar um café moscovita misturado aos costumes americanos. O resultado foi um tanto quanto estranho, mas ele parecia apreciar. Estava engolindo ovo mexido quando perguntou.

— Você nunca veio a Nova Iorque, certo? — Ela afirmou com a cabeça. — Se quiser, posso te indicar alguns lugares para ir... — Yerik disse, mas depois pareceu pensar melhor. — Você gosta de música, certo?

— Sim, adoro.

— Eu gosto muito de ir à Broadway quando venho aqui. Sempre arranjo um tempo para ver o que está em cartaz. Mas passei lá perto ontem depois da reunião. O Fantasma da Ópera está sendo exibido. Já viu?

— Conheço a história através do filme... Mas nunca vi realmente a peça — Naya disse simplesmente, ingressos para óperas eram caros em Moscou. — Deve ser muito bonito. Você deveria ir... Que tal chamar algum amigo por aqui?

— Não tenho amigos em Nova Iorque — ele respondeu de forma sincera.

— Não? Mas você não visitou um ontem antes de tudo? — Ao perceber o que havia falado, calou-se na mesma hora, sentindo vergonha de si mesma. — Desculpe, isso foi invasivo.

Ao contrário da reação que ela esperava, Yerik sorriu.

— Não tem problema. — Olhou-a com atenção. — Se está tão curiosa sobre ele, posso contar dele para você. — Capturou a atenção dela facilmente. — Com uma condição.

— Qual? — ela perguntou, indicando sua curiosidade genuína. Então era realmente um amigo... E não uma mulher que ele fora visitar, ou ele estava fazendo hora com a cara dela?

— Só conto sobre ele se você aceitar ir comigo na Broadway hoje.

O pedido a pegou completamente desprevenida. Ir à Broadway com Yerik? Ela sabia que estava fazendo o papel de secretária particular naquele momento, e que tal tipo de trabalho exigia muito mais afinidade do que uma simples organizadora. Mas sair para um passeio com ele não seria considerado pessoal demais? A mente de Naya já havia bolado várias desculpas para que ela recusasse o convite sem parecer rude.

— Não posso, Yerik... Preciso trabalhar. — Ao ver que ele levantara a sobrancelha, percebeu que aquela desculpa não era boa como imaginara ser. Afinal, era dia de folga dele, e ela havia dito minutos atrás que tinha praticamente decorado a agenda.

— Não aceito um não como resposta — ele disse, engolindo o resto dos ovos mexidos. — Vou sair para comprar os ingressos. Qualquer coisa chame Irenia, onde ela se meteu?

[...]

Naya se considerava uma mulher vaidosa, principalmente quando a vaidade poderia ser usada sem pormenores. Infelizmente, onde trabalhava, a roupa era sempre séria e não podia usar maquiagem marcante, pois no dia a dia aquilo se tornava até mesmo incômodo. Porém, o que Naya às vezes considerava bonito, era visto como brega em vários locais, e ela sabia que Nova Iorque não seria diferente. Por ter nascido na Índia, fora acostumada a usar cores fortes em suas vestimentas e achava um tanto quanto estranho a ideia de vestir-se de forma monocromática ou em tons pastéis, mas sabia também que tudo isso era questão de cultura, e depois de um tempo passara a apreciar a beleza clássica das cores mais discretas. Contudo, sabia que poderia abusar da junção daquelas duas culturas para criar um termo próprio e se sentir à vontade usando o que gostava sem receber olhares enviesados.

Naquela noite, escolheu uma roupa discreta em uma tonalidade rosa pastel que combinou perfeitamente com seu tom amadeirado de pele, e deixou a cor por conta dos sapatos fechados em um tom vinho escuro, complementando o visual com um batom da mesma cor comprado nas lojas que ocupavam os primeiros andares do prédio. Os cabelos estavam soltos, e ela apenas deixou-os secarem naturalmente para depois passar um pente nos fios e arrumá-los de forma a não parecer uma louca. Sorriu ante aquele pensamento. Yerik fugiria e desistiria daquela loucura caso ela não ficasse apresentável?

Não que não quisesse ir à Broadway. Na verdade, estava fascinada com a ideia. Mas acompanhar seu chefe em uma peça soava estranhamente íntimo para Naya, e ela não sabia se isso poderia ser considerado algo bom, visto que prezava naquele trabalho a linha que marcava o distanciamento profissional do pessoal. Mas ele insistira e, pela agenda que ela carregava com os compromissos escritos, seria o único dia de folga dele naquela cidade. Já na manhã seguinte, ele voltaria ao ritmo intenso de trabalho e ela acompanharia aquele ritmo sem poder pregar os olhos ou desviar sua atenção de tudo.

Respirou fundo e fechou a bolsa, decidindo sair do quarto e esperá-lo na sala, mas ao sair, percebeu que demorara mais que o normal para se arrumar. Yerik estava sentado no sofá confortável, mas logo quando a viu entrar no cômodo, levantou-se e colocou o copo d'água que bebia em um móvel ao lado. Sem apoio, o que fez Irenia, que estava escrevendo em uma escrivania ao longe, espremer a boca até que os lábios formassem uma linha fina. Naya sorriu para a cena, mas Yerik achou que ela estava sorrindo para ele.

Os olhos masculinos correram por todo o corpo da mulher e logo sua mente aprovou por completo tudo o que via. Naya estava linda. O salto deixava as pernas ainda mais torneadas e ela ganhava bons centímetros com eles, os cabelos soltos deviam ser usados daquela forma todos os dias, mesmo que ele soubesse que ela preferia trabalhar com os fios presos.

Irenia, com seus olhos afiados de águia, observou a cena de longe, e percebeu ali certa peculiaridade. Yerik estava se aproximando de Naya de uma forma pessoal, o que era no mínimo inédito. Era um rapaz fechado, que visava primeiramente seu trabalho, e só depois suas relações. Namorava uma mulher quase automaticamente e, mesmo que negasse, Irenia sabia que boa parte daquele namoro era profissional, como se além de trocarem carícias e sentimentos, se é que aquele relacionamento tinha sentimento, trocassem também contatos empresariais. Yerik possuía poucos amigos, Sasha e alguns remanescentes de sua vida quando ainda tinha o pai. Naya conseguira abrir uma brecha ali, invisível para os dois a sua frente, mas completamente exposta para Irenia, que via tudo de fora.

— Provavelmente não me encontrarão aqui quando chegarem.
— Avisou, esperando a reação dos dois, que foi de incompreensão.
— Preciso dormir no hotel onde a equipe está instalada para rever algumas coisas antes do dia começar. — Yerik abria a boca para retrucar, mas ela interviu. — Sei que o apartamento é mais confortável, mas reservei um quarto só para mim e qualquer mudança de planos nas reuniões, basta alguém da equipe pegar o elevador e subir um andar.

Yerik fechou a boca. Sabia que quando Irenia enfiava algo na sua cabeça, não tirava. Se existia alguém decidida, era ela. Não entendeu muito a decisão da governanta, tampouco poderia considerar aquilo exclusivo. Em algumas viagens, quando os compromissos eram diversos e a equipe maior, ela preferia ficar perto das pessoas que trabalhavam para ele a ficar em um apartamento melhor enfiada em uma sala, longe de tudo.

Os dois se despediram de Irenia e quando saíram do apartamento, fechando a porta atrás de si, um sorriso satisfeito e contido percorreu o rosto da mulher mais velha.

[...]

Naya saiu da Broadway encantada com tudo. De alguma forma, aquele tipo de cultura era no mínimo distante dela, mesmo

em Moscou, onde havia diversas casas de músicas e espetáculos. Os integrantes e artistas da Broadway eram conhecidos no mundo inteiro pelo simples motivo de serem os melhores no que faziam, e às vezes viajavam o mundo mostrando alguns números, mas Naya nunca tivera a oportunidade e nem condições financeiras de ir a tais apresentações.

Naquela noite, de alguma forma, realizara um sonho. Não sabia que iria gostar tanto do musical, principalmente porque já lera o livro e vira o filme. Mas ver Christine Daaé e Erik sendo representados por atores tão bons, e com vozes tão belas, fora uma experiência incrível. Ela não conseguia tirar o sorriso do rosto, e Yerik estava cada vez mais encantado ao ver aquele sorriso ali, sendo exposto de forma tão prazerosa e sincera. Naya ficava ainda mais bela quando era espontânea e alegre.

— Não sei como agradecer o convite. — Ela começou, apertando o casaco junto ao corpo. — O musical superou minhas expectativas... Para mim ficou visível o motivo do espetáculo durar tanto em cartaz...

— Não precisa agradecer. — Eles andavam calmamente e sem rumo certo pela rua, Naya olhando tudo com atenção, e ele observando aquele fascínio dela ao descobrir algo novo. — Sempre quando viajo a Nova Iorque tento assistir algum musical por aqui. — Ela sorriu para ele. — Está com fome? Quer jantar?

A pergunta saiu de forma automática dos lábios dele e Yerik temeu que Naya interpretasse erroneamente o convite dele. Aquela garota era arisca, de alguma forma, sempre quando ele se aproximava dela, Naya parecia pular de suas mãos, como um peixe. Era desconfiada também, e isso complicava muito tudo. Quando ele a chamara para ver o musical na Broadway, ela dera inúmeras desculpas até aceitar.

— Não posso... — ela disse. — Amanhã teremos que acordar cedo para a reunião, certo? Será no começo do dia...

Mesmo que estivesse pensando justamente nas escapadas de Naya, Yerik precisou concordar com ela. Havia uma reunião

marcada para o dia seguinte e ele ainda teria que planejar algumas coisas e separar documentos para isso. O musical terminara às nove, e se passassem em algum restaurante para comer, dificilmente chegariam antes das onze em casa. Ele assentiu, gesticulando para que um táxi parasse na rua.

Chegaram no apartamento em menos de dez minutos, visto que o prédio ficava próximo ao Teatro da Broadway. Naya desceu do carro e caminhou para o hall de entrada enquanto ele pagava o táxi. Ao entrarem no elevador, Yerik suspirou e enfiou as mãos na calça social escura.

— Deus, estou faminto — confessou. — Espero que tenham deixado o jantar separado.

Mas não deixaram. O que Irenia deixou no caso foi um bilhete dizendo que estaria no hotel, o número do quarto e telefone direto. No caso, a governanta logicamente pensara que eles iriam comer fora, e não mandara os empregados prepararem nada. Yerik sabia como a mulher pensava, e concordou com ela. Deviam ter comido em um restaurante próximo.

— Teremos que pedir algo. O que você gosta de comer? Comida italiana, talvez? Eu poderia comer uma lasanha para três pessoas e...

— Não seja bobo, posso preparar algo. Está com vontade de comer massa? — ela perguntou, divertida com a fome desbravada dele. Ao vê-lo assentir, emendou. — *Penne* ao molho branco... Será? — Caminhou para a despensa e ficou satisfeita ao ver que possuía os ingredientes. — Você come?

— Com a fome que estou, como até borracha.

— Acho que não vai precisar chegar a esse ponto.

Ela começou a preparar o macarrão e enquanto tudo estava cozinhando, retirou os saltos e ficou descalça na cozinha, deixando-os de lado ali mesmo. Yerik observou quantos centímetros ela perdia. Naya ficava baixa ao seu lado sem saltos, e isso era no mínimo encantador.

Ele ia a todo o momento no fogão para ver se estava pronto, e Naya precisou enxotá-lo algumas vezes, reclamando da impaciência dele.

— Quando esse macarrão ficar pronto, se não comer no mínimo dois pratos cheios, vou odiá-lo — ela disse de forma séria.

[...]

Yerik não a desapontou. Na verdade, Naya ficou surpresa com a quantidade de comida que aquele homem enfiou dentro de si sem passar mal. Ela achou que a qualquer momento ele poderia estourar, mas ele apenas terminou a taça de vinho enquanto cruzava os talheres e sorria ao limpar a boca no guardanapo.

— Acho que estou satisfeito — ele disse.

— Acha? — Naya perguntou, brincando.

— Sim, a comida estava ótima, Naya, obrigado — Yerik respondeu. — Mas a companhia é melhor. — Ao ver a expressão tímida no rosto dela, completou. — Normalmente faço minhas refeições sozinho, quase não tenho companhia. E isso se aplica também a quando venho para Nova Iorque... Não tenho amigos aqui, muito menos boas lembranças.

Fez uma pequena careta e desviou os olhos, mas quando direcionou novamente sua atenção a ela, percebeu que Naya esperava algo, e lembrou-se de uma conversa que tivera com ela.

— Ainda quer saber a história da pessoa que visitei?

Era tudo o que Naya esperava naquele momento. Por ser uma garota curiosa, sentiu-se no mínimo inquieta quando viu que Yerik não acompanhara a equipe no hotel, muito menos ela e Irenia ao apartamento, aparecendo depois. E agora ele finalmente contaria quem tinha ido ver.

Como ele havia falado para Naya mais cedo naquele dia, a pessoa em questão era um homem, e para a surpresa dela, poderia ser considerado um amigo. Não o tipo de amigo que se faz em uma faculdade ou em alguma saída com pessoas conhecidas em

comum, mas um amigo da família de longa data. A pessoa era um amigo do pai de Yerik, e era visitado sempre quando o empresário voava para Nova Iorque. A história em si não era feliz e encantadora, mas simples e de alguma forma triste. O tal amigo agora vivia em um bairro mais modesto do que o que vivera a vida inteira, pelo simples fato de ter levado um golpe, vindo de pessoas que ele nunca imaginara que teriam essa capacidade: seus sócios. Yerik provavelmente resumira bastante a história, não querendo dar tantos detalhes para preservar a privacidade do amigo ou até mesmo a sua própria, porque pelo que Naya percebeu, os sócios eram conhecidos também, e Yerik os odiava.

— Uma pessoa trabalha a vida inteira para ser roubada por outras que ela considerou amigas. — Ele fez uma pequena careta. — É no mínimo revoltante. Me dá até mesmo nojo. Felizmente meu pai, na época, teve a decência de cortar relações com o grupo, visto que faliram seu melhor amigo de forma desonesta.

— A história é realmente triste... — Naya disse. — Mas você não pode deixar que isso o corra, Yerik. — Ao ver que ele não entendera a observação dela, tentou explicar. — Nova Iorque é uma cidade linda, mas você a odeia, e não gosta de americanos. Você não pode odiar cada pedaço dessa cidade por causa dos outros... Há pessoas ruins no mundo inteiro. Acredite em mim.

Acredite em mim, ela disse. Yerik pensou na forma sincera como ela falou aquilo, e ficou tentado a perguntar de onde viera a convicção que Naya possuía ao dizer uma sentença tão séria, mas resolveu não dizer nada. A noite estava agradável e ele não queria enchê-la com perguntas perturbadoras. Uma história triste e revoltante já estava de bom tamanho.

— Gostaria de sair depois da reunião para escolher sua roupa de dança? — ele perguntou.

Naya foi pega desprevenida novamente. Era incrível como ele conseguia fazer aquilo tantas vezes em um espaço tão curto de tempo.

— Achei que estava brincando quando me prometeu uma roupa nova.

— Não sou homem de brincar com isso — ele disse. — Vamos descansar por hoje e amanhã podemos sair para que você escolha. Que tal um jantar depois?

Ele fez o convite novamente. Jantar com Naya de repente pareceu algo agradável que ele precisava de qualquer forma fazer naquela cidade. Para sua surpresa, ela aceitou. Combinaram o dia seguinte, e cada um foi para seu respectivo quarto logo depois, Naya desabando na cama e sonhando com o espetáculo que vira na Broadway, Yerik deitando-se na sua e ainda permanecendo acordado, com a imagem da indiana rodopiando em sua mente.

Onze

Seus olhos se abriram vagarosamente, como se a mente não quisesse se desprender da visão que outrora estava tendo. Parecia tão real... Como se a qualquer momento ele pudesse esticar as mãos e sentir facilmente a pele amadeirada da mulher por debaixo da sua palma, bem como os contornos generosos que ela possuía e que emolduravam aquele belo corpo coberto com roupas coloridas, mexendo-se conforme a música tocava. Mas depois de alguns segundos entre o limbo da inconsciência e o da vida real, percebeu, com certa amargura e vergonha, que não conseguiria realmente tocar aquele corpo, e que a sensação de a ter em seus braços não passava de um sonho. Um delicioso sonho.

Yerik bufou, sentindo-se um adolescente em uma crise de hormônios, aquela sensação apenas piorou quando, ao retirar o pesado cobertor de cima do corpo, percebeu um volume anormal em sua calça de pijama, e como estava excitado devido ao sonho

que tivera durante a noite. Solto um palavrão discretamente e decidiu que um banho frio seria o ideal no momento.

Infelizmente, sua decisão se mostrara tola no instante em que a água encontrou seu corpo, e a ideia brilhante de banhar-se com água gelada em uma manhã de inverno em Nova Iorque se tornou a mais idiota que tivera no ano. *Excelente, seu imbecil*, ele pensou, antes de começar a se ensaboar e passar o *shampoo* nos cabelos densos e na barba crescida. A sua excitação finalmente recuou como um animal acuado por um susto, porém, as imagens da mulher ainda permeavam sua mente, insistindo que ele voltasse a dedicar boa parte de seus pensamentos, muitos deles maliciosos, a ela. Bastava fechar os olhos para que o corpo de Naya dançando com aquela roupa levemente transparente invadisse sua mente. O que era aquilo, bruxaria?

Demorou-se um pouco mais do que o usual no banho, decidindo se seria prudente aliviar aquela tensão sexual tocando-se, mas a ideia seria a segunda idiota do dia. Não era homem de fazer isso, normalmente descontava aquela tensão com Natasha, mas há anos não tinha isso, e aquilo fazia com que se sentisse fora do controle da situação, algo que não estava acostumado, pelo contrário, de alguma forma, isso o irritava muito.

Controlando-se, saiu do chuveiro e caminhou rumo ao quarto, escolhendo a roupa que usaria pelo dia. Aquela manhã seria cheia e o resto do dia seguiria o mesmo fluxo, sempre com reuniões, encontros com a equipe e relatórios para escrever antes de dormir. Já sentia falta do dia anterior, que passara com Naya na Broadway e tivera como preocupação mais importante o que comeriam depois disso. Escolheu um terno escuro, prático para o dia nublado de Nova Iorque, arrumou os cabelos para que secassem naturalmente para trás, e passou uma pequena loção na barba bem-feita, antes de calçar os sapatos lustrados e sair do quarto.

Ao entrar na sala de jantar, percebeu que o café estava terminando de ser posto à mesa por uma das empregadas que trabalhavam ali. De alguma forma, Yerik não se sentia à vontade

com elas, as mulheres nunca conversam e sempre olhavam para baixo, não desejando nem um bom dia para ele. Gostava de sua equipe em Moscou, ali ele podia enfiar-se na geladeira e comer pão preto enquanto conversava com Abel sobre inutilidades e incomodava as cozinheiras, tirando a paciência de Katiya para que ela fizesse comidas específicas.

A empregada saiu sem dizer nada, mas antes que Yerik pudesse sentar-se à mesa, Naya entrou. Ao contrário da outra, desejou bom dia de forma simpática e olhou-o de cima a baixo, aprovando com esse gesto a roupa que ele usava. Ao perceber que ela esperava o retorno do cumprimento, ele finalmente abriu a boca.

— Bom dia, Naya. — As imagens daquela mulher dançando invadiram novamente sua mente, mas ele brigou com bravura para se livrar delas. — Já tomou seu café?

Ela meneou a cabeça em negativa e juntos se sentaram. Yerik despejava aquele líquido horrroso que os americanos chamavam de café quando pediu a Naya para que ela dissesse a agenda do dia.

— Se não se importar, é claro — completou, ela estava passando geleia em uma torrada.

— Tenho tudo aqui. — Apontou para a cabeça com a pequena espátula. — Hoje seu dia será cheio. Terá reunião até a hora do almoço com os representantes dos hotéis em Nova Iorque. Há um almoço marcado com um empresário que tem interesse em uma rede de negócios que você gerencia — ditou. — Irenia reservou uma mesa para vocês em um restaurante nesse mesmo prédio, disse que talvez você queira descansar depois do almoço, para o compromisso da tarde.

Yerik bufou, dispensando aquela ideia rapidamente. Um descanso pós-almoço estava fora de cogitação naquele dia. Aquele tipo de hábito, comum para alguns, dava-lhe a famosa lombeira, e ele não gostava de estar lento para suas reuniões. Naya continuou.

— De tarde, tem uma reunião, e depois está livre.

— E quando iremos sair para comprar sua roupa de dança? — ele questionou.

— Acho que não terá tempo... A sala da última reunião está reservada até as cinco da tarde...

— Bobagem, Nova Iorque é uma cidade que nunca dorme. Esse horário é o começo da noite para eles. — Ele correu os olhos por ela, mais para disfarçar o que ia perguntar no momento, pois já havia decorado o que ela vestia no instante em que entrara na sala. — Naya, desculpe a pergunta, mas... Por que está vestida assim?

Naya estava com sua roupa habitual preta, o uniforme que ela sempre usou. Colocou isso em voz alta.

— Hum... Talvez porque esse seja meu uniforme? Irenia pediu para que eu o usasse, sempre.

— Bobagem. Se você agora será minha secretária, estará ao meu lado. Qualquer imprevisto, você precisa anotar. Qualquer caso importante, anote. Qualquer compromisso...

— Anote — ela completou, sorrindo.

— Isso. Acha que dá conta?

— Vou trocar de roupa.

Naya abandonou o café no mesmo momento e de alguma forma Yerik se sentiu culpado por isso. Poderia ter falado depois do café, mas às vezes se esquecia de que Naya era tão correta que não conseguia deixar nada para última hora, preferindo fazer tudo no momento em que o assunto era debatido. Surpreendentemente rápido, ela voltou, com roupas completamente diferentes. Uma saia lápis contornava suas coxas e uma blusa social delicada era o único tom levemente colorido de seus trajes sérios. Naya nascera para usar cores coloridas. Soltara os cabelos, e Yerik não podia admitir em voz alta, mas aprovou no mesmo instante aquilo tudo.

Para ele, prender aqueles cabelos era crime. Ela se sentou à mesa e continuou comendo sua torrada como se não tivesse sido

interrompida, alheia ao olhar intenso que seu chefe estava lhe dando.

[...]

Naya não queria admitir, mas a maneira como alguns da equipe de Yerik a olhavam a deixava extremamente inquieta. Não um olhar masculino, daqueles que mulheres bem vestidas estão acostumadas, mas um olhar de indiferença, outros até mesmo de desprezo. Não precisava pensar muito para saber a origem daqueles olhares. Os moscovitas eram pessoas extremamente preconceituosas, e alguns ali infelizmente seguiam aquela linha pouco evoluída de pensamento. De alguma maneira, o preconceito sempre fora direcionado aos estrangeiros, principalmente de algumas regiões, e Naya sempre o vira, mas de longe. Nunca fora alvo fácil daquilo, e nem vivera na pele. Agora, infelizmente, estava vivendo.

Porém, não tocou no assunto com Yerik no momento em que ele entrou no carro, falando em inglês fluente para um motorista o que parecia um endereço. Sabia que o preconceito estava em todo lugar, e achou que seria mais prudente não colocar aquele assunto em pauta, pois poderia render dor de cabeça. Tanto para ela, quanto para Yerik. Não o conhecia o suficiente para saber se ele era condizente com o pensamento de sua equipe, mas pelo pouco que convivera, nunca o vira tomar atitudes preconceituosas. Sabia disso porque na mansão de Moscou, havia empregados de toda etnia e raça, e aquilo nunca fora um empecilho. Naya lembrou-se da entrevista de emprego, Irenia na época perguntara de onde ela era, mas a pergunta parecera mais uma curiosidade pessoal da parte da governanta. De qualquer maneira, se houvesse preconceito intrincado em Irenia e Yerik, ela nunca estaria ali.

O carro parou, fazendo-a sair de seus pensamentos. Yerik saiu do veículo, e ela o acompanhou. O motorista manobrou, parando em frente ao que parecia um pequeno shopping. Havia algumas mesas na calçada da rua, pessoas de diversas idades bebiam e conversavam. Yerik tinha razão, eram quase oito horas da noite e

Nova Iorque parecia fervilhar. Ele passou pelas mesas, seguindo um pequeno corredor até o interior do prédio. Naya o acompanhava, os olhos fascinados com as lojas e os produtos peculiares que tomavam conta das vitrines. Conseguiu ver fantasias de todos os tipos, algumas vendiam artigos esotéricos, outras pareciam especialistas em tecidos, e outras em joias únicas, as vitrines dessa última pareciam ser fortemente mais visadas e asseguradas por vidros firmes. Porém, a que mais a surpreendeu foi a última loja.

Manequins vestidas com todas as roupas árabes e indianas que ela poderia imaginar compunham a vitrine do local. Havia uma pequena cristaleira que abrigava joias e adereços nunca vistos de perto por Naya, mas que de alguma forma ela sabia exatamente onde poderia usar. Ela só vira aquilo em revistas que mostravam a alta moda árabe e indiana, ou as roupas mais caras de dança, roupas que apenas dançarinas profissionais do cinema ou até mesmo dançarinas que representavam seu país em espetáculos no exterior usavam.

Ao ver o modo como Naya fitava a vitrine, Yerik sorriu.

— Gosta? — ele perguntou.

— Se gosto? É tudo maravilhoso... — Ela passou levemente a mão no vidro, como se pudesse sentir a maciez dos tecidos daquelas roupas.

— Que bom que gostou. Vamos? — Ao ver o olhar questionador dela, acrescentou. — Há uma pessoa nos esperando.

[...]

Aquilo parecia um sonho. Naya estava com vários tecidos a sua frente, alguns jogados no sofá onde estava sentada, outros pendurados em grandes manequins. No começo, achou que nunca conseguiria escolher nada, mas logo depois estava na dúvida apenas em duas, uma azul clara e a vermelha. Naya já tinha uma roupa verde clara. Mesmo que o corte da nova fosse completamente diferente e superior, a cor era muito semelhante, então ela optou pela vermelha.

Yerik achou a escolha sábia. Na verdade, qualquer roupa que Naya colocasse ficaria bela, pois parecia que fora feita para aquilo. Mas o vermelho a deixava ainda mais sedutora, e ele não conseguiu tirar os olhos dela enquanto ela se virava em frente ao espelho para tentar enxergar a roupa por diversos ângulos. Yerik já havia visto cada ângulo àquela altura, e aprovava todos. Se ficasse atento, poderia até mesmo ver a pele dela cintilar por dentro daquela roupa. Engoliu em seco.

— Acho que temos uma escolha — a vendedora falou amavelmente, ao que Naya respondeu com um sorriso sincero.

Yerik se levantou e caminhou para o balcão, mas não esperava que Naya fizesse o mesmo. Infelizmente, ela escutou o preço da roupa no mesmo momento que ele, e arquejou.

— Não posso comprar isso! — disse. — É um absurdo.

— Sabe que isso não é problema e não quero ouvir mais isso. Você salvou uma reunião minha com sua dança. No caso, se for pensar, salvou um contrato milionário. — Ele olhou para ela divertido, enquanto a vendedora dobrava um fino papel de seda sobre a roupa. Naya ia abrir a boca quando a mulher entregou uma caixa para Yerik. — Pense nisso como um presente, ou como um pagamento por uma apresentação, certo? — Voltou a questionar. — E agora? Que tal as joias?

Naya não estava acreditando no que ouvia, e até mesmo achou que era uma alucinação. Só descobriu que aquelas palavras foram verdadeiras quando viu os olhos da vendedora brilharem.

[...]

O vinho estava excelente e o peixe praticamente dissolvia na boca no momento em que ela dava uma garfada, mas algo estava a incomodando: aquele monte de sacolas que Yerik entregara para o homem responsável pela recepção do restaurante. Aquilo não era certo, ele pagar tudo para ela, principalmente naquele valor. Ela sabia que dinheiro não era um problema para ele, mas para ela tudo

aquilo era completamente inacessível, e se sentia de alguma forma em débito, algo que não gostava muito.

— Está calada. — Ele observou. — Não gostou do salmão?

Apesar de estarem em Nova Iorque, a receita daquele salmão era francesa, culinária que Yerik apreciava muito.

— Não é isso...

— Está se sentindo inquieta por causa dos presentes, certo?
— Ele adivinhou. — Sei que está, pude ver nos seus olhos quando deixamos a loja. Naya... Não quero que se sinta assim. Eu paguei por uma dança sua, pense dessa maneira. As pessoas não pagam por sua dança? Eu fiz o mesmo.

— Eu dou aula de danças para as crianças do meu bairro, Yerik. E voluntariamente. — Ela quase revirou os olhos. — São pessoas sem condições, é uma forma de fazê-las terem um lazer. Ninguém nunca me pediu uma aula profissional.

Yerik ficou extremamente surpreso com aquela revelação. Julgara a dança de Naya perfeita, e quando soube que ela dava aulas, pensou que seriam aulas profissionais. Respirou fundo.

— Bom, então sou seu primeiro cliente. Paguei por uma apresentação sua. — Ele levantou a taça de vinho. — E não quero ouvir mais nada sobre isso.

[...]

O apartamento estava escuro, indicando a ausência de pessoas. Irenia cismara de ficar em um quarto do hotel, alegando que precisava ter contato direto com a equipe de Yerik, o que Naya nunca entendera. A governanta era braço direito do empresário, mas ao contrário de Moscou, passava ali apenas para mostrar um trabalho feito ou dar uma olhada no que ela chamava de “organização na vida de Yerik”. Desconfiou daquilo, mas depois concluiu que era tolice sua. Irenia era astuta, mas não a ponto de fazer planos daquele tipo.

— Vou beber água — Naya disse, caminhando para a cozinha. O vinho e a fraca pimenta do jantar já faziam efeito em seu corpo.

— Estarei no escritório. Preciso separar alguns documentos...
— Ele começou a andar em direção ao escritório, passando a mão no rosto. — O dia será cheio amanhã, como sempre.

Naya assentiu, não querendo desanimá-lo. Com a exceção do único dia de folga que ele tivera, quando foram para a Broadway, a agenda de Yerik estava entupida de reuniões de negócios e compromissos que não poderiam ser adiados, afinal, alguns sócios e empregados estavam em Nova Iorque, e ele preferia resolver certos assuntos pessoalmente a ficar mandando e-mails de Moscou.

Depois de saciar a sede, Naya caminhou para o escritório. Yerik havia pedido para passar a agenda do dia seguinte ainda naquela noite, para que não houvesse eventuais discordâncias. Mesmo tendo certeza de que Irenia já havia organizado aquela parte, Naya sabia que Yerik era sistemático com seus compromissos de trabalhos. *Ele podia ter aquela organização com suas roupas também.*

Entrou no escritório. Ele estava em frente à janela, olhando com atenção a iluminação do bairro mais badalado de Nova Iorque. Fazia frio, e uma parca neblina tampava boa parte dos prédios vizinhos, o vidro estava levemente embaçado.

Contrariando seu pensamento anterior, os papéis para o dia seguinte estavam em um monte organizado em cima da mesa. Naya retirou a agenda de uma gaveta, começando a falar sobre os compromissos que ele teria no dia seguinte sem se importar muito com a falsa ausência dele na conversa, sabia que, mesmo que estivesse olhando para fora, estava atento às suas palavras. Ditou as reuniões, e quem ele encontraria depois delas. Ao perguntar se ele queria que reservasse alguma mesa em um restaurante para depois das reuniões, ficou esperando alguns segundos a resposta, que não veio.

— Yerik? — ela o chamou, e depois de vários minutos de sua tagarelice, percebeu que ele não havia escutado absolutamente

nada do que ela dissera.

Respirou fundo e colocou a agenda na escrivaninha, olhando para ele e esperando que Yerik percebesse o silêncio dela, o que não aconteceu. Aproximou-se dele, sentindo algo errado na atitude.

— Yerik, você por acaso escutou alguma palavra que falei?

Ele não respondeu. Naya já ia cutucá-lo com a ponta da caneta para tirá-lo daquele estado estranho de torpor e ver se ele realmente estava bem, quando Yerik abriu a boca.

— Naya... — disse o nome dela facilmente, esquecendo-se de como sempre se sentia travado ao dizê-lo. — Eu realmente não tenho como agradecer tudo o que fez por mim nessa viagem, bem como já fez em Moscou.

Naya não estava entendendo nada daquela conversa. Ele se virou para ela, e ela finalmente percebeu algo nos olhos dele que de alguma forma já havia visto, mas nunca daquele jeito explícito: desejo. Naya conhecia aquele olhar masculino, já o vira algumas vezes em outros rostos, e até mesmo nos olhos de Yerik, principalmente no dia em que ela dançara naquela maldita reunião. Ela procurava o motivo daquilo, o motivo de ele estar deixando escapar aquele sentimento tão primário de forma tão liberal, visto que Yerik era um dos homens mais fechados que conhecia. Pensava com tanta avidez naquilo, que não percebeu como ele se aproximou de súbito, a ponto de Naya sentir facilmente o perfume que amara desde o dia em que sentira pela primeira vez, no quarto dele, mexendo e guardando seus pertences pessoais.

— Você é bela, Naya... de um jeito único — ele disse, de forma tão sincera que Naya quase acreditou. Será que estava bêbado?

— Yerik, acho que está cansado... — *Ou bebeu muito vinho*, ela completou mentalmente. — Por que não vai se deitar?

Yerik não queria deitar, ele queria tocá-la. Queria sentir aquela pele amadeirada deslizando por debaixo da sua palma, queria estar próximo a ponto de sentir o cheiro dos cabelos longos facilmente,

queria que ela mexesse o quadril enquanto ele afundava-se nela, do mesmo modo como mexeu com tanta experiência enquanto dançava naquela reunião. Naquela maldita reunião. Desde aquele dia, Yerik não conseguia tirar aquela mulher de sua mente, e tal pensamento contido parecia corroê-lo por dentro, a ponto de ele não conseguir mais se conter. Não era o vinho, Yerik estava finalmente a encurralando naquele cômodo porque já estava saturado de fingir que não a desejava.

— Não... não vou sair daqui... Enquanto... enquanto não te pedir algo. — Naya estava atenta a ele, como se a qualquer momento ele fosse pedir um favor a uma secretária, mas o que Yerik queria dela estava longe dos dotes dela como organizadora.

A mão dele foi em direção a uma mecha do cabelo longo. Yerik sentiu como os fios eram sedosos, bem como viu a pele dela se arrepiar levemente, um rubor discreto percorrendo toda a pele do seu rosto.

— Dança para mim? — O pedido foi feito com tanta convicção e rapidez que ela se assustou. — Digo... dance para mim um dia... Uma dança particular.

Aquele pedido foi interpretado de uma maneira muito errônea por ela. Naya, por vir de uma cultura mais fechada em relação a insinuações masculinas, e por estar mais do que acostumada a ver homens cobiçando seu corpo enquanto ela dançava, achou que o pedido se encaixava perfeitamente em algo promíscuo, e se Yerik estava pedindo aquilo de forma aberta, só poderia pensar uma coisa de Naya: que ela se entregaria facilmente para ele porque passara a imagem de sedutora naquela reunião. Uma imagem errada. Seduzira todos, sim, mas não era por isso que concordaria com aquele tipo de abordagem.

— Não. — A resposta veio como um balde de água fria, Yerik recuou a mão como se tivesse levado um empurrão. — Não sou esse tipo de mulher.

— Tipo de mulher? Como assim? — Mas Naya já havia se virado e caminhava para a porta, afastando-se dele. — Naya, do

que está falando?

Ela não respondeu, deixando-o só.

Doze

Abriu os olhos calmamente e tentou captar algum som vindo do corredor, mas o apartamento estava silencioso. Olhou para o relógio de pulso que deixava sempre no criado: sete horas da manhã. Naya havia acordado meia hora mais cedo. Desativou o alarme do celular e espreguiçou-se. Seria o último dia de reunião de Yerik e, em breve, eles voltariam para Moscou. Naya pensou na noite anterior e rezou para que ele estivesse apenas bêbado, esquecendo-se completamente das próprias palavras.

Levantou-se da cama e foi até o banheiro para tomar um banho, arrumando-se logo em seguida e saindo do quarto para tomar o seu café da manhã. De qualquer forma, em Moscou seria mais fácil fugir da presença dele caso tudo ficasse estranho a partir daquele momento. Tomou coragem para entrar na sala de estar e dar de cara com Yerik, mas se surpreendeu quando viu apenas Irenia sentada à mesa, tomando uma xícara fumegante de chá e ignorando completamente o café dos Estados Unidos que, na opinião dela, tinha gosto de água suja.

— Bom dia, Naya, querida. — Ela desejou.

Naya voltou o cumprimento e, no mesmo momento que se sentou à mesa para começar o seu café, Irenia provou-se novamente ser a mulher mais direta do planeta.

— Aconteceu algo de errado ontem? — perguntou para Naya, que pareceu paralisada por algum momento. Momento precioso. Por mais que a garota tivesse sido esperta e rápida em disfarçar, Irenia já captara seu desconforto com seus olhos de águia bem treinada.

— O que poderia ter dado errado?

— Na reunião, talvez? — Irenia tentou novamente, mesmo seu sexto sentido gritando a ela que a reunião correria bem.

— Não, muito pelo contrário — Naya respondeu, derramando água suja em sua xícara. — Yerik saiu satisfeito da reunião, com promessas feitas e acordos fechados.

— Então por qual motivo Yerik saiu daqui quarenta minutos antes do previsto, com o maxilar tão travado que metade de Manhattan escutou seus ossos rangerem?

Naya engasgou-se, engolindo com dificuldade o café quente.

— Yerik já foi? — perguntou, surpresa.

— Sim. Ou você está severamente atrasada, ou ele é louco.

— Não! Digo, não estou atrasada... O compromisso dele é apenas às nove.

Irenia semicerrou os olhos, tentando por meio disso ultrapassar as barreiras físicas que a impediam de enfiar-se na mente de Naya e descobrir o que realmente havia acontecido ali. Mas nada disse, a garota ficou calada, como se escondesse algo, e não era ela que iria tentar arrancar aquilo à força. Conversaram trivialidades durante o café da manhã e, quando Naya levantou-se da mesa e caminhou em direção à agenda que estava perto de um móvel, Irenia gesticulou com a mão, em um gesto de impedimento.

— Se eu fosse você nem mexia com isso. — Ela limpou a boca com o guardanapo de pano. — Acho que não deve segui-lo hoje. — Ao ver que Naya estava esperando uma explicação, acrescentou. — Pelo modo como Yerik saiu daqui, e a força que ele odeia esse país, vai querer ir embora logo quando a reunião acabar. É a última, certo? — Naya assentiu. — Então fique por aqui e prepare sua mala. Se tudo der certo, almoçaremos dentro do avião.

[...]

Como prometido, almoçaram no avião. Ao contrário de toda a equipe, Naya dispensou a refeição com um gesto delicado de

mãos, querendo permanecer quieta na poltrona, de preferência sem ninguém por perto. No caso, apenas Irenia estava ao seu lado, mas a governanta estava com uma máscara no rosto, dormindo um sono profundo, provavelmente exausta da viagem e da rotina incessante de reuniões e compromissos que enfrentaram naqueles dias em Nova Iorque, sem contar que ficara responsável não só por ajudar Naya a se virar com Yerik, mas conduzir com maestria sua equipe.

Sentindo-se verdadeiramente só naquele momento, Naya enfiou os fones no ouvido e relaxou na poltrona de primeira classe, olhando para o céu parco de nuvens. Não tinha visto Yerik desde a noite anterior. Não conseguira vê-lo no apartamento, mas sabia que Irenia havia arrumado suas malas, e as empregadas tinham ajudado a transportá-las para a sala, onde o motorista pegou-as junto com a bagagem de Naya e Irenia, avisando que o chefe já estava esperando sua equipe no jato particular. Não o viu no avião, tampouco. A cabine particular estava fechada desde que o avião levantara voo, nem mesmo a aeromoça havia entrado ali para servir o almoço.

Naya respirou fundo. Yerik estaria nervoso por causa da sua conduta na noite anterior? Teria ficado com raiva pelo modo como ela saíra do escritório e o deixara sozinho, sem nem ao mesmo explicar nada, fechando-se no quarto? Tinha certeza de que estava desgostoso com a atitude dela, mas sabia que nem por isso ele tinha razão. Aquele pedido fora insano! Yerik comprara aquela roupa de dança apenas para pedir horas depois uma dança particular? Pensar naquilo fez com que Naya se sentisse uma prostituta, era um absurdo aceitar aquele tipo de atitude, mesmo Yerik sendo o seu chefe.

Agora apenas uma pergunta invadia sua mente: quando chegasse em Moscou, pediria as contas e sumiria da mansão, ou fingiria que nada tinha acontecido e continuaria a trabalhar para Yerik?

[...]

Quando o avião finalmente aterrissou, o vento gelado de Moscou saudou a todos, fazendo Naya lembrar que, por mais que sentisse frio em Nova Iorque, aquela cidade da Rússia sempre conseguiria fazer seus ossos congelarem.

Ela seguiu Irenia e a equipe, sempre atenta à porta da cabine de Yerik, mas essa continuava fechada, e Naya se perguntou pela primeira vez se ele realmente estava dentro do avião. Deu de ombros, passando pelas aeromoças, que continuavam a sorrir de forma automática. Naya perguntou-se também se elas nasciam daquela maneira, ou se conseguiam parar de sorrir depois que o expediente acabava.

Ao contrário do que ela imaginava, havia quatro carros os esperando, e ela fez uma conta mentalmente se aquilo tudo era preciso. Logicamente, um era para Yerik, que parecia evitar sua presença a qualquer custo depois da noite anterior. Um dos motoristas caminhou em direção a Naya.

— Senhorita Bantar. — Ela assentiu, confirmando sua identidade. — Tenho ordens de deixá-la em casa.

Naya olhou para Irenia, mas a governanta não parecia surpresa, apenas acenou e caminhou para um carro em específico, enquanto o resto da equipe entrava nos outros. Abel, o motorista da mansão, abriu a porta para Irenia entrar, dando um pequeno aceno para Naya com a mão e sorrindo.

— Vamos? — O motorista a tirou de seus pensamentos. — Terá o dia seguinte de folga também.

Dessa vez Naya achou aquele presente muito suspeito.

— Folga? Por que terei folga amanhã?

O motorista deu de ombros, no mesmo momento em que ligava o carro e manobrava para sair da pista.

— Yerik Petrovich sempre costuma dar dias de folga para todos que o acompanham em suas viagens. — Ao ouvir aquilo, Naya ficou mais tranquila, poderia estar ficando louca, mas a ideia de Yerik a estar evitando não saía de sua cabeça, até porque, de

certa forma, ela fazia o mesmo. Não queria vê-lo tão cedo. — Para ele, as viagens são cansativas e ele sente que seus empregados também trabalham de forma mais intensa. Então não se sinta premiada. — O motorista sorriu, confundindo a reação surpresa de Naya. — Você não é a única que está indo para casa para curtir um longo dia de descanso.

[...]

Alaric comia o almoço delicioso que Naya havia feito, mas sua atenção, apesar de parecer estar voltada para o prato a sua frente, estava completamente direcionada para a garota, que falava tudo de um só fôlego.

O que Naya contava era a empolgação de uma pessoa que havia viajado pouco pelo mundo e conhecera uma cidade grande e cosmopolita como Nova Iorque, uma cidade que poderia impressionar até as pessoas que já haviam visitado centros urbanos diversos. Mas Alaric não havia nascido ontem, e por mais que soubesse que, parte daquela euforia e rapidez como ela contava tudo era empolgação pelo relato, ele sabia que aquilo poderia ser uma estratégia para evitar contar algo mais.

Deixou-a falar por quase quarenta minutos sem respirar, mal havia tocado em sua comida, e parava de vez em quando apenas para tomar um gole do seu suco de laranja. Depois de tudo acabado, parou subitamente, como se tivesse dado conta da sua impetuosidade no relato. Baixou os olhos para o prato intocado, os cílios pareciam uma cortina para os olhos. Alaric sempre admirou os olhos de Naya, eram belos e pareciam uma janela aberta para sua alma, o que infelizmente a deixava ainda mais vulnerável para fáceis leituras de seus sentimentos.

— Você fez compras? — ele perguntou, tentando tocar no ponto da conversa que o deixou curioso. — Não tem como ir para Nova Iorque sem fazer compras.

Naya pensou na noite que saíra com Yerik. Havia dito por alto que comprara algumas roupas, mas não queria tocar no assunto mais do que o necessário. Mas era Alaric, seu vizinho e

amigo desde que ela chegara com os pais ali, sem saber falar a língua local e conhecer o que era passar frio.

— Sim... — ela respondeu, relutante. — Bom, na verdade foi Yerik que pagou minhas compras. Tudo em Nova Iorque é tão caro.

Um rubor discreto passou pelo rosto dela e Naya finalmente decidiu comer, como se estivesse se desviando da conversa. Alaric conteve um sorriso, mas não a deixaria escapar tão rápido.

— Ah é? E o que ele comprou para você? Uma agenda nova? — Ele brincou, sabendo que com isso ela se sentiria irritada.

— Não! Digo... Ele me deu de presente uma roupa de dança. — *Uma caríssima roupa de dança*, pensou. — Disse que era um presente para agradecer pelo que fiz naquela reunião.

Alaric permaneceu calado. Limpou os bigodes brancos com o guardanapo, colocou as duas mãos na barriga saliente e esperou Naya dizer algo mais, mas a garota parecia determinada a comer sem falar nada. Depois de algum tempo, ele pigarreou e ela o fitou automaticamente.

— É claro que aconteceu algo depois disso — ele afirmou.

— Como sabe? Digo... — Ela tentou consertar. Alaric parecia lê-la com facilidade por detrás daqueles óculos de armação quadrada grossa. — Não aconteceu nada demais... Eu acho.

— Pode me contar, se quiser. Na verdade, você me conhece, tenho meus setenta e dois anos e a última notícia empolgante que chegou aos meus ouvidos foi quando Nastya roubou a peruca da vizinha e a escondeu na árvore mais próxima.

Naya riu, lembrando-se do fatídico dia.

— Nastya é uma garota levada e aquilo foi terrível, mas nos proporcionou boas risadas.

— Sim, e eu não vou sair daqui enquanto você não me contar o que houve. Você pode até achar que me tem nas mãos porque vivo em uma cadeira de rodas, mas eu sei pilotá-la.

Naya revirou os olhos diante do humor negro de Alaric, mas sorriu, descansando os talheres na mesa. Depois de um tempo, contou tudo a Alaric, a abordagem de Yerik e o pedido insano que ele fizera logo depois que lhe dera de presente aquela roupa. Omitiu apenas o desejo que sentiu ao se dar conta da proximidade do corpo do chefe. Era difícil admitir aquele desejo que sentia por Yerik até para si mesma, nunca o admitiria para outra pessoa, mesmo que essa pessoa fosse Alaric.

O idoso ficou quieto um tempo, parecendo pensar com cuidado em tudo aquilo. Depois cutucou a armação grossa dos óculos e respirou fundo.

— Você sente algo por esse homem, Naya?

A pergunta direta a pegou completamente desprevenida, e a resposta também foi direta.

— Ele é meu chefe, é claro que não.

— Tê-lo como chefe não a impede de sentir algo. — Alaric detectou a mentira na resposta no mesmo momento. — Se você não sentisse nada, esse incidente não seria tão incômodo para você e, digo por experiência própria, até para ele.

— Está dizendo que Yerik sente algo por mim? Essa é boa! — Ela sorriu. — Se ele sente algo, deve ser uma fantasia estranha de uma mulher que foge dos padrões russos dançando para ele.

— Não seja tola. O pedido foi apenas uma forma daquele homem se aproximar de você. Ele sente algo.

— Não, não sente. E tampouco eu sinto! — Ela se levantou da mesa. — Não posso sentir algo pelo meu chefe.

Alaric sorriu de forma estranha, como se ele, por ser mais velho, soubesse de certas brincadeiras da vida que Naya ainda não tinha conhecimento.

— Mesmo que você saiba que sentir algo por ele seria no mínimo errado, o que eu discordo, seus sentimentos e seu corpo não sabem disso. — Ao ver a expressão no rosto dela acrescentou.

— Não controlamos o que sentimos, Naya. Vai por mim, o mundo seria muito mais tranquilo se tivéssemos esse tipo de controle.

Treze

Os dias na mansão passaram rapidamente. Como qualquer outro dia de trabalho, Naya entrava em seu horário habitual e fazia o que fora designada a fazer. A diferença significativa era que agora ela não esbarrava, de forma alguma, em Yerik. Não o via sair da mansão, nem mesmo a hora que chegava, pois o trabalho duplo de organizadora e secretária a deixava tão cansada que simplesmente apagava quando pousava a cabeça no travesseiro, experimentava os lençóis macios e os cobertores quentes.

Ao contrário do que achara, Yerik não fora confrontá-la sobre a noite em que fizera o pedido, e Naya recuara, deixando-o só. Não a procurou para tocar no assunto, até mesmo por motivos profissionais, pois, de alguma maneira, ainda eram patrão e empregada, e a relação devia se restringir a isso.

Ao voltar a trabalhar, Naya não pôde deixar de ficar tensa quando pisara na mansão, achando que o encontraria já no jardim à espera dela para uma conversa séria sobre aquela noite ou sobre a sua demissão. Mas Yerik parecia ter se transformado em um fantasma, desaparecendo por completo, como se tivesse viajado para outro país, sem ela como secretária. Nem mesmo Irenia falava o nome dele, restringindo sua conversa apenas para assuntos mais profissionais quando esses tinham relação com Yerik, quando não tinham, voltava a falar com a normalidade de sempre, parecendo até mesmo mais aliviada. Naya não tirava da cabeça que ela sabia de algo.

Além de organizadora, Naya mantivera a ocupação de secretária e, mesmo que não o acompanhasse diretamente nas reuniões e compromissos como fizera em Nova Iorque, passava mais do seu tempo no escritório da mansão organizando a agenda

de Yerik do que no quarto, mexendo em seus pertences pessoais. Como era impossível se desviar de certos imprevistos, deixava recados formais na mesa do escritório, escritos em um bloco branco e sem graça, avisando-o sobre mudanças de reuniões e algo que saía da rotina.

Estava fazendo justamente aquilo quando a porta do escritório foi subitamente aberta, fazendo-a se assustar, normalmente apenas Irenia e Yerik entravam ali, e a primeira nunca abria a porta de forma tão passional. Mas não era a governanta que entrara, tampouco o homem russo, a mulher que olhava para Naya era extremamente pálida, alta e com os cabelos dourados, cortados na altura dos ombros. Com uma aparência estonteante e tipicamente russa, os olhos claríssimos correram de forma livre e visivelmente avaliadora por Naya, e a boca franziu levemente quando ela terminou a inspeção, como se não aprovasse o que vira. Estava com um cachorro pequeno e branco nas mãos, mas o colocou no sofá assim que viu que não estava mais a sós.

— Bom, você é...? — Ela tentou arrancar de Naya sua identidade, mas não esperou a resposta da outra. — Bom, não importa muito, gostaria de saber o que uma pessoa como você está fazendo sentada na cadeira do meu namorado e mexendo em suas coisas como se pertencesse a esse lugar.

Naquele momento, ficou claro para Naya quem era aquela mulher. Era a namorada de Yerik, a que todos falavam aos cochichos e que as opiniões sempre eram negativas. Naya não deixou de concordar. Conhecera a mulher segundos atrás e já conseguia ver nas expressões do rosto pálido o preconceito velado que alguns russos tinham por estrangeiros, ou o preconceito aberto que pessoas ricas gostavam de mostrar aos empregados, como se possuíssem alguma carta de superioridade. Não, Naya não gostou de Natasha, mas ao contrário da loira, era educada o suficiente para iniciar uma conversa.

— Bom dia. Sou Naya, a organizadora e secretária de Yerik — disse.

Ao ouvir aquilo, Natasha arqueou levemente as sobrancelhas, parecendo não acreditar naquilo ou achando que Naya estivesse inventando aquela história porque fora pega no flagra mexendo nos pertences do chefe.

— Bom. Já que é a *secretária* dele — disse, dando ênfase e salpicando com ironia o cargo falado. — deve saber onde ele está.

— Yerik está na empresa... — *Como sempre está todos os dias*, Naya quase soltou.

— Sim, provavelmente. — Natasha fez uma careta e olhou para a janela. — Mas não consigo fazer com que aquela múmia que ele chama de secretária passe a ligação para ele. Na verdade, não consigo ter acesso a ele. — Olhou para Naya, como se ela fosse culpada de tudo. — Aquele homem está me evitando!

Naya realmente não soube o que dizer. Tentou aliviar a situação.

— Bom, Yerik está fechando alguns compromissos, deve estar muito ocupado e...

Natasha meneou a mão de forma impaciente, mandando a outra se calar.

— Eu sei o que ele anda fazendo, sou a namorada dele — disse. — Diga a ele que estarei aqui amanhã, de noite.

Antes que Naya dissesse algo, a outra virou-se e pegou o cachorrinho do sofá, que parecia aproveitar a oportunidade para tirar um cochilo, assustando-o com a rapidez dos passos como saiu do escritório, deixando a indiana só.

Naya esperou um pouco, como se a qualquer momento aquele furacão em forma de humano fosse voltar, mas quando viu que estava livre, apenas puxou o bloco de anotações e colocou o recado pedido, dizendo que a namorada estaria ali no dia seguinte para visitá-lo. Como seu trabalho havia terminado no escritório e ela agora precisaria se dedicar apenas aos pertences dele, deixou o recado na mesa junto com outros que havia escrito durante a manhã e saiu do cômodo, fechando a porta.

[...]

Yerik entrou no escritório pela manhã, no dia seguinte. Ao fechar a porta atrás de si, sentiu-se aliviado ao ver tudo arrumado. Sua pasta estava na mesma mesa que sempre ficava quando ele a pegava antes de sair para o trabalho, e ele sabia que dentro dela todos os papéis de que precisaria durante o dia estavam também metodicamente organizados. Aproximou-se da escrivaninha e antes de ler os inúmeros bilhetes deixados por Naya, nova mania dela, abriu a gaveta e achou os documentos que precisava, como se ela adivinhasse de que talvez ele precisaria deles também. Não poderia negar, sentia-se aliviado em ter alguém como Naya para organizar tudo, mas também se sentia aliviado em não a ver por ali, mesmo sabendo que sua mudança de horário era proposital para que justamente isso acontecesse.

Pensara muito na noite de Nova Iorque, quando ela o deixara sozinho e sem explicações. Pensara nas palavras que usara e percebera tarde demais que, mesmo que não fosse seu objetivo, tinha dado a entender que o que queria de Naya poderia ser interpretado de outra forma. Na certa ele tinha em mente algo carnal, mas ela se sentira muito insultada, e ele precisou de algum tempo para lembrar-se das origens de Naya, e não queria vê-la daquela maneira. Insultá-la não era seu objetivo naquele dia. Sim, ele pedira uma dança porque a desejava tanto que chegava a doer, mas admirava a dança que ela fazia. Naya, de certa forma, mudava quando dançava... Parecia outra mulher, e de certa maneira Yerik queria conhecer aquela outra mulher, e queria desesperadamente ver aqueles quadris mexendo-se novamente...

Ele retirou aqueles pensamentos da mente e, esquecendo-se completamente de que estava em frente à escrivaninha para ler os recados, rumou pelo cômodo, um pouco desorientado como sempre ficava quando pensava nela, e parou em frente ao sofá, onde viu algo peculiar. Pelos. Pelos brancos infestando sua almofada de veludo negro. Ele pegou a almofada e retirou um fio para ter a certeza de que não estava equivocado, e quando

percebeu realmente a quem pertencia aquele fio, respirou fundo e colocou os dedos na ponte do nariz, fechando os olhos.

Teria que chamá-la. Teria que chamar a única pessoa que estava evitando todos aqueles dias, visto que Irenia deixara claro que não precisava entrar mais no escritório dele para arrumar tudo graças a Naya.

— Naya! — ele gritou, não querendo sair do local onde estava.

Minutos depois ela apareceu, abriu a porta e entrou no escritório com movimentos discretos, como se tivesse receio de algo. Ele tentou ignorar que não se viam há dias, e ela fez aquilo facilmente, seu lado profissional falando mais alto. Porém, não conseguia controlar suas pernas, que estremeciam levemente com o olhar de Yerik. Ele parecia... nervoso.

Como se estivesse lendo os pensamentos dela e buscando esclarecê-los, ele levantou a almofada e apontou para o objeto.

— O que Natasha estava fazendo no meu escritório?

Naya respirou fundo, olhando para os pelos da almofada e anotando mentalmente que aquilo passara despercebido. No fim, não era sua função, e sim da moça que limpava o escritório. Ela contou para Yerik a visita de Natasha no dia anterior, ocultando sua opinião de como a namorada dele era desagradável e pedante. Yerik passou de nervoso para desesperado em apenas alguns minutos.

— Por que você não me avisou? — ele perguntou.

— Eu deixei um recado. — Naya apontou para os inúmeros recadinhos espalhados pelo escritório, fazendo Yerik se lembrar de que não havia os visto ainda.

— Ainda não mexi nisso... — Ele suspirou, meio resignado. — Desmarque isso. Desmarque esse compromisso, de qualquer maneira. A última coisa que preciso é ver Natasha.

Naya assentiu, não perguntando nada. Não era assunto seu os problemas amorosos de Yerik, mas ficou surpresa pelo modo como ele fez o pedido.

— E não deixe aquela bola de pelo entrar no meu escritório!
— ele disse.

— Antes ele do que ela.

Saiu de forma tão automática que Naya mordeu o lábio inferior, tentando por meio disso se alertar para não dizer mais besteiras. Pensou que ele não havia escutado, pois falara mais para si do que para qualquer outro, em um sussurro. Mas Yerik, infelizmente, estava atento aquela manhã.

— O que disse? — perguntou.

— Nada... Apenas pensei alto. Me desculpe — pediu.

Yerik não acreditou naquilo, semicerrou os olhos, como se com isso pudesse captar os pensamentos de Naya.

— Natasha te tratou mal? — Naya não respondeu. — Naya.
— Ele a chamou pelo nome, obrigando-a a olhá-lo. — Natasha te tratou mal?

— Só a achei mal-educada.

Yerik soltou um palavrão. Depois ficou em silêncio por um breve momento e assentiu, não dizendo nada sobre aquilo. Pegou a pasta de trabalho e os recados, enfiando-os de qualquer maneira no bolso do paletó.

— Faça Natasha ficar longe de mim... — pediu. — Por favor. — Lembrou-se das boas maneiras.

E, com isso, saiu do escritório, deixando apenas o perfume delicioso e masculino fazendo companhia à desorientação de Naya.

[...]

Yerik abriu a porta da mansão, fechando-a logo em seguida e trancando. Estava tarde e, mesmo que Irenia sempre conferisse portas e janelas antes de se recolher, ele se sentia mais à vontade

trancando ele mesmo. Notou as luzes ainda acesas, normalmente o lugar estava imerso em escuridão, com os empregados já descansando na pequena casa anexa, notou também a presença de Naya na sala, como se o estivesse esperando chegar. E estava.

Ele deixou a pasta no sofá e a olhou em expectativa, esperando para ver se ela tocava em um assunto delicado que planava entre eles há dias, mas Naya estava ali por um motivo diferente.

— Natasha está lhe esperando no escritório. — Ela deu a notícia amarga.

— Eu não disse para você desmarcar isso? — Yerik perguntou.

— Sim, disse, com todas as letras e de forma clara. Mas Natasha se recusou a sair daqui. Quer que eu chame a polícia? — ela perguntou de forma irritada.

Não gostou do modo como Yerik falara com ela, Naya não tinha obrigação de consertar tudo, ou o poder para aquilo. Infelizmente, não conseguia barrar certos imprevistos, principalmente se tais imprevistos fosse uma loira alta e aborrecida. Yerik percebeu a irritação de Naya, mas nada disse, pois já sabia o motivo.

Ele respirou fundo.

— Vou conversar com ela — ele disse, afastando-se e indo em direção ao escritório.

Naya assentiu, permanecendo na sala por algum tempo. Não demorou muito para que os gritos femininos fossem ouvidos por quase toda a mansão. Natasha parecia não medir a voz e a irritação, e, mesmo que Yerik também levantasse a voz vez ou outra, por algum motivo, parecia que a loira estava ganhando a batalha. Naya pegou a pasta do sofá e a deixou em uma mesa para lembrar-se de colocá-la no lugar certo, que no momento era um campo de guerra. Respirou fundo e caminhou para a cozinha a fim de tomar um chá antes de se recolher.

Alguns empregados ainda estavam ali, fazendo o mesmo que ela pensara em fazer. Estavam calados. Mesmo Katiya, a cozinheira que era sempre alegre e costumava ser espirituosa até nas últimas horas do dia, estava quieta. Os gritos, mesmo mais baixos do que os ouvidos na sala, conseguiam transpor a parede e chegar aos ouvidos de todos ali facilmente. Naya sentou-se para tomar seu chá, não querendo comentar sobre aquilo, mas ficou atenta à conversa.

— Essa mulher faz mal para Yerik — Abel comentou, terminando seu chá e pousando a caneca na mesa de granito.

Alguns concordaram, mas foi Katiya que finalizou as fofocas com sua opinião.

— Yerik sempre fica nervoso quando se encontra com ela. Que tipo de relacionamento é esse? O tipo que foge da nossa compreensão, mas infelizmente não podemos nos meter nesse tipo de assunto.

Todos concordaram e logo o grupo foi se dissipando, cada um lavando sua caneca na pia e indo para o corredor, onde os quartos de alguns empregados ficavam. Naya pegou-se sozinha ali por um tempo, o chá já frio entrando em contato com os lábios. De repente, como se fosse um aviso, o silêncio, e logo depois uma porta batendo. Natasha havia ido embora. Pensando seriamente no assunto, Naya decidiu ver como Yerik estava.

Ela caminhou para o escritório, pegando a pasta no processo. Ao fechar a porta atrás de si, o que encontrou foi um Yerik muito nervoso. Ele viu que ela estava ali, mas nada disse, falava consigo mesmo, palavras e pensamentos pessoais demais que chegavam incoerentes aos ouvidos de Naya.

— Essa mulher é louca... — ele sussurrava, enquanto arrumava e bagunçava logo em seguida a gaveta da escrivaninha. — Prioridade... Como se eu tivesse que escolher entre ela e trabalho, ela sabe como trabalho, não posso simplesmente deixar tudo para vê-la, satisfazer suas vontades de mulher e...

Naya ignorou aquele assunto, sabendo que estava ouvindo algo pessoal demais e que no dia seguinte Yerik se arrependeria de ter dito aquilo em voz alta. De repente ele levantou o braço, apontando para algo que ela ainda não tinha visto. A bolinha de pelos estava sentada perto da porta, com os olhos bem abertos, como se estivesse se perguntando por que fora deixado ali.

— E ainda deixa *isso* no meu escritório. — Levantou-se. — Eu não gosto desse animal!

Naya se abaixou e pegou o cachorrinho no colo, fechando-o em um abraço em um gesto instintivo de proteção.

— Não faça nada com ele.... Se quiser, eu o levo para minha casa... — ela disse rapidamente. — Devo passar o fim de semana lá, eu o levo.

Yerik a fitou, incrédulo.

— O que acha que vou fazer com ele? Maltratá-lo? — perguntou.

— Não seria a primeira vítima do seu mau humor, não é? — ela disse de súbito, sabia que havia ultrapassado o limite, mas não se arrependeu disso.

Ela fechou ainda mais o abraço e deu meia volta, saindo do escritório com o cachorro. Yerik percebeu um tempo depois que ela não havia guardado a pasta.

[...]

Andava pelo corredor. Duas horas haviam se passado. Provavelmente todos já tinham ido dormir. Ele vestia seu pijama de calça comprida e enfiara de qualquer maneira uma blusa de malha cinza para tampar o corpo, a noite estava fria, mas ele precisava fazer algo antes de dormir, senão ficaria se revirando na cama durante horas.

Entrou cautelosamente na cozinha e, ao contrário do que imaginara, alguém ainda estava ali. Era ela. Naya estava ajoelhada no chão, brincando com o cachorro com um limão pequeno. Yerik

não conteve o sorriso, que tomou conta do seu rosto espontaneamente. Havia dias que não sorria assim. Ele pigarreou.

Naya assustou-se ao perceber que não estava mais a sós com o cachorrinho. A bolinha de pelo, ao tomar conta da presença de Yerik, correu imediatamente em direção a ele, que fez questão de ignorá-lo.

— Naya, preciso te pedir desculpas — ele disse rapidamente, como se fosse se arrepender caso pensasse muito para dizer. — Por hoje, por ter sido impaciente com você. Sei que sempre visa meu melhor e tenta me ajudar de todas as maneiras.

Naya não respondeu, apenas abaixou o rosto e assentiu, ignorando o pequeno rubor que nascia em seu rosto. Felizmente, ele já estava saindo da cozinha. Ela permaneceu sozinha ali por um tempo com o cachorrinho, que já parecia dar sinal de cansaço. Por mais que estivesse satisfeita com as desculpas pedidas por Yerik, já que, conhecendo como ela o conhecia, aquilo fora um enorme passo, estava um pouco decepcionada. De alguma maneira, achou que as desculpas se referiam ao pedido desrespeitoso que ele fizera a ela, em Nova Iorque.

Quatorze

Duas semanas corridas se passaram. O cachorrinho de Natasha acabou por ficar na mansão, visto que sua dona nem ao menos tivera a consideração de pedir para alguém buscá-lo, na sua fúria e desorientação depois da briga, saíra batendo pé e portas, e acabara se esquecendo do animal. Irenia esperou pacientemente alguém bater à porta procurando a bola de pelo, mas depois de uma semana, desistiu, enfiando na cabeça que realmente Natasha era o ser mais egoísta e cruel do mundo e não tinha carinho nem sentimento por ninguém a não ser por ela mesma.

Yerik nunca falava desse impasse canino e também não havia dito qual era o nome do cachorro, de modo que todos fizeram

uma reunião e decidiram por chamá-lo de Misha, que significava também ursinho de pelúcia, em russo. Naya adorou o nome, mas preocupou-se se o cachorro ficaria desorientado com a mudança, afinal ser chamado a vida toda por um nome e de repente por outro poderia deixar qualquer um confuso.

Muitos brincavam também que o cachorro conseguia ser mais educado do que a dona. Além de alguns latidos baixos de noite quando Yerik chegava, só fazia suas necessidades no jornal que ficava na área, ou quando Naya o levava para o jardim a fim de dar um passeio ou brincar com a bolinha que Irenia comprara. Seu latido era fraco, condizente com seu tamanho, e latia apenas quando a porta era aberta por Yerik, era como se o cachorro achasse que ele era seu novo dono, e que lhe devia fidelidade. *Parece que quanto mais Yerik foge do cachorro, mais o bichinho gruda nele*, Irenia havia falado, fazendo com que Naya risse.

Foi com esses pensamentos em mente que Naya entrou na mansão em uma manhã de segunda-feira, sentindo o ar gelado característico do local, consequência do inverno que se aproximava e do piso de mármore claro. Ao entrar, mesmo que com pensamentos tranquilos em mente, percebeu de súbito como o lugar estava mergulhado em tensão, aprendera a captar aquilo com facilidade depois de algum tempo trabalhando ali. Contudo, achou um tanto quanto peculiar aquela tensão, visto que o dia seria o que ela chamava internamente de “comum”.

Foi até seu quarto e trocou de roupa. Depois da viagem a Nova Iorque, quando começara a trabalhar também como secretária, Naya abandonara a roupa negra que sempre usava e era mais livre para escolher sua vestimenta de trabalho, desde que fosse sóbria. Ao sair do quarto, desejou bom dia para todos e perguntou o paradeiro de Irenia. Abel, que tomava um chá na cozinha, apontou para cima.

— Irenia está no escritório de Yerik. Parecia tensa... — ele palpitou.

Naya assentiu e foi em direção ao local. Irenia estava no escritório, como Abel havia dito. Sentada na poltrona ao lado da escrivaninha, parecia imersa em pensamentos, a ponto de não perceber Naya entrar, tamborilava no tampo escuro de madeira e estava com os olhos focados em um lugar qualquer da parede clara, mas Naya a conhecia o suficiente para saber que de longe estava pensando em algo corriqueiro.

— Irenia? — ela a chamou, e a governanta finalmente percebeu sua presença, respirando fundo.

— Sinto que tem uma pergunta para mim — ela disse.

— Por que essa casa está mergulhada em tensão? — Naya perguntou, ignorando o fato de ter o dom em captar aquele tipo de situação tão facilmente. — Nem mesmo as cozinheiras estão conversando.

Irenia parou de tamborilar os dedos na mesa de mogno e começou a remexer em um anel de pedra que sempre usava no dedo.

— Yerik foi chamado ao escritório antes das sete da manhã hoje. Consegui vê-lo sair porque coincidentemente havia descido para beber um chá. A situação não é lá das melhores. — Ao ver a ansiedade no rosto de Naya, tratou de mantê-la informada. — Os americanos estão aqui.

— Às vezes se esqueceram de algo...

— E voaram até o outro lado do mundo para assinar um papel? Não... Minha intuição diz que é algo, e não é bom.

Naya não queria entrar naquela onda de pessimismo, mas sabia que Irenia, além de ser a melhor amiga de Yerik e sua fiel governanta, trabalhara naquela mansão a vida toda, ao lado do patriarca da família Nemov, e agora com seu filho. Por experiência, poderia estar falando a realidade, em vez de estar sendo apenas pessimista e intuitiva. Conhecia o jogo dos empresários.

— Yerik estava tenso quando saiu daqui. Será um longo dia. Espere alterações de humor.

Naya assentiu, percebendo que aquela era sua deixa para sair do escritório e começar a trabalhar. Se não podia fazer nada, pelo menos conseguiria deixar tudo organizado. Quando Yerik chegasse da fatídica reunião, não precisaria se preocupar com nada em relação às papeladas do dia seguinte.

[...]

Já era noite. Naya olhou para o relógio que ficava em cima do piano de cauda. Dez horas da noite. A mansão estava mergulhada em silêncio, indicando que os empregados já estavam dormindo. Até mesmo Abel havia sido dispensado, o motorista normalmente ficava acordado até o chefe chegar. Ela estava sentada em uma cadeira confortável da mesa de jantar, sozinha. Já havia tomado um banho e esquentara seu corpo com roupas confortáveis. Repassava mentalmente se ainda tinha algo a fazer, mas todos os objetos pessoais de Yerik estavam em seus devidos lugares, assim como tudo em seu quarto estava arrumado. No escritório, ela organizara os papéis para o dia seguinte e até adiantara o trabalho, colocando planilhas e contratos de acordo com as datas, alguns por ordem alfabética. Queria dizer a si mesma que fizera isso porque era uma boa secretária, mas a verdade era que estava ansiosa. Trabalhava tempo suficiente naquela mansão, e Yerik chegara tarde daquela maneira poucas vezes.

Uma sombra apareceu ao seu lado direito, fazendo-a se assustar. Era Irenia, que também parecia inquieta, mas entregara os pontos e estava vestida com uma roupa confortável.

— Eu vou dormir — ela disse. — Você deveria fazer o mesmo, Naya. — Perscrutou a garota e percebeu rapidamente a tensão nos ombros dela. — Acredite, se ele está demorando, algo aconteceu e provavelmente ele não vai estar no seu melhor humor. Se ele estiver assim, vai querer ficar sozinho, apenas com seus pensamentos. — Naya não respondeu. — Sua presença de nada adiantará. Vá descansar.

Naya assentiu.

— Estou apenas esperando Misha dormir.

Estava mentindo, e Irenia percebeu isso. O cachorrinho já estava em seu décimo segundo sono, apagado em uma poltrona da sala. A governanta não insistiu, sabendo que Naya era tão determinada como qualquer mulher teimosa, mas achou no mínimo estranho a preocupação dela, pois sabia que aquilo era pessoal. Seus instintos lhe diziam que algo entre os dois estava acontecendo. Não algo carnal ou sentimental, mas algo. Não era visível e palpável, ainda. Mas estava lá.

— Boa noite, Naya — ela desejou, subindo as escadas.

Naya ficou sozinha. Havia mentido, pretendia esperá-lo até não sabia que horas, mas não arredaria o pé dali até ver a porta se abrindo.

[...]

Já passava das onze da noite quando a porta principal da mansão se abriu. Naya se sobressaltou, pois acreditava que Yerik demoraria um pouco mais para chegar. Não se aproximou dele, apenas o observou fechar a porta. Ao contrário do que Naya imaginara, ele não parecia irritado, mas demonstrava estafa. Na verdade, estava tão exausto que não percebeu a presença dela ali, e logo colocou a pasta no sofá, como se ela estivesse pesada demais para seus braços cansados. Naya observou tudo com atenção, ele começou a subir as escadas, no mesmo momento em que afrouxava a gravata.

Ela finalmente se levantou e o seguiu. Percebeu a porta do escritório fechada e, ao abrir, não o encontrou lá dentro, o que a deixou surpresa. Yerik sempre se enfunava naquele escritório quando precisava pensar sobre negócios ou quando algo de importante acontecia na empresa. Ao fechar a porta do cômodo e voltar para o corredor, percebeu a luz do quarto de Yerik acesa pela fresta abaixo da porta. Aproximou-se, sentindo-se uma intrusa mal-educada, mas algo em seu íntimo lhe pedia para fazer justamente isso.

Não conseguiu ouvir nada, nem mesmo o barulho de passos ou do chuveiro. Ficou ali, esperando e pensando se seria prudente

bater à porta. Olhou de um lado para o outro. No final do longo corredor, a porta do quarto de Irenia estava fechada, indicando que ela não escutara a chegada de Yerik e provavelmente já estava dormindo. Naya respirou fundo e decidiu fazer algo que tinha certeza que ultrapassaria uma linha invisível que ambos colocaram entre si desde que ela começara a trabalhar ali, e que ficou ainda mais forte depois da noite no apartamento de Nova Iorque.

Ergueu o braço e bateu na porta. Demorou um pouco, mas logo a voz dele foi ouvida.

— Entre — pediu.

Naya respirou fundo e abriu a porta, não sabendo realmente o que encontraria do outro lado. Ao fechá-la atrás de si e fitá-lo, conseguiu observar facilmente duas coisas: a primeira é que estava certa, e de alguma maneira Yerik não parecia irritado com nada. A segunda era que ele claramente estava triste e exausto. Sua expressão gritava isso, e ela não soube o que dizer.

— Naya... Boa noite. — Ele desejou. Não parecia realmente esperá-la ali, talvez pensou que fosse Irenia?

— Yerik. — Ela o chamou pelo primeiro nome. — Está tudo bem? Parece cansado...

Não adicionou em voz alta sua preocupação. Yerik ficou calado algum tempo, mas logo depois retirou a gravata e jogou-a na cama, ao lado da poltrona onde estava sentado, removendo dois botões das respectivas casas de sua camisa. Parecia sufocado com algo.

— Infelizmente hoje não estou com cabeça para lidar com mais problemas — ele suplicou, entendendo que ela estava ali para dizer algo sobre trabalho. — Acabo de receber alguns americanos na empresa e perder um contrato bilionário.

Não soube por que realmente disse aquilo. Era assunto da empresa, apenas para alguns empresários que trabalhavam diretamente com o país, ou talvez Irenia, se fosse abranger um círculo mais pessoal. Mas Naya tinha uma capacidade incrível para

fazer com que ele se sentisse à vontade de dizer tudo sem ao menos pensar, e isso era no mínimo perigoso. Ao contrário do que a mente cansada dele previra, ela não parecia estar ali para lhe dizer sobre contratos.

— Sim... Irenia disse que você estava em uma reunião importante. — Aproximou-se dele automaticamente. — Fiquei te esperando... para saber... — Percebeu que havia falado demais, mas agora seria impossível não concluir seu pensamento. — Para saber se você estava bem.

Yerik finalmente desgrudou os olhos do chão e olhou para ela. A intensidade do olhar dele a incomodou, mas ela nada disse, apenas ficou ali, esperando uma resposta de que ele estava bem, para que finalmente pudesse sair do quarto e dormir. Mas sabia que ele não daria aquela resposta, por vários motivos, sendo dois mais importantes: Yerik não estava bem e não era homem de mentir. Infelizmente havia algo atravessado naquela conversa que deixava ambos desconfortáveis com a presença um do outro, mas que já estava incômodo a ponto de concordarem em resolver tudo aquilo de uma vez.

— Tirando que estou milhões mais pobre, acho que vou sobreviver. — Ele usou a piada para tentar fazê-la relaxar. Podia observar o corpo dela tenso. — Odeio americanos e tenho meus motivos, mas achei que pelo menos teriam palavra, até agora.

A raiva passou pelo rosto já sério, deixando-o com a expressão ainda mais cansada.

— Sinto muito, Yerik. — Naya se aproximou ainda mais. — Posso fazer algo por você?

Ele negou com a cabeça, mas também não pediu para que ela o deixasse descansar. Naya, um pouco sem lugar pela situação delicada, procurou algo para fazer e percebeu a gravata dele jogada na cama. Sua mão capturou automaticamente a peça do vestuário e ela começou a enrolá-la para guardá-la. Faria aquilo e sairia do quarto para deixá-lo com seus pensamentos. Mas antes que

pudesse terminar de enrolar o tecido, uma mão masculina pegou seu pulso com um cuidado surpreendente.

Naya não soube o que fazer. Ele nunca a havia tocado daquela maneira. O toque de Yerik era quente, mas sua mão parecia levemente trêmula, ela não sabia se por causa do cansaço ou porque sentia algo que ela compartilhava nesse momento: tensão.

— Não faça isso agora, por favor — ele pediu gentilmente.

Era um convite claro para que ela se retirasse. Naya colocou com cuidado a gravata semienrolada perto do travesseiro e se afastou, mas a mão dele ainda circulava seu pulso, e ele apertou levemente ali antes de fazer o pedido.

— Fique aqui comigo... Pode ser? Fique... Quero ver você próxima.

Com Naya, ele sabia que precisava agir cautelosamente. Como ela não puxou o braço ou negou, Yerik concluiu que poderia seguir para o segundo passo e gentilmente começou a puxá-la para si, até que o corpo dela ficasse tão próximo ao seu, que era quase impossível fugir daquele contato. Naya respirou fundo, sabendo exatamente o que poderia acontecer naquele momento e, pela primeira vez, não deixou seu lado racional guiar sua mente, apenas deixou-se levar pelo toque dele e sem perceber sentou-se em seu colo, fitando-o agora diretamente nos olhos intensos.

— Você é uma das mulheres mais belas que eu já vi.

Ele já havia dito aquilo, e infelizmente fizera um pedido louco logo depois, e as consequências não foram boas, mas Naya não queria pensar naquilo. Sua vaidade egoísta estava gostando de ouvir aquele elogio no sotaque russo carregado e na voz poderosa que ele possuía.

Ele passou os dedos tranquilamente pelo ombro dela, jogando algumas mechas de cabelo para trás e expondo o pescoço. E, sem pedir permissão, beijou-a.

O toque dos lábios dele pegou-a completamente desprevenida e, ao contrário da delicadeza do toque em seu pulso, Yerik não perdeu tempo para aprofundar aquilo tudo, abrindo a boca para tocá-la com a língua, não acreditando de fato quando ela permitiu, sem realmente se dar conta de como se aproximara dele, em como sua respiração estava mais difícil, assim como a dele.

As mãos de Yerik correram pela cintura dela, sentindo a carne ali, querendo de fato sentir a pele, mas sabendo que naquele momento aquilo seria impossível. Naya possuía uma beleza rara, mas ele precisava apreciar aquela beleza aos poucos, ou sentia que iria se intoxicar com aquela mulher de um jeito que não conseguiria fugir da influência que ela exercia sobre si, se é que já não estava completamente preso àquele labirinto de curvas, aroma, lábios e mãos delicadas.

De alguma forma, ela se ajeitara no colo dele e passara o braço em torno do seu pescoço, subindo as mãos para o cabelo que sempre sonhou em tocar, mesmo que tivesse percebido isso só naquele momento. Era sedoso, bem como a barba densa que lhe fazia leves cócegas no queixo, e como a língua, que explorava cada canto da boca dela como se ele nunca fosse realmente ter uma segunda oportunidade de fazer aquilo.

O beijo foi tomando um rumo mais intenso, não conseguiam desgrudar um do outro sequer para respirar e tomar algum fôlego, já perdidos completamente no meio daquele toque ousado. Yerik estava excitado e tinha consciência que Naya sentia aquela excitação facilmente, mas a indiana não parecia se importar, pelo contrário, mesmo que não percebesse, seu corpo prensava discretamente o local, fazendo com que ele perdesse ainda mais o controle do seu corpo.

Mas precisava daquele controle. Precisava porque, se o perdesse, jogaria aquela mulher na cama ao lado e a tomaria de uma forma brutal, liberando assim sua excitação e seu desejo por aquele corpo curvilíneo desde que começara a desejá-lo.

Com muita relutância, ele recuou, finalmente desgrudando seus lábios dos dela. Permaneceram calados e próximos, em um contato mais íntimo que um simples beijo, até que ele encostou a testa à dela e logo depois beijou-a ali, mostrando seu respeito, mesmo que a desejasse mais que tudo.

Naya, de alguma maneira depois daquela loucura, parecia tomar ciência do que havia feito e agora estava levemente trêmula no colo dele, mas Yerik não parecia apto a deixá-la ir, apertando-a em um abraço, como se soubesse o que ela estava sentindo. Vergonha por ter sucumbido a uma vontade que nem mesmo ela sabia que existia de forma tão intensa dentro de si.

— Você me perguntou se poderia fazer algo por mim... — Ele a lembrou, tentando fazê-la se distrair do fato de estar no colo dele, entre os braços dele, enquanto minutos atrás era apenas uma secretária. — Eu disse que não. Mas eu menti.

Naya esperou, sabendo o que viria. Mas de alguma maneira o que ele falou lhe pegou desprevenida.

— Eu realmente queria vê-la dançar outra vez... — Ele fez o pedido novamente, mas de alguma forma não soou como um insulto como da última vez. — Por favor... — pediu gentilmente, quase suplicante. — Faria isso por mim?

Olhou-a com intensidade e, contrariando o momento, os olhos masculinos e escuros não estavam pedintes, mas determinados. Naya lembrou-se tarde demais do motivo: Yerik era um homem que normalmente conseguia o que queria, e era seguro demais disso para que alguém descobrisse um motivo de contrariá-lo. Afinal, não chegara onde estava por nenhum motivo. Infelizmente, aquele poder de persuasão a estava afetando, porque depois de pouco tempo, Naya pegou-se abrindo a boca para responder.

— Danço — disse.

O sorriso dele foi sincero, mas ela conseguiu captar certa malícia no gesto. Ele se remexeu na poltrona, fazendo com que ela

percebesse que ainda estava excitado. Contudo, precisavam se controlar naquele momento.

— Excelente! — ele disse exultante. — Vou deixá-la ir agora, tudo bem? Foi um longo dia... — Abriu os braços, liberando-a de má vontade. — Promete não fugir?

Naya revirou os olhos, saltando do colo dele, sentindo as pernas trêmulas e o perfume masculino impregnando sua pele.

— Não vou fugir. Vá descansar.

Ela praticamente ordenou, já caminhando para a porta. Yerik virou levemente o rosto para observar aquele par de coxas, e mais acima, mexendo-se enquanto ela andava. Naya já estava com a incrível mania de ordená-lo a fazer algo, uma tendência entre as mulheres da família. Elissa e Irenia já tinham esse dom, e parecia que Naya havia capturado aquilo com primazia.

E ele acatava as ordens.

— Vou. Boa noite, Naya.

— Boa noite, Yerik.

Quinze

Naya demorou a acordar. Parte disso era porque havia dormido tarde na noite anterior, um pouco sem lugar na cama que se acostumara a dormir todas as noites, mudando de posição a cada minuto até que o cobertor fofo embolasse em suas pernas como se fosse uma cobra e a prendesse, nesse momento, ela se levantava e estendia novamente o cobertor, para deitar-se e começar novamente todo o processo da insônia. A outra parte da demora em acordar era a relutância em abrir os olhos e acionar seu cérebro para que este percebesse que ela já estava desperta, e comesse a pensar em várias coisas, uma delas, com certeza, o que se passara na noite anterior.

A verdade era que Naya não queria encarar o que havia acontecido. Parte da sua insônia se devia ao fato de ter que tomar

uma decisão, e ela realmente não sabia qual tomar. Mas depois da noite mal dormida e de dedicar boa parte das horas pensando naquilo, concluíra que o melhor para ela seria pedir demissão daquele emprego.

Sentiu vergonha de si mesma. Definitivamente não poderia trabalhar para alguém que beijara daquela forma e, principalmente, para alguém que sentia algo. Já estava cansada de negar a si mesma, Naya sentia algo por Yerik. Pensou na conversa que tivera com Alaric... Sim, aquela conversa a fez enxergar muita coisa que insistia em bloquear da sua mente. Sentia algo, mas o quê? Atração? Uma necessidade de vê-lo bem? Poderia facilmente ser uma mistura dos dois, afinal, desde que entrara naquela mansão, via Yerik como um homem que nadava contra as responsabilidades que herdara do pai, e Naya tomou nota do tamanho das responsabilidades quando viajara com ele para Nova Iorque.

Ela não conhecera de fato a mãe de Yerik, apenas a viu poucas vezes, Elissa aparecia muito de vez em quando na mansão e, mesmo assim, coincidentemente quando Naya estava de folga em um fim de semana. Mas sabia que ela dava apoio ao filho, pois sempre era mencionada com grande respeito e carinho por todos daquele lugar. Mesmo passando a ideia de um homem seguro e tendo Irenia para ajudá-lo sempre que precisasse, Naya sentia que às vezes Yerik parecia perdido, ou até mesmo cansado de tudo.

Mas aquilo podia ser algo da sua cabeça.

[...]

Naya saiu da cozinha discretamente, tendo inteira noção dos olhares sobre si. Claro que eles não imaginariam o que havia passado na noite anterior naquela mansão, mas todos conviviam diariamente com ela, e muitos perceberam que Naya estava inquieta e até mesmo desanimada, o que não era do seu feitio. Abel chegara a perguntar discretamente quando fora a última folga que Naya tirara, e ela pegara todos de surpresa ao avisar que não havia tanto tempo assim.

De qualquer maneira, sentiu-se melhor quando chegou ao corredor e se afastou das metralhadoras oculares. Decidida, caminhou diretamente para o escritório. Surpreendeu-se quando abriu a porta e encontrou Yerik sentado atrás da escrivaninha, escrevendo em um papel que parecia conter cláusulas de contrato. Estava vestido para trabalhar, mas de alguma maneira estava atrasado, para a grande sorte dela. Naya tinha a intenção de escrever uma carta pedindo demissão e deixá-la na mesa, avisando apenas Irenia pessoalmente da sua decisão. Sim, era uma saída covarde, mas ela não estava muito disposta a encará-lo. Pelo visto, o destino resolveu brincar com ela quando o enfiara ali, no momento em que ela abria a porta. Pois ele nunca estava ali, Naya sempre o procurara de manhã para fazer perguntas ou para pedir assinaturas de última hora, e Yerik sempre estava na empresa naquele horário. No dia em que ela daria sua alma para encontrar o escritório vazio, o maldito estava sentado na mesa, e olhou-a diretamente quando viu que alguém abria a porta.

O sorriso que percorreu o rosto de Yerik fora um dos poucos que um dia ela o vira dar. Deixava-o mais jovem, mais bonito. Naya sabia que aquele sorriso era espontâneo, bem como sabia que ele não o daria por qualquer motivo. Isso dificultou tudo.

Ela retribuiu o sorriso, não com a mesma empolgação dele, mas de uma forma educada. Aproximou-se da mesa, estava ansiosa e ele percebeu isso de imediato. Aos poucos o sorriso dele foi fugindo do rosto, e logo o semblante sério voltou a tomar conta de sua fisionomia.

— O que houve? — ele perguntou.

Naya não respondeu de imediato. Sentou-se na cadeira e ficou alguns segundos calada, até respirar fundo.

— Preciso conversar com você. É sobre meu pedido de demissão.

Yerik ficou calado por alguns momentos, e Naya percebeu porque ele era bom no que fazia. Estava a analisando com aqueles olhos atentos de um empresário que busca resposta em um silêncio

do cliente. E ela sabia que ele não demoraria a perceber o motivo daquilo tudo. Como sempre Yerik não a deixou esperando.

— Isso tudo por causa do beijo de ontem? — Foi direto e simples.

Naya ficou calada. Sim, por causa do beijo, mas havia muita coisa por trás daquilo tudo. Não era simplesmente um beijo. Era o sentimento que havia nascido ali dentro, um sentimento estranho que se mesclava ao desejo de ser tocada por ele. Aquilo não era profissional. Eram os poucos momentos que passavam juntos com aquela nuvem de tensão sexual pairando sobre os dois, sem que realmente ele ou ela falassem sobre. Era tudo. A situação havia chegado a um ponto crucial, e uma decisão rápida teria que ser tomada.

— Não... Não é por causa apenas do beijo — ela disse de forma contrariada. — Há muita coisa além — acrescentou, sem realmente dizer abertamente o quê.

Yerik era astuto e soube exatamente do que ela estava falando, pois sentia o mesmo, mas ao contrário de Naya, não via problema nenhum nisso. Eram dois adultos desimpedidos. Que mal havia naquilo tudo?

— Não quero demitir você. — Ele deixou bem claro.

— Mas vai precisar... É minha decisão.

Yerik respirou fundo e finalmente soltou a caneta, ignorando os documentos onde estava escrevendo quando ela entrara no escritório. Olhou-a com atenção.

— Naya... eu deixo tudo de lado para que você continue aqui. Eu esqueço o que se passou ontem...

— Não é só isso. — Ela o interrompeu.

— Eu esqueço até mesmo meus pedidos loucos. — ele disse, referindo-se ao que fizera na noite anterior e em Nova Iorque. — Mas, por favor, continue aqui. Eu confio em você.

Disse com sinceridade, Naya pôde até mesmo sentir isso e o amaldiçoou, percebendo de imediato porque Yerik era bom no que fazia e porque ele comandava uma empresa tão grande de olhos fechados. Ela respirou fundo e ponderou. Não acharia emprego como aquele tão facilmente, e estava habituada a trabalhar ali. Gostava de todos e a tratavam muito bem. O problema era ele, inteiramente ele.

— Tudo bem. Eu fico. Temos que ver como vamos conduzir isso tudo — ela disse, finalmente.

— Você ainda vai dançar para mim? — ele perguntou.

Naya realmente não acreditou no que estava ouvindo. A indignação devia estar estampada em seu rosto, pois o de Yerik começou a se contorcer em um sorriso contido. A vontade dela era de enforcá-lo.

— Eu não acredito nisso! — ela vociferou baixinho, um pouco esganiçada. — Você acabou de me dizer que ia desistir dessa loucura!

— Sou conhecido por minha teimosia, você sabe — ele disse, levantando-se da poltrona e dando a volta na escrivaninha.

Sentou-se no tampo da mesa e olhou-a com intensidade. Naya dessa vez sustentou o olhar, tamanha indignação que sentia. Mas Yerik estava até mesmo calmo, com um sorriso tranquilo nos lábios. Ele passou a mão levemente pelo cabelo dela, desprendendo algumas mechas da trança que ela insistia em fazer. Ele preferia ver aqueles cabelos soltos, deixavam-na tão linda... Ainda mais linda.

— Por favor... — A voz dele possuía um tom encantador naquele momento.

Ela ignorou veementemente como seu corpo reagia quando ele a tocava. Revirou os olhos e percebeu que só conseguiria ficar livre daquela loucura quando saciasse a vontade insana daquele homem de vê-la dançar.

— Tudo bem. Eu danço.

O rosto dele modificou no mesmo momento. De suplicante foi para vitorioso, e Naya precisou se controlar para não pegar o grampeador e grampear os dedos dele, de raiva. Yerik voltou para seu lugar, mas não se sentou na cadeira, começou a enfiar os papéis na maleta de trabalho.

— Excelente! Preciso ir agora, mas depois combinamos melhor. Tenho um apartamento em Moscou perfeito para isso e...

— O quê? — Ela o interrompeu.

— Um apartamento em Moscou.

— Eu ouvi isso, mas o que faz você pensar que eu vou até um apartamento secreto para dançar para você?

— Bom... — Ele foi pego desprevenido. — Você pode escolher. Pode dançar aqui também, se quiser. Mas provavelmente todos irão ver e logo comentar. Você se importa?

— É claro que me importo! — Ela se levantou, e Yerik se encolheu de forma automática, como se ela estivesse prestes a lançar um lápis em seu olho. — O que as pessoas vão achar de mim? Dançando para o meu chefe, ahn?

— Relaxe, Naya — ele pediu achando graça. — Você vai ficar fora por apenas algumas horas, pode ir para sua casa no final de semana e eu a pego lá, se quiser ser discreta. Não vejo motivo para tanta preocupação e... — Parou de falar no momento em que viu os olhos dela praticamente o queimando. — Bom, você que sabe.

— Tudo bem. No fim de semana. Vamos acabar logo com isso — ela disse resignada.

— Ótimo! Você vai usar a roupa nova que eu comprei para você?

Naya olhou novamente para o grampeador.

[...]

Era uma manhã de sexta-feira quando Elissa ligou para a mansão avisando que iria almoçar por ali, mesmo que seu filho não fosse acompanhá-la. Naya achou aquilo tudo estranho, mas sabia

que de vez em quando a mãe de Yerik gostava de passar pela mansão, afinal, aquele lugar fora sua casa por anos, e todos os empregados a respeitavam em demasia, e logo ficaram contentes com a presença dela.

Katiya logo escolheu o cardápio: Kotlety. A família Nemov tinha preferências culinárias, e o Kotlety era sempre bem apreciado, e isso não era diferente com Elissa, que no momento estava terminando a sua bolinha de carne. Naya achava aquilo igual às almôndegas que todos faziam, mas se recusava a experimentar porque Katiya sempre preparava as bolinhas com carne vermelha, e Naya não era muito afoita pelo tipo de carne, parte porque realmente achava o gosto forte, parte porque fora criada na Índia.

Naya já havia visto Elissa algumas vezes na mansão, mas de fato nunca conversara com a mulher. Não por ela se sentir superior a todos os empregados ali, mas Elissa parecia sempre apressada e se concentrava mais nas conversas com Irenia. Naya sabia que um dos motivos era descobrir o que seu filho estava passando, onde comia e a que horas chegava em casa. Yerik poderia se tornar uma dor de cabeça para qualquer mãe. Além de trabalhar muito, às vezes parecia aéreo a tudo, mas quando queria algo, enfiava na cabeça e não havia aspirador de pó que retirasse. Naya era vítima desse gênio determinado.

Irenia deixou Elissa sozinha pela primeira vez no dia, para fazer um chá. No momento, Naya estava passando pela sala de visitas com os braços cheios de papéis e uma agenda em cima da pilha. Ela parou ao ver a matriarca da família Nemov ali. Não sabia o que fazer e o que dizer, mas Elissa decidiu isso por ela.

— Boa tarde — desejou gentilmente. — Receio não te conhecer formalmente ainda. Venha cá.

Naya quase olhou para trás para ter a certeza de que era realmente ela que Elissa chamava. Aproximou-se da mulher e esperou. Os olhos de Elissa pareciam analisar cada fio de cabelo de Naya, e ela não gostou muito disso.

— Qual o seu nome? — Elissa perguntou gentilmente, mesmo já sabendo a resposta.

— Naya Bantar — Naya respondeu.

O sorriso que Elissa dera tranquilizou a garota, que de uma maneira peculiar se sentia exposta.

— Então, Naya, você é o motivo do meu Yerik sorrir mais ultimamente?

Foi direta na pergunta e pegou Naya completamente desprevenida. Como ela responderia aquilo? Sentia como se a pergunta fosse um bloco de concreto que de repente teria que retirar do meio do caminho. Engoliu em seco.

— Bom... eu... — Percebeu no momento que sua voz estava falha e que Elissa, por mais interessada que estivesse, não parecia esperar uma resposta.

A matriarca da família Nemov levantou calmamente a mão, impedindo com esse gesto que Naya não se revirasse ainda mais em busca de uma resposta satisfatória.

— Conheço meu filho melhor do que muitos acham — ela ressaltou. — Vi o modo como ele olha para você. — Ela sorriu. — Um dia, você estava arrumando as gavetas com tanta determinação que parecia querer evitar olhares sobre si... o que não a culpo, ele a fuzilava com os olhos...

Naya começou a sentir seu rosto queimar, uma vontade de cavar um buraco ali e enfiar a cabeça para que ninguém a visse como estava, ou, com alguma sorte, para sair do outro lado do mundo, onde não havia russos diretos e questionadores. Os papéis que estavam em suas mãos estremeceram levemente por causa da tensão a qual seus braços estavam imersos.

Naquele momento, a garota escutou um barulho vindo do corredor, e quase chorou de alegria quando reconheceu o som dos passos de Irenia, provavelmente voltando com o chá.

— Eu gostei de você... você me parece amável. — Elissa sorriu, e Naya percebeu, não de forma menos surpresa, um sorriso acolhedor. — Espero que você faça meu filho feliz, e não o entristeça igual a Natasha fez.

Com aquele pedido sincero, deu uma piscadela para Naya, que percebeu a deixa e se afastou do local completamente sem reação, nem ao menos agradeceu o voto de confiança, e nem mesmo pediu licença. Apenas foi para o escritório, onde se enfurnou nos documentos, tentando esquecer a conversa surreal e praticamente unilateral que havia tido com a mãe de Yerik.

[...]

A noite chegara e Naya já terminara o trabalho. Contudo, ainda tinha uma missão antes de se recolher: falar o que havia acontecido naquela tarde para Yerik. Ela não queria que ele ficasse sabendo da conversa pelo lado de Elissa, ou, quem sabe, até mesmo Irenia. De jeito nenhum, seria ela a contar aquilo para ele.

Ao entrar no escritório, fechou a porta atrás de si e dirigiu-se diretamente para a cadeira que sempre ocupava, de frente para Yerik. Seus olhos o fitaram, determinados, mas Naya detectou algo que sobressaiu dos traços no rosto dele. Yerik parecia, de alguma forma, triste.

Esqueceu-se momentaneamente do seu objetivo ali.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Nada... por quê?

— Parece incomodado com algo — disse, para não mencionar a tristeza.

Yerik ficou calado por alguns segundos, até suspirar e recostar-se na poltrona confortável.

— Ah... Não é nada em especial. O natal está chegando... — Deixou aquilo no ar, e como percebeu que Naya não havia entendido, e nem poderia tê-lo feito, acrescentou. — Era a época

preferida do meu pai, o natal. Normalmente fazia viagens para comprar presentes únicos para todos da mansão e da empresa...

Naya não soube o que dizer. Yerik raramente falava do pai, mas quando o mencionava, era sempre com um carinho, mesmo que velado. Provavelmente era tímido em falar em voz alta a falta que sentia dele, ou até mesmo, orgulhoso. Yerik sempre aparentava ser uma fortaleza, dizer em voz alta que gostaria que seu pai estivesse ali, ao lado dele o ajudando nos negócios, era demonstrar uma fraqueza, e isso era inconcebível. Para Naya aquilo tudo era uma bobagem.

— Bom... Você pode manter essa tradição, não? Comprar presentes para todos — ela sugeriu, já pensando que seria a escolhida para ajudá-lo, afinal, se Yerik fosse o responsável pelos presentes de natal, todos ganhariam meias.

— Pode ser... — ele falou, coçando a barba e ajeitando-a. Depois olhou para Naya e, pela primeira vez, parecia realmente observar a presença dela ali. — O que está fazendo acordada aqui? Hoje é sexta... Não devia descansar? Amanhã não vou passar no escritório, então não precisa mexer com papelada e...

— Ela sabe. — Naya soltou, interrompendo-o.

— Como? Quem sabe? E o quê?

— Sua mãe... Ela sabe de... Nós. Ou sei lá o que temos — Naya disse de um só fôlego.

E contou a conversa estranha que havia compartilhado com a mãe dele. Yerik ficou sério por um tempo, mas depois sorriu de forma aberta, passando a mão novamente pela barba densa.

— É claro que ela sabe, aquela espiã russa.

Naya realmente não acreditou que ele estava fazendo piada com aquilo, estava prestes a abrir a boca e retrucar quando ele a interrompeu.

— Deus, como tenho vontade de beijá-la novamente — disse de forma tão súbita que ela não soube o que responder.

— Yerik...

— Você se arrepende daquela noite? — ele perguntou, e quando não obteve resposta, acrescentou. — Preciso saber, Naya... Estarei sozinho com você amanhã...

— Eu acho que aqui não é o lugar ideal para ter esse tipo de conversa. — Ao vê-lo sorrir, respirou fundo. — Sou sua secretária, trabalho para você.

— Bobagem, pare de falar assim. — Ele meneou a mão. — Vai ficar por aqui então?

— E tem como eu sair daqui? Desde que me tornei sua secretária uso as manhãs de sábado para organizar a zona que é sua vida e sua agenda!

Ele riu, inclinando-se na poltrona.

— Deixe de ser exagerada — respondeu, sabendo que ela não estava de forma alguma sendo exagerada. — Pego você às sete, no seu apartamento. Separe sua roupa, tudo bem?

Dezesseis

Estava nervosa. Não por causa da dança em si, já havia feito apresentações mais formais para os mais diversos públicos, incluindo pessoas de castas importantes na Índia e, ironicamente, uma turma de estrangeiros na Rússia. Não, estava nervosa por causa dele. Sentia suas pernas levemente trêmulas e perguntou-se se conseguiria usá-las para sustentar o corpo durante a dança. Suas mãos estavam firmes, porém Naya apertava uma contra a outra a todo momento, na esperança de esmagar aquela ansiedade. Mas nada daquilo adiantava. Havia tomado sua decisão e agora a hora estava próxima, e longe demais para voltar atrás.

Perguntava-se a todo momento onde estava com a cabeça de ter aceitado aquela ideia absurda. Dançar por prazer ou por trabalho era algo completamente diferente de dançar para seu chefe apenas pelo fato dele se sentir atraído por ela. Era exatamente ali que

estava o perigo, Yerik estava atraído por Naya, o beijo que compartilharam apenas deu a ela aquela certeza, e ele dissera com todas as palavras a vontade que tinha de voltar a tocar seus lábios. E ela correspondia àquele desejo, pois quando o via, esquecia que estava ali na mansão para organizar seus papéis e sua agenda, e não para sentir o perfume que ele exalava por onde passava, impregnando o ambiente de uma forma sutil, mas que deixava uma marca intensa.

Seus pensamentos foram cortados quando escutou o barulho do interfone. O coração quase pulou para fora do corpo, saindo pela boca e correndo em direção à janela. Naya saiu do seu momento de transe eufórico e atendeu. Era ele, subiria para ajudá-la com a roupa, como se uma roupa de dança pesasse mais do que o monte de pastas que ela carregava durante o expediente. Ela se olhou no espelho da sala de jantar, ajeitou o cabelo, que insistiu em cair do exato jeito que estava, e foi para a porta. Abriu-a. Yerik estava parado ali, mas entrou sem ao menos esperar um convite, virando-se para ela. Naya percebeu naquele momento algo que nunca vira nas feições dele: expectativa.

— Boa noite! — ele desejou, olhando para a capa escura fechada com zíper. Reconheceu ali a marca do lugar onde comprara a roupa. — Só isso? Onde está sua mala?

— É apenas uma roupa de dança. A maquiagem e os acessórios eu tenho aqui. — Naya levantou uma pequena maleta prateada. — Por quê?

— Bom... Hoje é sábado. — Ele pareceu sem jeito pela primeira vez em semanas. — Achei que passaria a noite.

Naya fez uma careta de surpresa e depois deu de ombros.

— Não seja afoito. Vou dançar e apenas isso. — Pegou a bolsa de mão e a maleta. — Vamos?

[...]

O carro estava mergulhado em silêncio, algo realmente incômodo para Naya. Yerik estava atento ao trânsito caótico, todos

os moscovitas pareciam possuir um carro e dirigir pelas ruas naquele momento. A Rússia era um país estranho no quesito leis de trânsito, alguns até mesmo paravam os carros onde queriam e deixavam bilhetes falando onde estavam, caso alguém precisasse retirar o carro da garagem ou do local que o outro impedia.

Para Naya, sentar-se ao lado dele em um ambiente fechado era uma tortura. O perfume de Yerik parecia envolvê-la em um abraço cálido, que a deixava tranquila e ao mesmo tempo excitada, uma combinação não muito segura naquele momento. Respirou fundo para se acalmar, o que piorou a situação.

— Estamos chegando — ele avisou.

O apartamento no caso era em uma área nobre de Moscou. Naya não esperava por algo diferente, afinal, Yerik não poupava quando o assunto era seu conforto, apesar de ser uma pessoa relativamente discreta em relação ao seu poder aquisitivo.

Ele deu uma pequena buzina e um portão grande se abriu, dando espaço para que entrassem na garagem. Ali havia carros de diversos tipos, mas Yerik acomodou o seu em uma vaga dupla vazia. Naya teve espaço suficiente para abrir a porta e sair com sua mala, olhando tudo em volta. O local era um pouco escuro como toda garagem subterrânea, mas as luzes se acenderam no momento em que ela deu um passo adiante, deixando o ambiente mais iluminado.

Yerik gesticulou para que ela o seguisse e Naya foi de encontro a ele, que começou a andar calmamente pela garagem. O som dos passos dos dois reverberava. Naya respirou fundo quando ele colocou discretamente a mão em suas costas para guiá-la, sentindo um arrepio estranho e ao mesmo tempo prazeroso. Entraram no elevador, e ela achou que aquele silêncio beirava ao constrangedor.

— Não sabia que tinha um apartamento escondido por Moscou — ela confessou, achou que a mansão com diversos quartos e empregados bastava para Yerik, mas pelo visto ele gostava de colecionar imóveis.

— Venho aqui raramente, meses atrás coloquei para aluguel, mas acabei desistindo. — Ao ver o olhar questionador dela, acrescentou. — Sou um pouco ciumento com esse imóvel. Comprei para fugir de todos em certos momentos.

— Apenas fugir?

Naya perguntou e saiu do elevador assim que as portas se abriram, deixando Yerik para trás com um leve questionamento na mente, pois não havia entendido a pergunta de fato. Quanto a Naya, achou que fora direta. Se ele estava a levando àquele apartamento para que ela dançasse, provavelmente muitas mulheres já haviam visitado aquele lugar.

Decidiu não pensar nisso.

O apartamento ocupava todo o décimo primeiro andar, o hall de entrada era pequeno, apenas para possíveis entregadores ou empregados do prédio esperarem enquanto o proprietário abria a porta. Quando Yerik o fez, Naya entrou, sentindo um leve aroma que ela distinguiu com facilidade: o perfume delicioso do homem que estava ao seu lado. Yerik havia estado ali recentemente.

Ele acendeu as luzes, e o apartamento ficou claro, o mármore da sala parecia duplicar a iluminação do local. Ali era claramente um refúgio masculino. Não por estar com restos de comida congelada na mesa de centro ou roupas jogadas de qualquer maneira no sofá, mas pela decoração ser simples e até mesmo contemporânea. Conhecendo Yerik como ela conhecia, poderia jurar que ele contratara alguém para limpar e arrumar o apartamento, senão ela não conseguiria chegar à sala de jantar, tamanha a quantidade de gravatas pelo chão.

Esforçou-se para não sorrir. Ele estava tentando, afinal.

— Bom... Quero que fique à vontade — ele disse, fitando-a com calma. — Aceita uma taça de vinho? Para aquecer? — Fez a pergunta de forma brincalhona e achou que Naya não gostaria muito do tom, mas se surpreendeu quando ela sorriu.

— Aceito — respondeu. — Troco de roupa agora ou depois da taça?

— Você escolhe. — Yerik percebeu que não pensou muito nos termos técnicos daquele pedido. — Vou escolher uma garrafa e preparar algo, pode usar o quarto ao lado. — Apontou para o corredor, que continha algumas portas. — É a da esquerda. — Orientou-a quando percebeu que parecia perdida. — Use o som da sala, quando quiser.

Naya assentiu, e Yerik deu as costas para ela, caminhando até o que parecia a cozinha. Ela respirou fundo, pegando a roupa que ele colocara no sofá claro e levantando novamente a pequena maleta, indo até o quarto.

Acendeu a luz e percebeu o quanto era espaçoso, mas não viu ali muito do que normalmente continha em um quarto. Não havia cama, tampouco móveis para televisão ou cómodas. Parecia um quarto de vestir.

Naya colocou a maleta em uma espécie de baú, afastando com cuidado os objetos de cima do tampo, olhou-se em um grande espelho que ficava ali. De repente percebeu que algo havia mudado. Ela seria novamente a dançarina sensual que se apresentara na reunião, pois estava acostumada a seduzir com os quadris e movimentos qualquer um em um ritmo de música peculiar. Sorriu. Se Yerik queria uma dança exclusiva, ele teria isso.

[...]

Yerik estava na cozinha abrindo o vinho quando escutou a melodia. Reconheceu a música típica e sorriu, mas aquela era um pouco diferente da que Naya dançara na reunião. Parecia mais lenta e ao mesmo tempo envolvente.

Ele havia enrolado um pouco no preparo daquele pequeno lanche, pois sabia que a sua companhia naquele momento era sistemática e gostava de um tempo para se preparar para algo que saía de sua rotina, principalmente se esse algo era dançar para seu chefe, pedido feito inúmeras vezes e acompanhado de respostas

negativas, mas que finalmente terminou com uma vitória da parte dele. Naya devia estar testando o som. Ele colocou o vinho em duas taças, apoiando-as na bandeja que preparara com alguns petiscos.

Apoiou a bandeja na palma de uma mão e com a outra capturou a garrafa. Com sorte beberiam aquela ali completamente. Foi para a sala na expectativa de uma conversa a sós e tranquila para depois presenciar um espetáculo privado, mas o que encontrou foi algo totalmente diferente.

A sala estava vazia, mas de alguma forma a luz estava baixa, e a música preenchia todo o ambiente. Ele franziu o cenho e colocou a bandeja na mesa de centro com a garrafa ao lado, olhando de um lado para o outro e procurando-a. Teria ido ao banheiro?

— Naya? — chamou.

Ela apareceu alguns segundos depois. Yerik estava preparado para uma Naya vestida conforme se viram minutos atrás, mas não para aquilo. Ela já estava com a roupa de dança, a roupa que ele dera. A última que vira era verde clara, mas aquela possuía o tom mais ousado do vermelho. Ela o olhou de forma intensa e, de alguma maneira, Yerik percebeu exatamente o que precisava fazer. *Sente-se*, ela dizia com aqueles olhos pintados de negro, a ponta da maquiagem sofisticadamente puxada para o lado, dando uma impressão predadora para aquela mulher.

Naya se aproximou, passando as mãos pelos cabelos e levantando o rosto para deixar o pescoço descoberto. Ele engoliu em seco. Ela parecia se transformar naqueles momentos, de uma garota insegura e discreta, passava para uma mulher que dominava completamente a situação e sabia o que fazer, como ela conseguia aquilo, ele ainda não sabia, mas não tinha muito interesse em descobrir: apreciava as duas, de formas diferentes, mas nem por isso menos intensas.

Naya se aproximou mais, mostrando os seios em uma inclinação provocante, movendo os quadris e mexendo os braços de acordo com o ritmo da música, o que dava a sensação de ser uma

ninfa, com o tecido fino da roupa vermelha dançando ao seu redor, os cabelos escuros e soltos emoldurando o rosto perfeito. Pegou a taça que estava perto e sorveu um longo gole, voltando a se aproximar dele. Yerik começou a se sentir ansioso, e não sabia exatamente o motivo, de alguma maneira ela sugou para si toda a sua segurança, deixando-o com apenas um frio na barriga e expectativa, como se fosse um garoto adolescente em sua primeira vez. O desejo que sentia por aquele corpo equivalia ao desejo que sentira quando teve a oportunidade de tocar uma mulher pela primeira vez.

Ela demorou-se um pouco no meio da sala, dançando e mexendo os quadris por longos minutos enquanto a música tocava no ambiente, sorvendo aos poucos o vinho que ele minutos atrás havia servido. Logo a taça estava vazia, Naya depositou-a delicadamente na bandeja e levantou a outra, mas não bebeu seu líquido. Finalmente alcançou-o, vendo um brilho único nos olhos dele, um brilho que ela já havia visto naquelas orbes, minutos antes de Yerik tê-la beijado em seu quarto, noites atrás.

Mas ele agora parecia mais contido, como se estivesse esperando a próxima ação dela. Naya continuou mexendo os quadris, e Yerik focou os olhos em cada parte do corpo feminino, esquecendo-se momentaneamente da educação. Para o inferno com a educação! Ele queria engolir com os olhos cada curva daquela mulher, gravar em sua mente cada movimento para poder revivê-los no momento que quisesse, para ter certeza de que a beleza em sua forma mais bruta existia.

Naya tocou o vinho com o dedo e aproximou-o da boca de Yerik, que, como um homem experiente, soube o que ela queria. Abriu os lábios, sugando o dedo dela e sentindo ali o gosto do álcool. Ela tentou se controlar ao senti-lo fazer aquilo, a língua tocando levemente o seu polegar. Finalmente serviu a taça para ele, que a pegou e tomou um longo gole do líquido escuro. E, ao abrir os olhos, percebeu que Naya estava perto, perigosamente perto. Ela subiu no sofá e passou as pernas para cada lado do corpo dele, abaixando-se e sentando-se em seu colo. Naya não precisou

pressionar muito para sentir a excitação. Saber que ele estava daquela forma apenas vendo-a dançar, fez com que sua ousadia dobrasse.

Quase tocou os lábios dele, mas esperou que Yerik finalmente tomasse as rédeas de suas vontades. Sentiu o hálito quente dele, sentiu o aroma de vinho saindo de seus lábios, bem como sentiu o corpo tenso aproximar-se do seu, no mesmo momento que tais lábios finalmente a tocavam, acariciando-a como uma reverência, e forçando-a a abrir a boca. Naya deixou de bom grado Yerik beijá-la, e quando sentiu a língua dele tocá-la, percebeu que estavam em uma posição onde nenhum dos dois poderia controlar a situação, e que agora nada os impedia de fazer o que queriam. Naya era dele naquele momento, e Yerik poderia fazer o que quisesse.

A taça de vinho foi esquecida em cima do sofá, virou e derramou o conteúdo pela camurça clara, manchando o branco com o vermelho, mas nenhum dos dois se importou com isso, continuaram a se beijar, ela sentindo as mãos dele correrem levemente pelos seus braços e descerem até a cintura, lugar onde ele apertou com certa força, demonstrando a ânsia que sentia pelo seu corpo. Yerik logo se afastou, olhando-a com uma intensidade que a deixou momentaneamente desconcertada.

— Eu não vou parar agora — avisou.

Naya esperou alguns segundos, escutando a respiração difícil dele. Depois sorriu de forma sincera, retribuindo a intensidade do olhar.

— Não precisa.

Ouvir aquilo fez com que um peso saísse do seu corpo, tinha medo de que ela fosse recuar, e por Deus não era homem de insistir nesse quesito, mas precisaria convencê-la a ficar, convencê-la de que a queria tanto que doía, seu desejo por aquele corpo cheio de curvas era quase palpável, e agora ela estava lhe dando autorização para finalmente tocá-lo como queria desde que a vira dançar pela primeira vez.

Sem pensar muito, ele a abraçou, levantando-se. Naya passou as pernas na cintura dele para se segurar, e sentiu que Yerik a levava para o corredor, onde abriu a porta que dava para um quarto dessa vez real, com uma grande cama, onde ele a colocou com surpreendente calma. Ela esperou o corpo dele sobre o seu, as mãos hábeis por cima de suas curvas e seios, mas nada disso veio facilmente.

Ele estava se despindo, e pela primeira vez ela estava contemplando o corpo masculino por inteiro. Ele retirou a blusa, fazendo-a lembrar-se da vez em que o vira com peito nu quando corria na esteira, e logo depois livrou-se das outras peças de roupa. Naya respirou fundo.

— Ah, meu Deus — disse de forma automática.

Yerik sorriu maliciosamente, subindo na cama e se aproximando. Naya sentiu as mãos fortes sobre seu corpo, dedos tocando-a como se ele fosse o mais sábio dos instrumentistas e estivesse acariciando algo único. E estava, Yerik queria sentir a pele dela, queria vê-la corar enquanto ele se livrava de cada pulseira dos delicados pulsos, sentindo ali como o fluxo de sangue estava intenso. Retirou uma por uma, bem como as tornozeleiras douradas e cada acessório. Desnudou-a calmamente, sentindo-a corar quando finalmente livrou-se das peças de roupa, deixando-a apenas com o bojo de pedrarias vermelhas e a lingerie escura de baixo.

— Você é perfeita — ele elogiou.

Naya não soube o que dizer. Já havia se deitado com outros homens, mas nunca com um que a olhava como se ela fosse uma espécie rara de uma flor, que sorvia cada detalhe do seu corpo com os olhos. Mas Yerik parecia insaciável, e logo livrou-se das únicas peças que cobriam o corpo dela, revelando-a por inteiro. O brilho intenso dos olhos escuros voltou, e logo ele a descobria com os lábios, primeiro correndo-os pelo pescoço, sentindo com a língua o pulso também acelerado daquele lugar. Desceu as carícias, aproveitando o máximo o contato dos seios dela com sua boca, sugando-os com volúpia e calma, sentindo-a arquear-se de desejo.

debaixo do seu corpo. Às vezes o quadril de Naya se levantava a ponto de encontrá-lo, e então ele parecia perder momentaneamente o controle. Mas ainda queria mais, queria mais de Naya, queria mais daquele corpo escultural.

Experimentou-a por longos minutos, sugando cada espaço de pele que os lábios conseguiam encontrar, passando a língua vez ou outra em pontos estratégicos, sentindo o gosto do suor dela. Quase sorriu, fazer uma mulher transpirar de desejo em uma Moscou prestes a entrar no inverno era um marco.

Naya passou as mãos pelos braços dele e Yerik sentiu que ela estava trêmula. Olhou-a com atenção e esperou uma reação negativa de recusa, mas o que encontrou foi um pedido claro.

— Preciso sentir você — ela confessou, sentindo que enlouqueceria.

Ele não demorou a atendê-la, pois sabia que não aguentaria se controlar por tanto tempo. Queria Naya por inteira, mas aproximou o quadril ao dela com lentidão, penetrando-a calmamente, fazendo-a arquear-se em direção a ele para senti-lo melhor. Ele tocou o pescoço dela com os lábios, no mesmo momento que movimentava o quadril e a invadia novamente, dessa vez de forma mais determinada. Os movimentos que ambos buscavam desde que caíram naquela cama começaram com timidez, mas tomaram ritmo depois de um tempo. Primeiro ele a experimentou vagarosamente, sentindo o sexo úmido apertá-lo conforme a invadia, sentindo-a acompanhar seus movimentos, depois os corpos pediram por mais, e logo o quadril de Yerik tomou velocidade, as mãos fortes puxando os braços dela para cima, entrelaçando os dedos aos dela, apertando as mãos delicadas com tamanha força que Naya sentiu a intensidade daquele gesto escapar através da pele, boca e movimentos de Yerik.

E o prazer completo não demorou a encontrar o corpo dela, que abriu os lábios em uma súplica silenciosa, sentindo o corpo dele também ter o seu próprio prazer, bem como o quadril fazer o último movimento, enquanto os dentes encontravam a carne do seu

pescoço e mordiam de forma surpreendentemente controlada ali, arrancando um gemido por parte dela.

Permaneceram imóveis por alguns segundos, até ele se afastar e deitar-se ao seu lado, deixando uma das mãos tocando sua pele. Ainda a apertava como se quisesse realmente se certificar de que era Naya que estava ali e que ela não iria fugir a qualquer momento. A respiração dele estava entrecortada, e ela não estava diferente, mas Yerik parecia em êxtase total, enquanto ela tentava entender as sensações que passavam pelo seu corpo naquele momento. Nunca havia experimentado aquilo, aquele desejo incontrolável e aquela sensação de prazer completo quando ele estava dentro de si. Respirou fundo, arriscando-se a olhar para ele.

Yerik a fitava com um misto de exaustão e satisfação. Sorriu quando ela finalmente virou o rosto.

— Você é perfeita — disse.

Novamente, ela não soube o que responder. Yerik percebeu-a corar e aproximou-se dela.

— Vai passar a noite aqui? — perguntou.

— Acho que não tenho forças para me levantar da cama — Naya respondeu a contragosto, fazendo-o rir. — Era seu plano o tempo todo?

— Bom... Você me provocou.

Foi a vez dela sorrir, mas logo um semblante preocupado correu pelas suas feições.

— Não trouxe roupa — confessou. — Apenas a de dança.

Yerik respirou fundo, aproximando-se e tocando levemente um dos seios com os lábios, apreciando ali o gosto único daquela mulher enquanto a olhava com intensidade. Naya sentiu a barba densa correr pela sua pele.

— Você não vai precisar de roupa.

Acordou e, de imediato, sentiu um peso confortável em sua cintura. Yerik estava acolhendo-a com o braço, passando-o por ela enquanto a mão segurava com delicadeza um de seus seios. Naya respirou fundo, sentindo-o remexer-se um pouco na cama, mas ele não acordou, e ela aproveitou esse tempo quieto e particular para pensar no que fizera na noite anterior.

Yerik a sorvera de todas as formas, experimentando-a como Naya nunca havia pensado que seria possível. Conversaram muito, a música árabe foi trocada por uma mais calma, a garrafa de vinho foi esvaziada e a segunda foi aberta para tomar o mesmo destino da primeira. Não se deitara com ele depois daquela vez, mas trocaram carícias e carinhos a todo momento, ele correndo os dedos pelo corpo dela como se estivesse lendo as nuances das curvas femininas, ela sentindo a barba densa encostar-se à sua pele toda vez que Yerik se aproximava para beijar sua boca, ombros, pescoço...

Ela sentiu um arrepio momentâneo ao lembrar-se daqueles momentos, e infelizmente depois daquela loucura toda, a consciência finalmente encontrou seu lugar de costume, e sua mente começou a pensar de forma mais racional. Deitara-se com seu chefe e se deliciara com cada toque, e agora precisava entender o que realmente era aquilo tudo. Um jogo de carícias que ele fizera questão de entrar quando o convite da dança foi aceito? Um começo de relacionamento mais intenso? Ou apenas toques lascivos de dois solteiros?

Remexeu-se inquieta na cama e dessa vez ele acordou, Naya percebeu isso pela respiração, que ficou mais artificial e menos pesada. A mão que repousava no seio dela mexeu-se levemente, e ele fechou os dedos com suavidade ao perceber onde ela estava, enfiando o nariz na curva do ombro dela e aspirando o perfume delicioso que Naya possuía. A barba dele fazia cócegas em suas costas, mas ela nunca iria reclamar disso, pelo contrário, apreciava aquele toque peculiar.

— Bom dia — ele desejou.

— Boa tarde — ela replicou, sorrindo.

Yerik abriu um olho e fitou a claridade que conseguia passar pela cortina. Não tinha ideia de que horas eram e se surpreendeu que ela soubesse disso.

— Como sabe que já é tarde? — perguntou, visivelmente curioso.

— Bom... Eu costumo dormir pouco, e nesse momento me sinto pesada, como se tivesse desmaiado por horas — ela confessou. — Isso acontece quando durmo muito.

Ele sorriu e mordiscou o ombro dela, saindo da cama.

— Vou tomar um banho para tentar acordar. Ao contrário de você, não me sinto pesado e sim, retardado — avisou. — Preciso acordar de verdade.

Ela sorriu e permaneceu na cama, observando-o andar pelo cômodo sem se incomodar em colocar alguma roupa. Por mais que Naya tivesse passado horas contemplando o corpo forte e tocando-o sem pudor, sentia-se estranha ao ter aquela oportunidade de observar sem ser observada, e esquecia momentaneamente que o corpo que gravava na mente era de Yerik, seu chefe.

Ela escutou o barulho do chuveiro e se levantou, para depois lembrar que não havia levado roupa. Abriu o armário e encontrou algumas camisas, enfiando uma no corpo e percebendo que o tecido a cobria satisfatoriamente por causa da altura de Yerik. Caminhou para a porta, decidida a comer algo. Perguntou-se se teria que sair para comprar mantimentos, visto que Yerik não era muito apto a cuidar desse tipo de coisa, mas percebeu que estava enganada quando abriu os armários e encontrou-os cheios. Provavelmente quem arrumara e limpou o apartamento também abastecera tudo ali.

Naya pensou em fazer sanduíches com *kolbasa*, e depois lembrou-se de que não precisava comer um café da manhã rápido, pois não iria trabalhar naquele dia. Além do mais, apenas o cheiro

da salsicha russa a deixava enjoada, Naya nunca conseguia entender como alguém comia aquilo logo pela manhã, e suas mãos passaram direto pelo recipiente onde as *kolbasa* já estavam fatiadas, indo em direção a algo mais apetitoso. Decidiu por preparar um *syrniki*, sabendo que Yerik conseguia enfiar queijo até dentro de uma sopa de nabos quando tinha a oportunidade, então comeria de bom grado os bolinhos de queijo.

Preparou todos tranquilamente, escutando os passos dele dentro do quarto. Por sorte encontrou um pote de geleia e conseguiu arrumar a mesa com todos os *syrniki* prontos e servidos antes mesmo de ele entrar na cozinha.

Yerik sentiu o cheiro dos bolinhos do quarto, e aquilo fez seu estômago revirar de fome, gritando para ele que se esquecera até mesmo de comer enquanto ficava enfeitiçado por Naya. Sorriu, caminhando para a cozinha. A mesa já estava posta, ali mesmo, onde havia uma pequena mesa de mármore. Ele respirou fundo, tentando sentir o gosto do que ele já sabia que Naya havia preparado.

— *Syrniki*? — ele perguntou, e ela assentiu. — Você parece adivinhar meus pensamentos.

Com um gesto dela, sentaram-se à mesa, e logo Yerik estava mergulhando o bolinho de queijo na geleia e enfiando-o na boca.

— Acho que acertei no café da manhã. — Ao ver o olhar questionador dele, acrescentou. — Você parece um rato comendo queijo — confessou.

— Muito observadora.

Ela deu de ombros e abaixou os olhos. Yerik já estava em seu quarto bolinho quando ela começou a comer, e percebeu nos gestos uma tensão que não estava ali na noite anterior.

— O que você tem? — ele perguntou.

Naya demorou um pouco para responder, temendo que ele a achasse neurótica por respostas, mas precisava delas para tomar certas atitudes a partir daquele momento.

— Precisamos saber o que vamos fazer depois da noite anterior — disse. — Como será... — Deixou no ar, esperando que ele entendesse a pergunta escondida por trás daquele jogo de palavras.

Yerik entendeu facilmente.

— Bom. Eu gostaria de vê-la todos os dias, e não como organizadora. Quero vê-la ao meu lado sempre. E gostaria de repetir o que aconteceu aqui... diversas vezes — ele respondeu sinceramente, fazendo-a corar. — Qual o problema?

— Não é óbvio? Pense onde isso tudo vai dar... — Como ela viu que ele ainda a fitava esperando a conclusão do raciocínio, desistiu das meias palavras e decidiu ser direta. — Você é meu chefe, Yerik. Trabalho para você, não posso ser vista com você como companhia, muito menos como namorada... — Ao perceber o que havia falado, tentou consertar. — Não estou dizendo que isso tomaria um rumo mais sério, mas só acho improvável que aconteça algo além do que fizemos ontem e estamos fazendo agora.

Yerik permaneceu calado, olhando para Naya como se esperasse que uma segunda cabeça fosse aparecer no meio de seus ombros e cuspir fogo. Do que ela estava falando? Ele abriu a boca, mas o que saiu não foi a resposta que ela esperava.

— Você vai comer o último bolinho? — ele perguntou.

Ela se conteve para não revirar os olhos, e Yerik enfiou-o na boca, mastigando avidamente. Naya comera apenas dois e tomara um pouco de chá, mas ele parecia um limpa trilhos quando se tratava do seu desjejum. Levantou-se, pegando os pratos e colocando-os na pia, procurando ganhar tempo com aquilo. Quando estava de costas para ela e olhava a cidade de Moscou através da janela em cima da pia, respirou fundo.

— Acho tolice o que está falando — ele admitiu. — Não quero você andando mais pela mansão com aquelas roupas escuras, arrumando minhas gavetas e organizando meus papéis.

Ele saiu da cozinha, deixando-a só, mas Naya o seguiu. Perceberam tarde demais que o sofá estava manchado pelo vinho, mas nada disseram em voz alta, Yerik teve vontade de sorrir ao ver aquilo, contudo, sabia que ela não iria ver aquela reação com bons olhos, afinal, o assunto que estavam tratando era sério e importante para ela.

— E o que quer que eu faça a partir de agora? Perca meu emprego? — ela perguntou, tentando disfarçar a irritação na voz, mas fracassando. — Quando pedi demissão você não aceitou, dizendo que precisava de mim, e agora isso!

Yerik respirou fundo. Ela o estava interpretando mal.

— Você não entendeu, Naya. Não quero você na mansão como organizadora. A quero como minha secretária, disse isso em Nova Iorque, testei-a de todas as formas e acho que você é mais do que capaz de dar conta de toda a loucura que é minha vida profissional. Preciso de você ao meu lado, não na mansão, mas no meu escritório, na minha empresa.

O convite foi feito de forma espontânea e em uma hora que Naya realmente não esperava. Ela engoliu em seco, entendendo o que ele queria dizer. Pensou um pouco sobre isso, mas imagens da viagem de Nova Iorque pipocaram em sua mente, e logo seu rosto tomou uma expressão contida. Yerik percebeu que Naya parecia relutante com aquela ideia.

— O que está acontecendo? — ele perguntou. — Por que tenho a impressão de que esse convite a deixou com vontade de pular a janela?

Ela pensou se realmente era prudente dizer o motivo real daquilo tudo. Sabia que não teria volta caso abrisse aquela brecha para conversar sobre tudo. Mas Naya era sincera, sempre seria.

— Acho que sua equipe não gostou muito de mim quando o acompanhei em Nova Iorque — resumiu.

Yerik demorou um tempo para entender o que realmente estava acontecendo. Tivera tantos compromissos naquela cidade

que não reparou em nada anormal no comportamento de todos. Além do mais, Naya tivera pouco contato com sua equipe, visto que ela ficara no seu apartamento, e os outros, em quartos de hotéis.

— O que houve? — ele perguntou, visivelmente perdido.

Naya contou a forma como as pessoas a observaram sempre que se encontravam. Não quis contar todas as vezes que isso aconteceu, temendo que Yerik pensasse que ela estava com mania de perseguição ou exagerando a situação, mesmo sabendo que ele não era o tipo de pessoa que pensaria isso. Naya era uma estrangeira ali no meio e, para eles, uma estrangeira roubando um trabalho que poderia ser de um russo.

O rosto de Yerik começou a tomar uma fisionomia séria e logo depois do relato, Naya percebeu que ele estava extremamente nervoso com aquilo tudo.

— Quem foi que te olhou de forma atravessada? — perguntou em um tom autoritário. — Quero saber nomes!

Naya fez uma careta.

— Não vou fazer isso, Yerik! Por mais que não tenha gostado dos olhares, prefiro ser profissional a mau caráter!

Naya tinha certeza de que Yerik faria algo com as pessoas, caso soubesse quem estava envolvido naquela demonstração rasa de preconceito. Naya respirou fundo e sentou-se no sofá, ele sentou-se ao lado, fitando-a com atenção.

— Bom... Já que não vai me dizer os nomes, preciso lhe perguntar algo. — Ao ver que tinha a atenção dela, continuou. — Você certamente é uma mulher de personalidade, descobri isso nos primeiros dias que conversei com você... Então por que isso te incomoda tanto?

Naya estremeceu, sabendo que ao abrir a boca e começar a contar o real motivo daquilo tê-la aborrecido tanto, não conseguiria mais parar, e isso poderia mudar tudo.

— Você realmente não sabe minha história, não é?

Ao ver que ele ainda estava calado e esperava por algo mais substancial, ela puxou as pernas para cima do sofá e encostou o queixo no meio dos joelhos, fitando um arranjo de cristal que havia na mesa de centro.

Então ela contou. Contou sobre sua infância. Para chegar onde queria naquele assunto, precisava falar um pouco da cultura da Índia, um país que um dia fora preconceituoso igual ao que ela vivia no momento e que, mesmo que muitos tivessem abandonado tal preconceito, de alguma forma, ele perdurava até hoje. Naya nascera pobre e de casta baixa. Seu sobrenome, Bantar, poderia facilmente dizer a qualquer indiano isso, era um sobrenome comum para os que eram considerados intocáveis.

— Um momento... Você era uma *dalit*? — Yerik perguntou, buscando no fundo da mente o que conhecia sobre a divisão de castas na Índia.

— Para alguns ainda sou — ela respondeu de forma séria.

Na Índia, os *dalits* eram considerados impuros e normalmente conseguiam empregos que eram vistos como “baixos”, ficando responsáveis por lidar com animais e pessoas mortas, coletas de lixos, faxinas em lugares imundos. Hoje, o sistema de castas na Índia era terminantemente proibido, e muitos *dalits* conseguiram alcançar posições altas em empregos e na vida. Porém, como toda sociedade que é erguida em cima de uma religião e cultura, o preconceito ainda perdurava ali de forma camuflada.

Naya falou pouco dos pais, mas quando mencionou a mãe, Yerik percebeu que ela fazia um esforço descomunal para não chorar, e de alguma maneira se orgulhou disso. Naya era uma mulher forte, mesmo quando contava dos trabalhos braçais que seu pai foi obrigado a fazer e de como sua mãe teve a saúde arrebatada por causa desse preconceito ativo na Índia, era religiosa e sequer podia entrar no templo, pois seria punida, e precisava rezar escondida.

— Eles resolveram sair da Índia quando perceberam que, mesmo com a constituição proibindo esse sistema, o preconceito e

os resquícios daquela sociedade dividida iriam me afetar. Meu pai não queria o peso disso tudo em mim. Eu não poderia escolher o marido que quisesse, e teria grandes dificuldades ao estudar e competir no mercado de trabalho. — Naya fungou, mesmo não estando chorando. Deu de ombros. — E olha onde fui parar.

Ela não completou aquele raciocínio, e nem precisava, Yerik sabia exatamente como o povo russo era preconceituoso, mas nunca vira nada muito aberto, provavelmente por ter que lidar com diversos estrangeiros e empresários de outros países. Mas ali estava Naya, uma vítima clara do preconceito, tanto em seu país de origem quanto no país que escolhera viver. De alguma forma, sentiu vergonha, tanto pelo seu povo quando pela sua ingenuidade ao achar que nada daquilo iria acontecer próximo de si.

— Naya, sei como deve estar se sentindo... — ele disse, mas depois ficou em silêncio. — Na verdade, não sei. Nasci e me criei em um mundo muito diferente do seu... Mas não quero que você fique chateada com isso... Muito menos se sinta inferior.

Naya permaneceu em silêncio, de alguma forma falar do seu passado tão abertamente a deixou envergonhada, e as feridas voltaram a abrir, deixando a mágoa corroê-la por dentro.

— Você é uma pessoa única. Nunca vi uma mulher com sua personalidade e determinação — ele continuou. — E não são todos os russos que são preconceituosos... Acho que você não encontrou nenhuma barreira na mansão quando começou a trabalhar para mim certo? — Ela assentiu. — Infelizmente não posso controlar todos, mas se eu souber quem da minha equipe anda com esses pensamentos arcaicos, será despedido, por mais que seja um ótimo funcionário.

Ele estava falando sério, mas ela não queria mais falar sobre isso.

— Você está acostumado a lidar com estrangeiros, Yerik — disse. — Por causa do seu trabalho, é uma consequência. E felizmente mora longe do foco disso tudo. — Ao ver que ele não entendeu a observação dela, continuou. — Você viu meu bairro, boa

parte dele é composto por imigrantes. Os russos que moram ali são pessoas simples e estão acostumados com todos, mas infelizmente já vi muita violência naquele lugar.

Ela citou algumas delas. Ataques a imigrantes eram normais, e mesmo com a polícia envolvida, nada era resolvido. A violência partia tanto dos estrangeiros quanto dos russos nacionalistas, muitos já foram alvos de preconceitos. Naya conhecera uma vizinha que ficou uma semana dentro do apartamento porque atacaram o mercado de verduras onde ela trabalhava, gritando palavras nacionalistas como ‘Rússia para russos’.

Yerik ficou chocado. Aquela era uma realidade do seu país, e ele nunca presenciara tal realidade tão de perto. A política da imigração russa era aberta demais, dando espaço para muitos entrarem com facilidade. Ele, como um bom empresário, sabia que boa parte da economia russa era movimentada por causa dos imigrantes, mas alguns russos, principalmente os moscovitas, discordavam sobre isso. Para eles, os estrangeiros roubavam trabalhos que poderiam ser destinados aos que nasceram ali, até porque muitos dos imigrantes não possuíam visto de trabalho e a operação toda era considerada ilegal.

De alguma forma, pensar em Naya morando tão próxima daquele núcleo de confusão o deixou extremamente inquieto.

— Você pode se mudar para a minha casa. — Ele fez o convite. — Peço para Irenia montar um quarto para você essa semana, se quiser.

Naya sorriu de forma doce, sabendo que o pedido dele tinha boas intenções e nada mais era do que uma forma inocente de a proteger. Mas ela sabia que aquela não era a solução.

— Apesar de tudo, gosto do meu bairro, Yerik — ela disse. — Tenho amigos lá. Você não conhece Alaric, mas não consigo ver o que ele faria sem mim. Pode parecer bobagem e...

— Alaric? — ele perguntou desconfiado. — Amigo?

Naya sorriu.

— Deixe de ser ciumento. Alaric é um bom amigo. Já é idoso e está em uma cadeira de rodas. Possui diversos filhos, mas moro naquele prédio há anos e nunca os vi. — Ao ver a expressão pensativa de Yerik, adicionou. — Normalmente Alaric vai até meu apartamento para conversarmos, gosto de cozinhar para ele.

Yerik sorriu, pelo simples fato de Naya estar sorrindo naquele momento. A nuvem de tensão se esvaía do ambiente e agora a conversa parecia mais tranquila. Ele agradeceu mentalmente por aquele Alaric, não gostava de ter conversas que deixavam Naya daquela maneira, principalmente quando estava com a guarda baixa, ele nunca iria imaginar que ela contaria seu passado e que iriam afundar em um assunto tão denso.

— Vejo que gosta dele... — Yerik disse, e Naya assentiu. — Depois quero conhecê-lo. Será que ele poderia ir lá em casa um dia?

— Ele adoraria! — Naya disse, pensando em como Alaric ficaria fascinado com tudo o que havia ali dentro, inclusive as obras de arte.

Yerik piscou.

— Então vou providenciar... — disse.

Um silêncio confortável se instalou na sala, e ela respirou fundo, dando atenção ao dia nublado que estava lá fora. Yerik aproveitou aquele momento para admirá-la um pouco. Naya era uma mulher diferente das que ele tinha conhecido, possuía uma história de vida completamente peculiar, e mesmo assim conseguia se manter dona de si e de sua personalidade, para ele, não havia nada mais afrodisíaco do que uma mulher segura.

— Então está decidido, certo? — ele perguntou. — Você será minha secretária a partir de agora, e eu poderei tocar seu corpo quando quiser mesmo assim.

Naya olhou para ele e depois revirou os olhos, não acreditando na audácia daquele homem. Às vezes Yerik parecia um adolescente. Ele se aproximou, tocando levemente o braço dela,

enfiando a mão por debaixo da manga da camisa que ela usava, reconheceu que era sua.

— Eu deixo você arrumar meu quarto quando quiser. — Provocou, deslizando a mão para baixo e capturando a de Naya. — O deixarei desarrumado sempre, para ter você do meu lado.

Beijou cada dedo dela, e mordiscou um deles, olhando-a como se fosse um pedinte.

— Yerik... — ela ofegou. — Sabe onde isso vai dar, certo?

— Sim, claro que sei. Terei você nesse momento, e esse é meu objetivo.

Ela ia retrucar, ia chamá-lo de esperto e falar que não era aquilo que ela queria dizer, mas ele parecia estar falando sério quando brincou, logo suas mãos capturaram com uma rapidez absurda os tornozelos dela, e ele a puxou no sofá, fazendo-a se deitar. Naya arquejou, assustando-se com o movimento repentino, mas antes de se situar, sentiu as mãos dele deslizarem pelo seu quadril, levantando a camisa comprida que ela usava.

— Hmmm... — Ele gemeu. — Está nua.

Naya corou levemente. Sim, estava nua, mas sua nudez não era proposital. Como havia dito a ele, não tinha roupas ali, fato óbvio que ele conseguiu ignorar facilmente. As mãos dele massageavam as coxas dela, sentindo a pele sedosa e quente por causa do seu toque, fazê-la se aquecer apenas com as mãos era uma sensação única. Mas Yerik queria mais.

Naya percebeu-o se aproximar e logo a boca dele estava sobre sua barriga, mordiscando a pele e beijando-a em reverência, a barba densa lhe fazia cócegas e ao mesmo tempo proporcionava um prazer diferente que Naya não conseguiria explicar. E então, ela sentiu. A língua dele mergulhou em seu sexo, fazendo-a arquear-se automaticamente, fechando os olhos e tentando não pensar que era ele ali, entre suas pernas, provando-a e provocando-a da forma mais intensa e íntima que um homem poderia fazer, tentando não pensar que era Yerik a sorvendo aos poucos, sugando-a e

experimentando-a como se ela fosse um sorvete que continha um sabor raro.

Naya começou a sentir o torpor único do orgasmo percorrer o seu corpo, e perguntou-se como Yerik conseguira isso tão facilmente. Não era o primeiro a fazer isso nela... Mas sentir a língua daquele homem entre suas pernas, a barba roçando levemente em sua pele, uma mecha mais comprida do seu cabelo caindo em seu baixo ventre e fazendo-lhe cócegas, era surreal demais para se colocar em palavras. Logo ela mordeu o lábio inferior para impedir um gemido que insistia em escapar de seus lábios. Ele era muito bom naquilo, para dizer a verdade.

Ela escutou a risada satisfeita de um homem que conseguia dar real prazer a uma mulher, aquela risada que costumavam dar quando eram seguros de si, um som que fazia com que fosse evidente que ela estava completamente submissa ao toque dele. Naya poderia até retrucar e pedir para ele se calar se tudo aquilo fosse mentira. Mas não era, ela era completamente dele naquele momento.

Ele começou a se livrar das roupas, e ela esperou, correndo os olhos por aquele corpo, ainda mais bonito com a claridade do dia do que na noite anterior, quando as imagens estavam levemente turvas por causa do vinho. Yerik encaixou-se entre as pernas de Naya, respirando fundo para se controlar, pois parecia pertencer àquele lugar, e nunca conhecera uma mulher que tivesse a pele tão quente quanto aquela. Buscou os olhos dela, queria fitá-la nos olhos enquanto a invadia pela segunda vez.

— Sabe... — ele disse, penetrando-a calmamente e fazendo-a abrir a boca para dizer algo. — Eu não sei você, mas eu realmente não estou disposto a abrir mão disso pelo simples motivo de você trabalhar para mim. — Enterrou-se ainda mais fundo. — Poderia despedi-la, e depois procurá-la para continuarmos essa loucura. — Mais fundo. — Mas eu realmente a queria ao meu lado sempre. Quem sabe assim as chances de senti-la dessa maneira. — Terminou de penetrá-la. — Possam ser maiores, ahn?

Ele ficou imóvel, esperando a reação de Naya. Ela não conseguia respirar, tudo o que queria era que ele afastasse o quadril e começasse os movimentos. Mas ele não o fez, e Naya percebeu tarde demais o que ele desejava dela naquele momento. Fez uma careta.

— Yerik, essa brincadeira é de muito mal gosto — ela disse entredentes, fazendo-o rir.

— Por quê? — perguntou satisfeito. — Posso ficar assim por horas.

— Não, não pode — ela respondeu.

— Verdade, não aguentaria. Mas acho que conseguiria ficar mais tempo que você. Vamos apostar?

Naya não queria apostar, precisava senti-lo, precisava que ele movimentasse e a invadisse uma, duas, três e inúmeras vezes. Então proporcionou a Yerik justamente o que ele queria com aquela tortura.

— Tudo bem. Eu vou ser sua secretária e ficarei ao seu lado o dia inteiro te infernizando em tudo o que tenho direito! — ralhcou. — Agora ande logo com isso.

Ele soltou a respiração e olhou para cima.

— Graças a Deus ela não demorou muito.

Naya não teve tempo de rir, logo ele tomou seus lábios, desabando sobre ela e começando a se movimentar, e então ela se esqueceu completamente do que ia falar, esqueceu suas inseguranças em relação aquilo tudo e como os dois eram loucos por estarem naquele apartamento, experimentando-se sem pudor e sem realmente pensar nas consequências. Era errado, era delicioso.

O quadril dele começou a tomar um ritmo mais urgente, e Naya percebeu que ele provavelmente estava tentando se controlar, mas ela não queria saber disso, já tivera o seu prazer e precisava do dele para se sentir completa. Suas mãos correram pelas costas largas e chegaram à curva das nádegas, onde ela enfiou as unhas,

sentindo-o responder ao seu toque. Yerik desistiu e tomou o controle de tudo, movimentando-se mais bruscamente e sentindo seu corpo perder o controle no momento em que seu prazer tomou cada músculo, invadindo sua mente. Ele desabou em cima dela, a respiração pesada chegando ao ouvido de Naya enquanto ela sentia o coração dele bater fortemente dentro do peito, podia sentir as pulsações através da pele, em seus seios. Ele mordiscou a orelha dela, beijando-a logo em seguida.

Finalmente a olhou, Naya lembrou-se da primeira vez em que se viram. Estava sério, como todo russo era, até mesmo taciturno, e ela tivera medo de conversar com ele, pensando que Yerik era um ser completamente fechado. Bom... Ele era, mas de alguma forma ela conseguira a chave, e agora os olhos intensos não passavam a seriedade que ela conhecera meses atrás, e sim, certo sentimento que um dia ela descobriria o que significava.

— Você é um homem muito persuasivo, Yerik — confessou.

O sorriso dele o deixou mais jovial e belo. Ele beijou o vale dos seios dela, fitando-a no processo.

— Me chame de Rik.

Dezoito

Naya preparava *ponchiki* para Alaric enquanto conversavam sobre tudo o que havia acontecido no final de semana. Bom, não sobre tudo. Alaric não era obrigado a escutar as proezas sexuais de Yerik, muito menos o que os dois haviam realmente feito dentro daquele apartamento. Contudo, a conversa tensa que tiveram logo quando acordaram ficara rondando a mente de Naya por um tempo significativo, e ela não sossegou enquanto não a colocou para fora e pediu conselhos para alguém. Como não tinha pessoas em seu círculo de amizades com um nível total de confiança, abria-se com o único real e fiel amigo que tinha na Rússia: Alaric.

Naya tinha um pensamento muito claro sobre como o preconceito poderia interferir diretamente na vida de uma pessoa, já que fora alvo direto dele devido às castas na Índia, e agora era um pequeno, mas significativo, alvo do preconceito moscovita. Porém, Alaric era contra aquele pensamento, e já deixara claro o motivo.

— Acho que você deve ser menos cautelosa... — ele opinou, um pouco receoso dela achar que ele não estava dando a devida importância ao assunto. — Sei que o preconceito ronda sua vida desde pequena, mas se você viver temendo isso por parte das pessoas, não viverá direito.

Naya serviu dois *ponchiki* quentes no prato de Alaric, que abriu um sorriso satisfeito. Como todo russo, às vezes não resistia à famosa *junk food* local. Ela não quis comer de imediato, seu estômago estava muito inquieto e não aceitaria nada sem reclamar depois, consequência dos pensamentos que rondavam sua mente e da ansiedade em que seu corpo se encontrava.

Não concordava completamente com Alaric, afinal, ele era moscovita, e mesmo morando naquele bairro, predominantemente de imigrantes, não sofrera diretamente os preconceitos étnicos que existiam naquele país. Contradizendo esse ponto, Naya sabia que de alguma maneira, ele tinha razão. Não poderia fazer com que aquele fato reinasse e coordenasse sua vida. Respirou fundo.

— O que aconteceu nesse bairro poderia vir a acontecer no dia seguinte — Alaric comentou com a boca cheia —, como pode nunca vir a acontecer mais. São os fatos...

Naya olhou de canto de olho para ele. Não acontecer algo tenso em Birulyovo era um milagre que ela não se permitiria acreditar. Todo mês havia algo ínfimo ocorrendo ali, mesmo que não afetasse boa parte dos moradores, fofocas e xingamentos velados podiam aumentar o pensamento já inflamado de quem não gostava da inclusão imigratória.

— Sei que pode soar como exagero... — ela começou a falar, Alaric já estava no seu segundo *ponchiki*. — Mas sinto muito medo de começar nesse cargo.

— Ora, nada mais natural que sentir medo...

— Não é isso. — Naya o interrompeu. — Não é medo de algo novo, é medo do que as pessoas vão achar quando me virem na posição que vou ocupar. Há diversas secretárias ali que trabalham há mais tempo na empresa do que eu, e já vou começar em um bom cargo.

Alaric ficou calado, apenas refletindo sobre aquilo. No fim deu de ombros, desistindo. De alguma maneira, ambos tinham razão em certos pontos, e estavam completamente enganados em outros, só restava a Naya esperar. Ele colocou aquilo em voz alta, e viu a garota assentir, finalmente pegando seu primeiro *ponchiki* na cesta e mordiscando.

— Vamos ver como isso tudo vai desenrolar — ele comentou.

Ela voltou a assentir, sentindo um frio estranho na barriga ao pensar que em poucos dias saberia quem estava com mais razão naquela conversa.

[...]

Alexandre andava pelos corredores conhecidos do prédio, sentindo ali uma energia estranha e incomum. Parecia uma péssima segunda-feira, daquelas em que todos precisam acordar no inverno de Moscou para ir trabalhar em um feriado. Mas não estavam no inverno, muito menos era feriado. Ele franziu o cenho, observando todos. Alguns pareciam trabalhar normalmente, outros carregavam uma expressão um tanto quanto séria no rosto, mas foram os cochichos atravessados e as conversas discretas que chamaram sua atenção.

Talvez uma reunião importante dera errado? Ele pensou, normalmente as pessoas da empresa de Rik ficavam daquela maneira quando algo acontecia e seu chefe não estava muito bem.

Aproximou-se da sala do amigo e, contrariando sempre o pedido da secretária, abriu a porta dele sem pedir licença e a fechou antes que aquela múmia entrasse e reclamasse da sua insolência. Alexandre sabia que Yerik nunca marcava suas reuniões em seu

escritório, sempre preferindo uma sala avulsa onde as equipes e empresários pudessem ficar mais à vontade. Então quando a secretária gritava que Yerik estava muito ocupado, ele apenas ignorava aquilo.

É claro que ela abria a porta novamente para pedir desculpas ao chefe, mas Yerik apenas meneava a mão para que ela saísse, já sabendo que fora Alexandre que entrara sem pedir licença.

O amigo sentou-se na poltrona que ficava em frente à mesa.

— É impressão minha ou morreu algum funcionário importante aqui dentro? — ele perguntou. — Estão todos com uma aparência horrível.

Yerik, que anotava alguma coisa em um documento para não esquecer depois, olhou atentamente o amigo e respirou fundo, largando a caneta prateada na mesa e passando as mãos no rosto de aspecto cansado. Alexandre nunca havia visto seu amigo com uma aparência daquelas.

— O que houve, Rik? Parece preocupado com algo sério... — Ele deixou no ar.

— Estou prestes a explodir esse lugar, Sasha — Yerik respondeu um pouco irritado. — Não acredito que um simples assunto pode ter virado motivo de fofocas dentro dessa empresa. As pessoas passaram de funcionários competentes para admiradores da vida alheia em menos de cinco horas, e olha que não estamos nem no meio do expediente.

— Mas o que está acontecendo na verdade? — Alexandre voltou a perguntar.

Yerik resumiu em poucos minutos a conversa séria que tivera com Naya, colocando pela primeira vez o amigo a par do seu envolvimento com a antiga organizadora e futura secretária. Sasha começou a arregalar os olhos conforme escutava a conversa e realmente não acreditou quando Yerik contava como Naya havia o enfeitado desde a primeira vez que dançara perto dele.

— Só pode ser isso, um feitiço — Yerik concluiu rapidamente.
— Eu nem ao menos a via direito, mas hoje ela é presença constante na minha vida e quero que continue assim.

— Você realmente não acredita que seja um feitiço, não é? Apenas um tolo não consegue ver a beleza daquela mulher.

— Não, não acredito, é maneira de falar. — Yerik olhou para Alexandre de forma séria, não gostando de como o amigo parecia sonhador ao lembrar-se de Naya. — Eu fui um tolo, mas hoje consigo enxergar facilmente o que me diz.

— Eu enxerguei isso desde o momento em que coloquei os olhos sobre ela. — Sasha riu com a expressão irritada do amigo. — Ora, Rik! Não precisa se preocupar, ela é sua... E será sua.

Yerik respirou fundo e continuou a relatar o ocorrido. Para Sasha, poderia contar por alto que convidara Naya para um fim de semana em seu apartamento.

— Espera, em seu apartamento? — Sasha o interrompeu. — Você quase nunca leva alguém para lá...

— Ao contrário do seu, que é um abatedouro — Yerik respondeu, implacável, fazendo o amigo rir.

— Acho que a coisa está séria, então.

Mas nos próximos minutos, Alexandre percebeu que a relação que seu amigo tinha com a indiana não era perfeita. Yerik contou sobre o preconceito que Naya sofrera na infância, pedindo extremo segredo e dizendo que estava abrindo uma parte pessoal da vida dela para Sasha, que concordou prontamente, de forma surpreendentemente séria. Na verdade, estava mais sério do que Rik imaginara que ficaria.

— Sasha, o que houve?

O outro pareceu relutar um pouco em responder, mas enfim deu de ombros e acomodou-se melhor na poltrona de couro.

— Encontrei Natasha em um evento da minha empresa — ele disse. — Ela perguntou por você e perguntou se você ainda estava

com a *imigrante imunda* — confessou. — Na hora, não consegui conectar o insulto a Naya...

O rosto de Yerik era uma máscara de ódio.

— Isso já está passando dos limites. — Passou as mãos no rosto, tentando espantar a irritação e a vontade de sair daquela sala e começar a xingar os próprios funcionários. — As pessoas não entendem que Naya está onde está porque merece e não porque está dormindo comigo.

Yerik tivera que realocar algumas secretárias mais cedo na empresa, e as funcionárias não gostaram, mas ficaram ainda menos felizes quando o chefe explicou indiretamente o motivo em um e-mail enviado para todos da empresa. Haveria uma nova secretária, que cuidaria de seus papéis mais pessoais e de contratos mais importantes.

Alexandre deu de ombros com a explicação do amigo.

— Agora que você já fez, vamos ter que esperar a poeira baixar e ver o que vai acontecer daqui para a frente — respondeu, não fazendo ideia de que o melhor amigo de Naya, Alaric, dera o mesmo conselho para a garota no dia anterior. — Eu sei que você só toma decisões quando tem certeza de que os riscos são mínimos, só espero que as pessoas entendam isso também.

[...]

Irenia esperou todos da mansão se recolherem para caminhar em direção ao escritório de Yerik. Era uma noite de segunda-feira e mesmo que ele tivesse chegado relativamente tarde, ainda estava enfurnado naquele cômodo como se quisesse fugir de algo. Naya aparecera para trabalhar naquela manhã, parecendo receosa com tudo. Lembrava Irenia a garota que entrara ali em seu primeiro dia de trabalho, e não a Naya que conseguia tomar as rédeas de tudo, sem nem ao menos perguntar mais para ela o que era preciso fazer. Achou aquele fato um tanto quanto perturbador e foi pesquisar o motivo.

Não precisou pesquisar muito, antes de Yerik ir à empresa, explicara para Irenia que Naya não era mais organizadora da casa, e sim, sua secretária particular, e que esse era seu objetivo quando colocara a garota para trabalhar ao seu lado e guiá-lo nos compromissos em Nova Iorque. Irenia fez um enorme esforço para não sorrir, adotando a fisionomia compreensiva no momento.

Naya trabalhava normalmente, apesar de estar um pouco deslocada por ser oficialmente uma secretária, mas Irenia, com seus olhos de falcão, percebera que havia algo mais naquela história que os dois não tinham contado, mas que não era necessário, pois já era óbvio. Não para qualquer um, mas para alguém com sua astúcia, o segredo deles não era impossível de se descobrir.

Ela esperou Naya se recolher também, exausta por ter que lidar com tantos papéis e, quando a mansão estava silenciosa, bateu levemente na porta do escritório e escutou a voz de Yerik pedindo para que ela entrasse. Ao fechar a porta atrás de si, sentou-se na poltrona que ficava em frente à mesa e observou-o com os olhos acostumados a detectar cada movimento suspeito.

— Aconteceu algo na empresa hoje, Rik, querido? — ela perguntou, pretendendo ser direta no assunto. — Parece perturbado.

Yerik desviou os olhos do notebook e fitou Irenia. Como ela conseguia aquilo? Ele nem ao menos havia tocado no assunto, com ninguém, nem mesmo com Naya. Mas Irenia parecia uma formiga, que entrava por debaixo das portas e descobria tudo, ou talvez uma mosca, que voava para sua empresa e planava nas cabeças das secretárias, escutando tudo o que era falado aos cochichos ali.

Ele respirou fundo e desistiu de esconder aquilo dela, pois sabia que sua decisão não demoraria tornar-se assunto ali também. Confiava em Irenia, confiava até mesmo sua vida a ela. Alexandre era seu melhor amigo, mas Irenia era sua conselheira desde que ele atingira a maioridade e assumira a empresa.

Contou a Irenia a mesma história que havia contado a Sasha, retirando, é claro, assuntos mais delicados, como ser enfeitiçado por

Naya, ou ter passado o fim de semana com ela em seu apartamento. Contou também a abordagem de Natasha, e como aquilo fora agressivo.

Irenia esperou o desabafo acabar, antes de cruzar as pernas elegantemente e remexer em um objeto em cima da mesa do escritório, sem realmente dar atenção àquilo.

— Se está pedindo um conselho, e imagino que esteja, julgando o desespero que seu rosto demonstra e a ansiedade com que me contou tudo. — Antes de Yerik abrir a boca para retrucar, ela continuou. — Acho que já passou da hora de você impor a presença de Naya na empresa, no seu escritório, e não aqui. Naya está trabalhando como secretária aqui, mas um dia irá precisar tomar o lugar dela onde você a quer. Na empresa, e ao seu lado.

Yerik não entendeu a última frase. Irenia resolveu deixar aquilo claro.

— Você está apaixonado por ela — afirmou, tendo tanta certeza quanto tinha de que Moscou era fria no inverno.

— N-n-n-não estou — Yerik respondeu, fazendo-a arquear as sobrancelhas com a gagueira momentânea. — Gosto muito de Naya, mas quero ir devagar nessa relação.

— Deixa de ser tolo, Yerik. Pare de mentir a si mesmo — ela disse. Apenas ela e Elissa conseguiam falar naquele tom com Yerik sem ele xingar em resposta. — Você está sorrindo mais nos últimos dias, assovia enquanto vai até a garagem pegar o carro para ir trabalhar. Até mesmo já afagou Misha como se amasse aquele cachorro desde filhote. — O cachorrinho, que até então estava deitado no sofá do escritório, lugar que escolhera como favorito, levantou a carinha quando escutou seu nome, mas voltou a dormir ao ver que não era solicitado. — E o modo como você a olha... Aquilo é adoração.

— Ainda acho que está errada, não estou apaixonado — ele respondeu.

Irenia meneou a mão como se dissesse que o que Yerik achava não tinha importância nenhuma, pois ela que tinha a razão naquela conversa.

— De todo modo, se você a quer, precisará enfrentar isso de uma vez.

— O que você faria no meu lugar? — ele perguntou, visivelmente curioso e necessitado de um conselho.

— Pararia de uma vez com esse fingimento de que não sente nada por aquela garota e a colocaria como sua secretária na empresa, onde é o lugar dela.

Dezenove

Já era quase novembro quando Naya finalmente colocou os pés no saguão elegante do prédio onde a empresa de Yerik estava instalada. Respirou fundo, sentindo-se extremamente ansiosa com aquilo. O frio da Rússia já começava a fazer efeito no humor das pessoas, e ela percebeu alguns funcionários agasalhados mesmo com o forte aquecedor que havia no prédio. Quanto a ela, retirou o casaco pesado logo quando entrou no elevador, apertando o número do andar em que trabalharia. Esperou pacientemente o elevador subir, vez ou outra parando em alguns andares para pegar passageiros. Alguns olharam surpresos para Naya, outros pareciam tão atentos aos próprios pensamentos que não perceberiam nem se um elefante estivesse ali dentro.

Naya observou um homem fitá-la com certa curiosidade e conteve a vontade de bufar. Sentia-se um pouco peculiar naquele ambiente. Os russos preferiam roupas sóbrias no inverno, claro que muitos usavam roupas coloridas, mas ninguém era ousado o bastante para ter um blazer cor salmão. Era como se Naya fosse um pássaro colorido em meio a pardais marrons. Todos haviam descido em seus respectivos andares, mas o homem permaneceu ali, ainda a observando de canto de olho. Naya decidiu por ignorá-lo, mas ficou surpresa quando o elevador parou no último andar e o homem

saiu, colocando o braço para que as portas do elevador não voltassem a fechar, esperando que ela saísse também.

Agradeceu, sorrindo. Mas ele não retribuiu o sorriso. *Russos*, pensou ela, *sempre carrancudos em seu cotidiano*.

— Bom dia — ela desejou, arrancando a atenção dele novamente, que já se virava para o lado oposto. — Pode me informar onde é a sala de Yerik Petrovich?

O homem apontou para um corredor.

— No final do corredor, à esquerda.

Antes que Naya pudesse agradecer, ele já havia dado meia volta e saído. Ela fez uma careta, andando na direção mostrada. Naquele andar, não havia muitos funcionários, e não precisava pensar muito o motivo, conhecia certas empresas e sabia que os chefes e empresários mais importantes ocupavam um andar só para si, deixando os secretários e funcionários espalhados pelos outros andares. Contudo, mesmo com poucas pessoas, Naya sentiu olhos a seguindo enquanto andava pelos corredores. Havia algumas portas abertas, outras fechadas, mas algumas salas pareciam aquários, e todos que estavam em reuniões conseguiam olhar para quem passava pelo corredor. Ela apressou o passo.

Entrou em uma ala mais espaçosa e observou ali uma única mesa de aparência rústica com uma secretária que parecia idosa demais para aquele trabalho, mas ela nunca colocaria esse pensamento em voz alta. Aproximou-se, sorrindo e apertando a alça da bolsa com a mão. A mulher a fitou com curiosidade, e o sorriso de Naya murchou. De que adiantava sorrir para uma pessoa que não reconhecia aquele gesto como se nunca o tivesse feito?

— Bom dia — ela desejou séria. — Meu nome é Naya Bantar, Yerik Petrovich está me esperando.

A mulher arqueou as sobrancelhas e depois analisou a garota a sua frente. Naya conteve a vontade de socá-la. Sabia exatamente o que significava aquele tipo de olhar: então é essa a garota que meu chefe está saindo?

Qual era o problema daquela mulher? Idosas eram para ser fofinhas e gentis, não?

— Sim. Ele me informou sobre sua vinda — a mulher respondeu. — Vou chamá-lo.

Ela pegou o telefone na mesa e apertou um botão. Naya respirou fundo.

[...]

Yerik negligenciou um pouco seu trabalho naquele dia em específico, pelo simples motivo de ter aumentado as idas aos famosos postos de café para dar uma caminhada despreocupada e, sem nenhuma maldade e com total discrição, finalmente, como ele era o chefe, crescer os ouvidos para as conversas que estavam travando dentro da empresa. Não queria admitir a si mesmo, mas precisava saber o que as pessoas estavam falando sobre a presença de Naya ali, e como ela estava se saindo no primeiro dia. O que ouviu o deixou no mínimo surpreso.

Havia diversas opiniões, algumas positivas e outras, negativas. Algumas ele apreciava, outras tentava ignorar de todo modo. Fingiu não ver como os olhos masculinos acompanhavam Naya quando ela andava pelos corredores em seus sapatos de salto alto, entregando os papéis para os respectivos executivos e inclinándose um pouco ao depositá-los na mesa. Usava uma roupa clássica de secretária, mas infelizmente o blazer estava com dois botões abertos, e alguns homens se aproveitaram disso para cravar os olhos no decote discreto de Naya, que mostrava os seios fartos, provavelmente estavam imaginando se seriam fartos assim quando ela estava nua.

Ele borrou o papel onde escrevia uma lista de afazeres para o dia seguinte, apertando muito a caneta bico de pena. Praguejou e tentou se concentrar mais nas opiniões positivas. Muitos gostaram de Naya, e ele não podia ter mais certeza de que isso aconteceria, a garota era eficiente e parecia ter uma memória melhor do que um computador, em poucas horas havia decorado metade dos nomes

das pessoas nos variados andares e as posições que ocupavam dentro da empresa.

Sabia também que muitas conversas eram atravessadas sem que ele tivesse conhecimento disso, mas de alguma maneira tais sempre acabavam nos ouvidos deles, que era esperto a ponto de conseguir arrancá-las de alguns funcionários, em específico a secretária que trabalhava no controle de entrada da ala dele, a qual Alexandre carinhosamente apelidara de Múmia.

Ele conteve um sorriso ao lembrar-se disso e pegou o telefone, discando o ramal da recepção. Às vezes se sentia completamente sedentário quando fazia isso, afinal, a Múmia estava a uma porta de distância.

— Senhora Yurievna, pode, por favor, dizer a Naya Bantar para comparecer a minha sala quando encontrá-la? — ele pediu, e foi respondido rapidamente, agradecendo.

Respirou fundo, olhando para a janela. O frio já começava a tomar Moscou, em breve nevaria. As noites eram mais longas, apesar de estarem no fim da tarde, há horas já havia escurecido. Por ser um moscovita de nascença, Yerik estava acostumado a isso, mas não podia deixar de se irritar, pois apreciava o dia e tinha uma sensação estranha de que seu trabalho não era muito proveitoso.

Naya entrou na sala dez minutos depois e pegou o chefe pensativo, olhando para a paisagem através do vidro largo da janela. Pigarreou para chamar a atenção dele, fechando a porta atrás de si.

— Yerik. — Aproveitou-se que estava a sós com ele e o chamou pelo primeiro nome, fazendo-o olhá-la. — Mandou me chamar?

Ele sorriu ao vê-la. De alguma forma, Naya conseguia isso dele. Yerik não era um homem de distribuir sorrisos, mas ela estava simplesmente deslumbrante com aquela roupa. Ela sempre estava deslumbrante. Até mesmo quando acordava, e isso ele já havia tirado a prova. Sentiu um incômodo entre as pernas ao lembrar-se

do fim de semana que passara ao lado dela, tocando-a entre lençóis.

Caminhou em direção a ela e puxou-a para si, plantando um beijo delicado em seus lábios pintados de vermelho.

— Aqui não, Yerik — ela disse, parecendo incomodada. — Já estão dizendo que consegui o emprego porque durmo com você. — Anunciou sem precisar, ele já havia escutado aquela calúnia. — Não quero dar motivos para as pessoas confirmarem os cochichos.

Ele fez uma careta.

— O que está dizendo? Você entrou aqui porque merece o emprego e não porque está dormindo comigo. Até porque não estávamos juntos em Nova Iorque, quando começou a pegar responsabilidades de secretária.

Naya sentiu um calafrio quando ele mencionou que estavam juntos, mas Yerik não percebeu, olhou-a com atenção.

— Teremos uma reunião ainda esta semana. Quero que você seja minha acompanhante — ele avisou. — Precisa me proteger das conversas horríveis de negócios que serão travadas depois do jantar.

— Não posso ser sua acompanhante e sua secretária. — Ela sorriu. — Como vou anotar tudo que me disser?

— Por Deus, não anote. Não quero relembrar essa reunião...

Naya fez uma careta, sabendo que ele estava brincando. Yerik nunca achava uma reunião sem importância, só as marcava quando extremamente necessário.

— Estou indo embora. Meu horário acabou. — Ela deu um leve beijo nos lábios dele, desvencilhando dos braços possessivos. — Não quer pagar hora extra, certo?

— Poderia... O que você pretende fazer nas horas extras?

Mas ela já sorria, saindo da sala e despedindo-se dele com um aceno.

[...]

Estava mais frio que o normal. A mansão por si só já era um local frio, o piso de mármore e as grandes janelas contribuíam para que a temperatura despencasse durante a noite, e mesmo com o aquecedor, ela sentia uma leve brisa entrando no quarto.

Brisa?

Resmungou algo. Sentia-se cansada e com sono. Fora seu primeiro dia no trabalho novo, e a empresa parecera muito maior do que Naya imaginava. Sem contar os inúmeros olhares que enfrentara, alguns apenas curiosos, outros com aquela parcela de superioridade. Ela gostava de acreditar que todo novo funcionário passava por aquilo, mas sabia que sua situação era um pouco diferente, para não dizer muito. Naya entrara em um dos melhores cargos de secretária, podendo entrar e sair a hora que quisesse do escritório principal do chefe, tendo em sua posse e responsabilidade os documentos mais importantes da empresa.

Fez uma careta. O frio não melhorara, e ela tentou encolher-se, o sono a embargando novamente, até sentir uma mão delicada retirar facilmente o cobertor que estava sobre si. Naya abriu os olhos, arfando e tentando se virar, mas já era tarde. Yerik passou os braços fortes por debaixo dela e içou-a, retirando-a da cama. Ela o fitou com sono, não acreditando na audácia daquele homem.

— Está louco? Eu quase enfiei uma faca no seu olho.

Ele sorriu de leve e depois olhou para a cama dela, erguendo a sobrancelha grossa.

— Você dorme com uma faca debaixo do travesseiro? — perguntou.

— Não, mas...

— Então não há perigo real.

Yerik saiu sorrateiramente do quarto dela, olhando os corredores, seria no mínimo estranho se algum empregado os pegasse naquela situação. Naya parou de resmungar e aninhou-se

ao colo dele, sentindo o sono mais forte que o normal. Ele percebeu e sorriu, caminhando até a escada. Mesmo em seu estado de semiconsciência, ela se perguntava como alguém andava de sapatos sociais sem fazer nenhum barulho naquela imensa casa escura e silenciosa.

Ela respirou fundo.

— Para onde está me levando? — perguntou, a resposta sendo óbvia.

— Para meu quarto — ele respondeu. — Não gosto de saber que está tão perto de mim e não dormirá comigo. — Ele sorriu levemente. — Na verdade, preciso pedir que acorde, acho que não vamos dormir agora.

Ela grunhiu, sentindo que o adorava, mas realmente preferia dormir naquele momento, pois seu corpo clamava por descanso. Infelizmente sua mente já despertara o suficiente para sentir o colchão macio sob si e os braços fortes a deixando. Ela manteve os olhos fechados, tentando assim fingir que estava dormindo para ver se Yerik desistia daquela loucura.

Mas ele não desistiu. Ela conseguiu escutar com facilidade ele se livrando do terno, bem como da camisa, pelos deuses, conseguiu até mesmo escutar os botões saindo das casas, imaginando cada nuance do corpo dele aparecendo enquanto ele se despia, mas fincando o pé na decisão de manter os olhos fechados, porque sabia que se os abrisse naquele momento estaria perdida.

Infelizmente, a decisão de Naya de nada contribuiu para ajudá-la. Abrir mão da visão fez com que sua audição e seu tato estivessem afiados, ela conseguiu escutá-lo se despir, bem como sentir o colchão afundar-se perto de onde suas pernas estavam, sentiu facilmente as mãos fortes correrem por elas, apreciando o contato frio das palmas com a pele quente dela por estar deitada há algum tempo. Ela sentiu um arrepio percorrer seu corpo, mas nada disse e manteve seus olhos fechados.

— Sei que está acordada, mas agora não quero que abra os olhos, quero apenas que me sinta — ele disse.

Naya respirou fundo, delatando-se. Sentiu as mãos correrem para cima, onde ele espaçou as pernas dela. Sentiu...

O teatro que ela fazia acabou no momento em que Yerik tocou-a no centro com os lábios por cima da lingerie delicada, roçando levemente a barba densa em seu núcleo. Naya gemeu, sentindo-o de uma maneira que nunca havia sentido, não no sentido sexual, pois Yerik já havia experimentado daquela maneira, mas aquilo era diferente... Era mais... Íntimo.

Ela não sabia se por causa do silêncio, ou pela escuridão em que se encontravam ou pelo simples fato de sentir que ele também se entregava àquilo de um modo diferente, carnal, contudo, havia algo...

Ela esqueceu o que era, na verdade, não conseguia realmente pensar, ele estava a obrigando a desligar o cérebro e fazer o que seu corpo comandava, sentiu o dedo dele penetrar seu sexo úmido, sentiu a língua rodar em seu ponto sensível, bem como os lábios a sugando com reverência, e quando estava quase explodindo, ele parou. Ela conseguiu escutar a própria respiração difícil, bem como as marteladas do coração dentro do peito, mas não precisou esperar muito até que ele se juntasse novamente a ela.

E, naquele momento, ele se entregou por inteiro. O membro a invadiu de forma calma e até mesmo torturante, e logo o quadril dele a encontrou, afundando-se nela por completo. Agora o som da respiração dele mesclava-se ao som da dela.

— Abra os olhos — ele pediu gentilmente.

Naya abriu, e demorou a enxergar algo. O quarto estava escuro, e ela só conseguiu distinguir o vulto do corpo forte dele sobre si, mas depois de algum tempo, de alguma forma, o brilho das orbes dele parecia se destacar dentre a escuridão, e Naya soube que ele estava a olhando.

— Você é a mulher mais linda que eu já vi.

Naya não soube o que responder, e ele selou sua boca com um beijo, o quadril começou a se mover lentamente, obrigando-a a senti-lo mais intensamente, mas logo depois o corpo dele queria mais, e ela não reclamou quando os movimentos tomaram um ritmo mais acelerado, a boca dele só se desgrudava da dela quando ela se permitia gemer e, nesse momento, ela prendia os lábios, pois sabia que se ficassem livres, iria gritar, o que seria perturbador dentro daquela mansão.

Naya fechou os olhos novamente, apreciando o contato do corpo dele, o peso de Yerik sobre si, a forma como ele mexia os quadris para dar e receber o desejo que ambos buscavam e que sempre encontravam juntos. Ela já havia dormido com alguns homens, mas nunca se sentira tão desejada daquela maneira, pois mesmo que Yerik possuísse seu corpo, de alguma forma mostrava que não se sentiria satisfeito se não possuísse também algo que nada tinha a ver com o físico.

Ela arqueou o corpo em direção ao dele ao sentir-se embargada pelo próprio prazer, e Yerik conseguiu alcançar o seu ao ver que a mulher que tanto desejava se entregava a ele, parecendo tão vulnerável, confiando tal vulnerabilidade a ele de uma forma que Yerik nunca vira.

Desabou ao lado dela, puxando o cobertor sobre os dois e aninhando-a em seu peito.

— Estou exausta — ela confessou. — Só consegui terminar isso porque realmente não ajudei em nada.

O hálito quente dele fez cócegas em seu ouvido quando Yerik riu.

— Trabalhar naquela empresa deixa qualquer um exausto. — Respirou fundo, e Naya trabalhava cinco horas a menos que ele. — Mas eu nunca ficarei exausto o suficiente para abrir mão de você. — Correu as mãos pelo cabelo dela. — E disso.

Naya sorriu, mas realmente estava cansada demais para responder.

— Vá dormir, Naya — pediu. — Descanse.

Vinte

Era uma noite de sexta-feira, quando Yerik estacionou o carro em frente ao prédio simples de Naya e girou a chave, esperando-a descer. Já havia ligado para avisar que estaria ali em poucos minutos, mas sabia o suficiente de mulheres para não esperar que ela descesse rápido. Contrariando tudo o que ele pensara minutos antes, ela desceu pouco tempo depois, os sapatos de salto alto encontrando o chão e fazendo um som engraçado cortar o ambiente silencioso. O inverno estava chegando em Moscou, e as pessoas preferiam ficar em casa perto dos aquecedores a andar pelas ruas frias da cidade.

Ela entrou no carro, praguejando baixinho e esfregando as mãos para aquecê-las. Virou-se para Yerik e o beijou levemente nos lábios para não o marcar com batom. Ao contrário dos de Naya, os lábios dele estavam quentes. Yerik sorriu ao vê-la.

— Está sentindo frio? — ele perguntou, visivelmente divertido com a situação.

— Estou — respondeu, olhando-o desconfiada. — Você está só com casaco?

Ele vestia um casaco preto por cima do terno da mesma cor e parecia confortável com isso. Ela poderia até mesmo dizer que era por causa do aquecedor do carro, mas conhecia Yerik o suficiente para saber que ele estava mais do que acostumado ao frio da sua cidade. Ele deu de ombros.

— Coloquei uma blusa de malha embaixo da camisa. Não está tão frio assim.

Ela estremeceu, encolhendo-se no banco e aproveitando a temperatura gostosa dentro do carro.

— Espero que o local onde vamos esteja com o aquecedor no máximo. Estou usando apenas vestido por debaixo do casaco.

Yerik ligou o carro e levantou a sobrancelha, fitando-a com atenção. Naya usava meia calça e sapatos altos escuros, mas ele não conseguia ver o tipo de vestido que ela estava usando por debaixo do casaco vermelho.

— Se fosse por mim, você não usaria nada.

Ele percebeu o rosto dela enrubescer, mas Naya ignorou aquilo de todas as maneiras. Yerik virou a rua, saindo do bairro dela e seguindo para a parte mais nobre da cidade. Rezou para que o jantar fosse rápido, quanto mais cedo chegassem, mais cedo sairiam da reunião e teriam paz.

[...]

Ao chegarem, foram recebidos pelo anfitrião da noite e sua mulher que, ao contrário do que Naya esperava, foram muito gentis e logo travaram uma conversa superficial e prazerosa sobre o mercado financeiro. Naya não entendia muito sobre aquilo, e percebeu que a mulher ao seu lado também estava enfadada com o assunto, ela sorriu, elogiando as joias da mulher e arrancando de certa forma um sorriso tímido dela.

— Volodya me deu os brincos quando completamos trinta anos de casados — ela mencionou o marido, Vladimir, pelo apelido carinhoso. — Os anéis eu me dei de presente ano passado — falou de modo conspiratório. — Não podemos deixá-los escolher tudo, não é?

Naya sorriu e logo estavam se afastando juntas e conversando sobre joias e pedras preciosas. Disso Naya entendia, ao dizer que era indiana, a mulher ficou exultante e logo a encheu de perguntas sobre os tecidos finos que eram vendidos lá e os acessórios de ouro que brilhavam nos casamentos. Naya contou o que sabia, por ser de casta baixa e solteira, nunca havia participado de uma cerimônia luxuosa de casamento, mas sabia como eram, quando criança, escondia-se atrás de alguns muros para ver o cortejo passar, a noiva estava sempre alegre e colorida, com joias enfeitando seu corpo.

Ela disse o que já havia visto para a mulher que descobriu chamar-se Anna Ivânovna, ou apenas Anna, como ela pedira para Naya chamá-la. Teve o cuidado de ocultar que nunca havia realmente participado diretamente de tais cerimônias, deixando a mulher acreditar que sabia de tudo por ter sido convidada, naturalmente. Quando estava terminando de contar como eram feitas as pinturas delicadas das mãos, Naya percebeu Anna virar-se de forma incômoda para o lado, mas sua vez de anfitriã praticamente a obrigou a abrir um sorriso, que Naya percebeu, com muito esforço, e virar-se para a pessoa que se aproximava.

— Natasha! Boa noite!

A mulher que parou ao lado de Anna não era nem um pouco desconhecida para Naya, que a cumprimentou com um leve aceno de cabeça. A loira abriu um sorriso falso e exuberante, retribuindo o cumprimento das duas mulheres. Os lábios estavam pintados de vermelho, e isso ela tinha em comum com Naya, que escolhera a mesma cor para si, porém, o de Naya era mais escuro, deixando o tom dourado de sua pele ainda mais bonito.

Apesar de Natasha ter fama de desagradável, foi até mesmo educada com Naya, pelo simples motivo de ser obrigada a fazê-lo. Conversaram trivialidades, mas logo a conversa pareceu perder o calor e o entusiasmo, Anna pediu licença por um minuto, um casal estava esperando sua recepção na porta, e deixou as duas sozinhas. Naya percebeu que teria que falar algo, mas não teve tempo de bolar um assunto neutro, pois logo sentiu um braço forte envolver sua cintura, o rosto falso da loira se transformou em uma careta de desgosto.

— Boa noite, Natasha. — Yerik a cumprimentou com um aceno de cabeça. — Vejo que conheceu Naya, minha namorada.

Naya quase engasgou com aquilo, mas sabia que Yerik tinha tudo sob controle, pois não era homem de afirmar coisas em voz alta sem ter a ideia do que estava fazendo. Natasha fez um gesto mal-educado com a boca.

— Tive o prazer de conhecê-la — disse, e Naya não soube a que momento ela se referia, ao momento que a xingara na mansão ou àquele. — Agora, se me dão licença, preciso pegar algo para beber.

Os dois ignoraram completamente os garçons que claramente estavam circulando entre as visitas com bandejas recheadas com aperitivos e taças de champanhe. Queriam se livrar da presença desagradável de Natasha, e conseguiram facilmente.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

Naya assentiu e elogiou Anna, uma senhora agradável, não mencionando muito a ex-namorada dele. Ele escutou tudo com atenção e sorriu.

— Venha, vou apresentá-la a meus sócios.

Guiou-a por entre as pessoas, ela sentindo levemente a mão dele sobre suas costas.

[...]

O jantar correria tranquilo, os empresários respeitaram as companhias e pararam de falar de trabalho, algumas mulheres estavam na reunião com o mesmo propósito de Yerik: fechar negócios. Naya ficou encantada com o público feminino que fazia parte da metade empresária, de algum modo, achou que teria apenas homens ali, mas percebeu que seu pensamento era equivocado e um tanto quanto antiquado.

Depois do jantar, alguns foram até o balcão pedir um aperitivo, mas Yerik não estava com muita vontade de ingerir vodka naquele momento. Na verdade, procurava uma pessoa com os olhos, e quando finalmente a encontrou, Naya percebeu certa empolgação em seu rosto.

— Finalmente — ele disse. — Venha, quero que você conheça alguém. — Ele começou a andar por entre as pessoas, conduzindo-a levemente. — Espero que essa seja minha última conversa da noite e possamos descansar depois.

Naya sorriu e o seguiu, parando ao lado de um homem um pouco baixo e com um tom de pele semelhante ao dela. Yerik e o empresário se cumprimentaram com respeito e Naya não precisou de muito tempo para perceber que aquele homem tinha a mesma origem dela. Contudo, ele não pareceu dar muita atenção à companhia de Yerik, nem mesmo ver que ela tinha semelhanças com seus traços: boca larga, olhos escuros e cabelos lisos. Naya sentiu-se inquieta com aquela peculiaridade. Nunca imaginou que encontraria um indiano ali.

— Posso lhe apresentar minha companheira? — Yerik perguntou, e o homem finalmente olhou para a bela mulher que estava ao seu lado, sorrindo afetuosamente. — Naya, esse é Reyansh Chalbawk, ele também é da Índia.

Ao escutar o nome do seu país, os olhos do homem brilharam e ele sorriu para a mulher, cumprimentando-a formalmente.

— Senhor Chalbawk, essa é Naya Bantar.

O brilho nos olhos do homem foi substituído por um entendimento peculiar e logo seu sorriso esmoreceu, mesmo que ele parecesse fazer um esforço enorme em continuar o feito. Yerik não percebeu isso, pois logo o homem virou-se para ele e voltaram a conversar sobre negócios, mas Naya olhou astutamente para ele, já percebendo o motivo da sua decepção.

Ele havia percebido que ela era de casta baixa.

Era seu sobrenome que denunciava isso, e mesmo que o sistema tecnicamente já tivesse sido extinto da Índia, na prática aquilo era diferente, e muitos conseguiam distinguir os *dalits* através dos sobrenomes que carregavam.

Naya pediu licença gentilmente, alegando que ia ao banheiro retocar a maquiagem e se desvencilhou da dupla, tendo a certeza de que só reapareceria quando finalmente cortasse a sala para pegar seu casaco e ir embora.

[...]

Finalmente a reunião acabara e haviam ido embora. Naya estava no banheiro de Yerik, olhando seu rosto agora sem maquiagem e remexendo no cordão do seu roupão. Por mais que quisesse ser sensual e usar um roupão de seda, a noite de Moscou estava fria demais para que ela conseguisse tal feito. Então seu roupão era de flanela, e esquentava seu corpo enquanto ela jogava a água no rosto, retirando os resquícios do demaquilante e escutando Yerik falar sem parar pela porta entreaberta.

Contava todas as conversas que tivera e todos os contratos que provavelmente fechara naquela reunião, bem como todas as propostas que recebera. Naya gostaria muito de saber disso tudo, mas não naquele momento. Estava cansada, e sabia que ele falaria aquilo tudo outra vez na segunda, quando estivessem no trabalho. Sorriu ao escutar a voz dele empolgada. O trabalho movia Yerik, e aquilo era um tanto quanto contagiante. Para sua sorte, aquela paixão ainda não havia a contagiado e tudo o que ela queria fazer agora era dormir.

Ela saiu do banheiro e parou perto da cama. Yerik finalmente calou-se por um tempo.

— Meu Deus, você consegue ser bonita de qualquer jeito — ele disse sem pensar.

— Como assim? — Naya perguntou, desamarrando o roupão e jogando-o em uma poltrona, sentindo falta dele no mesmo momento quando entrou debaixo do cobertor e sentiu a cama gelada.

— Você estava linda hoje, maquiada e arrumada no jantar, e está linda sem maquiagem e de camisola. — Ele correu os dedos pelas alças. — Gostei dessa. Foi da sua avó?

Naya deu um pequeno soco no ombro dele, fazendo-o gemer.

— Cale a boca. Não vou usar camisola de seda com rendas nesse frio. Se quiser me ver assim, tente aumentar a temperatura do aquecedor!

— Aí assaremos — ele disse.

— Seu quarto está frio.

— Eu acho uma temperatura agradável — ele respondeu, esticando-se na cama e pegando o controle do aquecedor. — Você é muito friorenta.

— Sou indiana, e não moscovita. — Ela sorriu.

— Por falar em indianos, você gostou do senhor Chalbawk?
— Ao escutar o nome, Naya arrepiou, mas nada disse. Yerik não percebeu. — Tive uma conversa ótima com ele, mas você não nos acompanhou, disse que ia ao banheiro e demorou uma eternidade... provavelmente fecharei um contrato milionário com ele, se tudo der certo e... Naya, você está bem?

Mesmo com a baixa luz do abajur, ele percebeu que ela parecia pálida e amedrontada com algo.

— E-estou — mentiu. — Só estou cansada.

— Não... você estava bem cinco segundos atrás... foi algo que eu disse?

E então ele percebeu agora de forma visível como os olhos dela estavam com lágrimas contidas, podia ver o brilho peculiar através da luz indireta do abajur, e realmente não soube o motivo, só teve a reação automática de abraçá-la e, no momento em que o fez, Naya desabou.

Contou como o senhor Chalbawk percebeu rapidamente que ela era de casta baixa, e o desprezo camuflado em como a olhara. Aquilo de alguma maneira não a incomodou tanto, mas ela temia que tal circunstância pudesse realmente desencadear uma série de acontecimentos desagradáveis, um deles era que Yerik perdesse um contrato milionário pelo simples preconceito do outro.

Yerik tentou confortá-la, dizer que aquilo nunca aconteceria, mas de certa forma nem mesmo ele tinha certeza disso. Sabia como o mercado empresarial era agressivo e que cada ponto poderia mudar os pesos da balança.

Ele respirou fundo, acariciando os cabelos volumosos de Naya até que ela finalmente sucumbisse ao sono e dormisse.

Ele permaneceu acordado por mais algumas horas.

[...]

Yerik acordou no dia seguinte e a primeira coisa que percebeu foi a ausência de Naya ao seu lado no colchão. Olhou para o relógio. Eram sete horas da manhã, e não havia motivos para que ela acordasse tão cedo em uma manhã de sábado. Estavam cansados por causa da reunião e chegaram tarde da madrugada, então onde ela estava?

Enfiou uma roupa confortável no corpo e passou a mão no cabelo, tentando arrumá-lo e descendo as escadas no processo. A casa estava silenciosa, mas assim que chegou à sala de jantar, percebeu a grande mesa já com o café da manhã posto. Irenia estava sentada em uma das cadeiras, escrevendo em um caderninho de couro o que parecia uma lista.

— Bom dia — ele desejou, olhando-a com atenção. — Onde está Naya?

Perguntou sem conseguir se conter. Irenia retirou os óculos de grau elegantes e remexeu a mão, convidando-o a se sentar, mas Yerik não o quis fazer, estava se espreguiçando igual um gato. Ela preferiu remexer na xícara de chá e levá-la à boca para tomar um gole antes de dar a notícia.

— Naya acordou cedo hoje e foi para casa. Disse, com todas as letras, que precisava de um tempo para descansar e pensar. — Ao ver o rosto de Yerik, acrescentou. — Quando mulheres falam isso, normalmente querem ficar sozinhas.

Finalmente ele se sentou, soltando o ar pela boca em uma tentativa frustrada de liberar sua tensão. Enquanto se enchia de panquecas, contou a Irenia o que havia acontecido na noite anterior, e a recepção do senhor Chalbawk. Ela ouviu tudo com a atenção de um gavião, mas estava calma quando o melhor conselho que poderia dar na atual situação saiu de sua boca.

— Acho que você precisa dar um tempo para que Naya consiga assimilar todas as mudanças que aconteceram na vida dela.

— Quanto tempo? — ele perguntou.

Irenia esforçou-se para não sorrir. Às vezes Yerik parecia o mesmo garoto ansioso de quando tomara finalmente a direção da empresa do pai.

— Dei a ela uma semana de folga, dada as circunstâncias — ela confessou. — Acho que você deveria fazer o mesmo.

Yerik sabia que não faria nada, pois a decisão de Irenia nos horários e folgas dos seus empregados pesava muito mais do que a dele própria. Respirou fundo.

— Acho que consigo sobreviver sem Naya por uma semana — ele disse, levantando-se da mesa.

— E onde vai com essa tensão toda? — Irenia perguntou.

— Provavelmente vou nadar, pelo menos umas duas horas para ver se o tempo passa rápido — respondeu, afastando-se da mesa e voltando a subir as escadas para pegar suas roupas de treino.

Irenia esperou o som dos passos dele ficar mais baixo para respirar fundo e puxar o telefone móvel que sempre estava ao seu lado. Discou um número conhecido e esperou que a voz do outro lado atendesse.

— Elissa, tudo bem? Quando pode passar por aqui? Acho que você precisa ter uma conversa séria com seu filho...

Vinte e Um

Ao descer as escadas, a primeira voz que ouviu foi a de sua mãe e, de alguma maneira, percebeu que sua presença ali não tinha nada a ver com uma visita corriqueira à mansão. Ou pelo menos

isso ele achava, mas logo Elissa andou em sua direção, abraçando-o e pousando o rosto no peito forte do filho.

— Meu Deus, você é alto igual ao seu pai. Sempre me esqueço disso. — Ela sorriu de forma carinhosa. — A fome é igual também, posso ouvir seu estômago rugir.

Ele deu de ombros e sorriu, andando até a mesa de onde Elissa havia se levantado, e Irenia tomava o seu chá.

— Acabei de acordar. Estou faminto.

— Você sempre está faminto — Irenia disse. — E mesmo assim não anda se alimentando direito. O trabalho o faz se esquecer até da comida, imagina.

Irenia olhou para Elissa, que fitou o filho de forma preocupada.

— Por favor, não faça igual ao seu pai... Ele às vezes se esquecia do mundo quando estava naquela empresa — pediu gentilmente, servindo-se de mais chá.

— Ele não se esquecia de você. Nem de mim. — Yerik completou, e de alguma forma pareceu um menino de cinco anos. — Ele nunca se esquecia das coisas importantes. — Irenia sorriu ao ouvir aquilo, e Elissa já abria a boca para retrucar quando Yerik continuou. — Portanto, nunca me esquecerei de comida. Quer coisa mais importante que isso?

Ele enfiou uma panqueca na boca, e Elissa arregalou os olhos, o bule de porcelana ficando suspenso no ar pelas suas mãos delgadas.

— Jesus Cristo, Rik! Você enfiou a panqueca inteira na boca?

— Estou com fome.

— Isso não é motivo! — Elissa arfou. — Cruze!

Irenia deu uma risada e limpou a boca com o guardanapo, respirando fundo.

— Há algo que consegue fazer Yerik se esquecer da empresa em apenas dois segundos. O nome dela é Naya Bantar.

— Interessante... — Elissa disse, olhando de forma cúmplice para Irenia. Yerik percebeu que a menção a Naya foi planejada. — Onde está Naya?

Yerik respondeu com poucas palavras que Naya tirara uma folga de uma semana por causa do estresse do trabalho, já que agora era sua secretária na empresa e andava de um lado para o outro colhendo papéis e anotando tudo na agenda dele. Elissa escutou tudo com atenção e, depois que ele terminou o discurso, ela colocou um pouco de açúcar no chá e mexeu o líquido âmbar com uma colher mínima.

— Folga, ahn? — ela disse, fitando o filho com a atenção de um falcão.

— Sim, folga — Yerik respondeu.

Um silêncio estranho se instalou na sala de jantar, e finalmente Elissa parou de mexer a pequena colher.

— Ora, que absurdo! E você tem a cara-de-pau de mentir assim para mim? — ela disse, indignada. Yerik revirou os olhos. — Não revire esses olhos! Irenia já me contou tudo.

— Eu sei que Irenia já te contou tudo. Só estava testando vocês duas.

Irenia fez uma careta de impaciência e continuou comendo o que estava em seu prato, mas Yerik percebeu que ela fazia um esforço enorme para não sorrir. Elissa bufou.

— A coitada está sendo vítima de preconceito e você me diz que ela tirou folga porque estava cansada?

E então começou, o discurso que Yerik estava esperando desde o momento em que desceu as escadas e escutou a voz da mãe. Ele sabia que a presença dela ali tinha algum propósito, e não ficou surpreso quando Elissa deixou escapar que Irenia havia lhe deixado a par de tudo. De alguma maneira, também não ficou irritado. Sabia que aquelas duas mulheres a sua frente eram as pessoas mais importantes da sua vida, isso ficou claro para ele quando seu pai se foi, deixando-o só. Elissa havia criado o filho para

que se tornasse além de um ótimo empresário, um homem bom, e Irenia fora uma segunda mãe, fazendo as vontades de Yerik e dando conselhos sábios.

Ele respirou fundo, escutando a mãe falar sobre o preconceito na Rússia e como isso podia afetar a vida de alguém. Já sabia disso, convivia com uma pessoa que era afetada diariamente. Quando Elissa acabou seu discurso, ele estava preparado para retrucar alguns pontos, mas o que ela disse no final o acertou de uma forma intensa.

— Se você deixar Naya ser corrompida e acuada, ela nunca mais será a mesma, você precisa fortalecê-la e agarrá-la com unhas e dentes.

Ele tentou assimilar aquilo, mas seu cérebro de repente ficou lento.

— Espera, por que você e Irenia cismam que estou loucamente apaixonado por Naya?

O rosto de Irenia era praticamente de tédio quando ela o fitou, como se discutir aquilo novamente fosse um fardo. Elissa meneou a mão, como se a resposta fosse óbvia.

— Seus olhos brilham quando escuta o nome dela da mesma forma que os olhos de seu pai brilhavam quando escutava o meu e... — Ela parou. — Por que está rindo?

— Ora, mãe, essa foi a frase mais romântica que já ouvi a senhora falar.

O rosto de Elissa corou, mas ela ignorou aquilo rapidamente. Voltou ao assunto principal.

— Enfim, ela vai ficar por uma semana fora, não é? — Quando Yerik assentiu, ela voltou a pegar a xícara de chá. — Vamos ver o que vai acontecer nesse tempo, às vezes, poucos dias são o suficiente para que sentimentos fiquem sólidos, e acontecimentos se finquem.

[...]

Quase uma semana depois, Naya fechava a porta do seu pequeno apartamento e descia calmamente as escadas. O frio de Moscou já começava a fazer efeito em seu humor matinal, mas nem por isso ela deixava de cumprimentar todos os vizinhos e sorrir ao ver as crianças brincando no pátio sob os olhares atentos das mães, que insistiam em vestir os rebentos com tantas camadas de roupas que às vezes Naya se perguntava como conseguiam correr com aquele peso extra.

Respirou fundo, sentindo o ar gelado entrar em seus pulmões. Começou a andar em direção ao mercado, de alguma forma, a cena das crianças brincando no pátio contrastava com os pensamentos sombrios que Naya carregava em sua mente.

Na noite anterior, fizera um jantar em seu apartamento e, para não quebrar o costume e o prazer da companhia, chamara Alaric para experimentar uma típica iguaria indiana, e por mais que estivesse acostumada a comer com talheres, sentiu-se em casa sentando-se na mesa e se servindo da porção com a mão. Alaric continuou no método tradicional, comendo com garfo e faca, mas observando Naya com interesse.

Por mais que a conversa naquela noite estivesse tranquila e caminhando para assuntos corriqueiros, Naya não pôde deixar de observar o semblante sério do amigo. Ao questioná-lo, tivera uma resposta não muito agradável.

— Um jovem foi esfaqueado perto do mercado de verduras... — ele contara, o rosto ficando ainda mais nublado. — Estão dizendo que o autor foi um estrangeiro... Sabe como eles dominam as vendas ali. — Olhou para Naya com atenção. — Isso não vai ficar bom.

E não ficou. Dias depois, em uma noite de domingo, muitos russos foram às ruas exigindo o fechamento do mercado, dentre eles os famosos moscovitas nacionalistas fervorosos, e aquela manifestação toda acabou em violência, mesmo que tenha começado de forma pacífica. Alguns foram detidos, e muitos voltaram para casa com pequenos ferimentos.

Naya respirou fundo. Aquilo nunca ia acabar? Por que as pessoas não conseguiam conviver com diferenças, sendo elas raciais, religiosas ou até mesmo de ideias?

Seus pensamentos foram interrompidos quando ela chegou ao seu destino e o som de vozes reverberando de um local cheio cortou a tranquilidade das ruas. Estava no mesmo lugar onde ocorrera o esfaqueamento e, depois de alguns dias, parecia que as coisas voltavam ao normal.

Naya dava bom dia aos vendedores e escolhia algumas frutas e verduras, aproximando-as levemente para sentir o cheiro adocicado que possuíam e apertando-as com delicadeza para ver se estavam boas. Algumas estavam maduras demais, então ela foi passando de local a local, escolhendo a dedo tudo o que levava. Por mais que seu salário agora fosse melhor e ela vivesse com relativa folga comparado ao começo do ano, aprendera a dar valor ao seu dinheiro, e nunca fazia despesas desnecessárias. Em seu íntimo, ainda tinha planos para o futuro. Talvez uma faculdade de dança?

Naya estava concentrada em um cacho de uvas quando escutou um burburinho vindo de uma barraca próxima. Algumas pessoas olhavam, mas ela desviou-se da confusão sorrateiramente, sabendo que aquele tom de voz era comum de ser trocado, pois muitos discordavam do preço e, para uma dona de casa estressada, era motivo o suficiente para reclamar. Mas o burburinho foi ficando mais alto, e ela concentrou-se em afastar-se de tudo, porém, as pessoas ao redor pareciam ter outra opinião, e logo uma roda foi se formando, fechando-a de certa maneira entre o tumulto.

Tentou empurrar as pessoas com a sacola de compras que estava cheia de verduras, alguns empurrões surtiram efeito, e ela conseguiu se afastar, mas antes que pudesse tomar fôlego e caminhar para a saída, pessoas começaram a correr, e gritos mais altos em tons mais acalorados se foram ouvidos com facilidade. Naya já vira de tudo no mercado, mas aqueles gritos pareciam de alguém... Em cólera.

— Esses imigrantes imundos estão acabando com nosso país!
— um gritou. — Saiam daqui! Vão esfaquear pessoas de sua laia!

Foi o tempo de Naya conseguir dar alguns passos para longe daquela manifestação gratuita de ódio, e o tumulto foi ficando maior, alguns enfrentando o nacionalista que gritava com todas as forças que sua garganta conseguia, outros fazendo coro às acusações preconceituosas. E logo, como toda gritaria que inicia, uma briga começou, e muitos suportes foram destruídos, verduras rolaram pelo chão e donas de casas andavam rapidamente em direção à saída. Naya escutou um grito de dor, mas não se virou para ver quem era, seguiu a mesma direção que boa parte das pessoas estava seguindo, desejando sair logo daquele lugar.

Porém, a violência foi mais rápida, logo Naya foi empurrada por um homem correndo desesperado e dessa vez perdeu preciosos segundos olhando para trás, vendo algumas pedras sendo lançadas, e antes que pudesse perceber o que realmente estava acontecendo, sentiu algo atingir sua têmpora e caiu, perdendo a consciência.

[...]

Era uma noite de domingo quando Yerik foi interrompido por Irenia, que entrou em seu escritório sem bater. Ele levantou os olhos automaticamente, não era do feitio de Irenia fazer isso, por mais que tivesse livre acesso a tudo, ela sempre batia antes de entrar, principalmente quando Yerik estava trabalhando ali, o que era evidente que estava fazendo, visto o tanto de papéis e documentos que cobriam o tampo da mesa.

Mas Irenia parecia um pouco pálida e segurava o telefone com um ar preocupado.

— O que foi? — ele perguntou. — O que aconteceu? É minha mãe?

Ele já se levantou prestes a sair correndo da mansão e ir de encontro a Elissa, mas Irenia levantou a mão para impedi-lo.

— Não é nada com Elissa. É um homem que está na linha — ela respondeu. — Seu nome é Alaric, e ele diz ser amigo de Naya. Pediu para falar com você.

Yerik franziu o cenho e pegou o telefone. Por mais que fosse incomum, não era algo tão alarmante, era? Irenia estava com uma expressão séria, e ele havia convivido demais com ela para saber que seu sexto sentido às vezes era sobrenatural.

Pegou o telefone.

— Alô.

A voz do outro lado parecia calma, e isso fez com que Yerik relaxasse rapidamente, porém, a notícia que foi dada não era nem um pouco parecida com o tom que ouvia.

— Yerik Petrovich? Meu nome é Alaric Siemienov, sou amigo de Naya. — Ele deu uma pausa, esperando uma resposta, que não veio. — Estou ligando para avisar que ela não poderá trabalhar amanhã.

Yerik franziu o cenho, recostando-se na escrivaninha.

— Boa noite, senhor Siemienov — ele cumprimentou, percebendo sua falta de educação no silêncio. — Qual o motivo da falta de Naya?

As palavras que vieram a seguir o deixaram pálido, e os olhos buscaram rapidamente Irenia, que já saía do escritório para pegar um casaco para seu patrão.

Vinte e Dois

Alaric nunca foi uma pessoa crédula no que condizia ao caráter de outra pessoa. Parte disso vinha da forma como levava a vida. Com muitos filhos, não recebia realmente a visita de algum e, mesmo quando se encontravam, percebia certos olhares de pena por ele ter sido enfiado em uma cadeira de rodas tão cedo. No caso,

as visitas ficaram cada vez mais esporádicas, e ele acostumara-se à solidão, e até mesmo apreciava isso.

Depois que a família de Naya chegou naquele condomínio, tudo mudara. A garota, mesmo em sua idade adolescente, às vezes abandonava o pátio onde as crianças brincavam e dançavam ao som de músicas da Índia e subia para ajudar a mãe no almoço, ou até mesmo para saber como o dia de trabalho do pai havia sido. Alaric sempre acompanhara aquela família, maravilhado e, no começo até mesmo um pouco invejoso ao perceber como eram unidos e amavam um ao outro. Descobrira depois que tentaram morar em vários lugares de Moscou e não conseguiram se adaptar de certa forma por serem imigrantes. O tom da pele e os costumes ficavam evidentes se comparados aos dos moscovitas, e logo escolheram um lugar que poderia se tornar acolhedor para pessoas não nascidas na Rússia.

Fora em um bairro de imigrantes, o bairro onde Alaric morava, que acharam a paz e as companhias de amizades sinceras. Alaric entrara na vida da família Bantar por acaso, quando Naya chegava em casa com uma sacola de verduras e, com dificuldade, abria a porta. Alaric segurara a compra para ela, que o agradeceu de uma forma tão simples que até mesmo ele não acreditou que pessoas atenciosas poderiam existir: um almoço.

A partir daquele dia, era presença constante na sala dos Bantar, e fora uma pena ver os pais de Naya irem embora daquele mundo, pelo menos um conforto em saber que o que os tirou da garota fora realmente a velhice, que fatalmente atingia as pessoas.

Naya mudara a maneira de Alaric ver o mundo. Convivendo com aquela garota de coração tão amplo e ideias tão corretas, passou a acreditar mais nas pessoas ao seu redor e começou a enxergar muitas nuances de personalidades que não via em seus vizinhos, nuances boas que sempre eram adicionadas com perfeição na individualidade de cada um.

Então, quando Naya contara sobre Yerik, o homem taciturno que abria as portas de sua mansão para ela sem realmente dar

importância à sua nacionalidade e ao modo como ela vivia, Alaric percebeu ali uma chance da garota ser feliz. Não que soubesse a consequência daquilo tudo, mas percebera facilmente a empolgação que ela tinha com o novo trabalho e o respeito que possuía por todos da mansão.

Agora, vendo um homem alto e sério andando rapidamente em sua direção, percebeu que aquele homem era o que Naya tinha tanto afeto e até mesmo amava, e pelo desespero que viu nos olhos dele quando o homem finalmente parou em sua frente, olhando-o atentamente, percebeu que os sentimentos ali eram do mesmo valor, se não mais intensos.

— Senhor Siemienov? — Ele retirou as luvas de couro escuro e ofereceu a mão para o homem na cadeira de rodas, tendo que abaixar bastante o braço para isso. — Sou Yerik Petrovich. Sou...

Ele pareceu um pouco perdido e passou a mão na barba densa, ajeitando por acaso alguns fios que haviam saído do lugar.

— O namorado dela — Alaric respondeu, fazendo-o ficar surpreso. — Naya me fala muito sobre você.

Os olhos de Yerik possuíam o brilho da curiosidade, mas algo o fez esquecer-se disso. Não era hora para perguntas triviais de relacionamento. Ele apontou para a porta ao lado de Alaric.

— Como ela está? — perguntou.

Ele parecia um pouco receoso em entrar no quarto antes de fazer aquela pergunta, como se fosse encontrar uma Naya desfigurada ou em coma, mas o sorriso de Alaric pareceu acalmá-lo, e aquele homem alto finalmente sentou-se em um banco ali perto.

— Ela está bem. Foi apenas um susto... — Tratou de explicar. — Mas está muito machucada... Infelizmente caiu no mercado em uma hora em que aquilo estava um caos... Pessoas passaram por cima e... bom, o médico disse que ela terá alta em pouco tempo, só está monitorando os reflexos de Naya, parece que ela teve uma concussão.

Yerik assentiu, ávido por mais informações, mas os olhos de Alaric desviaram-se dos seus e focaram-se em uma pessoa que se aproximava dos dois. Ela possuía a elegância que apenas uma mulher que viveu anos dentro da alta sociedade poderia ter, e Alaric não precisou pensar muito para saber quem era aquela pessoa: Irenia, a governanta da casa, que via Yerik como um filho e tinha por Naya grande estima.

— Por Deus, Rik, precisei chamar Abel para me trazer aqui, você saiu voando! — ela disse, parecendo ralhar com uma criança. Ao ver que o patrão não estava só, olhou para Alaric de forma amável e estendeu a mão delgada. — Boa noite, sou Irenia. — Apresentou-se informalmente, Alaric lembrou que Naya contara essa peculiaridade de Irenia.

— Boa noite. — Ele voltou o cumprimento, não tendo muito mais tempo para dizer algo mais.

Logo Yerik estava passando o relatório para a mulher, que se sentou ao lado dele e ouviu com atenção.

— Acho que devia entrar lá — Irenia disse, por fim. — Naya vai gostar de te ver.

Yerik olhou para Alaric, que assentiu, concordando com a mulher. Respirou fundo e se levantou do banco, caminhando em direção à porta.

Ao fechá-la atrás de si, percebeu de imediato que Naya estava acordada. Aproximou-se vagarosamente. Ela já o havia visto.

— Naya... — ele disse seu nome em um conforto, mas ela virou o rosto.

— Não quero que me veja assim — confessou, em um momento de vaidade.

Yerik fez um barulho estranho com a boca e se sentou na cama onde ela estava, fitando-a com atenção e não dizendo nada até que ela desistisse daquela ideia patética e voltasse a olhá-lo. Seu rosto estava pálido, mas ele conseguiu ver com facilidade os roxos em alguns lugares na pele e um corte que havia sido feito

perto da têmpora. A boca dela também estava ferida, e ele passou levemente o dedo pelo lábio inferior.

— Não me importo com isso. Vou passar a noite aqui — ele avisou.

Naya respirou fundo, sentindo o aroma delicioso do perfume que ela tanto amava.

— Eu até agradeceria se fosse necessário, mas realmente não precisa ficar a noite inteira aqui...

— Alaric está cansado, Naya — ele respondeu.

— Por Deus, vocês podem ir para casa, eu estou bem, foi só uma pequena concussão — ela ralhou baixinho, teimosa.

Yerik sorriu.

— Alaric estará na mansão — ele explicou. — Conversei pouco com Irenia antes de sair correndo para o hospital, mas aquela mulher parece ser um oráculo. Provavelmente preparou um quarto para seu amigo antes mesmo de vir até aqui.

— Irenia está aqui? — Naya perguntou, surpresa. — Mas... vocês não precisam ficar aqui! — insistiu.

— Sou teimoso e já me decidi. Irenia não sairá daqui antes de te ver, mas depois voltará com Alaric para a mansão. Parece que as coisas ainda estão feias em seu bairro...

Aquela notícia fez com que o peito de Naya se apertasse, e os machucados voltassem a doer de alguma forma, mesmo estando sob o efeito de analgésicos leves. Uma sensação de tristeza tomou seu corpo, e ela fechou os olhos, querendo apagar por algumas horas. Conseguiu, deixando Yerik sozinho.

[...]

Ao abrir os olhos, percebeu que a escuridão havia dado espaço para a claridade do dia e que não era Yerik que estava ao seu lado, e sim, Irenia. A mulher sorriu para Naya com afeição, pousando delicadamente a mão no pulso da garota.

— Yerik precisou ir para a empresa — ela disse. — Mas ficarei aqui até que ele volte.

Naya assentiu, agradecida. Mas de alguma maneira aquela atenção toda estava a incomodando. O susto já havia passado, e mesmo que uma concussão tivesse que ser vista de perto e observada de tempos em tempos pelos médicos, ela sentia que estava melhor.

— Obrigada, Irenia, é muito gentil de sua parte — Naya agradeceu, remexendo-se na cama de hospital. — Mas provavelmente terei alta hoje e amanhã já voltarei ao trabalho. Yerik não precisa se incomodar em vir.

— Naya... — Irenia começou, e a garota percebeu que aquele era um modo simpático da governanta discordar de alguém. — Yerik me deixou ordens para levá-la até a mansão. O ambiente em seu bairro não está muito bom... ainda há policiais vagando pelas ruas. — Ao ver que Naya ia abrir a boca para retrucar, interrompeu-a. — Alaric também está na mansão e ficará até que tudo esteja calmo.

Naya respirou fundo, tentando achar algum argumento para mostrar a Irenia que aquela atitude era exagerada, mas como poderia fazê-lo se seu melhor amigo estava na mansão de Yerik, longe de uma confusão que poderia ter deixado mais feridos?

Ela assentiu, sabendo que Irenia sempre ganharia uma discussão. O sorriso da governanta lhe mostrou que ela também sabia disso.

[...]

Passados dois dias, Naya estava sentada no sofá da sala de visitas, esperando que Abel terminasse de jantar e retirasse o carro da garagem. Alaric voltaria para casa naquela noite e, embora o ambiente fosse muito diferente para ele, com todas aquelas pessoas retirando a mesa e guardando a louça já lavada, ele parecia satisfeito e até mesmo relaxado com tudo aquilo.

— Esse lugar é lindo — ele disse. — Deve ser maravilhoso trabalhar aqui.

Os olhos dele correram pela sala suntuosa e fixaram-se no jardim que podia ser visto através do vidro da janela alta.

— Eu gosto de trabalhar aqui, mas infelizmente agora passo mais tempo na empresa... — Naya respondeu. — Mas tive bons momentos neste lugar. — Ela sorriu. — Alguns até mesmo engraçados de lembrar. — Ao ver os olhos questionadores do amigo, continuou. — Já me perdi nos corredores e fui parar em salas que nunca havia visto — cochichou.

Alaric riu, o que fez algumas criadas olharem para os dois com curiosidade e sorrir daquele par tão peculiar.

— Essa é boa... perder-se em uma mansão. — Alaric sorriu. — Se contasse para Yerik ele lhe infernizaria.

— Com toda certeza.

— Ele é um bom homem... E a ama muito.

Ouvir aquilo sendo dito em voz alta soou um tanto quanto exagerado, como se uma história estivesse sendo floreada enquanto contada. Naya ficou calada por alguns segundos e fitou o jardim que Alaric ficara fascinado, pensando com calma.

— Confesso que tenho sentimentos fortes por Yerik. Mas não sei se isso é recíproco.

— Bobagem! Basta observar como ele a olha... — Alaric disse, arqueando as sobrancelhas. — Ou como sorri quando se aproxima de você.

Naya demorou um pouco para ver que Alaric não estava mais fitando o jardim, e sim, um ponto fixo atrás de seu ombro. Virou-se, Yerik e Abel se aproximavam, conversando trivialidades. O primeiro colocou de qualquer maneira a pasta em cima da mesa que haviam acabado de arrumar, o segundo girou a chave de um carro na mão.

Yerik depositou um beijo suave no rosto de Naya e perguntou aos dois como se sentiam. Alaric disse que estava cansado e, mesmo que adorasse aquela mansão, um pouco ansioso para ir para casa.

— Meu peixe deve estar morto de fome — ele disse.

— Você não tem um peixe, Alaric — Naya o repreendeu, sorrindo.

— Eu sei. Mas se tivesse, ele estaria morto de fome. — Olhou para Yerik, precisando levantar o rosto mais do que o normal, aquele homem era alto. — Não tenho como agradecer a hospitalidade.

— Não agradeça, apenas volte quando quiser. — Yerik cumprimentou Alaric com as mãos.

Naya acompanhou-os até o pátio, onde o carro os esperava. Abel ajudou Alaric a sentar-se no banco da frente enquanto Yerik colocava a cadeira no banco de trás, tendo um pouco de dificuldade com isso.

— Acho que ele precisa de uma cadeira de rodas nova — Yerik disse quando o carro foi ligado, e Naya acenou para o amigo que ia embora.

— Alaric não tem dinheiro para comprar uma cadeira nova — ela disse simplesmente. — Mas acho que está tão acostumado com a sua que nunca se separaria.

— Bom... Posso dar uma cadeira nova a ele.

— Ele gosta da cadeira dele.

— Ele pode adorná-la com flores e colocá-la em um canto do seu apartamento. Mas vai gostar de uma cadeira mais confortável.

— Yerik!

Naya o repreendeu, sorrindo. Ele devolveu o sorriso e abraçou-a, beijando-a dessa vez nos lábios, um beijo leve e carinhoso, que fez com que Naya pensasse na conversa que tivera com Alaric alguns minutos atrás.

— Quero lhe fazer um pedido — Yerik disse. — Quero que venha morar comigo, aqui.

O coração de Naya saltou às primeiras palavras, mas ela conseguiu se acalmar e ouvir o real pedido. De alguma maneira, quando homens se viravam para as companheiras e as olhavam com intensidade, dizendo que fariam pedidos, normalmente tiravam uma caixa de veludo do bolso e se ajoelhavam. Mas aquilo era em romances melosos.

Ela respirou fundo, não conseguindo pensar se estava triste ou feliz pelo pedido ser diferente do que ela imaginara.

— Bom... Eu preciso pensar, Yerik — ela pediu. — Me dê um tempo.

[...]

Uma semana havia se passado, e Naya voltara a trabalhar. Porém, como as férias de fim de ano se aproximavam, o ritmo da empresa havia abrandado um pouco, e ela tivera a boa notícia de que seria mais necessária naquela semana no escritório pessoal de Yerik, na mansão, do que no prédio da empresa.

A falsa folga havia sido bem recebida, por mais que os ferimentos no rosto dela já tivessem sumido completamente, Naya ainda sentia um pouco de dor de cabeça, mais como um desconforto do que como um alerta, e nunca falava sobre isso com Irenia ou Yerik, ou senão a enfiariam em um quarto para repouso.

Quando a luz do dia abandonou o escritório, e Naya precisou realmente acender o abajur em cima da mesa, foi que percebeu o tanto que trabalhara. Estava exausta, não por esforço físico, mas as letras dos contratos já começavam a dançar pelos papéis, obrigando-a a reler e reler cada linha para realmente entender o que estava interpretando.

Já tinha horas que a noite se instalara quando ela escutou a porta do escritório ser aberta, e um Yerik cansado entrar por ela, desabando na poltrona e jogando de qualquer maneira a pasta no chão, uma mania que tinha desde que Naya começara a trabalhar ali como organizadora. Parte dela queria realmente ir de encontro a ele apenas para pegar aquela pasta e guardar no local destinado a

ela, mas Naya se segurou para apenas dar-lhe um beijo leve nos lábios, antes de se sentar no braço da poltrona e fitá-lo com atenção.

— Está cansado... — Ela observou. Mas não era apenas o cansaço que ela conseguia enxergar nas linhas de expressão dele. — Aconteceu algo?

Yerik suspirou, por mais que adorasse Naya e valorizasse suas qualidades, às vezes realmente gostaria de fugir daquela. Sentia-se uma caixa de vidro, cujo conteúdo estava exposto, quando ela conseguia lê-lo com tanta facilidade. Não sabia como iria dar a notícia para ela, mas há um tempo se prometeu que não esconderia certos acontecimentos da empresa, mesmo que tais fossem ligados, de certa forma, a ela.

— Recebi um telefonema do empresário de Reyansh Chalbawk hoje. Ele voltou atrás e disse que precisava pensar um pouco mais sobre a oferta que fiz a ele.

— Mas... Chalbawk? O indiano? — ela perguntou.

— Sim... Quando um empresário recebe um telefonema desses, sabe exatamente que não vai haver contrato assinado nenhum — Yerik explicou. — É uma maneira polida de dizer que não teremos parceria.

Naya pensou um pouco, e certo estremecimento passou pelo seu corpo. Reyansh Chalbawk... Aquele indiano que a olhara como se ela fosse uma pulga na fatídica reunião. Naya sabia exatamente o que Yerik queria dizer com aquilo, mas mesmo assim precisava ouvir em voz alta.

— Foi por minha causa, não foi? — perguntou.

Ele demorou a responder, e para ela aquilo foi certeza o suficiente. Porém, Yerik estava realmente pensando com cuidado. Não poderia afirmar com certeza que Chalbawk havia recusado uma possível parceria porque Naya era parte importante da vida dele, mas também não conseguia achar um motivo mais conciso.

— Não sei... Talvez — ele respondeu.

Naya afastou-se no mesmo momento e andou até a escrivaninha, começando a arrumar os papéis. Yerik aproveitou para se esticar, levantando-se da poltrona.

— Vou tomar um banho — avisou.

Ela assentiu, esperando que ele saísse do escritório. Ao ver que estava só, sentou-se no tampo da mesa de madeira escura e passou a mão no rosto, respirando fundo e tentando controlar seus nervos.

Até quando aquilo ia persegui-la?

[...]

Alguns dias depois, quando entrou no quarto, percebeu que ele ainda estava no banheiro, a porta aberta mostrava um Yerik asseado com a própria barba, ele passava algum produto nos fios. Naya sentou-se na cama, observando Yerik de longe. Ele fitou-a pelo reflexo do espelho, ela parecia desanimada, mas estava longe de estar desesperada como antigamente. De alguma maneira, parecia ter aceitado que aquilo sempre existiria entre os dois, e a melhor opção seria lidar com aqueles obstáculos.

Ele saiu do banheiro, caminhando em direção a ela e parando de frente para Naya. Ela precisou olhar para cima para fitá-lo nos olhos, mas ao fazer, percebeu a intensidade que as orbes dele possuíam.

— Eu não vou abrir mão de você por causa do preconceito irreal de outras pessoas — disse com tanta convicção que a fez ruborizar.

— Não estou pedindo para você abrir mão de mim. Só não quero que isso interfira em seus negócios — Naya disse, um pouco rouca. — Uma coisa é as pessoas nos olharem torto, outra é você perder milhões.

Yerik deu de ombros, despreocupado.

— Foi apenas milhares.

Naya não acreditou que ele estava fazendo pouco caso de uma situação como aquela. Era realmente típico de Yerik fechar a porta logo depois de descobrir que ela não a levaria para lugar algum, de todo modo, aquilo a deixava realmente surpresa.

— Yerik...

— Não quero mais falar desse assunto. — Interrompeu-a. — Você não consegue achar nada mais interessante para fazer nesse momento?

O modo como a olhou fez com que Naya semicerrasse os olhos, mas logo depois ela entendeu o que ele queria dizer. Yerik estava em frente a ela, e apenas uma toalha amarrada em sua cintura a separava daquele corpo que ela sentia necessidade de tocar sempre que o via daquela maneira tão... alcançável.

— Bom... — ela disse, mudando o tom de voz. — Acho que podemos deixar isso tudo um pouco de lado. Não precisamos entrar em sintonia com essas pessoas, certo?

O sorriso dele foi malicioso, mas Yerik continuou a observá-la com atenção, esperando pelo que ela poderia fazer. Naya era uma mulher imprevisível, às vezes parecia uma garota tímida, outras uma mulher que sabia o que queria. Yerik descobrira isso aos poucos, quando a tomou por uma pessoa discreta e se surpreendeu com a maneira como ela se comportou na noite em que dançara para ele.

Naquele momento, ela decidiu ser uma mulher que sabia o que queria. Suas mãos femininas foram em direção ao tecido grosseiro e ela correu-as por ali, sentindo as pernas torneadas de Yerik, bem como o volume crescente entre elas. O abdômen dele subia e descia cada vez mais rapidamente, demonstrando a expectativa em que se encontrava.

Ela subiu as mãos e desatou o nó fraco que ele havia feito, retirando de uma vez por todas a toalha e tendo livre acesso ao que queria. As mãos correram pelas coxas novamente, sentindo a pele quente por causa do banho recente.

— Hmmm.

A voz feminina parecia analisar tudo, e ele fechou os olhos, controlando-se para não a jogar de qualquer maneira na cama e retirar aquele vestido que ela usava, tomando o corpo dela com vulgaridade.

Quando pensava em maneiras de fazer isso, sentiu a mão feminina pegar seu membro, e a boca carnuda tomou-o com precisão, sugando-o vagorosamente enquanto os dedos dela corriam no mesmo ritmo pela extensão da sua excitação. Yerik abriu a boca, deixando escapar um gemido gutural e controlando-se para não mexer os quadris e decidir o ritmo que queria.

Ela fazia aquilo tão bem... e ele tentava concentrar-se em apenas permanecer quieto, apreciando o contato íntimo da boca dela em seu membro, mas soube facilmente que se ficasse ali, não teria o que queria de fato.

— Naya... — ele resmungou rouco. — Não posso ficar assim por muito tempo.

Ela sugou-o uma última vez, os lábios o abandonando vagorosamente enquanto a mão continuava o trabalho.

— Por quê? — perguntou, a malícia incitando-o.

Foi a coisa certa a dizer, os olhos dele brilharam, e logo os braços fortes a pegaram e a colocaram no colchão de qualquer maneira. Naya sorriu quando ele começou a empurrar o vestido para cima, descendo a lingerie dela quase em desespero.

— Não sei como consegue me deixar assim — ele confessou. — É a maneira mais idiota de possuir uma mulher, mas realmente não sei se vou conseguir esperar essa roupa toda sair de seu corpo.

Ele parecia sem fôlego, e Naya apenas correu as mãos pelos braços, tensos por suportar o peso do próprio corpo. Ela sorriu.

— Eu não me importo.

Passou as pernas pela cintura dele, sentindo a lingerie ficar presa em sua sandália e chutando para o lado para se livrar de vez

da peça, puxou-o de encontro a si, e Yerik foi, como se não se importasse realmente e enfiar-se no meio das pernas dela, tomando-a por completo com apenas um movimento brusco no quadril, e dois, três... até que seu corpo batia de encontro ao dela com tanto vigor que ele sentia estar sendo violento, mas ela, entregue ao momento, não parecia se importar muito.

O prazer completo chegou ao seu corpo tão rapidamente que ele se assustou quando ela já arqueava as costas e entregava-se ao dela de uma forma particular. A sensação de ter Naya parecia tomá-lo por completo e, quanto mais a tinha, mais a queria.

Desabou ao lado dela, tentando recuperar o fôlego. Por Deus, nem mesmo quando corria naquela maldita esteira sentia seu coração bater tão forte dentro do peito. Ela parecia da mesma forma, mas conseguiu arranjar uma maneira de retirar as sandálias e jogá-las para longe da cama, bem como o vestido e o restante de sua lingerie.

Quando a viu nua, os olhos de Yerik brilharam, e ela percebeu isso, sorrindo.

— Agora me arrependo de não a ter despido completamente — ele disse, ainda um pouco sem ar. — Você é bonita demais para não ser vista dessa forma.

Ela estava com os braços para cima retirando a trança que havia feito no cabelo longo, e de certa forma não conseguiu impedir a mão dele de tocá-la os seios, experimentando a maciez da pele, um por um.

— Isso, claro, só eu poderei ver — ele disse.

Naya arqueou as sobrancelhas.

— Você parece ter muita certeza do que fala.

— E tenho. Você é minha e apenas minha. Ponto final — disse de forma tão convicta que até mesmo ele se assustou.

Aquela frase a atingiu de modo súbito, e Naya ficou por alguns minutos pensando em tudo o que vivera desde que saíra da Índia e

plantara seus pés em Moscou, decidindo largar o preconceito que lhe deixava com os ombros caídos e pesados. Yerik tinha razão, não poderia entrar em sintonia com aquele tipo de gente, senão nunca conseguiria viver de verdade. Não precisava fechar os olhos para problemas desse tipo, ou para olhares tortos, mas também não precisava da aprovação daquelas pessoas como se elas ditassem uma regra correta do mundo. Engoliu em seco, percebendo de imediato que havia tomado uma decisão muito importante naquele momento. Yerik percebeu sua inquietação.

— O que houve? — perguntou.

— Eu aceito morar aqui — ela disse de um só fôlego, parte por temer voltar atrás em sua decisão.

Mesmo com a luz fraca do quarto, Naya percebeu que ele sorria. Na verdade, de alguma forma *sentia* isso. Yerik a abraçou com ternura, plantando um beijo casto em sua testa e enchendo-a de beijos pequenos no rosto. Naya riu com as cócegas e encolheu-se, mas ele parecia no mínimo exultante.

— Não sabe como você alegrou meu dia com essa decisão — disse. — Vou dormir até melhor... Sabendo que terei você ao meu lado sempre quando acordar.

Naya sentiu um frio estranho na barriga. Aquilo não era um casamento... Na certa um passo sério para um relacionamento mais sólido. De alguma maneira, ficou surpresa em não se preocupar muito ao pensar onde aquilo iria dar.

— Venha, vamos descansar um pouco — ele pediu.

Ela enfiou-se por debaixo do cobertor e aconchegou-se a ele, pensando como seria difícil de sair dali para tomar seu banho. Mas logo ele resolveu aquele obstáculo, demorou apenas alguns minutos para que Yerik caísse no sono, tamanho cansaço que estava pelo dia conturbado. Ela se desvencilhou do braço dele delicadamente, plantando um beijo no ombro largo enquanto ele resmungava e tentava procurá-la de alguma forma no colchão, desistindo depois de alguns segundos.

Ela caminhou nua para o banheiro a fim de se aprontar para juntar-se a ele naquela sensação de paz.

Reyansh Chalbawk ficou completamente esquecido depois daquela noite.

Epílogo

A vida de Naya finalmente estava caminhando para o que ela traçara. Estava em um bom emprego, possuía amigos excelentes e fiéis na cidade que escolhera passar o resto da vida e, agora, como uma deliciosa sobremesa para aquela receita especial, havia Yerik.

Desde que começara a morar na mansão, tudo em sua rotina havia mudado. Acostumara-se facilmente a andar pelos corredores do segundo andar de pijama, acostumara-se com Irenia vigiando a sua rotina de forma maternal e irrompendo no escritório da mansão com uma bandeja recheada de biscoitinhos e chá, reclamando que tanto Naya quanto Yerik agora que moravam juntos não conseguiam desgrudar os olhos do trabalho. Normalmente nesses momentos, ela mesma servia o lanche e ficava por ali escutando conversas sobre a empresa enquanto bebericava seu próprio chá, esperando pacientemente que Yerik finalmente decidisse que era hora de dormir. Naya acostumara-se com a presença de Misha, o antigo cachorrinho de Natasha, andando de um lado para o outro e enrolando-se em uma bolinha no sofá do escritório, para depois acompanhar o casal até o quarto, onde escolhera o tapete ao lado de Yerik como favorito. Yerik não reclamava mais dele, pelo contrário, agora achava a presença do cachorrinho um escape para os dias estressantes da empresa e, quando chegou na mansão tarde da noite com uma bolinha de borracha e uma grade que Naya descobrira ser proteção para lareiras, ela percebeu que Misha era mais que bem-vindo. “O inverno está aí e não quero Misha com o focinho queimado”, ele dissera.

Naya acostumara-se também com as visitas de Elissa, que a tratava como princesa, finalmente satisfeita em ver o filho feliz por estar com a companhia certa. Alaric também era presença

constante na mansão, descobrira que, se as comidas de Naya eram deliciosas, as de Katiya eram excelentes. Elissa levava Alaric para os melhores restaurantes de Moscou e sentia prazer ao vê-lo comer com tanta satisfação. Yerik às vezes brincava dizendo que a mansão se tornara um rodízio de pratos diversos depois que os dois descobriram um lazer em comum: a culinária. Naya acostumara-se até com Sasha, que ia e vinha na mansão, às vezes encontrando o casal em um bar, dando um beijo estalado na bochecha de Naya apenas para irritar Yerik.

Esses pensamentos faziam com que seus dias se tornassem menos cansativos e mais prazerosos. Agora andava pelos corredores da empresa como uma secretária que estava ali porque mereceu a vaga. A fofoca de que estava dormindo com o chefe fora completamente esquecida depois que Naya mostrara como era competente, salvando vários funcionários do sufoco e organizando papeladas que não eram atualizadas há anos. Fizera amigos ali, e muitos já tinham passado por sua sala, desejando-lhe um ótimo natal, alguns dando lembrancinhas e chocolates para ela. Naya agradecia a todos, mas não ousava enviar presente para cada um, sabia que Yerik já havia feito isso, em breve garrafas de vinho ou vodka chegariam na casa de seus funcionários.

Era uma noite de sexta-feira quando ela finalmente fechou sua gaveta e esticou-se na cadeira, retirando os pés dos scarpins e colocando-os no tapete fofo do escritório. A empresa estava quase vazia, não eram todos que trabalhavam no feriado de natal, e Yerik havia dado folga a todos depois do ano novo. Naya demorara a se acostumar com o calendário russo. Enquanto outros países já haviam voltado às suas rotinas, a Rússia comemorava o natal em pleno começo de janeiro. Aquilo virava uma confusão quando se tinha uma empresa que trabalhava com filiais no estrangeiro! Naya estava prestes a desembalar um bombom dado por uma secretária da área de finanças quando sua porta foi aberta, e a cabeça de Yerik ficou visível.

— Terminou? Eu não fico nessa empresa nem mais um minuto! — Ao ver o que estava na mão dela, franziu o cenho. —

Ganhou mais chocolate? — Entrou na sala, caminhando em direção à mesa. — Não é possível! Por que ninguém me dá chocolate?

— Você é o chefe, merece algo melhor — ela disse rindo enquanto mordiscava o bombom.

— Não quero ganhar mais livros e charutos. Eu não fumo! — ele disse. — Prefiro bombons.

Tomou o resto que estava na mão dela e enfiou na boca, saboreando o gosto adocicado.

— Isso é bom... — Ele olhou em volta. — Tem mais?

— Sim — ela disse. — Mas estão dentro da minha bolsa, e vou levá-los para casa. Deixe de ser guloso. — Ela se levantou da cadeira e voltou a calçar os scarpins, pegando o casaco pesado do cabideiro e vestindo-o. — Está frio lá fora?

— Muito.

— Não vejo a hora de chegar em casa, abraçar Misha e ficar ao lado da lareira. — Naya sonhou, pensando em voz alta. — Acho que vou pular até o jantar para me enfiar debaixo das cobertas mais cedo.

— Eu não troco jantar por nada desse mundo. Talvez às vezes por você.

— Às vezes? — Ela brincou. — Você só pensa em comida, Rik.

Ele sorriu. Juntos saíram da sala e caminharam para o elevador. Quando as portas se fecharam, ele a fitou com atenção.

— Como está seu nível de ânimo? — perguntou.

— Estou cansada, mas não exausta. Por quê?

— Quero levá-la a um lugar.

Naya nada disse. Era comum Yerik levá-la a restaurantes, principalmente no fim do expediente, mas quando entraram no carro, percebeu que ele o conduzia para um lugar um pouco diferente. Saía ligeiramente da área nobre, na qual ele estava

acostumado a andar, e dirigia para o centro, um lugar mais acessível a todos os moscovitas. Por causa da comemoração de natal, algumas ruas estavam completamente vazias, enquanto outras, apinhadas de pessoas saindo de lojas. Ele parou o carro em frente a um pequeno shopping que possuía apenas dois andares e lojas singelas. Por ser fechado, Naya conseguiu ver um jardim de inverno na pracinha central do shopping e achou aquilo no mínimo fofo. Perguntou-se se Yerik havia achado um restaurante diferente e gostaria de experimentar.

— Para aonde vamos? — A curiosidade a venceu.

— Você vai ver.

Ainda no primeiro andar, ele parou em frente a uma loja que possuía vitrine de vidro. O vidro, no caso, estava coberto com uma cortina clara, e Naya tentou enxergar, mas só viu escuridão.

— Acho que está fechado.

Yerik soltou uma risada brincalhona, enquanto buscava nos bolsos uma chave.

— É claro que está fechado. Você ainda não começou a trabalhar aqui.

Naya franziu o cenho. Provavelmente um escritório mais central para que ela pudesse fazer alguns serviços que demoravam a ser feitos? Ele finalmente abriu a porta, o lugar estava quente, algo bem-vindo no inverno de Moscou. Ali dentro estava escuro, mas logo ela escutou os passos de Yerik ecoando pelo chão, e uma luz cálida invadiu o ambiente, banhando o local com iluminação amarelada. Ao ver o que estava diante de si, Naya abriu a boca, mas tampou-a com a mão logo em seguida. Aquilo era, sem sombra de dúvidas, um estúdio de dança.

Ela deu um passo adiante, e depois do choque inicial, percebeu um pequeno vulto ao seu lado.

— Misha! — ela disse, surpresa com a presença do cachorrinho. — O que está fazendo aqui? — Pegou-o no colo e olhou para Yerik. — Ele ficou sozinho aqui o dia todo?

Yerik sorriu, enfiando as mãos no bolso do casaco.

— Abel acabou de sair daqui. Veio trazer uma encomenda e aproveitou para levar Misha para um passeio de carro.

Naya afagou o pelo do cachorrinho e logo o entregou para Yerik, que o abraçou com carinho. Ela andou calmamente pelo estúdio, fascinada com as paredes cobertas de espelhos adornados. Viu ali tudo o que um estúdio de dança precisava. Havia um som excelente em cima de uma mesa, projetores, até mesmo pequenas esculturas de deuses indianos. Tudo perfeito para o que Naya um dia sonhara em fazer: dar aulas de dança. Ela olhou para Yerik sem conseguir se conter.

— Eu... Eu não sei o que dizer... — balbuciou. — É perfeito.

— É seu presente de natal — respondeu. — A decoração não é minha, mas Irenia contratou a melhor designer de interiores para fazer isso tudo.

— Não poderia ser melhor. Trabalharei aqui? Digo... A empresa...

— Você dará aulas quando quiser, e como quiser. Pode trazer as meninas do seu antigo prédio aqui. O estúdio é seu, pode dar aulas voluntárias ou cobrar por isso. Quero que você seja completamente dona de tudo do estúdio, inclusive de como geri-lo.

Não conseguiu se conter. Antes que pudesse se refrear, seu corpo já havia se jogado em Yerik e abraçado aquele homem de uma forma como ela nunca o abraçou. Naya encostou o rosto no paletó dele e fungou, tentando conter a emoção e as lágrimas que já estavam prestes a transbordar. Misha deu uma lambida no rosto dela, fazendo-a rir e se afastar.

— Não sei como agradecê-lo por isso... Você está realizando meu sonho.

— Me agradeça sendo essa pessoa especial que você é, levando a dança para crianças carentes, bem como para crianças que se interessam. Só não leve a dança para homens interesseiros. Eles podem se apaixonar, como aconteceu comigo.

Ela deu um tapinha no braço dele.

— Deixe de ser bobo. O que Abel veio trazer? As esculturas?
— ela perguntou, se afastando e dando uma olhada em volta. — Ou talvez comida? Estou começando a ter fome...

Naya começou a explorar de modo mais afoito o seu agora estúdio de dança e descobriu que atrás dos espelhos havia um pequeno espaço que parecia uma sala, onde poderia se trocar ou simplesmente deixar suas roupas ali. Nunca tivera um espaço daqueles para si e, a cada nova descoberta, sentia-se embargada por uma felicidade pura. Até o momento que se deparou com uma pequena caixa verde clara de presente, em cima de uma *chaise longue* que havia no espaço. Andou desconfiada até ela. Definitivamente aquilo era um presente, mas o que poderia ser? Ela pegou a caixa e sacudiu, ficando surpresa ao perceber que era sólido. Pelo tamanho da caixa, achou que seria um lenço, mas com o barulho desconfiava que era um adereço de dança. Estava tão excitada para descobrir o que havia ali dentro que não percebeu Yerik entrar na saleta, deixando Misha no chão e parando ali perto para observá-la. Ela retirou a faixa da caixa e abriu-a, mas dentro havia uma outra caixa, menor. Na verdade, aquilo era...

— Meu Deus — ela exclamou, sentindo sua mão trêmula quando levantou o que era, com toda certeza, um porta-joias.

Estava até com dificuldade de abrir a pequena tampa, mas quando o fez, sentiu-se ainda mais zozza ao ver o grande anel que descansava na almofada fofa. Era de ouro branco e adornado com pequenos diamantes. Uma safira fechava a composição, a gema encrustada no suporte que foi feito para ela, perfeito em sua cor viva e destacada. A pedra preferida de Naya. Naquele momento, Yerik havia se aproximado e sentado na *chaise*, ao seu lado.

— Permita-me... — ele disse, pegando a caixinha da mão de Naya e retirando o anel da almofada. — Eu ainda não fiz o pedido formalmente, mas confesso que adoraria ver esse anel em seu dedo.

Pegou a mão dela, que estava levemente trêmula, mas antes de tudo, fitou-a com uma intensidade absurda, e quando Naya finalmente mergulhou naqueles olhos, percebeu que ele estava falando sério. Engoliu em seco, tentando disfarçar a emoção que a tomava por completo.

— Casa comigo? — Finalmente fez a pergunta. — Deixe que esse estúdio seja a primeira de muitas coisas que construiremos juntos por esse mundo.

A voz dele estava rouca, e ela o conhecia o suficiente para saber que ficava assim quando estava emocionado, mas sua mão sustentava o anel com determinação, esperando a resposta dela.

— É claro, Rik — ela disse. — É claro!

Ele finalmente sorriu e colocou o anel no dedo dela, que se acomodou ali com facilidade ímpar, servindo perfeitamente. E depois ele a beijou. Naya já tocara aqueles lábios com os seus tantas vezes que não saberia contar, mas de alguma forma sentiu a intensidade daquele toque de uma forma única, e compartilhava daquela intensidade. Intensidade de amor, de companheirismo e de felicidade. Porque estava sim, feliz. Sentia-se completamente, pela primeira vez em sua vida, feliz.

Misha soltou um pequeno latido, e os dois se desgrudaram, Yerik pegando o cachorrinho no colo, passando o braço livre pela cintura de Naya e puxando-a para perto.

— Espero que realmente esteja com fome. Estão todos nos esperando lá em casa.

— To-todos? — ela perguntou.

— Ora, claro! Sasha, minha mãe... Alaric... os empregados... Chamei-os para brindar nosso noivado. — Yerik fitou-a com diversão, e Naya reconheceu ali aquele homem brincalhão que ele tanto escondia por trás da fachada séria que adotava no dia a dia, a primeira fachada que ela conhecera. — Ainda bem que você aceitou o pedido, Irenia me mataria pelo tanto de comida que mandei fazer para esse banquete.

Dicionário Lyubimaya

Petrovich

Petrovich é o nome patronímico de Yerik. Na Rússia, é usado depois do prenome. É formado a partir do prenome do pai + os sufixos “*itch*”, “*ovitch*” ou “*evitch*”. O nome do pai de Yerik é Petr. A maneira respeitosa de se dirigir a um russo nativo é usar sempre o prenome seguido do patronímico, principalmente quando não se tem intimidade com a pessoa, ou quando se trata de um idoso. É comum se apresentar dessa maneira também.

Nemov

Nemov é o nome familiar de Yerik. O sobrenome russo é usado depois do patronímico. No caso, o sobrenome masculino termina com “*ov*”. Os nativos usam mais o patronímico, mas fazem uso do sobrenome quando querem se referir à família.

Borsch

Borsch é uma sopa de origem ucraniana e muito tradicional na Rússia. O ingrediente principal é a beterraba, mas os russos acrescentam outros de acordo com a receita pessoal de cada um. É servida normalmente com nata e batatas. Alguns russos gostam de beber vodka gelada como aperitivo, junto com a comida. *Borsch* é a sopa que Katiya — cozinheira da mansão — serve no almoço de Yerik e Elissa. De acordo com Elissa, ninguém prepara um *borsch* como Katiya.

Shaurma

Shaurma é um tipo famoso de *junk food*. De origem árabe, normalmente é feito com legumes e carnes variados, enrolados em pão sírio. Apesar de viciantes, não são muito seguros. Há muitos casos de intoxicação alimentar por causa do alimento. Yerik cita o *shaurma* durante a história. Ele pensa que, se Elissa soubesse que estava comendo muito da comida pelas ruas de Moscou, mataria seu próprio filho.

Kotlety

Kotlety são bolinhas de carne moída com temperos diversos. Existem inúmeras variações da receita, de acordo com o que é adicionado à carne. Em Lyubimaya, Katiya escolhe o *kotlety* para servir em um almoço de família e diz que é uma das preferências dos Nemov.

Kolbasa

Kolbasa é uma salsicha russa, de origem polonesa.

Syrniki

Syrniki é a panqueca russa, que tem como ingrediente principal o queijo (ricota ou *cottage*). Normalmente são servidas no café da manhã, em forma de panquecas fininhas ou bolinhos. Em *Lyubimaya*, Naya faz inúmeros bolinhos de *syrniki* para Yerik, que come quase todos durante uma discussão séria, o que o fez parecer mais interessado na comida do que na preocupação de Naya.

Ponchiki

Ponchiki são rosquinhas russas, parecidas com *Donuts*. Podem ser servidas em formato de anéis ou de bolinhos — esses normalmente são recheados. Naya prepara *ponchiki* para Alaric durante a história de *Lyubimaya* e desabafa com o amigo sobre as incertezas de ter Yerik como companheiro.

Bollywood

Nome dado à indústria cinematográfica indiana. A maioria contém cenas de romance e danças, as preferidas do povo indiano. Muitas músicas alcançam grande sucesso antes mesmo da estreia do filme ser lançado. De todos os longametragens vistos no mundo, 5% são produzidos em Bollywood.

Dalits

Na Índia, os *dalits* são considerados “intocáveis” e individualmente imundos e impuros. Não podem ter contato físico com os “puros” e vivem separados do restante das pessoas e castas. Normalmente trabalham com o que é considerado indigno. Encaixam-se em empregos que requerem constante contato com aquilo que o resto da sociedade indiana considera desagradável. Embora tenham sido abolidos pela constituição, observa-se, na prática, que muitas comunidades continuam ligadas aos empregos que lhes eram destinados tradicionalmente, casam-se entre si e sofrem a discriminação da sociedade que os circunda. Isso é visto como resquício da sociedade de castas.

Naya cita esse preconceito velado em toda a história de *Lyubimaya*.